

DA MESMA AUTORA DE O PRÓXIMO HOMEM DA MINHA MULHER SOU EU

CAMILA MARCIANO



RICO



DA MESMA AUTORA DE O PRÓXIMO HOMEM DA MINHA MULHER SOU EU

CAMILA MARCIANO



RESPIRE FUNDO

RICO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS
2019

RESPIRE FUNDO – CAMILA MARCIANO
© 2019 Camila Marciano Todos os direitos reservados
1ª Edição – Rico Editora Brasília – Fevereiro de 2019
ISBN: 978-85-94410-47-4



Editora responsável: Thati Machado
Editora chefe: Janaina Rico
Capa: LK Books e Thati Machado
Diagramação: Thati Machado
Revisão: Equipe Editorial



Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Marciano, Camila

Respire Fundo / Camila Marciano -- 1ª ed. -- Brasília, Brasil

ISBN: 978-85-94410-47-4

1.Literatura brasileira. 2. Romance I.Título.

CDD – B869

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da editora.

Sumário









BENTO





BENTO

*Eles dormem, eu faço planos
Sempre alerta, sem panos
Sem máscaras
Pego a coragem, juntas
Vamos*

(Por onde passei deixei rastros de amor)

Espelho - Drik Barbosa



Virei para o meu pai, assim que saímos da minha formatura do ensino médio e desaparei:

— Pai, vamos embora daqui?

Aposentado mais cedo por insalubridade porque, se a cidade se chama Alumínio, você deve imaginar no que meu pai trabalhava. Tinha um caso crônico de depressão desde a morte da minha mãe. Eu jamais seria capaz de deixá-lo para trás não só porque era depressivo, mas também porque nunca houve um homem que eu amasse na vida mais do que ele. E foi por isso que eu perguntei se ele queria vir para a capital comigo, logo no começo do ano seguinte.

O dinheiro não era muito. Nos mudamos em abril e, em junho, dois meses depois, meu pai abria um largo sorriso, bem ali no Bairro do Bixiga, as mãos sujas de farinha e o hálito de café, diante da nossa primeira cafeteria: O Cubo.

Eu nunca vou esquecer aquele dia. Começamos ilegalmente, sem alvará da prefeitura, meu pai se curando enquanto assava pãezinhos, ensinei como se mexia no YouTube e ele aprendia tudo por lá. Vinha cada semana com uma ideia diferente, os vizinhos amavam o cheiro que vinha do nosso Cubo, a classe artística ao redor saía de um espetáculo e encostava na nossa calçada, as mesinhas de ferro estampadas com marcas de cerveja foram logo ganhando desenhos originais que nunca sabíamos com certeza quem era o autor.

Aos poucos as dívidas que fizemos com os bancos foram pagas, os fornos de segunda mão eram trocados por modelos mais novos e mais rápidos, a cafeteira de espresso italiana foi adquirida e o Cubo, que se chamava assim porque era um espaçozinho de garagem da casa que alugávamos, ganhou um irmão: o Penta.

Só aí que abrimos uma empresa, nos desfizemos da casa em Alumínio, nos mudamos definitivamente para São Paulo e, em cinco anos, eu abria a minha segunda casa noturna.

Em dez anos, o que era revolução de adolescente virou capa da Veja, da

Você S/A, da Pequenas Empresas. Meu pai continuava cuidando do produto, dos pães, dos drinks, do fornecimento para as demais cafeterias. Pensamos em abrir franquias porque era rentável e até tínhamos amigos interessados em investir, mas nós sabíamos que, se abrísssemos um negócio de franquias o nosso coração teria um preço e não seríamos mais únicos como fomos quando começamos do zero e prosperamos.

Cada bar, cada cafeteria, cada casa de Shows. Tudo tinha um jeito muito nosso. Se o leitor quer saber, fomos muito felizes até eu encontrar quem achei que fosse o amor da minha vida. Éramos meu pai e eu, ele sorrindo mais e usando menos tarjas preta, comendo melhor e recebendo clientes que, ao longo dos anos, se tornaram amigos. Éramos só nós dois, com a espadinha retorcida, às margens do Ipiranga, gritando aos nossos soldados:

— Independência, ou...

Se render nunca foi uma escolha, mas a morte veio para o meu pai. Um ano antes do meu casamento. Ele chegou a conhecer Fabrício, dizia que era um bom moço, mas não o suficiente. Eu, cega de amor, entendia o recado como ciúme paterno e deixava de lado. Vinte e sete anos: uma carreira estruturada e respeitada. Um privilégio por não ter sido desacreditada nos meus sonhos só por ter dezessete anos. Uma parceria de negócios, um amor maior que o mundo inteiro:

E, quando meu pai resolveu que era sua hora, foi-se dessa para uma melhor cheio de histórias lindas para contar para a minha mãe que já esperava por ele.

Eu é que fiquei sozinha. No começo, acreditei que conseguiria me dar bem sem ele, mas, pelo medo de ser sozinha, me coleí a Fabrício de um jeito tão cego, tão desesperado por carinho e amor (eu estava em luto, pô, me dê algum crédito) que simplesmente assinei, em nome deste amor, um termo de casamento que entregava todos os meus bens a ele caso houvesse traição.

E esta foi a minha queda. E não, não traí ninguém. Foi muito pior, mas eu não vou te contar agora.

O que importa é que eu me vi falida, com um filho no bucho, sem dinheiro para porra nenhuma (a gente já pode falar palavrão ou ainda tá muito cedo?) e desacreditada.

Não se cresce no ramo, sendo mulher, sem fazer alguns inimigos. Os concorrentes, quando viram que Fabrício tomou tudo, adoraram. Virei piada. Mulher não dá para os negócios, tá vendo? Elas se deixam levar pela emoção. Mulher quando ama fica burra.

E, por virar piada, também não consegui nenhum outro emprego.

Nos primeiros seis anos da minha filha fiz o que deu. Amélia é, até hoje, a cara do pai. As covinhas do sorriso e o cabelinho esticadinho. Virei caixa de mercado, atendente de telemarketing, secretária, faxineira, juro por Deus, fiz de tudo. Nunca fui boa cozinhando porque meu pai encarou a cozinha para que eu sentasse à mesa, mas aprendi de tudo para poder transformar comida em algum dinheiro.

Sozinha, sem meu pai, agora como mãe, com a netinha que ele nunca conheceu, eu ainda consegui transformar boa parte do meu closet da época de rica em um apartamento simples, na Freguesia do Ó, e só meu. Com o resto fui me virando.

Nunca mais consegui erguer um Cubo, por mais Cubículo que fosse, porque faltava gente. Você provavelmente deve saber o quanto é difícil criar uma criança sozinha.

Por isso, quando Amélia quase passava dos seis para os sete anos, virei Uber. O carrinho de trinta mil, usado, pago com parcelas minúsculas e para não terminar de pagar nunca, virou minha fonte de renda. Deixava a menina cedo na escola, rodava o dia inteiro, e voltava em tempo de pegá-la. Aprendi o valor de um bom vizinho, digo, vizinha, com uma mulher no apartamento imediatamente na frente do meu que, com dois filhos, também aprendeu o valor de uma boa amiga.

De nota baixa em nota baixa, sorrindo demais, os dentes arreganhados porque ser sorridente faz parte do ser mulher, sempre ouvindo histórias tristes ou explicações de algo que eu não perguntei, aglomerei a terrível nota quatro ponto um.

Se você é de algum grande centro urbano, deve saber que, para um motorista Uber, nota abaixo de quatro a casa cai. Você recebe um e-mail formal, lacônico e polido sobre sua conta estar bloqueada. E pronto, raspado para fora. Sem direito aos quarenta por cento, nem FGTS, nem seguro desemprego: hoje você ganha o suficiente, abaixo de quatro, não recebe nem tchau.

O meu pacote de 3G, só para contextualizar, vivia apitando que estava no fim. Antigamente a operadora me mandava um iPhone só de mimo e agora eu vivia no limiar: 3G e conta bancárias, ambos sempre no vermelho.

Lembro bem do meu último dia como Uber. O penúltimo passageiro era um senhor de cinquenta anos que a minha intuição disse para não pegar, mas você sabe: pindaíba. Quatro ponto um.

O senhor não sentou no banco de trás como um passageiro comum. Quando

percebem que você é mulher vão logo para o banco da frente. Ele sorria diferente, parecia feliz porque era mulher no volante.

Perguntei a triáde da Uber: se o rádio incomodava, se o ar condicionado estava confortável e se ele queria balinhas. Arranquei para a Paulista, o destino dele, e puxei assunto só para saber se ele era o tipo de passageiro que conversava, ou o outro tipo.

Quando eu percebi que a mão dele abandonava o colo, parei de falar. Ele contava da empresa dele, de embalagens, que fornecia sacolas biodegradáveis para mercado. E a mão do sujeito escorregando: primeiro escorregou do colo, depois do banco do passageiro em direção ao meu banco, depois para as minhas pernas.

E ele ainda teve a audácia de dizer:

— Você não liga, né, florzinha?

Freei o carro. Que viesse o três ponto nove, que o mundo se explodisse, que aquele senhor morresse atropelado. Estaquei na pista, ninguém me faria levá-lo ao destino depois da mão na minha perna. Ouvi buzinação e xingamento de motoboy. Puxei o pino da porta. E disse o que eu gostaria de ter conseguido dizer há sete anos:

Sai daqui. Agora.

E eu não disse duas vezes. Enquanto ele permanecesse no carro não tinha Deus que me fizesse dirigir. Em plena Rebouças, a buzinação rugindo, testemunha é o que não faltava, e ele ali. Ai dele se tentasse qualquer coisa.

Procurei telefones contatáveis quando ele desceu. Estacionei em qualquer vaga e procurei suporte pelo aplicativo. Não tinha. Eu só podia mandar um e-mail com a foto da tela do celular e esperar que meu caso caísse no colo de alguém. Mesmo sem conseguir ligar, mandei o e-mail, quente, nervoso, o sangue borbulhando na veia porque quer me ver nervosa é ser testada e julgada não por incapacidade, mas porque sou mulher.

É óbvio que ele só meteu a mãozona na minha perna porque achou que não pegaria nada. Nunca pega, não é? Comigo não.

Não de novo.

O certo a fazer era encerrar o dia mais cedo, voltar para casa e ficar de molho. Esperar a resposta da Uber. Olhei para um bar, o bar olhou para mim, desliguei o carro e encostei no balcão:

— Me vê uma soda gelada?

Liguei para a Gio, a vizinha, a única amiga que tenho. Não vou dizer que na pindaíba os amigos se afastam porque não fiz muitos amigos, mas vou dizer

apenas que os meus se afastaram quando viram que eu não pertencia mais à elite paulista e nem tinha mais dinheiro para bancar a bebedeira alheia.

E, sem meu pai, depois do que aconteceu com meu ex-marido, a vontade de fazer amigo diminuiu em noventa e nove vírgula nove por cento.

Mas a Gio, a vizinha imediata do meu andar, ela é quem salva boa parte dos meus dias.

— Taí?

— Tô, hã, que que foi? — eu não ligo nesse horário. E, se estou ligando, ela sabe que alguma coisa aconteceu.

— Nada — menti, chupando o canudinho da soda. — Só preciso descansar a cabeça.

— Tá — me engana que eu gosto.

— Tá em casa?

— Tô, Dé, quer vir aqui? — ela já sabia que boa coisa não tinha acontecido. — Cê tá onde?

Precisava de alguém que ficasse brava. Que quisesse xingar junto, que armasse um plano para catar esse sujeito mão-leve do cacete e dar um pau nele, que risse comigo quando a gente percebesse que o nosso plano jamais daria certo. Precisava de alguém para falar que não havia de ser de nada, que ele seria banido da Uber, que eu não seria penalizada por expulsar um passageiro do meu carro.

Precisava de alguém que mentisse para mim. Que me abraçasse. Que me desse os parabéns pela minha coragem de não ter ficado quieta por medo de retaliação.

— Vem, Dé — por viver muito com meu pai, eu nem sabia o que era intuição. Depois da Gio, parece que roubei um pouco da intuição dela para mim. — Me conta o que aconteceu quando chegar em casa.

Duas horas da tarde, nem tinha almoçado ainda. Voei para casa pensando em receber algum afago, em maneiras de contar o que aconteceu sem dar muitos detalhes do que nunca contei pra ninguém. Estacionei, subi de elevador e abri a porta dela.

Giovana já tinha o café passado, o apartamento inteiro cheirava bem. Me abraçou sem saber que eu precisava de um abraço e olha que a gente não se abraça muito. Amigo de longa data, porta-com-porta, do tipo de gente que não precisa esperar bater para poder entrar, a gente esquece de abraçar.

— Quer um golinho de café?

— Ainda nem almocei — me envergonhei da fome, nem sei por que é

que não aceitei o café e fiquei quieta.

— Tem comida. Você quer que eu esquente?

Balancei a cabeça pedindo que sim. Eu raramente almoço, para guardar dinheiro e tempo, mesmo. Vinte reais num marmitex ou ter que ir para casa fazer minha comida. A raiva esfriando e o corpo reagindo. As mãos suadas, os pés inquietos. A boca com resto de refrigerante doce, meio amargado, mau hálito das longas horas sem mastigar sequer um chiclete.

Como quando as vítimas se levantam de debaixo da mesa para ver o que sobrou de um terremoto, eu percebia que restava assim. Não só da mão-na-perna, mas também o que tem sobrado de mim nesses sete anos em que parece que lugar nenhum é meu lugar.

— Dé, — sem saber o quanto isso me rasgaria, ela jogou na mesa — cê não acha que está na hora de pedir pensão?

Sete anos de amizade e ainda não tomei coragem de contar a ela toda a verdade. Disse o que precisava dizer: que me separei do pai da minha filha antes de ele saber que estava grávida e que nunca mais o procurei. Disse que era dona de um monte de boate? Até disse, mas nunca expliquei exatamente o porque é que eu fali.

— Pensão de um cara que sequer sabe que é pai?

E vou aparecer sete anos depois, de surpresa, uma filha no braço, falida, sem um puto no bolso, para pedir pensão? Assinar meu atestado de incompetência, implorar que ele me salve, deixar que ele vença?

E pior: vou me olhar no espelho e não ver qualquer traço de dignidade? Ter que dar o braço a torcer, pedir ajuda a ele, voltar atrás do pé na bunda que ele me deu e me humilhar, de novo?

Não agora. Não ali. Fabrício vai ter que saber que tem uma filha, mas vai ser só quando, definitivamente, não precisarmos dele.

— Desculpa tocar no assunto — Gio não falou para rasgar, mas percebeu que o fez.

— Esquece, mana. Eu vou dar meus pulos, porra, eu sempre dou, não é?

— É, Minha Flor, mas você acha que precisa?

Pois eu não volto para o Ephemera nem que o próprio Fabrício venha aqui me entregá-lo numa bandeja de prata.

(Ephemera é o grupo que criei para administrar todos os bares, cafés e casas de show que fui abrindo ao longo do caminho. Foi melhor centralizar um cérebro com uma boa equipe do que ter, eu mesma, que cuidar de cada bar, individualmente. O grande desafio era não pasteurizar todos os bares, todos com

a mesma cara, sabe? Abri o Grupo Ephemera pensando em facilitar a administração, mas nunca para unificá-los porque o que os faziam famosos eram seus jeitinhos únicos de lidar com o público, a sua clientela fiel e seus próprios atendentes. Posso me gabar de que, quando deixei o Eph, cada bar ainda era um bar com sua própria identidade. Nada de franquias, como meu pai e eu decidimos antes de ele partir).

— Não se trata de precisar — respondi.

Se trata do meu orgulho. É questão de dignidade e saber que vai ter vida para mim, alegria para mim, sorriso para mim, mesmo depois de toda essa tempestade. Eu saí de uma cidadezica de nada, prosperei uma vez e preciso, mais que nunca, prosperar de novo.

Era questão de conseguir tirar a cabeça de dentro da água e respirar fundo. Só eu. Porque quando enfiaram a minha cabeça na água, não veio ninguém comigo.

É questão de provar a mim que eu podia cuidar da minha menina. E transformá-la numa criatura única, especial, ajudá-la a ser o que ela quiser, mesmo que seja a minha vez de esquentar a barriga no forno fazendo pãozinho enquanto ela abre uma cafeteria na garagem.

Dei um pulo quando a Uber respondeu. Eu estava tão crente, mas tão crente que seria expulsa pelo quatro ponto um, que assim que a caixa de entrada apitou mais um e-mail, meu coração disparou e eu emudeci.

O passageiro abusador foi excluído do serviço. Lavei a alma. Uber aquele cara não catava mais. Pediram desculpas de um modo corporativo que conheço muito bem, e disseram que se eu quisesse recorrer a instâncias legais, o aplicativo me forneceria o nome do passageiro e seu devido endereço apenas com mandado judicial.

Era o suficiente. Lavei a alma, o prato, o garfo, bebi o golinho de café, dei um beijo de obrigada à única amiga de verdade e voltei ao serviço: sorte restaurada uma vez, por que não tentar de novo?

Sapa velha sabe onde estão as maiores chances de corrida comprida. Colei na estação da Vila Mariana e rezei por uma vitória. O celular apitou e eu aceitei a corrida. Dirigi esperançosa até a frente de um prédio domiciliar e esperei:

O Rolex entrou primeiro e o reconheci como se tivesse comprado ontem. Quinze mil reais na época. A manga do terno eu não sabia de quem era, mas eu reconheceria aquele Rolex só pelo cheiro. Mandeí escrever, no verso dele, um Feliz Aniversário! e todo mundo me achou louca por estragar um relógio como aquele.

Os joelhos deram olá, os ombros me tirando sete anos de vida, a barba me entregando um baú de lembranças felizes que vivi ao lado de quem sempre me falaram que não prestava, mas que nunca percebi.

— Andréia — Fabrício estava tão surpreso quanto eu. Tanto Uber nessa cidade de meu Deus, tem logo que ser eu a motorista dele?

— Posso seguir o caminho do GPS? — continuei com a conduta de motorista. Joguei o coração pela janela e fiz o meu papel. Não podia pegar mais nenhum passageiro que me desse nota baixa e vem logo ele sentar no meu banco de trás?

Se era alguma pegadinha, nunca me contaram.

Ele não me respondeu e eu não olhei para o retrovisor. Só fui. Jardim Europa: meu ex-marido pegava Uber comigo para ir até a empresa que ele me roubou.

É ou não é um ótimo começo de história, porra?

— Tá trabalhando de Uber? — hoje, lembrando da cena, percebo que ele estava tão constrangido como eu, mas, ali, entendi que ele estivesse rindo de mim.

— Você aceita água ou balinhas?

— Não.

— O ar está confortável? Quer que eu abra a as janelas?

— Andréia... Tá precisando de dinheiro?

Porra de água ou balinhas. Eu queria vê-lo sangrar, vê-lo morrer, queria vê-lo tão fodido quanto eu, se arrastando com o estômago colado nas costas até a hora da janta, chorando no canto, despedaçado. Eu o queria passando um terço do que eu passava e, se desse muita sorte, metade.

— Por quê? Vai devolver tudo o que me roubou? — só um cara muito pilantra vira para um trabalhador comum e pergunta se ele está precisando de dinheiro.

— Sete anos e você ainda acha que eu queria o seu dinheiro.

— Pois é, mas só um de nós perdeu tudo — aliás, nem tenho carro para trabalhar de Uber Black, o que cacetes ele está fazendo de Uber X?

— Se vai trabalhar de Uber, pelo menos pegue o BMW de volta. Claro. Até porque corridas de Uber pagam IPVA de BMW, né?

Eu dirigia e ele me olhava. Uma mulher tem que ter muito sangue frio para prestar serviço ao seu ex. Tem que colocar todo o afeto em cima da filha e tem que entender que tudo o que faz é por um bem maior. Me senti examinada, olhada é pouco. Ele provavelmente via meu cabelo loiro de raiz quilométrica em

preto e pensava com seus botões. Ele provavelmente via os pneus na barriga, que eu não tinha quando éramos casados, e me julgava. Fabrício era dono de uma academia quando nos conhecemos. Pois pense num daqueles ogros fit: ele mesmo. O pior de tudo é que, depois de todos esses anos, eu ainda reconhecia aquele olhar. Fabrício me examinou pela corrida toda e eu entendia cada uma das frases que ele não disse. Ainda acha que o traí. E vai morrer sem acreditar em mim.

— Aqui está meu cartão — quando parei na frente do meu Ex-Ephemera, ele estendeu um cartão preto profissional por entre os bancos da frente.

— Agradeço, mas recuso.

— Tudo bem, fique com ele para uma emergência — e enfiou, mesmo que eu não tenha pego, no vão do meu freio de mão.

Emergências, pensei comigo. Então é para ligar todo dia?

Silêncio dos dois. Muita coisa para dizer, ninguém nem sabia como começar. Ele partiu, entrando no Ephemera que já foi meu, e eu segui dirigindo. Devia ter parado na Paulista, ou em qualquer outro lugar, e o mandado descer. Devia ter xingado e feito ele engolir aquele Rolex. Um farol vermelho atrás do outro, um túnel parado atrás do outro, tudo dando errado e eu remoendo a raiva que devia já ter ficado para trás.

Devia ter feito com ele o mesmo que fiz com o cara que meteu a mão na minha perna. Era o mínimo que ele merecia. Ser abandonado no meio do nada.

É claro, ele tem dinheiro, ele tinha celular. Era só questão de ele chamar outro Uber, mas pelo menos, eu o teria constrangido.

Pelo menos, eu teria feito alguma coisa. Balinhas: porra de oferecer balinhas, Andréia.

Foi só na porta da escola da minha filha que eu tive certeza que fiz o certo. Meu quatro ponto um e esse emprego de Uber valiam mais para mim do que deixar um passageiro no meio da avenida. Por Amélia entrando no meu carro e dando tchau para as professoras, toda suada e precisando de um banho, feliz com mais um dia, valia mais do que uma vingança besta que não vai trazer minha glória de volta, nem reparar os erros dele do passado.

Chorar, para mim, era como perder, e eu já estava cansada demais de viver chorando. Engoli como tenho feito e me redimi comigo. Não estou errada. A culpa não é minha. Eu não o traí. Se assinei um contrato perigoso de tão imbecil, foi por amor. E das coisas que faço por amor, não me arrependo. Mesmo com consequências tão cruéis.

A casa só foi cair mesmo quando dei a partida no carro, dia seguinte, e

não recebi chamado nenhum até às dez da manhã. Até em dias muito ruins eu já tenho passageiro nesse horário. Rodei pela Vinte e Cinco de Março, pelo Brás. E o aplicativo da Uber nada.

Então estacionei e fui fuçar. Estava com o pacote 3G estourado? Não. Reiniciei o celular. Rodei para porta de metrô. Ali perto do Sambódromo é horrível, mas sempre tem chamado. Nada. Fucei mais e então a ficha caiu.

Não era de se surpreender que o homem que me deixou grávida e falida também me daria nota baixa bem quando eu não podia receber mais nenhuma. E olha que fui adulta, o levei de casa até meu Eph e até ofereci balinhas. Raspada para fora. Quando um cara quer te foder, eu te digo, quando um cara quer te foder, não sabe a hora de parar.

Num dia eu recebo um e-mail avisando que a Uber respeita a integridade física de seus motoristas, mas, no outro, não sou ninguém.



Uber não tem seguro-desemprego e eu sabia. Era um subemprego gourmetizado. Eu conhecia o risco, mas sempre dirigi bem. Saudades do meu BMW. Saudades de tanta coisa, que olhando para Amélia que come seus brócolis enquanto canta a nova musiquinha da escola, só consigo pensar em como seria a vida dela se não tivesse tropeçado e nem caído de cara.

Se bem, que se eu não tivesse tropeçado, não a teria. Mas se Almas Gêmeas existem, então a gente daria um jeito de se encontrar em outras condições.

São sete anos nesta luta. Desde que me descobri grávida e afastada da vida que tinha antes, são sete anos me desdobrando para garantir o sustento do mês, vendendo o almoço para comprar a janta, vendendo a minha janta e brigando com Amélia, que não tem culpa de nada, só calhou de vir ao mundo, para que ela coma a sua.

Sete anos em que eu já tentei de tudo. Já vendi meu know-how para o concorrente, já vendi tudo o que eu sei para Deus e o mundo, já trabalhei por comissão, vendendo carro, vendendo roupa de grife, vendendo colchão. Já fiz tudo o que uma pessoa pode fazer para se manter com o teto sobre a cabeça.

Toda hora alguma coisa descamba. Toda hora aparece um passageiro descontente, ou a crise, e me dá duas estrelas. E sou eu quem tem que se retirar, o rabo entre as pernas, sem poder meter o dedo na cara da vida do jeito que ela merece.

Bem que me disseram: não se pode ter tudo. Não se pode ter sorte no amor e no jogo do jeito que achei que poderia. E, se resto com alguma sorte no amor que Amélia me tem, quando olha com seus olhos redondos e imaculados para mais um brinquedo que me nego a comprar, tenho azar em todo o resto.

Uber, eu devia já ter me acostumado, era só mais uma etapa da vida que não daria certo por muito tempo. O primeiro passageiro entrou no carro caçando balinhas e reclamando do quão longe parei de sua casa.

É certo: eu já devia ter me acostumado a finais trágicos.

Que Fabrício apareceria é que eu não estava contando. Que Fabrício me daria a última nota baixa da coleção de notas ínfimas que colecionava é o que eu não esperava. Se ele tem sorte no amor não me interessa, mas conseguia ferrar, para não começar esse relato com palavra feia (e finge que não falei nada feio até agora) com a parca sorte que acumulo.

Amélia canta a música que aprendeu na escolinha e só quero saber como vou pagar as próximas contas. Já calculei tudo: não tem Business Plan que me renda quinhentos reais em dez dias. Não sem um investidor anjo.

Amélia sabe que tem coisa errada comigo e fica me olhando de esquelha, me testando, para saber se pode falar comigo. Não perco a paciência com a menina e tento não descontar nada nela, com filho a gente tem que tomar muito cuidado com aquilo que vai falar, então fico revirando meu prato, sem fome, sabendo que jogar comida fora é pecado duas vezes quando a comida é escassa, e não digo nada.

Ela quer me contar como foi seu dia e eu sei que alguma coisa de mágica aconteceu com ela. Ela quer pedir para que eu leia Lancelote na hora de deitar e quer pular o banho. Ela revira o arroz do prato e não posso mandá-la comer sem fazer brincadeira com a comida porque eu própria estou a brincar com aquilo que não devo.

Eu só queria saber... eu só... porra. Só queria saber quando a minha cabeça vai sair de debaixo d'água. Não nasci rica, sei bem de onde vim e só fui tão longe porque meu pai se virou para aprender a ser padeiro depois que se aposentou. E porque quando falei que queria abrir uma portinha, ele arregaçou as mangas e assentou laje comigo, me ensinou a trocar piso, me fez trocar a parte elétrica da pequena garagem que tínhamos e florescemos juntos.

Mas isso não quer dizer que quero voltar a viver nos perrengues: não tenho pai agora, nem família que vá arregaçar as mangas e me ajudar a catar cavaco quando as contas do mês não fecham. Eu quem sou a mãe agora.

E por mais irônico que isso seja, mais trágico que fosse, eu, empresária do ramo do entretenimento, fulana que aprendeu a escorregar entre os clientes e tratá-los todos como amigos, vivo sozinha. Neste apartamento de dois quartos e uma sacadinha tímida que faz tudo brilhar quando o sol entra e da qual me orgulho muito.

Só preciso dar um jeito de manter a escolinha da menina. Todo o resto dá para dar um jeito, nem que eu pague conta de luz mês sim e mês não, e atrase os condomínios, mas a educação da minha mocinha tem que ser em dia.

Até porque já entendi, assim que fui bloqueada da Uber, que vai ser só questão de tempo até que o banco me tire o carro: talvez fosse inteligente vendê-lo com as parcelas do jeito que estão, faturar uma merreca e segurar as pontas até conseguir um outro emprego mais ou menos formal.

— Mamãe... — Amélia me tirou do transe desesperado. — Cê tá brava comigo?

— O que foi, amor? — mal entendi o que a menina tinha dito e, pelo jeito cabisbaixo e melancólico da minha gatinha, entendi que aquela não era nem a primeira vez que tentava contato comigo e meu universo paralelo.

— Eu peguei o lápis do Luis — fez um bico imenso e confuso sem entender o porquê da mãe ser tão relapsa. — Mas é que esqueci de devolver no fim da aula...

— Amor meu... — não desaba, Andréia. Não desaba. Segura tuas pontas, tu nunca chorou por pouca coisa, não dê a Fabrício o gosto que ele quer, então segura tuas abas e vê se segura bem. — Não é com você que eu tô brava, filha... Você sabe que se fico brava com você a gente conversa e se entende, não é?

— ...

— Às vezes fico brava, sim, mas não é o caso hoje, tá?

A menina coçava os olhos, mais querendo dengo, meio confusa, meio perdida. Queria a atenção e falhei em dar. Sorri, empenhei o melhor sorriso que pude, puxei a cadeira dela para pertinho da minha fazendo barulho pelo piso e provavelmente atrapalhando o vizinho de baixo.

— Amanhã você devolve o lápis apontado, tá? Aponta direitinho e pede desculpas.

— Se você não tá brava comigo, tá brava com quem?

— É comigo mesma. Errei quando não podia e agora tô triste — afastei seus cabelinhos do ombrinho curto e magrinho e dei-lhe um beijo. — Só tô quietinha assim porque tô triste.

Amélia ficou triste por mim e passou o resto do jantar colada comigo, tentando me animar. Repetia um “não fica triste, mamãe” e agradeço por ela ainda ter idade suficiente para me chamar de mamãe. Acho lindo e me derreto porque com cria eu sou besta demais.

Deitei com ela na minha cama, todo mundo de meia, bem quentinha porque estava frio, e abri o livro da Távola Redonda. Estávamos na onda dos romances de cavalaria: Já tínhamos lido o Santo Graal, inteirinho, três meses levamos, e agora líamos Lancelote e seu romance esquisito com Guinevere.

Fosse um livro de adulto já tinham enchido as páginas de sexo escondido e muito “não posso, mas tô doida para te dar”, mas como era livro para criança, o adaptador da lenda fez o Lancelote meio tonto que só sabia repetir “Linda Guinevere!” cada vez que falava o nome dela.

— A Guinevere não é tão bonita assim — Amélia me disse qualquer dia.
— Eu acho que ela tem o dente torto!

— Éca! Mel, ela é uma Rainha! É claro que ela não tem dente torto!

— Ué, mas se naquela época não tinha televisão, também não tinha aparelho de por nos dentes!

As minhas conversas com a minha filha são mais inteligentes que as conversas que tenho com a maioria dos adultos.

— É, mas as Rainhas nascem belas! — revidei.

— Mamãe, você mesma me mostrou a foto da Rainha da Inglaterra.

— E o que que tem?

— Ela é feia!

Touché. Ponto para a pinguinho de gente. Mas acho que se Guinevere fosse feia, o Rei Arthur não precisaria se preocupar com chifres, né?

Quer dizer, cada louco com sua loucura e Deus por todos, quem sou eu para falar alguma coisa, mas se é para sacrificar seu título de melhor cavaleiro do Rei com tantas opções de mulheres bonitas e solteiras, que seja por uma bonita!

Falo porque tenho boca. Na minha hora de fazer burrada por amor eu não via ninguém mais bonito que meu ex-marido. E olha que tinha: sempre tem.

Cada louco com sua loucura, não é? Tá na hora de Deus olhar por mim.

De manhã deixei minha gatinha na escola pontualmente sete horas da manhã, e fui para o computador me sentindo vazia com a quantidade de nada que tinha para fazer. Bolei, num *brainstorm* silencioso, o currículo dos sonhos. A melhor motorista que essa cidade já viu misturado com as referências da Antiga Andréia, a melhor empresária que esta cidade já viu.

Converti as antigas caronas da Andréia-empresária em passageiros. Os cantores que se apresentaram no meu Denver? Passageiros. Os CEO e CTO que andaram de carona no meu BMW, bêbados cantando o como a vida é bela (um deles vomitou no meu banco de couro, inclusive) às três da manhã? Passageiros. Todos eles. E ao cabo de três páginas com referências cruzadas e datas perfeitas, eu tinha, senhores, o currículo dourado.

Não é porque não administrava mais quinze casas noturnas, seis cafés e

um cinema a céu aberto que eu deixava de ser incrível. Ninguém olha para mulher incrível quando ela é pobre, mas eu posso nomear pelo menos umas trinta que eu conheço, e que nunca sairão no jornal, que são incríveis e trabalhadoras e mulheronas da porra muito melhores que esses galãzinhos bestas de novela que contam com duas babás para cada filho.

Com o coração cheio de esperança entrei em todos os sites gratuitos de emprego e cadastrei meu currículo. *Hablo dos idiomas, si, amigo*. Espanhol *and English*. Um aprendi estudando feito um camelo, *the other one* foi com os *hermanos* e o MERCOSUL sem passaporte. Assinalei as *checkboxes* sobre línguas, sobre estado civil, sobre filhos, sobre idade. Andréia Borges, trinta e quatro anos, com filhos. Um prazer, aliás, sou péssima para começar conversa do jeito certo, você que me desculpe, pena termos nos encontrado num momento tão bosta da minha vida, ou eu mesma lhe pagaria uma cerveja. Ou vinho. Ou o que quer que você tome.

Me inscrevi em todos os sites gratuitos de empregos e até nos pagos depois de sete dias grátis. Tiro para tudo quanto era lado porque uma hora eu acertava um.

Mas não me contentei com isso. Eu não arranjaría emprego na próxima semana e, com os meus dois pés bem no chão, precisava de quinhentos reais. Essa era a meta. Larguei o computador, um resquício da minha antiga vida da qual ainda não consegui me desfazer, e entrei na casa da vizinha de andar.

— Uma hora ainda vou tomar susto com seus entrões — me disse assim que abri a porta dela. Mau dia, pensei. Brigou com o marido.

Cortava fitilhos sobre a mesa da cozinha para a lembrancinha de aniversário de seu filhote maior, o Júnior, que faria dez anos no dia seguinte.

— Gio, preciso de dinheiro — comentei, puxando a cadeira à frente dela.

— Que ótimo, entra na fila — sete anos dividindo andar e a gente já tem alguma liberdade de uma entrar na casa da outra sem precisar de anúncio, telefonema ou campanha.

— Tô falando que preciso de dinheiro para ontem.

— E você tá achando que isso dá em árvore?

— Você não me entendeu — não, imagine. A mãe de dois filhos com marido metalúrgico que nem sonha o que é gastar trinta mil com bolha de sabão não entende o que é precisar de dinheiro, né, Andréia?

Eu não disse mais nada. Nem precisava, coisa acontecendo de ruim com a Gio também tinha. Brigou com o Beto, será? Olha lá o queixo trêmulo, a boca curvada em bico e as mãos ágeis. Estive por tempo suficiente convivendo com

ela para saber seus trejeitos. Gio, brava, coloca o trabalho em dia. Se mexe para não ter que pensar. Tinha fitilho, reparei, até o aniversário de quinze anos do moleque que faria dez. E os saquinhos de plástico estampados de Minions já estavam todos cheios de balinhas e brinquedos baratos, enfileirados, cada um esperando sua própria vedação.

— É o Beto, né? — puxei um saquinho de lembrancinhas e um fitilho para ajudá-la nos trabalhos. — O que ele fez?

— Ah, porra... — só na frente dos filhos é que mãe não solta palavrão. E se depender da magnitude da raiva, até na frente deles.

— Fala, Gio, tô aqui — amenizei o tom da voz e esperei a paulada no peito. Gio desaguaria e eu não tinha cabeça para aguentar problema dos outros, a qualquer outra pessoa do mundo eu mandaria à merda, mas era ela. Meu braço direito: meus olhos, meus ouvidos e o único sistema feminino de ajuda que obtive durante os perrengues da maternidade solitária.

— Eu fiz laqueadura, cacete.

— MAS CÊ TÁ GRÁVIDA DE NOVO??

— ... — soltou o ar num suspiro debochado. — Fiz o teste agorinha. Vim cortar esses trecos para fingir que li errado.

— Mas cês não têm televisão?!

— Menina de Deus, ‘tava até pensando em voltar a estudar...

— Caramba...

— Logo agora que o mais novo tá maiorzinho, tá indo para a escolinha...

Porra, eu não vou ter sossego nunca? Vou cuidar de menino a minha vida inteira?!

— Se acalma, Gio, se acalma.

— O foda é que o porra vai ficar feliz — ela sorriu da própria desgraça, limpando os olhos com as costas das mãos. — O pior é que casei com o besta mais besta do universo, e ele só vai saber ficar feliz.

— Não chora, vocês dão conta.

— Conta a gente dá — era questão de susto. Se se casou com um besta é porque não é diferente. Vai contar para o marido que tem mais um filho a bordo e vão os dois chorar felizes porque é assim que eles são. — Só que não ‘tava nos planos.

— Vai dar tudo certo — peguei na mão dela, por cima da mesa, sorrindo. — Agora que tô bloqueada do Uber, tempo para te acompanhar no pré-natal é o que não vai me faltar.

— Obrigada, Mana Velha. Obrigada mesmo.

— Sozinha cê não tá nunca mais, Gio. Para o bem e para o mal.

— Sinto muito pelo seu Uber — finalmente ela deu trela para a minha desgraça.

— Sinto muito também.

— O que você quer fazer?

— Fazer não sei, só sei que quero dinheiro.

— Dá para fazer uns bolos de pote para fora até as coisas melhorarem, Dé. Uma fornada rende bem, é barato, e é só encher de recheio que o povo compra.

Bolo de pote, é? Um estalo na minha cabeça. Quinhentos reais para completar o mês. É isso aí.

— Cê sabe fazer, Gio? — perguntei já sabendo da resposta.

— Sei, ué. Youtube serve para isso, teve uns meses de perrengue, comprei tênis novo para a molecada assim, você sabe, Dé, até te vendi alguns...

Vendeu? Osh, foi quando, que não me lembro? Vendeu! Puta merda, vendeu!

Porra, se ela vendeu, por que não eu?



Não parei há sete anos, não é agora que vou parar. O meu mundo já caiu, esse tremelique que houve agora não é nada se comparado ao que já foi. E tô aqui de pé, pô, não tô? Vou virando espada forjada, com fio cortante para os dois lados. Agarro o touro pelas orelhas, olho bem no fundo nos olhos do bicho e percebo que é ele quem está assustado, e não eu. Depois que o mundo voltar para a órbita normal, ainda vou estar aqui: como tenho permanecido e como sei que vou continuar.

Espero que meus pais, onde quer que estejam, se orgulhem de mim apesar de tudo. E que Amelinha, quando tiver idade suficiente para entender, também sorria quando falarem de meu nome.

Com cinquenta potinhos de bolo, prontos, fiz etiquetas no Word e imprimi numa gráfica que me cobrava vinte centavos a folha. Colei, cada potinho com sua identificação, os de coco, os de chocolate, os de chocolate trufado, os de doce de leite, e as datas de fabricação.

Enquanto montávamos as camadas de recheio e de bolo, pensávamos a quem venderíamos. Oferecer de pessoa em pessoa na rua só funciona com carrinho de sorvete e no contexto dos parques, no farol não dá.

A Antiga Eu chamaria essas duas horas que gastamos montando pote e a quem venderíamos de reunião. Teria ao meu lado a gerente de marketing, a gerente de produto e a gerente de experiências. E todo mundoalaria ao mesmo tempo, saudade do meu squad, nós sete daríamos conta de montar um país em três meses, se precisasse. Espero que, nesses sete anos que fiquei fora, elas ainda sintam a minha falta e do jeito como as nossas reuniões faziam o Ephemera parecer ringue de luta- livre.

Ali, na mesa da cozinha da Gio, decidimos que o melhor a se fazer era vender ao público dos cabeleireiros e manicuras. Elaine, minha ex-diretora de Marketing de Experiência, teria dado um beijo na boca da Gio depois dessa ideia. É o único espaço dessa cidade em que as mulheres se juntam, se embelezam, se conversam e que ficam sentadas, por tempo o bastante para

morrerem de tédio para quererem um bolo.

Era esse nosso *target*. E Marcela, economista, ficaria maravilhada com a nossa margem de lucro.

A Gio sugeriu que eu fizesse café para oferecer com bolo, mas, embora a ideia fosse ótima, só não o fiz porque o mínimo que um cabeleireiro precisa ter é café para matar o ócio de suas clientes.

Me impressionei quando entrei no primeiro cabeleireiro e nenhum dos donos tinha café para oferecer à clientela? Me impressionei. Meu cabelo sou eu quem corta, quem pinta, quem escova, e é por isso que está esta bosta, tem mais de sete anos que não piso num salão enquanto cliente, mas, pensava, mesmo num salão muito simples, o mínimo que tem que ter é um café.

Num Google identifiquei os salões perto de casa. A minha sorte é que em bairro o que mais tem é salão. Ou é locação comercial, ou é a garagem de uma que foi reformada e virou centro estético, não importava, importava é que o nosso público-alvo era esse e, ao final do primeiro dia, não dei fim aos cinquenta bolos, mas foram quase todos.

As minhas pernas doíam de tanto andar quando entrei no último salão antes de encerrar o expediente para buscar Amélia na escola. Sobravam só oito bolos na sacola e eu só não tinha declarado vitória e encerrado o dia porque sempre fui teimosa.

— Oi! — é assim que eu chego. Dou oi, procuro a dona, converso com ela em particular, ofereço um bolo grátis. Pergunto se posso oferecer bolo às demais mulheres do salão e, se a dona disser que sim, então eu adoço a lábia, o sorriso e vou. Se uma compra, as demais comprarão assim que a primeira abrir o pote, meter a garfada e falar: “HMMMMM”.

No meu taco como boleira não confio, mas a Gio cozinha bem demais e é no taco dela que confio quando vejo a primeira cliente com o garfo que ofereci enfiado na boca, e o chocolate derretendo entre os dentes.

— Menina, e esse cabelo? — a cabeleireira chefe me disse, quando já era aceita na comunhão delas, quando todas saboreavam o meu bolo e rezavam para Deus materializar um café bem forte na frente delas.

— Sabe o que que é, Viviane, — sempre aprendo o nome da abelha-rainha primeiro — preciso escolher entre comprar um tênis novo para a minha filha e pintar o cabelo. A prioridade agora não sou eu.

— Ah, menina, mas te faço um descontinho — ainda tem gente boa no mundo e toda vez que encontro uma dessas entendo que só sou derrubada se quiser. — Compra só o material e qualquer dia vem aqui. Onde já se viu, um

cabelão bonito assim com uma raiz dessas.

— Você trabalha com o quê? — a única que não quis bolo por ser intolerante a glúten, com touca térmica na cabeça e uma das mãos ocupadas pela manicure que lhe arrancava as cutículas perguntou.

— Fora vender bolo, você quer dizer?

— Isso.

É uma loooooooooonga história.

— Olha, já fui empresária, Uber, assistente administrativa, secretária... O trabalho que você me der tô aprendendo.

— Você era motorista?

— Isso, de Uber.

— Meu chefe tá procurando motorista.

— Olha só — que mundo pequeno. E que cagada colossal encontrar uma oportunidade logo no meu primeiro dia de vendedora de porta em porta. — Posso encaminhar meu currículo para você?

— Claro, que daí já encaminho para o e-mail dele.

— Qual é seu nome?

— É Cláudia.

— Prazer, Cláudia: Andréia — sorri, puxando o celular do bolso da jeans. — Posso mandar já? É que depois eu sei que a gente vai esquecer.

Não dormi no ponto. Não foi dormindo no ponto que virei o que tinha sido, essas coisas a gente faz na hora, ou esquece de fazer depois. Perguntei o e-mail dela, conferi os pontos e os *underlines*, os arrobas e os ponto-com-ponto-br. Eu, às vezes dou uma dentro, tinha me mandado um e-mail com meu próprio currículo em PDF, vai saber por que é que o fiz, mas o fiz, e encaminhei para o e-mail dela.

— Recebeu?

— Recebi — ela conferia no próprio celular. — Quem sabe, né?

— Tomara — juntei as duas mãos, agradecida. — Eu vou tomar meu rumo, pessoal, que vocês já comeram todos os meus bolos, tá?

— Todos? — Viviane sorria.

— É, agora só sobrou o da minha gatinha.

Mostrei dois potinhos de bolo, um de doce de leite e um de chocolate trufado. A dona do salão quis o de doce de leite para levar para o marido e o dei a ela, como gesto de agradecimento.

Quarenta e nove bolos. Sorri para a sacola vazia. O bolinho da minha gatinha garantido para depois da janta. Quarenta e nove vezes cinco (que é o

preço que eu vendia) dava duzentos e quarenta e cinco: quarenta e cinco para garantir a próxima fornada, duzentos que eu dividirei entre a Gio e eu.

Mais cinco dias trabalhando nesse pé e garanto o mês.

Bati na porta dela depois de buscar meu bebê na escolinha e entreguei os cem reais que lhe eram de direito. Ela sorriu, feliz porque acreditava que eu venderia todos, e me devolveu o dinheiro.

— Fica — ela dobrou e me entregou as duas notas de cinquenta reais.

— É seu, Gio.

— As contas da minha casa estão garantidas.

— Mas e o enxoval do bebê?

— Boa parte vou usar do enxoval do Bruno e tenho nove meses para juntar dinheiro. O bebê não nasce mês que vem, então pega essa grana e guarda, que a gente não sabe se vender cinquenta bolos em um dia é sorte de principiante ou é Deus sorrindo para você.

Era Deus sorrindo para mim. Fosse pela sorte nos bolos, fosse pela amiga. Eu sabia que era Deus sorrindo e agradeci sem querer chorar. Coisa como essa nenhum investidor nunca fez por mim.



Deixei de comprar um tênis novo para Amélia e assinei a droga do site de empregos que não me rendeu em nada nos sete dias grátis. Continuei fazendo bolo, gastando as solas dos sapatos e a lábia. Mapeei meu bairro, montei um itinerário e fiz várias amigas donas de salão que sabiam o que era passar perrengue, então quando o salão estava cheio, umas e outras me ligavam só para avisar.

Venci o primeiro mês fazendo isso, venci três meses fazendo isso, na verdade.

De tanto andar, perdi peso. É mais difícil perder peso depois dos trinta, dizem, e até que é verdade, mas andando como um camelo não tem pneu que se mantenha. Até ganhei umas pernocas boas de mostrar por aí, mas passei longe de secar completamente e rever o meu corpo de vinte anos.

A pancinha de depois da gravidez continuava a mesma e os quadris imensos, mas, calças que não me serviam dois meses atrás entravam e até que a minha bunda tinha lá seu charme.

Nenhum dos sites de emprego me retornou. Nem telefonaram. Nem o e-mail da Cláudia me rendeu uma entrevista. Era mais difícil achar emprego que

vender bolo e continuei atirando para tudo quanto era lado porque, como disse, por falta de tiro é que não vai ser.

Amélia, por outro lado, amava minha nova profissão. Todo dia tinha um bolinho para ela. Era festança de bolo todo dia porque as crianças, digo as da Gio juntas da minha, faziam coro e se conversavam. Quando eu mentia dizendo que não tinha sobrado um bolo, o Bruno, mais novo da Gio, abria o bocão falando: TEM BOLO SIMMMMM e mostrava a geladeira.

Se não eram as crianças, era o próprio Beto, marido da Gio, homem mais feliz e abestado que nem esse? Difícil. Bobo igual pai de primeira viagem, fazendo horas extras para completar o orçamento do lar, abria a geladeira com a boca sedenta por docinhos quando chegava e comemorava:

— AINDA BEM QUE TEM BOLO!

O andar, o leitor deve ter percebido, era nosso. Andávamos de porta aberta, Amélia vivia na casa da Gio, as crianças da Gio viviam na minha e, os outros dois vizinhos de andar praticamente não existiam. Um gritava BOLO de lá, a outra de cá arrebitava as orelhas, o garfinho na mão e os dentinhos preparados.

— Como que não tem bolo se o tio Beto tá comendo?!

Mentir era impossível. E de manhã, enquanto todo mundo estava na escola, arrepiávamos no que podíamos. Ela batia as massas e enquanto isso eu batia os recheios, depois deixávamos tudo esfriar e montávamos os potes. Gio não sai à rua para a venda e nem cobro isso dela, esse trabalho de front sempre foi meu e trabalho que é meu, não delego.

Depois, quando sobrava mais de vinte bolos num dia, eu estacionava meu carrinho, que sobrevivia sendo meu porque conseguia pagar as parcelas com a venda honesta do meu bolo, na porta da entrada de uma faculdade, estendia uma plaquinha informal: Bolos 5\$ e ficava lá, com garrafas de café, fizesse o frio ou o calor que fosse, e esperava acabar com todos.

Vi que vender em faculdade era mais fácil porque os alunos conversavam entre si e, se um entrasse pela porta da faculdade com um bolo meu, certeza que viria alguém, logo depois, para comprar um bolo igual.

Universitários não têm dinheiro, mas fome, isso entendi rápido, todo mundo tem. Passei a levar café não para vender, mas porque outra coisa que universitário ama é café e, se tenho um quentinho e gostosinho lá esperando por eles, o bolo eu vendo fácil.

Até passamos e preparar fornadas especiais unicamente para os universitários depois que percebi que era negócio vender em porta de faculdade.

Me ligou uma moça de RH oferecendo emprego, impressionada com meu currículo. Atendi com sede ao pote, mas esmaeci quando ouvi o salário: 990 reais. Não me entenda mal, 990 reais é dinheiro, mas com os bolos, informalmente, de porta em porta, eu tirava mais. E ainda tinha a parte da Gio, o estreitamento de laços com a família dela, o estreitamento de laços com todo o meu bairro, e a segurança de trabalhar por conta e de poder pegar filhotinha minha a hora que ela precisasse de mim.

Só no domingo de tarde é que eu não existia para o mundo. Entregava as encomendas que esporadicamente surgiam na parte da manhã e desligava o telefone. Levava minha gatinha no SESC ou no parque que ela quisesse, assistíamos a alguma peça de teatro infantil, eu sempre levava um bolo na bolsa para caso ela quisesse comer algum docinho, no máximo comprava uma água ou um suco na rua, e voltávamos para casa com um livro novo da biblioteca.

Era esse o nosso itinerário de lazer de domingo. A cinema não íamos porque era excessivamente caro, mas a teatro descobri que minha Amelinha se divertia mais, era bem mais barato, e sempre esperávamos até o último espectador sair da plateia para que nós pudéssemos tirar foto com os artistas.

Amelinha gostava porque conversava com seus ídolos. À Princesa sem Príncipe assistimos oito vezes, toda vez que víamos aprendíamos uma coisa nova, nem que fosse uma fala improvisada da atriz. Depois ganhamos um folder da própria companhia de teatro com a assinatura de todos os atores, feito especialmente para a minha Amelinha porque ela era a espectadora número um da temporada.

O folder/pôster ficou pregado na parede da sala feito um quadro e nós nunca o tiramos de lá.

Os filhos da Gio não gostavam muito de teatro, os levei uma vez e eles morreram de tédio, mas a minha filhinha se encantava mais com aquilo que ela podia pegar, que com ator de cinema.

Espero que um dia eu ainda mostre para ela o cinema do Mirante que erguemos do nada, sob muita briga com a prefeitura e abaixo-assinado. O único cinema dessa cidade que você não paga para entrar: o meu maior orgulho nessa vida.

Um dia eu já fui culta para caramba, vivia de visitar e comprar arte original não de Picasso ou Dalí, mas de amigos pintores, vivos, que transbordavam afeto quando falavam de suas criações.

É, rapaz. Já fui feliz para caramba nessa vida também.

Só me recusava a usar roupa de hippie-chique porque essa não era a

minha. Você acha que as roupas dessa galera artista são baratas porque parecem transcendentais, mas fosse juntar o colar com o sapato, dava o valor de um carro.

Eu só não me iludia e não iludia ninguém. Das minhas roupas cuidava eu. Aceitava que meus amigos fossem como quisessem, mas ficava na minha, no meu terninho, minha bolsa combinando com os sapatos e era só.

E foi numa segunda-feira, enquanto eu experimentava uma dessas calças da época de rica, que o telefone tocou.

Com o zíper aberto atendi.

— Alô?

— Por favor... Andréia Borges?

— Ela mesma.

— Ah, oi — oi, ué. — Eu recebi um currículo seu encaminhado de uma arquiteta minha... Você é motorista, certo?

— ã-ham — as mãos suadas. Uma leve tremedeira nos joelhos.

— Você está livre amanhã... — SIM! — Deixa eu ver... - SIM! - Às nove?

— ã-ham — porra de Aham, Andréia, use palavras, aham é coisa de adolescente!

— Ok, conhece o Arco do Triunfo? Paris, né? É lindo no verão.

— Não — ao menos usei uma palavra inteira. Não é só o leitor que morreria de síncope se eu me manifestasse com um ãh-ãh.

— Avenida Paulista, ao lado da Antena da Gazeta: não tem erro. Você entra no prédio, sobe até o décimo andar e fala que é a minha reunião das nove.

— Ok...

— Acha que pode fazer isso?

— Considere feito — essa é a Andréia, Brasil!

— Beleza — ele tinha um vocabulário bem coloquial para uma pessoa que marca reuniões no décimo andar num prédio da Avenida Paulista. — Te vejo amanhã.

— Qual seu nome mesmo?

— É Bento — e sobrenome? Tem não?

Não. Desligou e fiquei dividida. Como meu currículo foi parar na mesa dele? Nem me lembrava mais. Depois que recusei fazer entrevista por um salário de novecentos reais, meio que abandonei as esperanças de conseguir um emprego formal.

De todo jeito, fechei o zíper da calça que tinha mais de dez anos de guardada e comemorei. Tô cabendo, pô! Descalça, fui para a casa da Gio e a

mesma já tirava a primeira fornada pronta.

— Calça bonita — me disse, segurando a assadeira com dois panos de prato.

— Dez anos que eu não entrava nela.

— Cacete, agora quero andar por aí para vender bolo também.

— Daqui um ano a gente conversa — quando o filhinho novo já tivesse visto a cor do mundo talvez?

Contei a ela sobre a possível entrevista. Com a grana que tirávamos, quase dois mil cada uma, a gente já tinha aceitado que o futuro seria assim, vendendo doce, mas terem me ligado da Paulista me deixou balançada e eu perguntei a ela sobre o que achava.

— Meu coração diz para você ir.

— Mas dificilmente um emprego de motorista vai me render o mesmo que vender bolo, e você ainda vai perder seu rendimento.

— Não sei, Andréia, mas meu coração tá dizendo para você ir, então você vai.

— Gio, também quero ir, mas você entende que é possível que a gente não venda mais bolo?

— Eu comecei essa por você, Mana Velha. Precisar de dinheiro também preciso, mas foi por você que comecei essa. Se for melhor que você seja motorista de um grã-fino, que seja. Vá ser feliz, mulher. Que a gente começou vendendo bolo sabendo que seria até você arrumar um emprego.

Falei, não falei? Deus tá sorrindo pra mim.



Só fui pensar em entrevista na Paulista quando deixei a gatinha na escola, já no dia seguinte. Pedi que a Gio começasse as fornadas sem mim e falei que a vida seguiria igual. Se eu tivesse pensado mais na entrevista e menos em bolos, talvez tivesse aceitado a oferta da Dona Viviane, cabeleireira, para retocar a raiz que já me consumia um palmo de cabelo preto em cima dos meus loiros muito mal oxigenados.

Ou, quem sabe, tivesse colocado uma das roupas da Antiga Andréia para bater e agora não estivesse vestida num Tailleur com calça lindíssimo, mas cheirando a guardado, bem de frente ao Arco do Triunfo com o coração pulsando louco tal qual no Arco do Triunfo verdadeiro.

Com a raiz do cabelo gritando “Me pinta! Me pinta!” e a roupa gritando “me lava, me lava!” lá estava eu, nove horas em ponto, os sapatos confortáveis para dirigir, meu carrinho parcelado parado no estacionamento do subsolo no meio de um monte de carrão, o segurança olhando para mim sem saber se me julgava rica pela roupa, ou pobre pelo carro, e sem saber também para qual elevador me encaminhar.

Fui indicada a subir pelo elevador social porque segurança de rico sabe que é melhor levar um pé-rapado pelo elevador errado, que um ricaço pelo elevador de serviço, e apertei o botão do décimo andar sem saber que raios eu fazia ali em vez de encher potes com brigadeiros e chocolate granulado.

De todo jeito, o sexto sentido de duas mulheres não podem estar errados juntos. Gio me disse para ir e eu queria ir, então fui: saltei do décimo andar e congelei com a beleza e imponência do mesmo. Tinha decorador caro assinando a obra, só podia ser, porque sofá branco de couro dificilmente fica bonito num cômodo, mas lá estava, tudo ornamentado, um tapetão marrom me direcionando para a mesa da recepcionista, no fundo do saguão, ela também fazendo parte da decoração, linda de doer e ofender o resto das mortais, os joelhos fechados e a mesa organizada bem de frente a uma porta de aço, pivotante, obviamente cara também.

— Eu sou Andréia, reunião das nove.

A Top Model sabia a pauta da reunião, mas me julgava pelas roupas e se confundia. É por isso também que sempre me recusei a usar roupa de hippie mesmo que elas custassem os olhos da cara: a roupa fala primeiro. Ninguém vai dizer que Andréia Borges está falida se me ver usando Givenchy. Ninguém vai dizer que metade do meu currículo é mentira (porque, lembra? Todas as pessoas às quais eu disse trabalhar para, um dia foram só minhas caronas) se me ver vestida daquele jeito. É isso o que falam sobre vestir para impressionar. Pode a blusinha ter custado quinze reais na liquidação da Marisa, mas se ela for A Blusa e fizer parte de um conjunto de garimpo de roupas igualmente bonitas, ninguém vai dizer ao que você veio antes de você mesma falar o propósito.

Era por isso que me vestia como me vestia dez anos atrás. Porque nem policial te leva preso do mesmo jeito que levaria se você estivesse de chinelo de dedo.

(A não ser, é claro, se for um vestido curto. Porque aí não interessa a marca, você só vira a vadia cara: continua puta. E policial mal colhe B.O de puta sem perguntar cinquenta vezes se você sabe realmente o que estupro quer dizer.).

Mas, deixemos as lamentações para o muro. Sentei-me no sofá branco e esperei pela pessoa que me entrevistaria.

— Andréia? — uma cabeça aloirada surgiu de trás da porta de aço, caçando pela Andréia pelo saguão principal. Me viu e, como só tinha eu, deduziu que eu fosse a tal.

Levantei-me com um sorriso amigável, mas não muito, e entrei por onde ele tinha surgido. O próximo cômodo era menor, mas igualmente bonito: uma sala de cada lado do espaço, ambas com paredes de vidro e muita incidência solar (esqueci de falar que todo o andar tinha mais sol que a rua lá embaixo, então adicione isso à sua imaginação).

Uma sala, a da esquerda, parecendo casa de doido: só não tinha mais bagunça porque não tinha espaço. Para o mocinho que me guiava para a sala atulhada mal olhei duas vezes, pensei que ele fosse secretário de alguém, olhei mais para a sala vazia e organizada da direita, toda arrumadinha se parecendo com sala de advogado sério, com uma mesa vazia, de secretária, à frente da porta de vidro.

Ele entrou na casa de doido e entrei atrás: tinha uma mesa gigantesca bem no meio, de madeira escura e custando os olhos da cara, cheia de estojo de lápis e papéis ao redor de uma folha branca, o maior papel que já vi: de tamanho A0, será? Se tem A4 e tem A3, é prudente que tenham inventado A0. E nesse tal

A0 que acho que existe, o esboço do interior de alguma casa ou prédio ou coisa que o valha. Conseguia ver, entre duas linhas que pareciam paredes, uma escada em caracol.

Juntei o lé com o cré e compreendi que o dono da sala era arquiteto. Explicam-se as folhas e os lápis e o que me disseram antes, por telefone: “uma arquiteta minha”.

Caramba. O vi sentar-se à cadeira atrás da mesa interminável não como a gente senta em cadeira que não é nossa, só com a pontinha da bunda, mas com propriedade, ploft, essa cadeira é minha e estou eu a governar a porra toda.

— Estou sem a minha secretária hoje — ele sorriu, os dentinhos perfeitamente alinhados, não posso dizer se é velho ou se é moço, mas o jeito como se porta e o jeito como me conduz diz mais de moço que de velho. — Ela pediu folga para estudar para as provas e dei, é claro, mas agora não sei como faço todas as coisas.

Me indicou a cadeira ao lado da sua, a única vazia na sala, não era escritório de gerente, diretor ou coisa assim, é escritório de criativo, tem cadeira só para ele e, se entra outra pessoa na sala é para somar ideias. Indicou a cadeira e me sentei, meio sem jeito porque a Andréia nova aprendeu que é bom manter distância de pessoas que podem mais que nós.

— Obrigado por vir — ele se virou para mim, sem um pinga de hierarquia. — Era para ter te chamado há mais de dois meses, mas fui deixando passar, sabe como é, final de projeto.

Sei como é, filho da puta: seu projeto é tão importante que tu esquece que as pessoas trabalham com carteira assinada porque precisam, não porque querem. Sei bem como é. Não fosse a minha perseverança vendendo bolo já tinha morrido de fome, porque esperar por ti é mau negócio.

— Bom... — ele esfregou uma mão na outra. — Não deu para imprimir o seu currículo, mas o li ontem de noite, então me diga suas referências.

— É como eu disse no currículo, senhor — é Bento de quê, mesmo? — Dirigi para muito artista, muito CEO, lidei muito com segurança, escolta armada, tenho consciência de blindados, inclusive já mandei blindar alguns, caso o senhor precise de referências...

— Não, não é para tanto.

— Ah...

— Eu preciso de motorista para a minha mãe. O certo é que eu dirija para ela, sou o filho, isso é trabalho de filho, mas não consigo mais lutar contra o tempo. Mal sobrevivi a este último mês. Cada duas horas que passo no volante

são duas horas de problema a mais, duas horas de sono a menos... Enfim.

— Entendo perfeitamente, senhor.

— Pelo amor de Deus, meu nome é Bento. Deixa para me chamar de senhor daqui uns vinte anos.

— Tudo bem.

— Caramba — ele parecia mais nervoso que eu. Passou as mãos nos cabelos para ganhar tempo e percebi. — Já dirigiu BMW?

Tive alguns.

— Já, sim.

— Ótimo, então me leve para casa que eu te apresento para a minha mãe.

— Perfeitamente — não me atrevi a chamá-lo nem de senhor, nem de Bento.

Voltamos para o elevador e ele me conduzia como se eu fosse mais convidada que subalterna. Esquisito de ver. Ele parecia desencaixado, meio perdido. Aprendi a ser superior aos meus funcionários para evocar respeito, não que eu fosse melhor que qualquer um deles, pelo contrário, mas porque quando você lida com egos, é bom mostrar quem é que tem a palavra final.

Por isso que eu estranhava tanto o jeito dele de cumprimentar todo mundo pelo nome, puxando conversa aqui e acolá, me indicando os caminhos, me apresentando às pessoas como se ele já tivesse assinado a minha carteira.

Abri a porta traseira da BMW que ele me disse ser sua, e esperei que ele entrasse. Era esse o trabalho, não era? Por que é que ele entrou tão morto de vergonha?

Entrei no banco do motorista, mal coloquei as mãos no volante e senti o couro dando olá para a minha bunda. Ê, saudades. A antiga eu gostava de carros porque assistir autoesporte com meu pai, cedo de manhã, era o nosso hobby. E Fórmula 1. A gente, no finzinho da vida do meu velho, entrou num camarote da Fórmula 1 e assistiu ao vivo. Foi um dos dias mais felizes da vida dele e, toda vez que eu adquiria um carro novo, entrava numa concessionária, ia com ele. E só comprava se ele achasse um carro justo.

Vê: meu pai andou a vida inteira de ônibus, eu andei a vida inteira de ônibus, não é que meu pai fosse um velho soberbo que mal tinha dinheiro para pão, mas vivia de carro zero, não era isso. Ele admirava carros simplesmente como um sonho distante. Minha mãe não chegou a ver meu pai a bordo de um Typhoon X6, mas onde quer que ela estivesse a gente sabia que ela adoraria vê-lo feliz.

É por isso também o motivo pelo qual eu sentia saudades dos bancos de

couro. Da direção elétrica, das marchas silenciosas, do modo automático, mas também do modo manual. Por que todas essas coisas me remontam memórias afetivas doces de guardar.

Acarinhei os lados da poltrona, num olá a um amigo distante que mal se lembra de mim e olhei para os painéis: gasolina na reserva. Óleo que não é trocado há mais de dois anos, o selo no vidro que dedura o relaxo. A luz do freio de mão não acendia mesmo estacionado. É um belo carro, pensei sem falar nada, mas tinha um dono de merda.

— Tá um solzinho bonito, hoje — disse, olhando para o entrevistador pelo retrovisor. — Posso abrir o teto solar?

— Eu nunca consegui abrir essa coisa.

Comprou de segunda mão, então, porque quando você compra um carro zero deste porte vem alguém da fábrica, todo uniformizado, só para te ensinar a usá-lo.

— É aqui, senhor — aponte para o botão óbvio. — É só apertar... — percebi, finalmente, que Bento, tenha o sobrenome que tiver, é lindo e lindo com força. — Então: — pigarreei — para onde vamos?

— Avenida Europa, por favor — pelo amor de Deus, pessoa, olha o tamanho dessa cidade! O GPS dos ricos só aponta um endereço?

Não fosse pela última e fatídica corrida de Uber, faria sete anos que não botava meus pés ali.

— A gente pode... — como é que eu falo que ele tem um carro foda, mas é um dono bem merda? — A gente pode abastecer primeiro?

— Oh, claro. Tem um posto na Brigadeiro, os funcionários abastecem lá.

Ele me indicou o caminho, só segui, um décimo prestando atenção nele, o resto em meu pai. Saudade quando pega, fura fundo, e não tem ordem de quase-patrão que dê sossego.

Estacionei, pedi um segundo para ele, conversei com o frentista e dei uma olhada no carro. Os coitados dos pneus no chão. O frentista olhou para mim, para o carro, para o delgado playboy no banco de trás. Entendeu a minha função e fingiu bem que não se importava com o fato de que eu era um motorista com vagina.

— Posso usar o calibrador? — pedi.

O que era para ser um segundo levei quase vinte minutos entre encher o tanque, calibrar pneus, checar os níveis de água. Precisava de um check-up completo, era bom encostar esse carro antes que ficássemos na mão, mas eu não falei nada. Se o emprego fosse bom e pagasse bem, daí sim eu levaria esse

problema para ele.

— Desculpe a demora.

— O carro tá um bagaço, não tá? — ele sorriu descolando os olhos do celular e do montante de e-mail que aproveitou para responder.

— O Senhor quer que eu seja honesta?

— É da minha mãe. O meu pai que sempre cuidou do carro dela, desde que ele morreu ninguém liga, vou sempre deixando para depois.

— Pois é, uma hora o senhor fica na rua.

Estendi do posto para a Avenida Europa, e vi de novo o Ephemera, meu antigo empreendimento, com a fachada exatamente igual há sete anos, a pintura da parede exatamente como era, as trepadeiras cobrindo os muros, os carros dos funcionários todos estacionados na frente e embicados para a rua, por questões de segurança. Exatamente como sempre foi, como se só eu é que tivesse mudado.

— Daí você vira aqui, Andréia — Bento rasgou minha nostalgia.

Virei e segui o caminho que ele me indicava, direto para as ruas de trás do Museu de Imagem e Som e, se você calha de ser Paulista, tem que se lembrar que todas as ruas que afluam ao MIS ou que dele desaguam são perfeitas para casas de rico.

Casas não, meu Deus, eu estava errada, mansões. A casa em que Bento me indicava para estacionar não era só uma casa, era A Senhora Casa, que me obriga a mais formalismos e corporativismos hierárquicos que aquele mocinho que condiciona motoristas ao seu lado numa sala, deixa transparecer.

— É linda, não é? — ele falou com orgulho, saltando do carro, sem me esperar abrir a porta.

Linda é eufemismo.

Era a mistura de casa com igreja. Tinha até aquelas abóbadas de igreja medieval, vitrais coloridos e abertos mostrando cortinas de tecido pesado amarradas pela cintura, dando, a quem estivesse de fora, a vista de lustres clássicos ornamentando os tetos. Isso sem contar o jardim na frente, a porta de abrir com as duas mãos e colunas de sustentação cheias de arabescos.

— Foi a última casa que meu pai ergueu para a minha mãe.

Claro que tem que ter uma história de amor por trás. Não bastava ser maravilhosa, ainda tem que te fazer pensar em como, no mesmo mundo, cabem o pai dele e o meu ex-marido.

— Vem... — ele sorriu feliz de ver meu queixo tocando o chão.

— Deixa eu te apresentar a Dona disso Tudo.



O saguão para onde Bento me conduziu parecia com recepção de casamento. Outro lustre clássico, cheio de pedras e correntes bem em cima de uma mesa de mármore adornada de flores frescas e vasos de cristal. O piso de madeira escura (eu não vou nem me atrever a falar qual madeira que é, que sei que vou passar vergonha quando errar) se espalhava por todos os lados.

Bento atravessou o saguão de entrada com a simplicidade de estar em casa, me carregando junto. Fotos de prédios e casas por todos os lados, a história da família dele é toda assim, em imóveis. Certeza que tem um conto curioso para cada edifício que eles têm, administram ou ergueram.

Mais adiante uma pequena entrada para o jardim, acesso feito por dentro da casa, uma senhora de cadeira de rodas lia uma revista de moda, encostada na mesa de vidro e um jarro com água e limão ao seu lado. Sozinha.

— Mamá — ele a interrompeu e pareceu mais bonito. Um homem só vale a pena ser descrito e admirado depois que vemos como trata sua mãe. Aprendi essa depois de muita paulada na cabeça. Se um homem não tem decência suficiente para tratar a mãe, o que é que a gente, mulher comum, pode esperar?

Mas Bento chama a mãezinha dele por mamá. É espanhol? Deus queira. Os cabelos meio castanhos, meio alourados, se espalhavam para todos os lados sem qualquer gel, pomada, ou cuidado. Meio despenteado de um jeito que a gente pensa que os príncipes modernos têm que ser. Os olhos escuros se fechavam cumprimentando a mãe com beijos, as mãos grandes, mas leves quando encostavam nela, cheias de veias. Todo embrulhado num terno azul marinho, bem cortado, feito especialmente para ele, pouco mais curto nas mangas para que parte dos punhos da camisa pudessem ser vistos.

De jeans. Deus abençoe o primeiro homem que misturou terno com jeans.

Se houve conversa entre ele e a mãe, perdi.

A senhora de cadeira de rodas que usava óculos com correntinha não

como as velhinhas usam correntinhas para que não se percam dos óculos, mas como as meninas as usam em um festival da Coachella, gastou três segundos me observando. Já falavam de mim enquanto eu admirava o filho dela.

Que ótimo, Andréia.

Fui descoberta na minha farsa só pelo jeito como a mulher me olhava. Não me olhava daquele jeito pela maneira como eu via o filho dela, ela olhava para mim reparando a mim, apenas a mim. Ela sabia que eu não era motorista coisíssima nenhuma, nem tinha carta de referência para cada carona que chamei por passageiro.

— Esta é a sua nova motorista — ele me apresentou.

— Motorista? — um estalo surpreso no semblante da senhora que não devia ser nem um por cento doce quando longe do filho.

— Mamá, já falamos sobre isso — Bento, em seu próprio universo, não leu os olhos da mãe. Ele não me conhecia, nunca tinha ouvido falar de Andréia Borges, mas a mãe dele, que o leitor me perdoe se eu estiver errada, a mãe dele sabia exatamente quem eu tinha sido quase dez anos atrás e era melhor eu aprender a colocar meu rabinho no meio das pernas e esquecer que existe um mundo com carteira assinada e emprego formal.

A essas coisas não se demora a aprender: no monte Olimpo Paulista Andréia não entra nunca mais. Nem mesmo como motorista.

— ... é São Paulo, mãe, se fico duas horas no trânsito com a senhora, são quatro horas, pelo menos, que perco todos os dias — Bento continuava no seu discurso ensaiado, mas a mãe não tirava os olhos de mim. — Me perdoa ser tão duro, mas este último mês não foi produtivo para ninguém, muito menos para a minha saúde mental.

— Bento... — ela sorriu, sábia que era, sabendo o filho que tem.

— Tá ensaiando este discurso há quanto tempo?

— Tô quase bom de falar em público, mamá, só precisei ensaiar uma vez.

Doce desse jeito esse menino não tem mais que vinte e cinco, pensei.

— Tudo bem — ela cedeu, os olhos gatunos e afiados encostados em mim. — Me apresente a moça.

— Andréia, essa é sua passageira: Angelina de Castro, a pessoa mais preciosa do meu mundo.

Ouvi-lo falar assim da mãe quebrou minhas pernas. Ouvir um filho adulto falar assim da própria mãe quebra as pernas de qualquer mulher, mas quando ele diz assim na frente de um subordinado, o sorriso parecido com o dela, só cuidado, só

amor familiar, isso me desmorona. O modo pouco corporativo de lidar com funcionário, a folga que ele deu para a secretária poder estudar, os cumprimentos aos porteiros, seguranças, vigias e demais serviçais pelo caminho: tudo isso se encaixava. Bento de Castro (que agora sei seu sobrenome) é tão consciente de sua classe, tão certo de quem era no mundo, que podia desviar do caminho dos ricos, dos padrões de comportamento e que, ainda assim, todo mundo saberia que ele não é como o resto dos mortais.

A safra de moços ricos manteve os bons escondidos, porque, de todos que conheci, só vi a bagaceira.

— Um prazer conhecer a senhora — por respeito, não me adiantei para cumprimentá-la.

— Um prazer finalmente conhecer você — ela estendeu o braço em cumprimento e me adiantei para sacudi-lo.

O que pegou foi ela dizer “finalmente”. Ela sabia exatamente quem eu era e jamais engoliria a motorista que o filho lhe enfiava goela abaixo.

— Mamá, dê uma volta com Andréia, veja o que acha.

— Eu? Ora, Bento, vá você.

— Ela será a sua motorista, não a minha.

Nada que Bento dissesse com aquela carinha de cachorro que caiu da mudança seria negado. A mãe revirou os olhos rindo um pouquinho por trás dos óculos, deixou um sorriso de orgulho escapar por baixo do sorriso de deboche e pediu que o filho a empurrasse até a entrada, onde o BMW estava encostado.

— Minha mãe não gosta de ajuda para entrar no carro — ele passou a falar comigo quando abriu a porta do carro da mãe. — Então você a deixa se levantar sozinha, só dá um empurrãozinho no final, e espera, bem perto, que ela segure no seu braço.

Achei que Dona Angelina não caminhasse, mas ela caminha. Só não tem firmeza suficiente nas pernas para andar por aí, mas pequenos esforços ela faz.

Fiz como o filho dela me pediu e fiquei perto, apoiei a lombar e empurrei o joelho para dentro do carro e, depois, com ajuda dele, aprendi como fechar a cadeira de rodas portátil ao ponto de fazê-la caber, fechada, dentro do portamalas.

A mãe, por outro lado, só faltava morrer pela falta de decoro do filho. Bento me ensinava como ele fazia, para que eu fosse a substituta dele, mas a mãe morria por dentro só de saber que uma pessoa desconhecida sabia das suas debilidades.

— ... a mim não precisa chamar de senhor, não, só chama ela de senhora

que tá legal.

— Sempre.

— Ó, quer ideia de lugar legal? Leva no Ibira. A mãe gosta daquele parque e tem rua retinha, dá para ir de cadeira de rodas tranquilo.

— Nem pensar — a mãe tinha dificuldade de locomoção, mas surda não era. — Meio Dia almoço com o diretor do MIS, é um evento que tento marcar há semanas, então escolha um lugar mais perto.

— Tem algum café que goste de ir? — perguntei.

A sobrançelha erguida da senhora já me dizia: “o seu”. E a minha sobrançelha baixa já respondia: “não os tenho mais”.

— Falou a língua da minha mãe — Bento sorriu, inocente entre nosso diálogo de sobrançelhas. — Tem o café do SESC Pinheiros, Andréia. A mãe gosta muito de lá e faz tempo que não vai. O que você acha?

— Para mim está perfeito.

— Bom... — ele uniu as duas mãos como se aquele assunto tivesse sido resolvido, roçou uma palma na outra e concluiu. — Vou catar o Audi e voltar para o escritório, porque a maioria dos arquitetos já devem ter chegado, e a gente tem que resolver a questão do Jardim Botânico. Vejo você no jantar?

— Até o jantar.

— Andréia! — falando assim, mais distante da mãe, meio fazendo planos, Bento parecia bem mais que um garoto. — Te ligo.

Nós duas, fosse fogo ou fosse plumas o que rolasse a partir dali, esperamos que ele saísse do jardim e buzinasse um adeus. Eu, nem tão nervosa como era para estar, voltei-me para ela e tentei:

— Pode ser o SESC Pinheiros mesmo, ou a senhora prefere outro lugar?

— Se você for sentar comigo e contar o que está fazendo de motorista, — eu disse ou não disse que ela perdia toda a doçura longe do filho? — qualquer lugar serve.

Ela sabia. Tanto sabia, que se ofendia que lhe enganasse o filho.

— Só quero o emprego de motorista — já fui logo erguendo as mãos para mostrar que não trazia armas.

Fechou a porta do carro para encerrar a discussão e essa mulher só podia ser muito louca ao ponto de querer que uma farsa lhe conduza a um café.

— A questão, Andréia... — retomou quando entrei pelo banco do motorista. — É por quê?

Eu devia ter abandonado o Jardim Europa e voltado para a Paulista só para pegar o meu carro. Devia ter dado uns passos atrás, entendido que o meu

recomeço seria vendendo bolo, que era esse o sorriso de Deus para mim, e ter seguido esse caminho.

Parte de mim queria isso, mas a outra parte queria explicar. Queria conversar com ela, dizer tudo, e esperar que ela me desse uma solução. Queria que me salvasse porque parte de mim está louca para prosperar de novo. Reaver tudo o que consegui a muito custo e muita inovação porque só sou o que sou pelo mundo de coisas que passei. Inclusive ganhar tudo:

Inclusive perder tudo.

A outra parte de mim tá apenas feliz em recomeçar: com bolo, vendendo para mulher, e fazendo amigas.

Então o leitor que me desculpe se eu entrei naquele carro e dirigi até o raio do SESC, se empurrei a cadeira de rodas dela elevador acima, se me sentei diante de um café espresso recebendo saraivada de chumbo grosso da mulher obviamente de negócios, que claramente sabia quem eu era e que claramente não entendia o que cacetes uma mulher como eu fazia enganando o filhinho bem bonitinho que ela tinha.

— Não estou te julgando — ela começou.

— Tá certo — me engana que eu gosto. — O que a senhora quer saber?

— Tudo — fraca das pernas era, mas mulher de negócios quando envelhece ensina as mais jovens cada vez que abre a boca. E a isso eu tinha profundo respeito e muita admiração, mas nem por isso passaria a bancar a boba. — Boatos, minha filha, só servem para diminuir a imagem de uma pessoa. Perguntei de você, anos atrás, e me disseram que você se cansou de tudo e que foi morar numa ilha paradisíaca.

Exatamente o que eu fiz: só que a ilha paradisíaca se chama Freguesia do Ó. Conhece?

— A senhora que me desculpe, mas isso é loucura.

— Eu não estou falando com minha motorista — derramou duas gotinhas de aspartame no café e a antiga eu a recriminaria pelo sacrilégio de estragar espresso com açúcar; só que a nova eu aprendeu, a duras penas, que as pessoas bebem café como bem entendem. Ou não bebem. E ninguém morre por causa disso. — Você foi a única empreendedora honesta que vingou depois do boom de empreendedorismo a todo custo que se alastrou por essa cidade. O que eu me lembro mais são das fofocas das revistas, então você me perdoe se estou um tanto curiosa.

— A senhora sabe muito bem identificar um falastrão — obrigada pelo empreendedor honesto, mas a senhora nunca precisou de ajuda para identificar

empresário que é só gogó.

— Sei. E estou à procura de alguém que me substitua no escritório do meu filho. Por isso até hoje não contratei ninguém.

O coração da Gio não mente. Me disse para vir e eu vim, meu coração não mente. Me disse para dirigir ao SESC e eu dirigi. Sexto sentido de mulher quando decide funcionar é sempre assim.

— É o seguinte, Dona Angelina: — é carta na mesa o que a senhora quer? Então cata o lenço: — Eu montei um Colosso, nem vou chamar de Império porque qualquer varejista com mais de cinquenta funcionários aparece no jornal como Dono de um Império. Eu comecei vendendo sonho, pão doce e café coado até às seis da madrugada, aos dezessete anos, e estendi para um Colosso.

— Sim, disso todo mundo sabe.

— Só que aí eu me apaixonei pelo cara errado e hoje todas as coisas que meu pai me viu erguer e chorou comigo a cada etapa estão no nome dele.

— E você não fez nada?

Tente fazer alguma coisa com um filho no bucho, todos os seus amigos de cara virada, todos os seus sócios apoiando a escolha dele e um contrato (meu, eu fui muito burra) que passava todas as minhas coisas a ele, ou as dele para mim, em caso de traição.

Só que eu nunca o traí. O que aconteceu não dá nem para chamar de sexo.

Vá, Dona Angelina: assine a sua sentença estando cega de amor, pague a pena sendo inocente, e me diga se dá para fazer alguma coisa.

— Eu sinto muitíssimo — ela pareceu chocada. Chocada como as velhinhas beatas aparentam chocadas quando um ateu aparece na sacristia urrando que Deus não existe.

— Não sinta — enfiei na boca o biscoito de arroz que acompanhava o café para não ter que falar e não pude engoli-lo. É para sentir muito, sim, porque essa não é nem metade da missa e eu não vou contá-la por inteiro porque, mesmo depois de sete anos ruminando todos os fatos, ainda não sou capaz de abrir a boca sobre eles.

De alguma forma, viver longe do Ephemera era não ter que reviver, dia e noite e todos os dias que vêm depois, o que aconteceu no último clube que abri.

— Filha, — ela segurou na minha mão, por cima da mesa, como se lesse nos meus olhos a história que não contei — eu sinto muitíssimo.



Uma voz, que já gritou para mim uma vez, gritava de novo: Rebele-se. Contorne a ordem natural, faça a noite virar dia, sorria com tuas pedras na mão e o coração leve. Desfaça-se das suas pedras.

Deus quando sorri faz todas as coisas ganharem vida, não é?

A vida vem de dentro de uma mulher e você é o quê? A vida vem de dentro de uma mulher, mas todos os homens dizem que parto dói sem nunca saber o como. Eles não possuem o milagre e se arrastam pela eternidade inteira caçando o que fazer enquanto nós parimos. Todos os partos doem. Nascer dá trabalho, mas você já sentiu a dor de um renascer?

Tuas pernas estão prontas e chutando, seus braços estão prontos e batendo. Já aprendeu a engatinhar, já aprendeu a andar e até a segurar o choro na alegria e na doença.

Tecnicamente eu já nasci. Tecnicamente, olhando para aquela mulher e aquele café, eu estava pronta para nascer de novo.

— E então, — sorri, limpando a melancolia e os farelos de biscoito da mesa, ainda sem saber muito bem o que fazer — o que me diz?

— Pergunto eu.

— Se não está tomando café com sua motorista, o que é que você tem para mim?

— Eu sou uma mulher que já se aposentou.

— Fico feliz.

— ... e que já está cansada.

— Não cansada o suficiente — já declarei cansaço tantas vezes, que o cansaço não me põe medo. E nem me arregala os olhos. — O que acontece no escritório do seu filho?

— Preciso de alguém que saiba gerir e que me deixe tranquila o suficiente para seguir a primavera por onde ela passar.

— Um sócio para teu filho é coisa para ele escolher.

— Bento, não se engane, é um arquiteto melhor que o pai. Se o pai

começou na escola tradicional, Bento foi além. A assinatura dele está em Praga, em Marrocos, em Dubai, em Brasília. Bento percorre a estrada que o pai pavimentou e já recebeu dois prêmios, aos trinta e cinco anos, que o próprio pai só recebeu aos oitenta. Entende o que eu quero dizer?

— Como todos os chefes de cozinha, ele é ótimo no produto, mas um péssimo administrador.

Ela sorriu ao declarar: *touché*.

— Ele manteve a mesma equipe administrativa e jurídica que o pai dele contratou, há quinze anos, mas a visão do pai dele para os negócios não é a mesma que a dele. O Bento é para frente, revolucionário, inovador. Se precisar, não dorme; e o pai dele baixava as portas às seis horas da tarde estando em dia com o projeto ou não. Vê onde quero chegar?

— Vejo — queimo só de pensar que Bento tem trinta e cinco e é como eu, só com um pouco mais de privilégio e afeto na vida.

— Os arquitetos foram reciclados, trocados, ele se preocupou em procurar um time de arquitetos e paisagistas e o que mais forem que se alinhassem politicamente ao que ele sonha, mas toda a parte administrativa permanece a mesma e agora vira um elefante branco.

— Qual o tamanho do rombo? — se a mulher mal pode me ver e já quer me contratar, sinal que o rombo não está nada bonito.

— Bento não sabe que tem um.

Espera aí: o que foi que ela disse?

— Enquanto sobrar dinheiro para pagar seu pessoal, ele não se preocupará.

— Então alguém tá muito rico às custas do seu filho e ele sequer percebeu.

Dona Angelina não quis me dizer que sim, mas é bem isso o que está acontecendo. Desvio de verba se Bento tiver sorte. Senão, coisa pior.

— Eu não posso descansar enquanto meu filho não souber lidar com tudo.

— Ele sabe lidar com o suficiente — meu pai cuidava do produto, do café, dos doces. Eu cuidava da administração e do fluxo de caixa. No começo o pequeno empresário se vira com tudo e eu valorizo demais um pequeno comerciante que se vira no malabarismo, mas depois de um certo tamanho ele tem que aprender a delegar e focar num só ponto.

Foquei no ponto da administração. Bento focou no produto. E ninguém é melhor que ninguém por focar naquilo que lhe interessa.

— Vou falar com ele — ela me disse, bebendo o resto do seu café já meio frio e eu repeti o gesto compreendendo que aquele era o final da nossa reunião.
— E ele te liga.

— Tudo bem.

— Eu proponho que você faça uma visita, converse com ele, com o departamento financeiro, que entenda como o Bento funciona, e depois decida.

— Conversem-se — declarei. — Depois me liguem.

Deixei Dona Angelina de volta em casa e parti, num Uber que ela chamou, de volta para a Paulista. Não subi para cumprimentar o chefe ou coisa parecida, só me estiquei até o estacionamento, miúda, e puxei o meu carrinho.

Gio, com fornadas prontas, potes prontos, toda descabelada porque pode parecer que fazer bolo é simples, mas fechar cinquenta potes de bolo recheado é trabalho complicado para apenas uma, olhou para mim e a minha roupa de gente rica e arregalou os olhos.

— Coisa boa aconteceu — isso é sexto sentido de amiga, ou já é visão transcendental?

— Não aconteceu nada.

— Nada?

— Ainda não.

— Vai tirar essa roupa que o almoço já vai sair.

Além dos bolos, deu conta do almoço? Explica o cabelo, o pijama, os pés descalços. A primeira coisa que mulher abandona quando tem a vida atarefada é a aparência. A gente não se importa com isso quando tem um milhão de coisas acontecendo, todas ao mesmo tempo.

Voltei para uma roupa normal, camiseta e jeans e cacei por onde continuar o trabalho que ela dava conta. Contei as etiquetas e fui, pote por pote, conferindo o tamanho do bolo, o sabor, e preenchendo os espaços da data de validade.

Você sabe o que me aconteceu. A Gio não sabe, nem Dona Angelina, mas você, que me lê, já entendeu. Eu nunca falei isso em voz alta e boa parte das mulheres como eu nunca falarão, mas você já sacou. A gente sempre deixa pistas. A gente sempre se transforma num passarinho arredio que fecha os olhos para as coisas, e nem sempre tem coragem de subir no palanque e contar, com todas as letras, o que foi que fizeram conosco.

Mas nossas histórias não são segredos. Se perdemos a cor de continuar num emprego, se perdemos a cor de continuar num relacionamento, se nos escondemos e fingimos que está tudo bem enquanto reunimos pedras no lugar da

aorta, e se nós sangramos por todos os poros, você sabe o que rolou. E essa descoberta não vai ser o ponto alto dessa história. Essa descoberta está clara desde a sinopse.

E toda vez que alguém fala que foi vítima, entrega também a cabeça numa bandeja. A minha está a prêmio desde que Amelinha vivia aqui dentro. A minha está a prêmio desde sempre. Anotando a data numa etiqueta de sulfite a minha cabeça só não tinha dono, naquele momento, porque ninguém se interessava de comprar. Mas continuo vítima e é isso o que me dói mais em narrativas como essa.

Toda vez que alguém tem coragem de falar: "Eu fui", vem todo mundo olhar. Vem todo mundo se compadecer, passar a mão na cabeça (isso nos primeiros cinco dias, convenhamos) e depois todos partem para outra, deixam que sare sozinho, deixam que apodreça. Simplesmente deixam.

Há sete anos não contei para ninguém e não vai ser agora que eu vou contar. A gente passa por cima das coisas ou deixa as coisas passarem por cima de nós. Meu emprego de Uber, meu emprego de boleira, eles podem não parecer muita coisa, mas são as coisas que me erguem. São o meu grito de independência a um passado que eu deixo morrer onde ele pertence.

E se “não fiz nada” para reaver o Ephemera é porque parte da minha cura não está nele. Parte da minha chaga escorre em cada centímetro do Colosso que eu criei, o cheiro eu sinto só de passar na frente, a dor eu carrego cada vez que pronuncio seu nome.

Sabe o que Ephemera quer dizer, não é? Isso também vai passar.

O mote que eu carrego no peito é Amélia, o mesmo nome da minha mãe, o meu coração é dela, e como mulher nunca é uma coisa só, mas esse espelho multifacetado que ora quer dizer sim e ora quer dizer jamais, e o pessoal aí de fora quer fazer parecer que somos loucas, meu coração pesa no peito, mas é por Amélia que se mantém batendo e chutando.

E é nisso que eu pensava almoçando em silêncio, a Gio sem entender minha resignação, mais respeitosa que meu ex-marido. No meu próximo passo. No que eu faria pelos meus, pela Gio, e pelo futuro.

Se eu forçar, Dona Angelina me coloca para dentro. E em um ano recupero a vida que tinha. Se me esforçar recupero tudo. Coloco advogados atrás do meu ex, recupero o nome que perdi e vou eu rindo por último, o lança-chamas da mão, apontando para cada empregador que quis rir da minha cara me chamando de burra por ter assinado um contrato de casamento com os termos doentios como o que assinei.

A questão é: Eu quero voltar para essa vida? A questão é: Eu quero encarar Fabrício, deixar que ele descubra que tem uma filha, colocá-la no meio de um jogo de poder, contar a ela que ela não nasceu só de mim? Eu quero que ela veja essa briga por dinheiro, logo eu, a mãe que quase nunca a deixa comprar coisa na rua e que quase nunca a mima com brinquedos?

Logo eu, a mãe que atrasou a compra de sapatos novos só para tentar, em vão, um mês premium num site de empregos?

Sete anos de posses modestas, de cotidiano comum, de idas à Biblioteca, de leituras na hora de dormir, de teatros no SESC jogados fora assim, por brigas judiciais e rasteiras?

— Talvez você não devesse sair para vender bolo hoje — a Gio me leu.

Isso não é sobre o que me aconteceu, sabe? É sobre como vou seguir, com isso posto, daqui para frente. Não é sobre reviver um estupro, você me compreende agora? É sobre como é que vou reagir ao que me fizeram e como vou contar para a minha filha que o pai dela testemunhou a cena e nunca acreditou numa palavra do que eu disse.

Isso é sobre tirar a cabeça da água e respirar ar novo. É totalmente Sobre Respirar Fundo.

— Gio — eu disse a ela, o coração afundado em passados. — Você sabe que faz parte da minha cura, não sabe?

— Mana velha, — ela me respondeu, se sentando para comer comigo — eu sou a sua família. E se você ficar rica e me esquecer, espalho seus podres para qualquer jornal.

— Podres — repeti. — Eu não tenho podres.

— Não, claro que não — imagine que não.

Mas vendi cada bolo daquela bolsa com metade do cérebro preocupado no quando me ligariam. E a outra metade no se me ligariam.



A certeza de que me ligariam era tanta, que eu pensava no que fazer com o orçamento da Gio. Quero dizer, nada, nada, eram quase dois paus para cada uma. E ela tem um bebê chegando, ou seja, dinheiro precisa, e estava até lembrando como é comprar coisas sem ser no cartão do marido ou sem precisar falar com ele antes.

E se eu me desse bem, não poderia deixá-la a ver navios. E também não poderia dar dinheiro, assim, só porque a conheço. Dinheiro dado não é respeitado.

Vai por mim: conheci filhinho de papai suficiente nessa vida para saber do que estou falando. Não é papo de tia-avó que quer dar lição de moral, não. É só aquilo que eu vi acontecer bem na minha frente.

Mas, de todo jeito, esse não foi meu caso, nem o caso do leitor, suponho. Já fui extravagante? Já, mas só com o meu dinheiro. E creio que o leitor também já teve seus rompantes.

De todo jeito, a pauta não era essa. Esperei a ligação pelo resto do dia, vendi meus cinquenta bolinhos gastando muita sola de sapato, comentei com a cabeleireira Vivi que devia ter retocado a raiz àquela manhã, mas não falei o motivo. E só voltei para casa, como de costume, depois de acampar na porta da faculdade até que todos os alunos entrassem em suas devidas aulas e só sobrassem os seguranças, homens cujos nomes já decorei e para quem eu sempre ofereço café sem a intenção de oferecer bolo também.

Um deles é incrivelmente bonito. Bonito daquele jeito que bombeiro e segurança é bonito em capa de livro e calendário beneficente. Bem daquele jeito mesmo. E tem um vozerão carregado de gírias, um porte meio malandro, um jeitão de quem pega e sabe o que tá fazendo que eu vou te dizer, fosse eu uns anos mais nova, já tinha chamado para sair.

Agora, nessa minha nova fase de mãe e celibatária, só fico com pena por ele ser tão lindo e ter que aguentar guriuzinha menor de idade e tudo, todas se roçando no segurança gostosão.

— Eu vou falar pra você, tia — e me chama de tia, ainda. É ou não é para acabar com a autoestima de qualquer uma? Um frio fora de temporada daqueles, todo mundo doido para ir para casa e ele me detonando com um “tia”. — É cada uma que eu passo nessa porta...

— Ai, deve ser tão chato ser lindo, né? — eu rio, os outros seguram comigo e todo mundo bebe um gole do meu café para se esquentar. — Noooooossa, Ed, deve ser muuuuita barra mesmo ser lindo. Vou incluir você na minha oração, ok?

— Eu só quero fazer meu trabalho e ir para casa, tá ligada?

Tô, menino, tô ligada, sim. Virou pai muito cedo, aceitou o trabalho que viesse. Cuida da família do jeito que consegue: dois empregos, este a noite, outro durante o dia, segurança de banco. Já cansei de ver foto do catarrentinho dele, seis meses. A mãe, o leitor pode imaginar, mais gata que qualquer guria de porta de faculdade. Nasceu maquiada, porque ô sobancelha bonita que ela tem.

— Deixa eu tomar meu rumo que tenho filha para dar banho e janta — ele baixou o porta-malas do meu carro e eu ofereci o único bolo que tinha comigo: — Mas ó, é para a sua esposa, tá? Nada de comer e não repartir com ela.

— Brigado, Tia — ele abriu um sorriso quando falei da esposa dele. — É bom que dá uma amaciada nela.

— Ela brigou contigo, foi?

— Não é que ela brigou: — brigou sim. — A gente só não tá bem alinhado.

— Tem um ditado que diz assim, menino: gaguejou, acabou. E você ficou aí cheio de disse-me-disse para explicar. Então dê o bolinho para a sua menina e peça desculpas.

— Tia, eu não tô errado.

— O trabalho do bom marido é pedir desculpa — eu me acabo de rir com ele, cara, é sempre assim. — Seja um bom marido, sim? Faça o que a tia tá te falando.

Se fez, não sei. Bento me ligou assim que estacionei meu carrinho na vaga demarcada do estacionamento do meu prédio.

— Você me disse que era só motorista — uma voz rouca, meio lânguida, meio cansada. Eu só sabia quem era porque tinha salvo o número dele. — Por que é que não me disse que você era dona do Diáfano?

— Já fui dona — o corrigi. — Agora sou motorista.

— Eu admiro sua audácia no Mirante — devo me preocupar? Será que

ele está bêbado? — É ousado, é bonito, é público. É lindo. Meus parabéns, Andréia.

— Obrigada — por economias no uso de energia do prédio, o sensor de presença não mantém a luz da garagem funcionando mais que alguns segundos enquanto não tem ninguém se mexendo. No escuro total, saí do carro um pouco apreensiva porque nunca mais me dei bem com espaços vazios e, sob a luz do sensor que me percebeu, me meti para dentro do elevador.

— Trabalha comigo?

O coração piscou e o sangue parou de circular, mas foi só por um segundo. Com a bolsa vazia de bolo num dos ombros, escorei na parede do elevador (lerdíssimo) e assimilei meu futuro.

— Alô? Você está aí?

— Tô — pigarreei. — Tô, tô sim.

— Você ficou quieta, achei que a ligação tivesse caído.

— Não, tô bem aqui.

— Então aparece aqui amanhã no mesmo horário? Vou cancelar uma reunião às dez, então arruma bastante tempo para conversar comigo?

— ...ok.

— Você não parece muito feliz com isso, não. Eu realmente quero, pelo menos, conversar com a dona do Mirante.

— O Mirante é público, Bento, não é meu.

— Eu sei, eu sei. Não quis dizer que você comprou o Mirante, sei que ele é da cidade, só que o sentimento de posse é outro para os arquitetos.

Lá vai o criativo me encher de poética enquanto tô doida para entrar em casa, dar um cheirinho em filhinha minha e comer alguma coisa.

— Tudo bem, amanhã às nove — cedi.

— Beleza. Então tá, Andréia, até amanhã.

E desliguei. Saltei do elevador aberto e fui direto para a casa da Gio. As crianças todas já comiam bolo, minha gatinha inclusive, os beijos todos melecados de chocolate. Beto, o marido da Gio, olhava para mim com aquela cara de criança pega no flagra e eu entendi logo que a ideia de distribuir bolo para geral era dele.

— Eu falar e burro cagar é a mesma coisa — Gio lamentou, em pé à pia, tirando a mesa.

— Deixa que eu tiro, amor.

Beto pode ser o que for. Até um pouco relaxado com a aparência, até um pouco feinho, mas a gentileza com que ele trata a mulher dele me balança. Não

que eu queira ocupar o posto da Gio, vê se bate na madeira e isola bem, mas é que eu queria que a minha vida de casada tivesse sido assim também.

Ele lambia a tampinha do pote de bolo enquanto se levantava para tirar a mesa do jantar. Os dois meninos, ainda sentados, olhavam o pai e a mãe e sabiam que ali era um lar de amor. Mesmo com um Beto que mais come bola que outra coisa.

— Dé, nem perde seu tempo ficando brava com a menina por causa de bolo, que a culpa é desse aqui, ó — e apontava para o marido.

— É, dona Andréia, a senhora me perdoa, mas a gente tava comemorando — abriu a porta da geladeira dele e lá tinha um bolo para mim também. — Com certeza a senhorita já sabe da boa-nova.

— Só contou para ele agora?

— ... E porque eu estranhei que tá tendo quase todo dia — sorriu meio banana igual sempre e a Gio se escondeu nas mãos. — Eu tô vendo que tá toda de chamego para o meu lado já tem umas semanas e eu tô aqui com meus botões... Caramba, desde quando que não desce pra ela? Essa daqui, quando vai descer, todo mês essa brincadeira sem graça, não me deixa nem encostar nela direito.

— Parabéns, viu, ô, Lerdeza.

— Lerdeza, eu? Essa mulher guardou segredo de mim por três meses!

— Nesse vuco-vuco de criança e bolo de pote, eu meio que esqueci...

— Tá tudo bem, amor — o orgulho e a felicidade sempre maquiavam o Beto melhor. Olhando para o celular ou a televisão o Beto é qualquer cara, mas quando sorri até que fica ajeitado.

— E agora chega, viu? — Gio não falava comigo. — Vou falar para o médico amarrar bem amarrado dessa vez, que não é só mãe o que eu quero ser nessa vida.

Beto fechou a cara, entristecido. Por ele, se a grana não fosse impedimento, teria mais uns cinco.

— Tem nome já? — mudei de assunto.

— Tem não.

— ET — Junior, o mais velho, agora com dez anos, entrou no meio da conversa.

— Não chama o bebê assim, menino.

— E se for menina? — eu ri com a carrancudice da criança.

— Daí vai ter o nome da mãe! — se abria em sorriso querendo uma

irmãzinha. Era o Beto escrito, mesmo. — Se o primeiro filho tem o nome do pai, a primeira filha tem que ter o nome da mãe, ué...

— Faz sentido, viu, ô coisinha — a mãe sorriu.

— Se for menina vai ser Giovana Junior, amor? — o Beto ria.

— Bom, eu vou indo nessa. Amélia! — chamei atenção da menina que raspava o fundinho do pote com a colher. — Pega sua mochila e vamos para casa. Dá tchau para o seu tio e sua tia.

— Mas jááááá?

— Vamos, mocinha, que amanhã o dia começa cedo.

Colocou o pote e a colher na pia (não sem antes lamber tudo o que havia de chocolate nela), pegou a mochila encostada na porta de entrada e deu um beijo melado, um em cada tio, de até amanhã.

— Amanhã o mesmo horário? — a Gio perguntou, fechando a porta de casa.

— Comece a fornada sem mim, que eu vou para a Paulista de novo.

— Acha que vale a pena assar bolo?

— Acho. É melhor um pássaro na mão, que dois voando. Vai fazendo o bolo que eu chego para o almoço.

— Tá, me liga qualquer coisa.

A nossa casa era mais vazia e menos barulhenta que a deles. Passou o dia inteiro fechada, sem movimento de criança, sem sujeira de criança. Éramos só Amélia e eu e, toda vez que ela chegava em casa, ela esfriava. Colocava a mochila no chão, tirava os sapatos e começava a abrir o bocão de sono.

— Banho, mocinha, anda. Que tá cheirando a bode.

— Não tô!

Nove horas da manhã estava eu, de saia lápis de liquidação e camisa de seda, salto alto, cabelo com raiz preta quilométrica, preso em coque, entrando com meu carrinho no Arco do Triunfo. O truque do coque funcionou muito bem porque toda a minha cabeça preta contrastava com o mafuá loiro preso em cima e não ficava feio. Reboquei a cara com só um pouco de corretivo, o velho truque do corretivo e máscara de cílios que te põe linda em cinco minutos, e saí do carro, pronta, fresca e arrumada, cheirando só a um tiquinho de perfume.

Andréia 2.0 não esbanja dinheiro que não tem. E eu ainda tinha que decidir se queria ser a Andréia 2.0 que o Bento queria contratar.

Subi até o décimo andar, anunciei a reunião marcada às nove (tomei a flagrada total de novo, a Top Model insegura, doída de linda, olhando para mim e meu jeito de me vestir como se fosse um crime) e fui indicada para seguir pela

porta sem que Bento me convidasse para entrar.

Olha, estou no celibato porque, depois do que aconteceu, não acho que sexo e eu combinem de novo, mas vou ser bem honesta por umas frases: se o Bento faz de propósito, funciona. A camisa dele não era branca igual aos brancos do comercial de alvejante, era de um branco meio sujo, arregaçadas até os cotovelos de qualquer jeito e por dentro da calça, coisa mais linda de meu Deus, marcando cintura, a forma dos quadris e das coxas.

Eu digo de novo que é para leitor nenhum achar que isso vá dar samba: sexo e eu não combinam mais e já coloquei minha safra de filho no mundo.

Mas é que para olhar não cobra, né?

Não fosse só a roupa, o cabelinho aloirado, os dentes perfeitos, os olhos escuros, a barba feita, o maxilar quadrado, o filho de Deus ainda estava em pé diante da própria bagunça (e eu me recuso a chamar de mesa o suporte de acúmulo de papéis) segurando uma pasta com uma das mãos enquanto a outra balançava uma caneta. Uma pose meio de professor, meio de poeta.

Posso com isso?

Vou ter que poder, porque o sujeito acabou de me chamar para trabalhar com ele. Então uma coisa que eu vou ter nessa vida é que poder.

— Bom dia? — um bom dia meio: tô atrapalhando?

— Ah, bom dia — respondeu um: atrapalhando nada, pode entrar! Colocou a pasta em cima da bagunça e veio com os braços cheios de dedos e mãos para cima de mim.

Eita. O que você tá fazendo, homem? Eita, que ele me abraçou. Eita, quanto contato físico. Precisava disso? Não encaro tranquilamente abraço não-requisitado e tentei, mas não deu. Nem abracei de volta. Alguém precisa ensinar para esse moço o que é espaço privado: limites. Não podia só ter me apertado a mão?

— Desculpa — ufa, tem bom-senso. Se afastava como se eu tivesse gritado: “Parado, Polícia!”. As duas mãos para o alto mostrando que também não trazia armas. — Eu ouvi tanto falar de você que achei que...

Pois achou errado. Tudo vira gatilho. Um pouco mais de dinheiro sobrando eu vou fazer terapia, mas este dia não é hoje e nem será amanhã.

E ninguém garante também que terapia vá me curar.

— Está tudo bem — se vamos trabalhar juntos, parceiro, então deixa eu te mostrar meus limites. — No bom dia de amanhã você não precisa chegar tãããão perto.

— Ok — ele pigarreou meio divertido, sorrindo bonitinho, sem nem um pingo de sem-jeito, todo desenvolvido no campo das relações humanas para não fazer um simples engano descambar para um climão.

— Vamos para a sala ali do lado, a minha é muito bagunçada.

Ciência do próprio relaxo tinha, só não tinha vergonha na cara.

Me colocou sentada na sala organizada e limpinha na frente da dele e fechou a porta pesada de vidro. Sentou-se atrás da mesa e me indicou a cadeira da visita.

— Você quer um café ou uma água?

— Não, não — veja, eu não recuso um café. E se estou recusando o café é porque fiquei muito deslocada com o negócio do abraço. — Tô bem, obrigada.

— Tem certeza?

— É, por enquanto não.

— Ok, então vamos lá: — fez de novo o gesto de unir as mãos e esfregar uma na outra. O jeito dele de iniciar assuntos importantes (ou de terminá-los) vou aprendendo aos poucos. — Andréia, a minha vontade é criar um espaço inspirador para todo mundo, entende? Os arquitetos não têm hora para entrar nem para sair, eles podem chegar aqui seis horas da tarde e virarem a noite em serviço, podem avisar que vão trabalhar de casa, podem sair para trabalhar na Starbucks aqui embaixo, podem trazer os filhos para o serviço (só não os cachorros porque da última vez foi uma latência maldita e ninguém conseguiu trabalhar), mas filho tá ok. Eu quero que aqui seja a extensão da casa do funcionário e está tudo indo muito bem entre os arquitetos.

Entre os arquitetos. Frisou bem.

— Vê se eu tô louco: a gente trabalha de criar. Eu sei que qualquer marketeiro médio usa o mesmo discurso, mas aqui não é assim: a gente tem prazos de um ano, dois anos, a gente não trabalha com prazo curto, então quando entra um projeto novo, eu preciso de um funcionário cabeça-fria e tranquilo para poder criar comigo, entende o que tô falando? Tem plano dentário, plano de saúde, tem creche, tem escola, tem bolsa caso alguém queira estudar, tem tudo. É sério, eu me preocupei com tudo porque consegui unir um puta time. Acabei de contratar um arquiteto haitiano, refugiado, que você tem que ver o trabalho do cara. Tem gente do mundo todo mandando currículo para mim e não posso ser mais feliz que isso. Tô falando do fundo do coração, entende? Tem sapatão, tem travesti e viado, tem música de umbanda e de punk-rock rolando lá embaixo e todo mundo se entende, todo mundo fala a mesma língua, todo mundo se junta e eu amo o meu time.

— Só que... ?

— Me perdoa o palavrão: só que chega na porra do departamento administrativo e a gente tá parado nos anos cinquenta. O Advogado é um bosta, acha que sou retardado, o Diretor Financeiro me trata como uma criança porque me conheceu enquanto criança e não percebeu que quem manda aqui sou eu. A Sônia do RH não abre a boca. Eu falo “a” e ela fala sim, só isso, não dá uma ideia, não me ajuda numa seleção, ela ainda manda arquiteto com doutorado na Sorbonne escrever redação sobre “quais seus planos para o futuro”.

— Putz...

— E nem sei por onde começo a arrumar isso porque não sei contratar gente de expertise diferente da minha, não sei demitir. Para você ter ideia: não consigo dar conta de uma planilha de Excel e não tenho oitenta anos, entende?

— Cadê seu sócio?

— Meu sócio é minha mãe, pô, cê acha que eu quero levar um pepino desses para ela?

— Ela já sabe o que está acontecendo.

— Claro que sim, ela não é besta e eu não escondo nada, mas isso não é coisa para que ela resolva. Não posso demitir todo o departamento administrativo porque não sei o que fazer sem eles, cê tá entendendo o meu problema?

— Tô, pô.

— ... Eu falei para mamã que precisava de alguém que desse ordem no setor e a gente entrevistou um monte de gente, um monte, estamos há pelo menos três anos procurando, mas todo mundo ou era overqualified e a gente ficava com medo de tomar rasteira, ou era underqualified e não está doido de entregar o ouro na mão de um cara desses. Entende?

— Porra, para de falar “entende” — no meu riso estava escrito: se acalma, Bento, tô aqui.

— Mas cê entende ou não? — no riso dele estava escrito: contratada!



Não que o cara fosse beijar minha mão: quero dizer, se eu não tivesse dado o chega-para-lá no abraço, talvez beijasse. Era quase meio dia quando saí da sala dele e só consegui sair porque disse que tinha que vender bolo à tarde.

— Bolo?!

— Meu filho, tá achando que depois de falida a gente escolhe com o que vai trabalhar?!

— Tá vendendo bolo e nem me traz um? — o jeito como sorria. O jeito como não ficava envergonhado diante da saída que consegui para cuidar da vida. O jeito. Todo o jeito. O cara é bonito, o cara é gostoso.

Mas é sempre o jeito.

— Amanhã te trago. Eu vou dar tchau para todos os clientes porque nunca sei o dia de amanhã e não posso simplesmente sumir da vida deles sem dar explicação.

— Amanhã cê não sai na hora do almoço, tá? Então vem preparada.

— Amanhã então já posso vir com secretária e tudo? — a gente não tinha falado nada sobre isso. Eu quem chutei a bola para o gol sem ver onde estavam as traves.

— Eu sou o único que tem secretária.

— Ah, é? — e cadê a dita-cuja que eu nunca vi?

— Ela tá fazendo prova da faculdade, por isso que não está aqui.

— Ahã. Tá. E aí? Posso ou não posso trazer secretária?

— Secretária executiva o salário é seis mil mais benefícios. Não traga uma secretária ou secretário mais caro que isso, que eu não cubro a oferta.

O arrepio que veio da coluna e abraçou minhas costelas não deu para disfarçar. A Gio está grávida, vai vir um bebê. O Beto não vai precisar catar mais horas extras, vai poder curtir o novo integrante. As crianças dela vão poder trocar de escola. Sorri sem saber como agradecer. Quase chorando.

— Vai, Dé, vai vender teu bolo.

E eu nem dei liberdade para ele me chamar assim.

Saí do prédio quase dando pulinhos. Não consegui segurar o choro no elevador. A máscara era à prova d'água, mas o corretivo não tinha garantia.

Sorri o caminho inteiro pensando nisso. Entrei no elevador de casa pensando nisso. Abri a porta do apartamento dela pensando nisso e a vi, mexendo o recheio de doce de leite que a gente mistura uma lata de creme de leite para quebrar o sabor enjoativo no bolo de nozes, com a mesa cheia de potes abertos e esfriando.

— Cacete, que demora! — novamente dona Giovana de pijamas, descalça, descabelada e toda acelerada. — Podia ter avisado que ia demorar tanto, tô toda atrasada, nem coloquei almoço no fogo.

— Esse é o último dia que a gente faz bolo, tá?

A cara. Ela estava torcendo para que eu arrumasse um emprego melhor, mas tinha medo do que a falta de bolos faria ao orçamento dela. Não me disse uma vírgula sobre isso, disse o que o coração dela mandou dizer, não falou nada sobre como ela ficaria caso eu arrumasse outro emprego, mas eu sabia que ela tinha medo.

— O emprego é seu?

Ela não saberia mentir nem se a vida dos filhos corresse perigo.

— É, Gio — sorri, me sentando para fechar os potes e marcar os sabores com as etiquetas de sulfite. — Amanhã começo.

— Será... — pigarreou. — Será que posso ir nos cabeleireiros hoje com você? Porque eu quero continuar vendendo bolos, se você não se importar.

— Me importo, sim.

— Porra, larga de ser egoísta!

— Nem me deu parabéns pelo emprego novo e já tá pensando em fazer bolo sozinha...

— Não, Dé, tô feliz por você, mas eu já sabia que esse emprego seria seu. Só tô preocupada no como é que...

— Gio.

— É que falando assim parece que não tô feliz, mas só tô preocupada, são dois mil a menos no orçamento da minha família e não quero voltar a depender do Beto e dos bicos pingados que eu tinha antes. Vi que dá para viver de vender bolo e tem muito tempo que não compro uma blusa bonita com o meu dinheiro! Não é que eu não tô feliz.

— Gio: quer ser minha secretária?

— Diacho de emprego é esse que você arrumou?

— Não é de motorista.

— Até porque eu nunca vi motorista com secretária.

— É de Diretora Executiva.

— Parece importante.

— E é. Quer ser minha secretária? Só que o salário é diferente.

— Quanto que é?

— É de seis.

— Seis reais a hora? Quanto que dá isso? Quarenta horas semanais vezes seis dá duzentos e... Quarenta? Tô ruim de conta de cabeça.

— Eu não sei quanto dá seis vezes quarenta.

— Deixa eu ver — e puxou o celular da pia da cozinha só para fazer essa conta. — Seis reais vezes quarenta horas semanais dá duzentos e quarenta que nem eu tinha dito, vezes quatro semanas dá... Ai, Dé, eu acho que vou continuar com meus bolinhos.

— Quanto que dá duzentos e quarenta vezes quatro semanas?

— Novecentos e sessenta. A gente tá fazendo mais com bolo e eu não tenho que bater cartão nem me arrumar toda emperiquitada...

— Tá, mas faz aí na sua calculadora: quanto dá seis mil dividido por cento e sessenta horas mensais?

— Deixa eu ver... Trinta e sete e cinquenta.

— Hã: acha que por trinta e sete e cinquenta a hora vale a pena bater cartão e se emperiquitar toda?

— Espera! — olha aí a ficha caindo. — Quando você falou seis... Você estava falando de SEIS MIL?!

Só sorri olhando para ela porque qualquer coisa que eu fosse falar sairia tudo torto. Ela falou “espera” e eu já me lambuzava em aguaceiro. Eu tô saindo da merda, amiga, mas cê tá saindo junto comigo.

Ela desligou o fogo do recheio, tão chorando quanto eu, largou a espátula de silicone e veio me abraçar, nem me via mais, estava também que era só choro.

— Sabe o que isso vai fazer com o futuro dos meus filhos?

Sei, Gio. Porque vai acontecer o mesmo com a minha Amelinha, os nossos filhos vão andar juntos, nós duas andaremos juntas e um dia a gente vai se sentar num restaurante chique, só nós duas, e riremos da quantidade de perrengues que passamos.

Sempre me falaram que atrás de uma mulher de sucesso tem outra. Até o dia em que perdi todo o meu patrimônio sempre achei que isso fosse só uma frase piegas e batida.

Agora sei que é de verdade. E espero que o meu pai, o homem que esteve por trás do meu sucesso até o fim dos seus dias, esteja olhando para a Gi agora e saiba que não ando mais desacompanhada.

— Meu Deus — disse, cortando o choro e limpando os olhos nas mãos.
— O que uma secretária executiva veste?!

— Do jeito que lá é, se você quiser vestir chinelo num pé e bota no outro, acho que tá tudo bem.

Mas tá bom que ela se vestiria assim. Nem eu, que tenho mais cara de pau, me vestiria.

Não falou de outra coisa, como uma noiva que planeja seu casamento, enquanto fechávamos os potes e preparávamos o almoço.

— Posso perguntar uma coisa, Dé?

— O que foi?

— Se o salário da secretária é de seis, quanto é o salário da Diretora?

— Não sei.

— Como é?

— Não negociamos valores.

De tarde, levei a Gio comigo só para ela conhecer as bocas que comiam seus bolos. As cabeleireiras da dona Vivi deram manicure grátis a ela, unhas feitas para começar no novo serviço, disseram, todas elogiando o bolo, todas comendo e conversando.

Foi quase a mesma coisa em todos os salões do bairro. Uma despedida alegre, votos de sucesso, comentários entristecidos de que não haveria mais bolo por um tempo, e pedidos da receita.

— Não adianta essa mulherada ter a receita — a Gio disse, depois que briguei com ela dizendo que segredo industrial não se compartilha. — Elas não são eu. Não têm a minha mão, nem meu bom senso, nem o meu gosto pessoal. Pode até ser que os bolos delas fiquem gostosos, mas como os meus... Esqueça.

Eu devia ter dito isso quando a Forbes veio me perguntar qual era o segredo para abrir vinte e dois estabelecimentos em tão poucos anos. Muito melhor e mais simpático do que dizer que segredo industrial e senha de banco a gente não espalha por aí.

Mas o que doeu mesmo foi dar tchau para os seguranças. A Gio não foi comigo para a porta da faculdade porque uma de nós tinha que pegar as crianças na escola. O segurança capa de calendário beneficente me deu um abraço não-requisitado e eu só não entrei em pânico porque fiquei me convencendo de que era abraço de tchau, não era abraço de maldade, nem querendo outras coisas.

— Poxa, tia — ele coçou o nariz e enfiou a mão no bolso. — Que bom, mas que merda.

— Calma, menino. Eu ainda vou passar aqui para saber como é que anda teu catarrento.

— Vai nada. Depois que virar grã-fina vai esquecer da ralé.

— Me passa seu telefone — grã-fina, ele disse. E eu lembrei de uma senhora que, depois de saber quem eu era, ficou sem motorista.

— Osh, pra quê?

— Você sabe dirigir?

— Só não tenho carro, mas sei. No curso de segurança que eu tô fazendo tem o módulo de direção ofensiva, só não vou fazer porque tô meio zoadado de grana.

— Pois dê um jeito e faça.

— Ish, Tia.

— É sério, menino. Faz das tripas coração, mas faz esse módulo e me dá seu telefone.

Anotei no celular e dei um tchau para ele, um tchau meio distante porque fiquei com medo que ele viesse com aqueles braços enormes para cima de mim.

Entrei no andar de casa e estranhei o silêncio. As crianças comendo quietas, sem bolo, os adultos trancados no banheiro. Porra, não era dia de festa? Só quando tem bebê a caminho é que é dia de festa? Quando tem bonança, não?

— Tá tudo bem com seu pai e sua mãe, Junior?

— A mãe falou do emprego novo e o pai ficou triste.

Que ótimo. Mais um babaca que tem medo de fazer menos dinheiro que a esposa. É aquela coisa: você vê o cônjuge da sua melhor amiga fazendo merda e já quer que eles se separem. Eu sempre achei o Beto meio machistão, meio babaca, mas a gente sabe que não pode falar muito porque não é a nossa boca que ele beija, nem a nós quem faz feliz. Mas que dá vontade de meter um chutão na bunda, dá. E como dá.

— Sobrou comida para mim? — perguntei para a minha

Amelinha que sentia o clima esquisito, mas que não falava nada.

— Tem na panela, Tia — Júnior respondeu quando minha Amelinha disse que não sabia.

— Posso sentar na mesa com vocês?

Ninguém se opôs e foi isso o que fiz. O Júnior se levantou para pegar garfo para mim, colocou do lado da Amélia me mostrando onde me sentaria e agradeceu, perguntando se ele queria mais suco, se o Bruno queria mais suco e me

contentei em comer.

Quando o casal saiu do banheiro que eu entendi que eles não brigavam. Giovana de bochechas vermelhas e o Beto com um sorriso babaca. Maldades que só os adultos percebem. Alisou a frente da blusa, sem perceber que todos à mesa olhavam para ela e o Beto veio, todo cheio de mãos e bocas, querendo vir me dar um beijo.

— Cumprimenta com um braço de distância da coleguinha — eu não sei o que aconteceu naquele banheiro e não faço ideia de onde cada um deles esteve com a boca ou as mãos. — Você daí e eu daqui, Roberto.

— Mas é cada frescura... — Beto abriu as panelas em cima do fogão para jantar e se sentou ao lado do filho menor.

A Gio me evitou porque sabia que eu estava rindo. Repetiu o gesto do marido e se sentou na última cadeira vaga.

— Você precisa parar de meiar comida na minha casa — falou o grosso.

— Beto, mas o que é isso? — a Gio mesmo quem o reprimou.

— Um dia desses, só para variar, vamos todos comer na sua casa.

— Só vir — ele puxava a faca assim porque estava feliz. E era besta o bastante de começar brincadeira parecendo que era outra coisa. Eu, que percebi em tempo, nem liguei. A Gio fez a maior cara feia. — Cozinheiro pra você e seus rebentos, senhor Roberto.

— Mas a Gio não vai te ajudar. Só você. Aí ele dificultou e muito a minha vida.

— Me diz... Como uma mulher de trinta anos não sabe cozinhar?

— MAS VOCÊ NÃO FRITA UMA PORRA DUM OVO! — saiu “porra” da boca da Gio e Júnior se revirava de rir. — Tá falando de quê, hein, ô? Se não sou eu deixar sua marmita pronta de noite, você passa fome!

— Amor, — e fala todo manso porque ele até é besta, mas não come merda — eu só tô brincando...

— Ah, — olhou para os meninos, pensou no “porra” que já tinha dito e trocou o insulto — vá pra baixa da égua!

— ... mas se você ainda quer meiar minha janta, Beto, vamos lá, sábado eu cozinheiro.

— Dé, ignora esse Filho de Cristo.

— Não, agora eu faço questão. Sábado, para comemorar essa maré de azar que resolveu dar trégua, vamos todos lá para casa que eu vou fazer, frisa bem, fazer pizza.

— O disco, depois de pronto, é só tacar recheio.

— Roberto, olha bem para a minha cara de quem trapaça. Não vou comprar o disco pronto. Se tô falando que vou fazer é porque vou. Ô, homem!

— Homem só é bom mesmo por causa do ... — e a Gio segurou a língua de novo.

— Obrigado, Dé — ele sorriu, felizão de ver, os olhos do homem chegavam a brilhar. A Gio contou do novo emprego. — De verdade. Obrigado.

— Só cuida bem dela que pra mim tá tudo certo.

— Missão dada é missão cumprida.

— Pois tá fazendo um servicinho bem meia-boca, viu, Seu Roberto?

— Tô, é, Dona Giovana? — ele deu um beijo no rosto dela e eu, de espectadora, sorri que nem tonta.

— Um serviço bem três estrelas — ela devolveu o beijo.

— Três estrelas?

— Três e um quarto porque tô generosa.

Rapaz, eu gosto deles.

Amélia, mal acostumada que só, raspou o prato e já perguntou: “Cadê meu bolo?”. Se está mal acostumada é porque tem gente responsável por isso. Depois, enquanto os meninos comiam, a gente teve que explicar que não era mais sempre que teria bolo porque a gente tinha trocado de emprego e a única coisa que ouvimos em resposta foi:

— AAAHHHHHHHHHHHHH...

Que é que importava a crianças com menos de dez anos se as mães fariam um real ou um milhão? O negócio é que tinha bolo e agora não vai ter mais. Ri com o bichão fingido da minha Amelinha, com o choro teatral do Bruno e o “O que eu fiz pra Deus?” que o Júnior sacou na mesma hora.

— MAS FAZ BOLO SÓ PRA GENTCHIIIIIIII...

Foi debaixo desse protesto muito do legítimo que eu puxei minha gatinha para casa e me despedi deles:

— Ei! — o Beto disse, com metade da porta da própria casa já encostada. — Obrigado, Andréia. De coração.

— Vocês merecem — sorri tomando a mochilinha da minha menina das mãos dele.

— Eu espero que você seja feliz o tanto como está fazendo a gente feliz. Desde o negócio do bolo que a Gio tá outra. Pode parecer besteira, mas eu conheço a minha mulher.

— Vocês merecem — repeti o que já tinha dito só porque desacostumei a receber elogios.

— É, Andréia, mas você também merece.

Ele fechou a porta da própria casa e fiquei encarando a tinta óleo branca sem saber o que dizer. Quer dizer, é óbvio que mereço ser feliz, porra, todo mundo merece.

Mas por que quando ele disse me tocou tanto?



Foi só depois que ocupei a sala organizada e limpinha de frente para a de Bento que entendi qual era o trabalho. Ele, todo educado e preocupado, me mostrou a sala, indicou a mesa da Gio do lado de fora, no minisaguão, disse que a gente poderia fazer a alteração que quisesse nos ambientes de trabalho, se preocupou em dizer que a equipe de TI já tinha configurado os computadores, tanto o dela como o meu, que nossas chaves de acesso à VPN já tinham sido liberadas e que, se quiséssemos, poderíamos levar nossos celulares para a equipe de TI configurar o WIFI.

Tudo coisa para algum assessor dele fazer, não ele. Tudo coisa que era até para a secretária fazer. E ele ali, indicando banheiros, mostrando andares, se exibindo um pouco com o andar dos arquitetos e demais criativos, apresentando todo mundo para mim, me apresentando a todo mundo. Disse que não teria reunião para apresentações porque acha que reuniões são perdas de tempo, mas que já tinha avisado no e-mail de todo mundo que eu era a nova Diretora Executiva.

Bem-vinda à casa eu fui, não posso negar. O Bento não sossegou até que eu soubesse pelo menos me locomover dentro dos quatro andares que eram dele e discar o telefone do café.

— Não é que uma moça venha trazer café para você, veja bem, todo mundo aqui tem perna, até eu, mas se você ligar para ela, ela prepara um café e alguma coisa de comer. Daí é só descer e pegar.

— Gostei disso.

— . — ele sorriu. Aquele ambiente respeitoso era a menina dos olhos dele. Aprendi que todo mundo tira seu próprio lixo e limpa a própria mesa. A moça da limpeza só se preocupa com os espaços em comum.

Pensei em perguntar se era por isso que a mesa dele era aquela zona, mas fiquei quieta. Muito cedo para piadinhas.

— Bom, olha, o Diretor Financeiro pediu uma reunião com você e como você ainda não tinha e-mail na empresa, marquei sua reunião. Então o corpo

administrativo está te esperando às onze horas lá na sala de reunião deles, tá?

Um presidente que agenda reuniões para sua diretora. O Bento não sabe como mandar no próprio negócio. Será que é esse o espaço que ele quer que eu ocupe, o de mandar em todo mundo, ou será que ele só não sabe como agir de outro jeito? Empresa familiar cresce sempre com o patriarca na cadeira maior e os filhinhos obedientes. Será que o Bento não sabe que agora a cadeira maior é a dele?

Primeiro dia numa empresa nova não é para tomar decisão, é só para observar a velocidade em que o barco navega para poder pular para dentro.

Sorri aceitando a reunião das onze horas com um mau pressentimento. A Gio olhava de mim para o computador e não sabia como pedir socorro. O software de gestão de tempo que a secretária do Bento usa era esquisito e em inglês. Eu sei inglês e não me entendi bem com aquele troço.

— Vou falar para alguém do TI vir aqui te ensinar enquanto a Andréia tá na reunião, esquentar não, que daqui a pouco você tá tão boa quanto a Carol.

— Tô começando a achar que essa Carol é uma entidade mística que você evoca quando tá perdido.

— Ela existe — Bento sorria e revirava os olhos para o meu deboche. — Só tá em provas, já te falei.

— E que raio de faculdade essa menina faz?

— Medicina — sorriu como se Carol fosse filha dele. — Filha do Jardineiro da minha mãe, nunca vi mais esforçada, pegou USP e tudo. Vem aqui me ajudar, seis horas todos os dias.

— Medicina deve ser puxado.

— Por isso que ela não está aqui — e fez cara feia como se eu tivesse falado que Carol era filha bastarda da mãe dele.

— Depois disso, — eu sorri, olhando o relógio — até vou parar de chamar Carol de entidade, tá?

— Ela é legal, você vai ver.

Deve ser um puta mulherão. A filha do Jardineiro vai virar médica, pô, só isso já faz a gente arregalar os olhos.

— Bom, vou lá — aponte para o relógio. — Décimo quarto andar, né?

— Décimo primeiro — me corrigiu. — Leva o computador.

O chefe mandou, levei. Apertei o botão do décimo primeiro andar, imediatamente acima do nosso, atravessei o corredor escuro com identificações nas portas e achei a sala de reuniões. Até a decoração destoava do resto. Todos os outros andares eram de vidro e abertos, se haviam salas, como o caso do

andar do Bento, eram paredes de vidro. Ali, não. Baías de plástico, made in repartição pública, carpetes em tudo, um fax (e você leu certo: eu disse FAX) na mesa de uma secretária que mal ergueu os olhos do computador desktop e monitor de tubo.

Entrei na sala de reuniões e não havia ninguém. Bento falou onze horas e eu estava lá, pontual mais que um relógio. O negócio era para ser rápido, para eles me passarem a cartilha de como trabalham, eu bater na tecla que 2018 não é 1918, eles reclamarem, relincharem, e nós começarmos a briga do velho contra o novo.

Só que bateu onze e vinte e ninguém veio. Onze e meia. Quinze para o meio dia apareceu todo mundo. Um homem de uns quarenta, cinquenta anos, uma mulher na mesma faixa etária a julgar pelos cabelos ruivos e muito desidratados, e um homem não muito mais velho que eu.

A mensagem era clara: você espera por nós, o nosso tempo é precioso, não o seu. Nós somos o departamento, você é a intrusa. Recebi a mensagem com um sorriso no rosto. De fato, eu sou a intrusa, mas só porque eles estão fazendo um serviço de merda.

Solene como nunca fui, mais classuda que no tempo em que tinha dinheiro, me ergui, apertei a mão de todo mundo, aprendi seus nomes, falei o meu, todo mundo repetiu para fixar mesmo que já tivessem recebido o e-mail de nova colaboradora e me indicaram onde eu sentaria como se eu também tivesse acabado de chegar.

Isso mesmo: eu não poderia escolher uma cadeira entre as dez cadeiras ao redor da mesa oval, eles me indicaram onde eu sentaria, tudo mandando uma mensagem clara de que eles é quem mandam, eu, que era a novata, deveria me sujeitar ao que eles queriam.

Como se ser Diretora Executiva (que nem tinha assinado contrato ainda, nem tinha assinado carteira, nem tinha salário fixado) fosse menor que Diretor Financeiro ou Diretora de Relações Humanas ou... Qualquer outra alcunha que tenha o outro cara que se sentou longe de mim e próximo dos demais.

— No nosso departamento mulheres usam saia — o mais velho disse para mim, querendo mijar em tudo e mostrar quem manda.

— Que “nosso departamento”?

— O financeiro — a diretora do RH foi quem disse.

— Mas eu sou do Departamento Executivo. Não tenho nada a ver com o financeiro.

— A Sônia do RH também usa — disse o mais novo.

O mais velho olhou para mim, me colocando não no lugar de diretora, mas no meu lugar, o de mulher. Que era efetivamente abaixo do dele, por isso o “nosso departamento” era o financeiro. Eles nem levavam em conta que Sônia era uma diretora. E para o cara mais novo tudo bem ter o mais velho como mentor.

— Não temos Dress Code neste escritório — retomei.

— Como você quiser, Gracinha.

Não era Andréia. Era Gracinha. Respirei fundo, sabendo que isso vai ser uma dor de cabeça do cão e continuei. Eles armaram a reunião, mas não tinham pauta.

— Bom, vamos ao que interessa — disse o alfa da matilha.

O diretor Financeiro começou espalhando ordens. Ele disse para a Sônia do RH como fazer seu trabalho e deixou que o Leo do jurídico (o outro cara) a tratasse como uma aposentada que vai pedir empréstimos ao banco. Tinham uma demissão com processo trabalhista, ex-secretária do Diretor Financeiro. A Sônia queria só pagar a indenização e tocar o barco, mas os dois homens na mesa queriam tocar o processo, feito loucos, como se ela fosse uma doida por dar a César o que era de César.

E tinha também o clássico:

— Sônia, anote aí para me lembrar depois.

Usavam a outra diretora de secretária. A merda do tempo todo.

— Sônia, não esqueça de pedir mais carga para o meu toner.

Sônia, casada e de cabelos ruivos malcuidados, me enviou um longo olhar triste e cansado. Não é que ela fosse um mau profissional como Bento achava que fosse: mas você concorda que com dois colegas de trabalho tão bostas como esses fica difícil até de fazer o mínimo necessário?

E a coitada da Sônia do RH anotava. Anotou para fazer relatório a droga da reunião inteira e esperei, pacientemente, que os meninos terminassem suas demandas para que o jogo dos adultos comesçassem.

Perguntei qual o faturamento do ano passado e ouvi do diretor Financeiro “Deixe isso para depois, temos questões mais importantes”. E as questões mais importantes eram (Eu falei de que departamento que ele era?) suprimentos de escritório e o como Sônia tinha que gerir seu tempo para conseguir encaixar compras de escritório no meio do seu dia como Diretora de Recursos Humanos.

Eles falavam do como ela devia trabalhar o tempo inteiro. O tal do Leo, do jurídico, ainda reclamava do quanto ela demorava para anotar. A Coitada da Sônia, que provavelmente não começou a trabalhar naquele antro ontem, deve

ter se cansado de bater de frente e só ficava quieta. Seguia timidamente fazendo o seu e o dos outros.

O cúmulo foi quando o cara do financeiro virou para ela e disse:

— Quanto do fluxo de caixa temos para o mês que vem?

— Sério, cara, que porra que você faz aqui? — se o cara do financeiro não sabe quanto de dinheiro a empresa tem, qual o trabalho dele?! Eu não aguentei. Veja, já era uma hora da tarde e ele só apertando a Sônia até que ela cedesse e acenasse vestida em sua saia porque as mulheres do departamento financeiro (vulgo: SÓ ELA, do RH) usavam saias.

— Licença — ele ainda virou aquele nariz adunco e nojento para mim. — Não falei com você.

— Bom, — ele queria me ver perder a linha — já que os senhores não fazem questão de manter uma relação de simbiose com o departamento executivo, — e frisei bem que executivo é diferente de financeiro, ou seja, eu não estava debaixo da aba dele — vos digo: tenham todos um bom dia.

— Nós ainda não acabamos.

— Não estou aqui para fazer lista de mercado, meu senhor.

— Estamos só aquecendo — e fez a mãozinha de “ah, não ligue para isso, estamos só começando”. — Sente-se, Gracinha.

— Eu quero saber o faturamento do ano passado desde meio dia. E já é uma hora da tarde. São coisas básicas, meu senhor. Eu preciso de três coisas de você: faturamento, investimentos e previsões para o bimestre seguinte. É só isso. Você, que é diretor, tem esses dados na manga, não tem? Para que tanta demora? É só dizer e vou embora, vou cuidar do meu almoço e vocês fiquem aí nessa punhetação de papelaria.

— Andréia, olha... — Leo suspirou como se ser razoável com a novata lhe doesse muito.

— Deixa, Leo, você sabe que as mulheres não são boas todos os dias do mês.

MAS COMO É QUE É?

— Na minha mesa — respondi, me levantando. — Até às três horas da tarde.

— Não é assim que as coisas funcionam por aqui, Gracinha — e o mais velho continuava com seu mau hábito de cão velho.

— Me chama de Gracinha mais uma vez que eu registro uma queixa formal contra você.

— É mesmo? — eu nunca estudei comportamento nem posição corporal

como a maioria dos meus amigos CEO e empresários estudaram, mas aquela pose era clara. Ele abriu as pernas por baixo da mesa e escorregou o quadril para a ponta do assento, como se colocasse o pau na mesa, claramente me dizendo “me chupe, eu sou quem manda aqui”. — Você vai registrar essa queixa a quem?

A Sônia do RH mal ergueu os olhos da ata da reunião. Ninguém vai registrar a queixa porque o chefe não vai deixar. E ninguém do financeiro age sem que ele deixe.

A vontade que eu tinha era a de pular no pescoço dele. O coração batia no ouvido, juro para você, em todos esses anos nunca peguei um diretor tão mal educado. Lidei com gente boa? Lidei, óbvio, mas pense no mar de merda que tive que lidar e pense que aquele era simplesmente o pior, digo com convicção, o pior diretor, não, a pior pessoa que já cruzei dentro de empresas.

Então tive um estalo de gênio. É nessas horas que eu me amo. Aquele cara não sabe. Simples assim. Ele não tem o menor controle do dinheiro que entra e do dinheiro que sai. Ele tem todo mundo debaixo da unha porque assim ninguém se preocupa com o que ele não está fazendo.

Mas será que o Bento é tão burro assim, meu Pai? Entrega as finanças de mão beijada a um cara e nunca pergunta nada a respeito delas? Porra, esse cara tem tanto dinheiro ao ponto do tanto faz??

Pior: Dona Angelina já sabia dessa há muito mais tempo. Não foi rápido o jeito como ela me reconheceu e me contratou? Não foi, tipo... Rápido demais? Dona Angelina sabe. Só não pode catar na mão do filhinho e ensinar o Be-a-bá mercadológico.

Mas, Angelina, a senhora tem cacife para bancar falência?

— Você não sabe — e, com o trunfo na mão, taquei na cara. Com gosto. Se é pecado tacar as coisas na cara do irmão do lado, então me manda para o inferno, porque eu adorei fazer isso.

O Leo do jurídico e a Sônia do RH soltaram-se do cabresto verbal que o diretor do departamento os mantinha. É claro que ele sabe, pô, esse daí é o cara, eles falavam, sabe gerir essa empresa desde que o pai do Bento era vivo, é lógico que ele sabe, ele sabe tudo!

Mas daí o queixo do cara que sabe tudo tremeu e não tem manual de comportamento que me diga o contrário. O queixo papudo e sem barba fraquejou e eu entendi o diretor, o departamento e as finanças: problemas de autoestima misturados com litros de tesão pelo controle.

Ele não sabe o faturamento anual da própria empresa e estava tão acostumado a não ser questionado, que não sabia sequer mentir.

Sorri. É xeque-mate isso daí. Ele resmungou alguma coisa misógina e rude, mas eu fiz que não ouvi. Fui direto para a sala do Bento, um andar abaixo. O coitado comia yakisoba em cima um esboço de planta predial enquanto o seu diretor mandava as mulheres de seu departamento usarem saias.

— Acabei de perguntar ao seu diretor financeiro qual o faturamento bruto do ano passado.

Usando fones de ouvidos enquanto comia, enquanto desenhava, totalmente imerso em seu processo criativo, Bento não entendeu lhufas do que lhe disse. Repeti. E para ele isso não fez o menor sentido.

— E daí? O que ele disse?

— Nada.

— Como assim, nada?

— Ele não sabe.

— Mas é óbvio que o Pedro sabe.

Pedro: então o nome do bosta é Pedro.

— ... onde estão os relatórios que ele te entrega?

— O Pedro me salva dos detalhes.

— Amor, — ou era “amor”, ou ladeira. Preferi o menos pior. Respirei fundo, um mínimo de paciência e muita vontade de quebrar a cara daquele sujeito. — Presta atenção na mãe: ele te enrola.

— O Pedro? Ele trabalhou com o meu pai, pô, é óbvio que ele sabe de todas as finanças. Eu reclamo porque ele me trata como um idiota, mas espera lá, Andréia, não quer dizer que ele seja um inútil.

E, como quem tem cu tem medo, Pedro vinha logo atrás, todo encolhido, parecia outro. Ombros humildes, as sobrancelhas, que segundos antes eram só soberba e arrogância, agora pareciam sobrancelhas de cachorro com fome.

Só o queixo é que ainda tremia.

— Peça os relatórios você mesmo, então.

— Pedro, por favor, os relatórios do faturamento.

— Claro — Pedrinho engoliu em seco. — Para mês que vem?

— Não, para agora. Andréia precisa deles.

A graça de ver um mau profissional gaguejar. Se enroscar, se perder. Ficava uma graça assim, dobrado, carma instantâneo é foda, tentando se justificar, tentando se redimir, tentando esconder o que eu descobri em cinco minutos.

— Pedro, — Bento parecia descrente no que via — cadê o meu dinheiro?

— Está bem guardado, filho — olha aí a pegadinha: Pedro chama o chefe

de filho para manter um grau de proximidade com o pai do Bento, não com Bento. Porque se Pedro chama o chefe de filho, Bento automaticamente não tem mais vantagem hierárquica.

— E meus investimentos? Eu te mandei uma lista no começo do ano passado e você me disse que tinha injetado dinheiro onde era mais estável.

— E o fiz, filho — o desespero faz o homem ser redundante.

Pedro tentando explicar para um empresário com mais de vinte arquitetos debaixo de seu mando, que a poupança era um bom investimento. Que os rendimentos anuais eram bons o bastante para quem tem muito dinheiro.

— Mas desde ano passado quem tem mais de cinquenta mil na poupança tem que pagar taxa — falei.

— É? — o Diretor financeiro sequer disso sabia. E usava palavras bonitas e ultrapassadas para explicar que não trabalha.

— Eu não acredito que você largou meu dinheiro na poupança.

Para você ver o grau da coisa: até o Bento sabia que investir na poupança era um mau negócio. Só o diretor financeiro é que achou uma boa ideia.

Bento não entendia. Ficava vermelho e incrédulo. O cara do financeiro tinha carta branca para fazer tudo (e eu digo tudo porque o Bento só queria saber de desenhar prédio e monumento, mal olhava para as próprias contas, então se aparecesse um elefante branco falando para gastar meio milhão em salsinha porque isso lhe renderia um lucro mensal de dez por cento, ele o faria só para não ter que olhar duas vezes para a cara da burocracia).

— Eu disse para você contratar uma empresa de investimento — vermelho e decepcionado. Não falava alto, não ofendia. Bento bravo e discutindo com um homem que tinha idade para ser seu pai.

Demorei bem menos para entender a relação de trabalho que minguava ali: ninguém respeita o chefe parte porque o chefe não dá a mínima para o serviço. Por isso que o décimo primeiro andar era o domínio de um Pedro. Porque o Bento não estava nem aí desde que ninguém o impedisse de desenhar por falta de dinheiro.

E, se o próprio dono não dava à mínima, por que é que o diretor daria?

E foi assim que um Diretor Financeiro trabalhou por anos sem nunca nem abrir uma planilha de Excel.

— Você pode ir — Bento disse quando se cansou de ouvir desculpas e Pedro saiu sem olhar para mim, o rabinho entre as pernas, e a certeza de que seria demitido.

— Se ele não for demitido, demito-me eu.

Bento olhou para mim com uma cara de: e você vai viver de vender bolo?

— Eu nasci na merda, Bento. Não é um escritório chique que me deslumbra. Volto para o bolo e com muito orgulho porque é um trabalho digno, honesto e que só me rendeu amizades. Dois minutos aqui e já tenho três que me detestam. Então você não me olha assim com essa cara, que aí sim é que eu me demito mesmo.

— Acha que eu ligo para o que você vende? Meu pai era pedreiro, Andréia, tá me confundindo com outro cara.

— Então não me olha com essa cara de deboche, não — é verdade: eu estava puta.

— Não é deboche.

— O que é então, porra?

— Você tá aqui tem menos de cinco horas e já demitiu meu Diretor.

— Ele tá demitido, então?

— E como que mantenho um cara desses na empresa?

— Ótimo, porque o Leo do jurídico tá demitido também.

— Quê?

— E prepare-se para perder um processo trabalhista gigantesco por discriminação de gênero, viu? Que você merece e deve isso a ela.

— Ela quem?

— Sônia do RH. Esse merda que saiu daqui a obriga a usar saias e a trata como se fosse secretária.

— ... mas nós não temos Dress Code. E ninguém aqui tem secretária.

— Você não tem Dress Code. Aquele bosta é quem manda na sua empresa enquanto você se diverte com AC/DC e brinca de desenhar.



Não tô falando que ela fez de maldade, ninguém contrata ninguém na intenção de fazer mal, não é isso. Mas se ela acha que vai pagar barato por mim só porque eu vendia bolo até ontem, ela que me perdoasse, mas estava enganada.

Porque para tirar o filho dela do buraco que ele se enfiou vai precisar de muito mais que um punhado de farinha e ovos. Vai precisar desenhar o projeto, as perspectivas, tudo de novo. Vai, tipo, ter que começar a empresa dele do zero. Como trocar pneu com o carro andando. E, se tem um mecânico que faça isso, pode apostar: vai sair caro.

Entrei quando fui anunciada. Disseram que a Dona Angelina estava ao telefone e que logo me receberia. Fui encaminhada para o jardim onde já a encontrei uma vez e não me sentei só para não perder o calor do momento.

— Você não quer uma administradora, você quer alguém que pegue na mãozinha do seu filho e o ensine a trabalhar — falei assim que a encontrei.

— Eu esperava que você demorasse mais que um mês para perceber isso. Mas só se eu fosse o Bento!

— O trabalho é duro — ela retomou, alisando a saia dourada que não ficava nem exagerada, nem saída de uma fantasia besta, mas ficava perfeita o bastante para o gosto fashion que possuía.

— Você disse para eu visitar e sondar os negócios, ver como as coisas são, mas acho que já vi o suficiente.

— E qual o veredito?

Falei meu preço e quase matei a velha. Ela pensou que só porque eu vendia o almoço para comprar a janta me venderia barato? O leitor não viu como era o Diretor Financeiro? Como era o Diretor do Jurídico? Não entendeu que as coisas funcionavam muito erradas ali e que o Bento vai falir se não fizerem alguma coisa?

Joguei um valor alto. Altíssimo. Mas eu sabia que ela renegociaria, jogaria o valor lá embaixo, discutiria todos os meus anos off- market. Eu não

comecei a negociar ontem, então não pense o leitor que tô cuspiendo para cima, que sei muito bem o que estou fazendo.

Porque, acredite, reestruturar um negócio é bem diferente de montá-lo. E essa responsabilidade vai cair na minha mão, o Bento vai ficar lá desenhando e ganhando prêmio, eu é quem vou azeitar as engrenagens e fazer tudo funcionar.

Pessoal sempre fala que não é questão de dinheiro. Nunca é pelo dinheiro, já reparou? É a primeira coisa que a pessoa diz numa discussão. Não é pelo dinheiro, é pelo X, pelo Y, pelo Z. Fico pensando se essas pessoas vivem de luz. Se elas vestem seus filhos só com a bênção de Deus e sorriem para o cara que vem cobrar o aluguel.

Vou te falar: dinheiro é poder. E se você é o cara que tem mais dinheiro na mesa, então é você quem pode falar mais alto. Já vi isso acontecer. Olha o Pedro! O cara era do financeiro, me deixou plantada por quarenta e cinco minutos e quis me fazer anotar lista de mercado! Dinheiro é poder. E quem fala que não é pelo dinheiro não sabe o que é passar fome.

Já me chamaram de gananciosa um milhão de vezes na vida, não ligo. Meus bolos custavam cinco reais cada potinho porque o preço do material, por pote, saía a um real. Dois reais para investir na próxima fornada, um real para mim, um real para a Gio. Era esse o nosso preço e cinco reais por um bolo de pote, cheio de recheio, nessa cidade de São Paulo onde o preço do ovo já vem inflado, é mais do que o suficiente.

Agora veja: fui a empreendedora mais honesta da década passada. Abri vinte e dois estabelecimentos em menos de dez anos e só saí do radar porque me passaram a perna, não é que eu fali. Não é que eu não saiba gerir meus negócios. Sei e sei muito bem.

E é por isso também que eu acabei virando Uber nessa cidade. Porque ninguém quis pagar cinquenta mil por uma mulher que perdeu tudo por trair o marido. Ninguém quis pagar nem dez mil.

— Cinco por cento de participação nos lucros — Dona Angelina não questionou o meu salário como Diretora Executiva, só os lucros. — E depósito em doze meses.

— Tudo bem para mim — porra, ela aceitou os cinquenta mil??!

Discursei tudo isso à toa?! Agora foi a velha quem quase me matou.

— Meu advogado vai te mandar o contrato. Acredito que você já tenha um e-mail do escritório.

— Tenho, só que ainda não sei qual é.

— Não tem problema, o Bento me informa.

— Ah — é bom lembrar uma coisa. — O seu Advogado é o Leo do Jurídico?

— Não — por quê? A senhora não confia nele? Já sabe que ele não passa de um lambe-bolas do Pedro? — Por que a pergunta?

— Porque, se fosse, diria para escolher outro. Esse daí rodou.

Sentei no carro depois de conversar com ela e quis apertar a buzina tão forte que as tiazinhas todas saíam à janela para ver que caralhos tá rolando. Tô de volta, Brasil. O coração pulava para o painel do carro, transitando, para lá e para cá. É pelo dinheiro também, pela educação da minha filha, pelo futuro dela, pelo meu futuro, pelo poder de escolher.

Quer saber de uma coisa? Saí do carro. Voltei para a porta dela e toquei a campainha. Esqueci de uma coisa.

Dona Angelina se sentava à mesa da sala de jantar para beber um café e eu, antes que ela fizesse qualquer coisa, vomitei:

— Dona Angelina, eu esqueci uma coisa.

— Sente-se — cortês, ela acenou para a empregada que vinha com seu café, pedindo nas entrelinhas que me servissem um café também.

— Não, não. Vai ser rápido — esperei que a empregada lhe servisse a xícara de café, sorri agradecendo, e esperei que ela bebesse um gole. — Se me quer na sua empresa, você tem que contratar um motorista para a senhora.

O olhar curioso e desafiador da negociadora mais velha. Ela sabia exatamente o que eu estava fazendo e não achou nem um pouco ruim.

— Tenho um segurança que está fazendo curso de direção ofensiva só para atender a senhora e faço questão que a vaga que deixei vazia seja ocupada por ele.

— E qual o nome dele?

— É Edgar, mas todo mundo chama de Ed.

— Tudo bem, salva o número dele no meu celular que depois eu ligo — me estendeu o celular ultra-tecnológico com a foto do Bento e dela uns vinte anos mais novos de wallpaper. — Eu nunca aprendi direito a salvar o telefone de alguém.

Salvei. E falei para ela ligar ainda naquele dia.

Era pelo dinheiro, sim. Mas era também pelo gosto doce que o meu trabalho tem. Se você nunca se sentou à mesa e deu as cartas, espero de coração que um dia você possa fazer isso. É mais empoderador que qualquer discurso do TEDx.

Respirei fundo quando parei meu carrinho de volta no estacionamento do

Arco do Triunfo. Não vou nem trocar de carro, nem de casa. A Andréia 2.0 aprendeu um bocado com a Andréia 1.0. E não é que eu queira dar uma de humilde, não. É que um carro de vinte mil anda tão bem quanto um carro de duzentos mil e uma casa de trezentos mil abriga tão bem quanto uma casa de três milhões. E eu aprendi a amar minha vizinhança.

E pela Gio e a família dela, não tem preço que pague. Eu sou feliz por não ser sozinha e por não ter sido sozinha por todos esses anos de isolamento.

Como o Pedro não fez o menor esforço para saber qual o faturamento nem bruto, nem líquido, eu não sabia de quanto seria a minha participação no lucro, mas, não importava muito. E por falar em Seu Pedro...

Saltava ele pelo elevador. A caixa clássica dos demitidos na mão, bem coisa de filme americano, o olhar baixo, meio nervoso. Me viu sozinha e veio a passos largos, os débitos na mão, doido para resolver as contas que tinha pendentes comigo.

A Andréia 1.0 com certeza estufaria o peito e o deixaria vir. A nova Andréia congelou no lugar. Senti os joelhos tremerem. Uma coisa é você brigar profissionalmente com um sujeito, outra coisa é ele ser homem com raiva e você ser mulher com medo.

Ele gritava cuspidando, encolerizado, vermelho, os pouquíssimos cabelos que escorregavam do topo para a borda da cabeça tremiam. Ele me segurava pelos cotovelos, bradando, feito cachorro latindo quando carteiro passa.

E eu tremia tanto, mas tanto, tanto gatilho na cara, que não conseguia falar um “a” que fosse.

— VOCÊ VAI AFUNDAR ESSA EMPRESA NOS PRÓXIMOS SEIS MESES E AQUELA CRIANÇA VAI VOLTAR PARA MIM CHORANDO.

Não sei o quanto ele falou, só lembro do como falou. Me chamando de vagabunda para baixo. Me segurando pelos cotovelos e me chacoalhando, eu, logo eu que esquivo até de abraço. No meio do estacionamento vazio. Já falei o quanto odeio estacionamento vazio? Baixei a cabeça para me defender, com medo, me espremi entre meus braços para me proteger e deixei que ele terminasse o que quer que aquilo fosse.

Eu só percebi que acabou quando ouvi outras vozes. Voz estridente de mulher. O segurança veio depois, mas só quando ouviu o grito da mulher, enquanto era o de homem, não houve interrupções. Vi o segurança separando a mulher de Pedro, o vi chamá-la de louca, mas fiquei ali, parada, plantada, tremendo e chocada, engatilhada (não no sentido de pronta para atacar, mas cheia de gatilhos ativados que me transportaram para sete anos antes, na noite

em que tudo virou de cabeça para baixo e não houve uma mulher corajosa como essa que me defendesse).

— Moça, — a minha defensora disse — você tá legal?

Eu só me segurava dentro de mim, os braços cruzados em “x” na frente do corpo, os joelhos batendo muito e o rosto sem cor. Tô tudo, menos legal.

— Posso colocar a mão em você?

Ninguém nunca me perguntou isso. Ninguém nunca foi tão empático ao ponto de perguntar antes. Ela perguntou, com cara de preocupada, vi que a mulher não era mais velha que eu, os olhos escuros e os cabelos também, toda vermelha da agitação e três dedos marcados na cara.

O Pedro bateu nela?! Foi só isso o que me preocupou.

— Ele bateu em você?

— Ah — ela sorriu só para não me preocupar mais. — Ele tentou. Vem comigo, vamos tomar uma água. A Dona Mariana faz um café gostoso demais e todo mundo dessa cidade gosta de um café.

Assenti e entrei com ela pelo elevador até o décimo segundo andar. Era dentro do escritório do Bento, não era? Se o negócio tem quatro andares e vai do décimo ao décimo quarto, então aquela moça era funcionária dele.

Ela não colocou a mão em mim em momento algum. Me via com as mãos ainda protegendo o peito, na defensiva, os olhos esbugalhados de tensão, a face branca que nem leite, os joelhos como gelatinas, mas não dizia nada.

Me apontou uma cadeira, me sentei, e logo veio um copo d’água. O cheiro inconfundível de uma cafeteria, por toda a parte. Quer me acalmar? Me enfie numa cafeteria. O cheiro de um pão e um café me fazem feliz e me lembram o meu pai.

Bebi o primeiro gole de água e já me desmoronei toda. Bastou. Não era pelo que o Pedro gritava, era o como. Era a audácia dele, a ameaça, o jeito de me catar desprevenida. Era a tensão que isso gerava. Era o medo de que me acontecesse de novo.

Ajoelhada na minha frente a moça me olhava com algum sorriso empático e me dizia para beber mais um pouco. Que é normal chorar depois de ficar tão nervosa. Disse que foi bom eu não ter revidado e ter me protegido. Que é melhor ter o instinto defensivo que o ofensivo.

— Que nem, — ela retomou — na hora que ele me deu um tapa não doeu, mas agora parece que minha boca toda descolou da cara.

— Ai, menina... e daí foi que eu chorei mesmo, porque se não bastasse o que fez comigo, ainda machucou quem não tinha nada a ver. Coloquei a mão

nela, acarinhando o rosto, chorando feito uma condenada e agradeci pelo instinto dela ser mais ofensivo que o meu.

— Esquenta não, aquele cara tá fodido, tem câmara para tudo quanto é lado e vou fazer questão de fazer da vida dele um inferno. Eu sei bem quem ele é e eu estava doida para que o Bento o demitisse logo.

— Acabei de demiti-lo — se é que isso serve de consolo.

Giovana veio correndo lá do elevador, os olhos arregalados. Eu lembro bem o quanto fofocas de escritório correm rápido, mas, tanto assim?

— Meu Deus, você tá bem? — veio com braços acalentadores, coisa de amiga de longa data. Me enfiou dentro dos próprios braços, afastando a moça que me salvou, conferindo se eu estava bem. — Assim que o Bento ficou sabendo, correu para vir me avisar e desceu igual um foguete lá para baixo. Não sei o que está acontecendo, mas, ai... Como que você está, Dé?

Eu estava... Acolhida. Pela primeira vez na vida ninguém riu porque não consegui reagir. A moça que me defendeu ainda estava do meu lado, sem colocar a mão em mim, mas quando acalmei, mesmo sem saber o nome dela, eu lhe dei um abraço, chorei porque de manteiguice entendo como ninguém, e pedi uma garrafa d'água gelada para que ela colocasse no rosto.

— Foi só um tapa.

— Foi, mas você não tem que tomar tapa de ninguém.

— O que me tranquiliza é que quem demitiu foi você — ela sorriu vitoriosa. — Em todos os outros lugares do mundo um cara desses sai impune.

— Isso é uma vitória de merda para se comemorar.

— É, mas é o Bento — ela encostava no rosto a garrafa gelada que a Gio trouxe e me sorria ainda mais. — E ele não vai sossegar enquanto o Pedro não tomar no cu bem bonitinho.

— Deus te ouça — a Gio puxou a outra cadeira para que a desconhecida se sentasse e ficou abaixada entre nós duas. — Mas você precisava ter visto o como essa daqui é quando tá puta.

— É?

— Parecia o cão de saias quando pediu o faturamento anual do Pedro para o Bento.

— Você não tava na sala nessa hora, Gio.

— Minha filha, eu trabalho de frente para sala do Bento e a sala dele é toda de vidro! Vi foi de camarote!

— Agora você fez o tapa valer a pena.

— Ai, menina, não fala isso nem de brincadeira.

— Se serve de consolo, eu chutei as bolas dele — a minha salvadora, com a bochecha espremida na garrafa d'água, riu.

— Serve de consolo — a Gio riu também.

— É, serve muito de consolo — sorri. E fiquei um bom tempo sentindo o gosto do sorriso na boca porque eu nunca, em todos esses anos, consegui sorrir depois que jogaram tanto gatilho na minha cara.

— A propósito... — a desconhecida abriu a garrafa d'água e tomou um gole, totalmente confortável na posição de “tomei, mas dei também”. — Meu nome é Manuela.

— Prazer, Manuela — Gio e eu dissemos quase ao mesmo tempo.

— O prazer foi todo meu.



Nem almocei. Quem passa raiva perde a fome. A comida só não desce. Catei meu carrinho, deixei o Bento com aquela cara de perdido e voltei para a casa da mãe dele.

Aquela mulher sente muitíssimo por mim, realmente, mas ela mal me reconheceu e já quis me contratar. Ela viu o barco do filho afundando e se aproveitou que meu barco também afundava para me dar a ilusão de que o barco dele afundava menos que o meu.

Como dono, do ponto de vista corporativo, o Bento não precisava fazer mais que me mandar as condolências por algum representante dele. Ele podia ter adicionado algum buquê de

flor só para não passar batido e era o suficiente. Quer dizer, era o que um advogado o mandaria fazer porque eu ainda poderia processar a empresa pela conduta de seu funcionário.

Da cafeteria da dona Mariana fui levada para casa e ninguém ficou me olhando esquisito entre o décimo segundo andar e o estacionamento. Estava cheio de polícia quando saímos, o Bento falava sério com alguém, vermelho, não vi o Pedro. Manuela, assim que falamos que iríamos embora, desceu. Estava lá também, confortável sendo mulher ali no meio da confusão e ainda falava, puta, com o Bento. Como se o culpasse.

De noite, com a minha Amélia no colo, recebendo mimos dela, enfeitando os cabelos e trançando para dormir, meu celular tocou o número dele.

— Tudo bem ligar? — ele quis saber, depois das formalidades.

— Quer dizer, você não precisa atender, sou seu chefe e estamos bem além do horário de trabalho.

— Não, tá tudo legal.

— ... — a voz meio lânguida de novo. Meio rouca. — Sinto muito por hoje. Foi seu primeiro dia e já foi assim. Eu vi as fitas do circuito interno e eu fiquei... Pff... como se tivesse sido com alguém da minha família. A Manu foi corajosa e muito burra de se enfiar numa briga de mão com o Pedro, mas... Ela

quem te salvou.

Disso tenho certeza absoluta. Depois, chegando em casa, quando fui tomar banho, que eu percebi que ele não só me chacoalhou pelos cotovelos, como pelo pescoço, também. E daí chorei um bocado porque fui estrangulada, mas estava com tanto medo, que nem me defendi.

— Só para te dar algum alento: fizemos B.O contra o Pedro, os advogados da minha mãe o estão processando em nome da empresa e do seu, se você quiser, e o acordo que fizemos foi suspenso: em vez de ele ser demitido com os direitos todos, num acordo de paz, foi demitido por justa causa.

— Obrigada — falei por obrigação. Por mim eu continuaria trançando os cabelinhos da minha princesa.

— Fiz o obrigatório. E obrigado por ter tido a coragem que não tive: no fundo eu sabia que o Pedro era um mau funcionário, só que não sabia o quanto. Vendo a reação dele com você, imagino o que a Sônia do RH não deve ter passado ao longo de todos esses anos.

Pois é.

— Marquei uma reunião com ela depois de amanhã. Você... Você quer ir junto?

Não, porra. Eu quero descanso!

— Eu vou entender se quiser ficar em casa e descansar, Andréia.

— Não, — fui legal e fui besta — tudo bem, depois de amanhã nos vemos.

— Bom, então fique bem. Amanhã, por favor, não venha. E sinto muito pelo que te fiz passar hoje. Eu não devia ter colocado dois funcionários frente a frente, devia ter falado em particular com um e depois com o outro para não ter rivalidade, mas na hora também fiquei nervoso e não pensei direito.

— Eu não tô brava com você.

— Não? No seu lugar eu estaria.

— ... Tô te achando um presidente de merda por ter mantido o Pedro como funcionário por anos, mas isso é só problema seu. Eu tô é mais brava com a situação e com o que aconteceu.

E comigo mesma.

Principalmente, comigo. Sete anos desde a última vez que tive minha integridade física ameaçada por um homem e ainda não superei.

— Um advogado da minha mãe vai ligar para você amanhã, perguntar o que você quer fazer, se quer ir fazer um B.O só seu. Já fiz um por parte da empresa, a Manu já fez um também, mas falta o seu.

Quer dizer: porra, eu pari uma criança. Gerei uma vida, tive pré-eclâmpsa, vinte e sete horas de trabalho de parto, mão de médico entrava e saía de mim como se eu fosse uma daquelas máquinas que secam as mãos com ar quente. Eu me virei, dei meus pulos, troquei de vida, me adaptei, segui em frente, sempre paguei as contas, ainda consegui salvar um dinheiro pelos primeiros anos da vida da minha filha e mesmo assim...

Mesmo assim, porra, mesmo assim eu ainda tremo quando um cara vem falar grosso comigo?

A Andréia de dezessete anos jamais seria estrangulada quietinha, mas fui estrangulada e tremia tanto de medo que nem senti. Me fechei num casulo mental mortificado e não senti que tinha um cara usando as mãos ao redor do meu pescoço.

Eu só consegui me fechar nos meus próprios braços e esperar que ele acabasse porque, quando o trauma bate, você não consegue fechar a porta do passado e entender: não, espera, isso aqui não é aquilo lá, isso aqui é isso aqui e aquilo lá não é mais. Você só consegue misturar tudo, aquilo lá com isso aqui e tudo fica tão presente na sua cabeça que você acha que está vivendo as duas coisas ao mesmo tempo.

Essa é a bosta de ser sobrevivente. A gente não é vítima, lava a boca para falar de mim assim. A gente é sobrevivente. E toda vez que um cara chegar com os braços cheios de dedos para cima de mim eu vou lembrar como quiseram o meu fim e como parte de mim morreu.

A foda é a gente achar que já se recuperou.

Manhã seguinte um advogado realmente me ligou. Disse que ele não poderia fazer nada se eu não fosse prestar queixa. Recusei. Delegacia, eu? De novo? Depois da humilhação que passei há sete anos, nunca mais, Deus que me perdoe, nunca mais quero entrar em uma.

— Andréia... — o Advogado tinha alguma empatia para lidar comigo. — É importante que você vá e faça o corpo de delito. Nem que eu vá junto, que alguma amiga sua te acompanhe, mas é importante para que a gente acumule provas contra ele.

— Jamais.

E não tinha Deus que me fizesse passar pelo vexame do exame do corpo de delito e aquele monte de gente que te trata como se você fosse o bandido. Desliguei na cara dele quando comecei a me sentir nervosa demais para argumentar. Não vou, não vou tirar a blusa de novo na frente de alguém que está cansado de casos como o meu e acha que todos eles são uma perda de tempo,

não vou exhibir meu pescoço roxo e deixá-lo fotografar, nem meus braços, nem nada. Não vou. E ponto final.

Dois dias depois do acontecido, fiquei com vergonha de ir para o trabalho. Assim como na manhã seguinte, sete anos atrás, eu também fiquei com vergonha. Lá não houve uma alma para me salvar de mim, mas aqui teve. Me arrumando para ir para o abate, digo, para o trabalho, coloquei uma blusa de gola alta e mangas compridas mesmo com a certeza que São Paulo me castigaria.

Gio foi quem me salvou.

— Não tem nada do que se envergonhar, nem se cobrir. Você foi atacada, você não está errada. Se alguém tem que se esconder é ele e sou sua secretária, caralho, se alguém olhar torto para você, eu rosno.

— Você sabe que eu te amo, não sabe? — alguém devia ter me falado que não sou eu quem tem que se esconder. Soubesse disso sete anos antes talvez nunca tivesse passado tanto perrengue como passei.

— Vem cá... — a Gio me abraçou e eu sempre deixo que me abrace. — Você é a irmã que eu escolhi ter.

Então, no momento mais frágil do meu dia, depois que levamos as crianças para a escola no meu carro, a caminho do trabalho, contei a ela o que eu nunca contei para ninguém.

— Eu meio que já sabia — depois que chorou comigo, ela limpou os olhos no papel higiênico que sempre tenho porta-luvas e se recompôs. — Você nunca disse e também nunca perguntei, mas tem algumas coisas em você que me lembram muito a minha mãe.

— A sua mãe... ?

— Nossa, minha mãe comeu o pão que o diabo amassou nas mãos do meu pai — fungou, sorrindo, como se não quisesse se deixar abater pela sua própria parcela de drama. — E ela também tinha pavor de abraço e nunca contava nada para ninguém, sempre muito fechada, muito sozinha. Ela costurava uns vestidos linnnnnnndos, mas nunca podia usar por causa do meu pai, então focava muito neles quando alguma coisa acontecia.

— E onde ela está, agora?

— Ah... — fechou o rosto, caindo no choro de novo, e entendi onde a mãe dela estava. — Ah, Andréia...

— Sinto muito, Gio.

— E eu não pude fazer nada na época, era muito novinha, não tinha grana, não tinha para onde ir, não tinha polícia, não tinha Maria da Penha... Então fiz o que pude, sabe? Só que agora eu posso fazer alguma coisa, Dé. Eu

não sou mais uma mocinha e aprendi muita coisa, muito se fala sobre tudo isso, agora. Então você, mocinha, — me chamou de mocinha como se eu fosse a filha dela — de você eu consigo dar conta, tá? Você não tá sozinha e nunca mais vai estar.

Para quem andou sozinha pelo vale das sombras por tanto tempo, até que eu não estava nada mal, não é?

Então, quando entramos pelo estacionamento, entrei de cabeça erguida com a minha blusa de manga comprida, mas de gola careca. Não porque meu segundo nome fosse coragem, mas porque alguém me dava a mão. Eu não estava sozinha. Subimos pelo elevador e a Gio encarou a Top Model que sempre me flagra quando entro e, naquele dia, não desgrudava os olhos dos hematomas bem feios que eu tinha no pescoço.

— Bom dia — a Gio disse para a mulher que não parava de olhar para o meu pescoço.

— Ah, bom dia, Dona Giovana.

Eu, morta de vergonha, não disse nem bom dia.

— Tem alguma coisa para dizer sobre o pescoço da Diretora? — quando a Gio falou que rosnaria, achei que era brincando.

— Não, Dona Giovana.

— Então pare de olhar.

Não dá para reclamar que tá coçando depois que a gente caça sarna. A Top Model caçou a dela, foi ou não foi? Passei por trás da recepcionista, igual todo dia, nem olhei para ela quando o fiz, e nos sentamos em nossas respectivas mesas.

Tudo do jeito que deixei. O computador hibernando porque não o desliguei, um elástico de cabelo e um bloco de notas aberto com uma caneta em cima.

Sorri porque a única coisa de diferente na mesa era um chocolatinho me esperando: “Reunião com a Sônia dez horas?” Era o que o bilhete em post-it colado dizia.

Tivesse me mandado flor não teria sido tão legal. Era só uma barra de Prestígio, custou o quê? Dois reais? Era pela delicadeza. Da mesa dele, ele tinha uma revista na mão, mas não a lia. Me olhava. Tinha um sorriso meio torto, meio simples. É um péssimo gerente, pensei, mas é um puta homem.

Dez horas ele não entrou na minha sala, mas ligou para a minha secretária para perguntar se eu ia à reunião. A Gio quem veio até a minha porta.

Daí, eu, que não sou muito desses telefones sem fio hierárquicos, fui até a mesa dele e perguntei onde seria. Iríamos até a sala dela e nos sentaríamos nas cadeiras da visita, ele disse. E assim fizemos.

No elevador fingi que não percebi que ele olhava para os meus hematomas.

— Como você tá? — se atreveu a perguntar quando saímos.

— Você quer a verdade ou a resposta padrão?

— A verdade.

— Eu... Tô melhor do que achei que estaria — sorri. E é verdade. Achei que estaria num vórtice louco de piração e paranóia, mas, não. Tô bem. Tô quase boa, mas nunca pronta para outra.

— Almoça comigo?

— Almoçar — repeti, mas devia ter dito o que estava pensando.

— É o único horário que tenho disponível e a gente precisa começar as reuniões de estratégia e reconhecimento. Eu preciso, pelo menos, te dar material para ter com o que trabalhar, então... Almoça comigo?

— Eu não tô querendo encarar a rua com esse monte de marca roxa, não. Até tô conseguindo manter a compostura aqui dentro porque a Gio tá sempre comigo e a Manuela me deu uma força, mas... Fora desta bolha...

— Você come japonês?

— Como, ué.

— Atum, peixe prego e tudo o mais?

— Não se mexendo, tô comendo.

— Então pronto, eu peço alguma coisa e a gente come na sua sala.

— Na minha?

— Não vai cair molho shoyu em cima do meu esboço nem ferrando — ah, mas beleza cair molho shoyu em cima dos meus arquivos, né? — Eu já tô atrasado o suficiente sem interferências.

— Tá, na minha sala então — cedi.

— Maravilha.

— ... Mas você limpa — mas não cedi tanto assim.

Que graça tinha, não sei, mas ele riu como se eu fosse piada. Avancei pelo corredor do túnel do tempo, dei oi para o Fax mesozoico, mas evitei a secretária, e bati educadamente na porta que dizia: Recursos Humanos.

Imaginei que a ideia da reunião fosse algum pedido de desculpas formal do Bento com a Sônia e eu estivesse ali só para passar um pano para o descaso dele com o departamento, mas não. O Bento queria saber dela e o que ela

gostaria que fosse feito. O presidente perguntava, sem decidir nada, nem mandar em ninguém, o que poderia fazer para melhorar a experiência de trabalho dela, uma vez que o outro diretor estragou tudo.

Eu tô falando, não tô? Um péssimo gerente, mas um puta cara.

Mas o que surpreendeu mesmo foi a resposta dela. Esperava que ela fosse pedir férias, ou um aumento, ou alguma indenização, ou outro benefício qualquer, mas foi diferente:

— Em... — ela mal sabia se portar diante do presidente que, em todos os anos de vizinho de andar, jamais falou com ela mais do que uma sentença de quinze palavras. — Em todos estes anos trabalhando nos Recursos Humanos... Acho que perdi o gosto. Quando... Quando arrumei este emprego pensei que seria um sonho realizado, até emendei uma pós na outra e estava muito feliz com a contratação, mas daí... Eu tô tomando um calmante para dormir e dois antidepressivos para existir e eu acho que... Acho que mereço mais da vida do que isso.

Ela só queria ser demitida, dar entrada na aposentadoria, conseguir sacar seu FGTS e nunca mais olhar para aquele prédio. Era só isso. Eu aproveitei e examinei a reação do Bento: é isso o que acontece quando você não dá a mínima e, se existe um culpado, antes do Pedro, o culpado era ele.

Pálido e sério, como se sentisse profundamente o baque das próprias ações, concordou com todos os termos dela, disse que honraria seus compromissos, que se ela quisesse processá-lo ele não recorreria e pagaria os danos, disse que estes eram seus direitos e fez um cheque, ali, na minha cara, como votos de uma boa aposentadoria e um pedido de desculpas.

Me arrastou de volta para o nosso andar, calado, pensativo e não entendi o que fiz naquela reunião.

— Eu sei como ela se sente — foi ele quem puxou assunto.

— É, mas a hora de fazer alguma coisa passou — e eu não passei pano, não.

— Não é a visão do meu trabalho, os valores, ou o que eu quero ser conhecido por. Todos estes anos tenho ganhado o selo de “melhor lugar para se trabalhar”, mas a mulher que trabalha nos recursos humanos toma remédio para aguentar isso daqui. Me sinto de volta no tempo em que meu pai mandava em tudo.

— Você quer adiantar o almoço e a reunião?

— Tá com fome, já?

— Com fome não, mas a gente pode ir para a Mariana, pedir um café e

conversar de igual para igual, porque até agora só conversei com a sua mãe sobre negócios, com você só falei de perrengues.

— É, melhor. Não tô com cabeça para palmeiras nem orquídeas. Entramos de volta no elevador.

— O que um arquiteto tá fazendo com palmeira e orquídea?

— Tomei um cano de uma paisagista freela. A mulher tinha dois anos e me entregou um projeto de recuperação de flora que parece feito por uma criança de dez anos. E atrasado.

— Que ótimo. Você pagou por isso?

— Paguei, mas tirei a participação nos lucros do projeto. Quando me indicaram, falaram que ela era a pessoa mais sensacional para recuperação de flora. Depois descobri que o melhor profissional para isso é um biólogo. Maravilha, né?

— O que acontece a partir de agora?

— Agora? Agora eu tenho cinco mil metros quadrados descampados para recuperar, o projeto todo atrasado, o prazo que parece um ovo, meu diretor Financeiro atacou minha diretora Executiva, e minha diretora de Recursos Humanos acabou de pedir as contas. Só isso.

— Um dia normal de trabalho.

— É, um dia como qualquer outro.

Sentamos numa das mesas do café para o qual qualquer um poderia ligar se estivesse com fome ou entediado. Só havia uma mulher trabalhando, o movimento talvez não fosse grande, ela sabia o nome de todo mundo e, dado o vexame de ontem, já sabia o meu.

— Tá melhor, menina? — era uma velhinha simpática de sorriso largo. Difícil uma velhinha chamada Mariana, né? Geralmente Mariana é tudo abaixo de trinta.

— Ah, a gente vai levando — dei de ombros querendo dizer um “a gente vai fazer o quê, né?” sentindo o olhar dela sobre meu pescoço.

— Mari, vê dois cafés? Um pingado para mim e... ?

— Um puro sem açúcar — completei.

— Cowboy?

— Café Cowboy é coado sem açúcar — corriji.

— Achei que qualquer café sem açúcar fosse Cowboy.

— Ê, menininho da cidade...

— Sério, quantos anos você acha que eu tenho?

— Sua mãe me disse: trinta e cinco.

— A regra número um é não deixar a mãe se envolver nos esquemas — e eu lá sou seu esquema? — Daí a minha dá uma dessa.

— Menininho da cidade quando mora com a mãe dá nisso, né.

— Eu não moro com a minha mãe.

— Ela quem mora com você?

— Não, eu moro aqui do lado, só descer a Brigadeiro que tô em casa.

— Achei que naquele casarãooubessem vocês dois.

— Cabe, mas morar com a mãe, depois de certa idade, não dá mais. É coisa de brasileiro morar com os pais até casar, lá fora o pessoal faz dezesseis e já tá tudo com o pé na soleira. Eu amo a minha mãe e sempre passo todo o meu tempo livre com ela, mas morar, eu moro só.

— Olha: tô impressionada.

— Eu não sou só esse rostinho bonito.

— E também não é nem um pouco convencido, né?

— Um homem tem que saber quando é bonito.

Era uma merda porque a conversa fluía fácil. Nem vimos dona Mariana sair de perto, só a percebemos voltar com o café. Falávamos de trabalho, mas não falávamos, enchíamos de histórias sobre nós mesmos no meio, contávamos causos e ironizávamos a experiência do outro, sempre nesse jogo de palavra, sempre nesse bumerangue de toma lá e me dá cá.

Ele falava e eu rebatia, ele rebatia e eu treplicava. Já tínhamos um guardanapo servindo de ata de reunião, e uma caneta BIC emprestada do café.

— Não mexe no caixa da empresa — ele falou, depois que já tínhamos pedido japonês, lá pelas duas da tarde. — Se for pagar para aquisição de pessoal, não mexe no caixa do escritório até a gente saber como ele anda, fala comigo que eu faço cheque.

— Você sabe que é perigoso injetar seu patrimônio nos negócios, né?

— Sei, mas é aquela coisa, Dé: — veja: a conversa fluía tanto que meu nome de três sílabas foi reduzida a uma. E por definitivo. — o que eu faço da minha vida se não for trabalhar por essa empresa? Digo: o meu dinheiro é dessa empresa e o dinheiro dessa empresa é meu. É tudo meu, então por mais que para o fluxo de caixa faça diferença, para mim não faz.

— Essa é a merda de amar o que se faz.

— Com você era assim também?

— Desse jeito. Quando eu percebi que era muito bar para cuidar e fundei o Ephemera, reformei dois apartamentos e os vendi com um preço inflado só para conseguir montar a administradora de bar do jeitinho e com as pessoas que

eu queria.

— Então você não vai me julgar por ser um workaholic de merda que não sabe fazer outra coisa da vida, né?

— Não, muito pelo contrário. Te acho um workaholic que não sabe fazer outra coisa da vida e é aí que mora a graça.

— Obrigado por não me chamar de “workahilic de merda”.

— Disponha.

— Tão difícil encontrar alguém que encara o trabalho do mesmo jeito que eu, que tô até encantando.

— Não se encante — e os pingos nos is a gente coloca logo. — Não sou para o seu bico.

— Que ótimo. Porque não tenho bico.



Quando o Pedro saiu do estacionamento com as coisas dele, pensei que ele tivesse só saído do escritório, mas o que ele fez e o que encontrei em sua sala foi muito pior.

Antes tivesse quebrado tudo, provavelmente foi isso o que o leitor pensou, mas não. Nem de perto. Ele apagou todos os dados de todos os computadores, esmigalhou todos os arquivos físicos que conseguiu e levou consigo boa parte dos contratos. Ele acabou com a ala financeira do Bento de um jeito que nem a Sônia, a pessoa que realmente colocava a mão na massa e sabia onde cada coisa ia, em seus últimos dias de trabalho conosco, sabia onde as coisas estavam.

Tudo se foi. Até contratos homologados, alvarás da prefeitura, tudo. Tô falando, não estou? Tudo. E eu fiquei tão chocada com a falta de profissionalismo dele (como se ser o diretor financeiro e não saber o faturamento anual não fosse o suficiente) que joguei a toalha. Jamais conseguiria fazer qualquer coisa sozinha, nem sabia por onde começar.

Pior: essa era a pior parte. Eu sabia quem poderia me ajudar e, olhando o mafuá de gafanhoto que os arquivos da empresa viraram, eu só queria que elas estivessem comigo. Todas elas. Do jeito que as coisas eram antes que eu me tornasse uma empresária falida.

Por dois dias solicitei acesso aos e-mails do Bento e baixei muitos dos contratos, pedi que o pessoal de TI recuperasse os documentos e dei sorte, porque boa parte dos arquivos vitais estavam digitalizados, mas toda a parte econômica da empresa se foi. Tive até que ligar para o banco para que eles revogassem as chaves de acesso do bankline da conta jurídica do Bento porque eu não sabia o que mais Pedro poderia fazer de retaliação.

E, quando olhei para o saldo bancário da conta jurídica, quase caí para trás. Vê: a empresa tem, só de arquiteto, vinte funcionários. Sem contar o staff, o pessoal da limpeza, as secretárias, a Mari do café, os seguranças e a equipe de TI. Só de arquitetos são vinte. Vamos supor que cada arquiteto receba dez mil por mês. Seriam duzentos mil por mês de gasto com pessoal, isso, chutando

muito baixo. Advinha quando que tinha na conta? Isso mesmo, nem cem.

E daí eu pergunto aos senhores: como o Pedro fazia para pagar todo mundo? Respondo: ele pedia empréstimos no nome do Bento porque o ele foi burro o suficiente de assinar uma procuração que o autorizava a pedir dinheiro em seu nome.

E tem mais: o Bento fecha contratos milionários. Cada equipe, eu descobri no dia que tomamos café, cuida de cinco obras, pelo menos, uma em cada fase do planejamento. São mais de trinta contratos por ano sem contar os contratos anuais de projetos de edifícios com varandas gourmet feitos aos milhares e por toda a cidade.

Sei que para todo mundo esses números são gigantescos, mas o leitor tem que entender que são coisas de empresa e no mundo corporativo é assim que as coisas são. Então, quando digo que tem uma merreca no banco não é uma merreca como a minha conta bancária pessoal. Com a merreca que o Bento tem na conta jurídica a maioria das pessoas levam décadas para juntar, isso quando juntam, mas quando você olha para uma empresa daquele porte, isso é alarmante em muitos aspectos.

O primeiro é que o pagamento das pessoas acontecerá em dez dias e nós não temos fluxo de caixa para segurar a bronca. Esse é o mais urgente. O segundo é que se qualquer cliente atrasar o pagamento do projeto, a empresa quebra.

Eis, um pouco mais para frente no dia, que eu entendi a gambiarra que o Pedro fazia com o dinheiro: todo dinheiro do pagamento de um projeto ele passava direto para a conta pessoal do Bento. Não descontava um real. Daí pedia um empréstimo para o banco e quitava as dívidas da empresa, mas deixava correr os juros até que o próximo cliente pagasse. Daí, ele não mandava o pagamento desse novo cliente para a conta do Bento: segurava, pagava o empréstimo, deixava o restante para o próximo mês. E ia fazendo assim: um pagamento ele segurava para quitar despesas mensais e os outros mandava direto para o Bento. E quando acabava o dinheiro de quitar despesas, ele fazia um empréstimo para segurar as pontas até que o próximo cliente pagasse.

Entendeu, mais ou menos? Ele não sabia o que era pró-labore, nem o que era fluxo de caixa, nem o que era juntar uma grana para possíveis pepinos. A empresa não tinha um caixa, não tinha o dinheiro da empresa, só tinha o dinheiro do Bento e o dinheiro de pagar dívida.

Quando fui olhar a quantidade de juros que Pedro pagou desnecessariamente e só nos últimos três anos, aí sim que dei o braço a torcer e

coloquei meu orgulho de lado. Eu precisava de gente especializada para erguer uma empresa e sabia onde as encontraria. Só precisava falar com o Bento e explicar o que foi que aconteceu com o caixa de sua empresa.

Desci até o décimo andar, onde ficava a sala dele e a minha, e fui falar com ele. Para variar, esboçava alguma coisa numa folha de sulfite gigante. Eu, rodando a duzentos quilômetros por hora com um litro de café (mais eficiente que qualquer carro, vai, me dê algum crédito) entrei na sala, abri a porta e esperei que ele terminasse de desenhar qualquer troço.

— Pode falar, Dé — ele não parou de desenhar.

Cuspi os problemas como se explicasse de matemática financeira a uma criança de dez anos, tudo muito rápido, alarmada, e ele sério, calmo, como se o que eu contasse não fosse novidade alguma.

Puxou o telefone do gancho e falou com alguém:

— Cássio, digitaliza o projeto e manda para a Manu até o fim do dia? Ahã, mas tem que ser hoje, ainda. Não, não. Levo aí.

E desligou. Não ouviu uma porra do que eu disse.

— Você ouviu o que eu disse? — o cara passou três anos pagando por juros altíssimos, somando mais de quinze milhões, e não quer nem me ouvir?!

— ... Eu tenho um mês para revitalizar a flora do Jardim Botânico antes do lançamento porque, como te disse, a freelance que me indicaram fez merda. Corri atrás de uma consultoria de ecossistemas e os caras estão pedindo um ano, no mínimo, só para plantar, que não sei o quê, não sei o que lá, que não é época de plantar nada... A gente teve cinco anos. Eu dei dois anos de prazo para ela. Esse projeto começou quando meu pai ainda era vivo, só para você ver há quanto tempo que estamos trabalhando no Jardim Botânico. Agora, faltando um mês, a equipe de consultoria me disse que, se a gente tivesse começado dois anos atrás, o Jardim Botânico seria o maior e mais lindo do mundo. E pelo mesmo preço. Agora você me diga, Andréia: que problema seu é maior que o meu?

— Quanto tempo a mais você precisa?

— Como é?

— Quanto tempo?

— Eu preciso de dois anos!

— Só isso? — tá certo: forcei um pouco a barra.

— Eu quero saber que dinheiro no mundo me compra dois anos.

— Eu vou sentar aí do seu lado porque você não tem frescura com hierarquia — puxei a cadeira que fica jogada ao redor da mesa e a arrastei para o lado dele. Peguei qualquer lápis da mesa e ele me deu outro reclamando que o

lápiz que eu peguei era muito caro para ser gasto com rabisco e avisei: — Vai te custar dinheiro.

— E o que não custa?!

— O que você tem pronto?

— Toda a ala norte e a ala oeste, que são preservadas e tombadas, estão prontas. A ala leste está quase, no final do acabamento e limpeza. Na Área Sul é que está o problema, veja bem: — pegou o lápis da minha mão e, num cantinho da imensa folha esboçada, desenhou um círculo dividido em quatro partes, com um x no meio, escrevendo N, S, L, O em cada divisão. Circulou a Sul e continuou. — A gente pegou este projeto no meio, a prefeitura tinha contratado outro escritório primeiro. Não sei o que eles tinham na cabeça, mas quebraram a estufa da ala Sul e a deixaram a céu aberto. Aquilo ganhou uma infestação tão feia de pombo e erva daninha que eles acharam melhor capinar o lote. Destruíram o orquidário e mais umas outras plantas. O secretário de Infra, assim que viu, multou e suspendeu a obra. Foi falar com o meu pai que na época, pegou a obra no meio e no contrato estava escrito que a gente tinha, por obrigação, que refazer toda a Ala Sul. Enfiamos a faca no contrato, contratação em caráter de urgência é sempre mais caro e não precisa de licitação. Daí veio a melhor paisagista do país e me fodeu.

— Então vamos fazer assim: — peguei o lápis da mão dele e circulei N, L, O que ele tinha desenhado antes — vamos aprontar estas partes para o lançamento para daqui um mês. Tudo bonitinho, do jeito que tem que ser, mas...

— Sempre tem um “mas”.

— Mas a gente vai fazer uma festa de lançamento para o prefeito. Com púlpito e tudo. Vamos chamar tudo quanto é mídia, você vai dar entrevista, vai explicar os conceitos do Jardim Botânico bem desse seu jeito criativo e carismático, mas depois a gente senta e discute o plano de assessoria, o foco agora é o CTA que a gente vai mandar para o Secretário para ele aceitar a nossa proposta.

— CTA.

— Isso — nem me toquei que ele queria que eu explicasse o que era um Call to Action. — A gente vai servir champanhe e os carambas, festa Black Tie e palanque para o prefeito que ama um vídeo e um post de Facebook. Entendeu?

— Entendi.

— Ótimo. Pega essa sua carinha de bom moço e vai até a USP, entra no Instituto de Biologia e pergunta para o diretor do Instituto o que ele queria que tivesse no Jardim Botânico. Daí você bota, de presente e de motivo para atrasar,

o desejo dele no projeto. Entendeu?

— Entendi.

— Você tem até o fim da semana para me trazer um projeto digno de dizer para o Secretário do porquê estamos atrasando.

— Andréia, eu te amo.

— Tá, agora vai.

— É sério — o sorriso perfeito. Os olhinhos brilhando. O que um homem como ele faz solteiro é o que eu não sei. — Você tira a solução do nada! Por que é que eu não te conheci antes, hein?

Ele sorria perto demais, e não era como o clima bom que os conhecidos têm quando estão começando a se gostar. Era aterrorizador. Era horrível. Ele sorria tranquilo olhando nos meus olhos e eu só pensava em fugir.

Larguei o lápis em cima da mesa e me afastei. Alisei a frente da roupa e usei o que tenho de melhor: a cara de pau.

— Chega de me cantar e vai atrás do cara da USP.

— Sim, senhora.

— Até o fim da semana. Vê se não me atrasa.

Saí da sala dele e encontrei a Gio, na sua mesa, de costas para a minha sala e de frente para a sala dele, olhando a gente feito menina assistindo comédia romântica.

— Marca uma reunião com o Secretário de Infraestrutura — mandei e apertei o botão do elevador, direto para o mafuá mesozoico.

Mas daí voltei duas casas e expliquei para ela quem era o Secretário e como que fazia para marcar reuniões com alguém do Gabinete do Prefeito.

— Mana, — sorri, tentando me aliviar da tensão besta de quase ter sido beijada — você entra no site da prefeitura que lá tem o telefone do Gabinete do Secretário. Daí você liga e vai cair na mão da secretária dele, então você explica quem eu sou, que sou a Andréia que fez o Mirante há uns anos, que agora estou trabalhando na Castro Arquitetura e que quero falar com ele sobre o Jardim Botânico. Ok?

— Ai, mana, valeu. Você falou toda mandona e eu quase já fiz xixi nas calças.

— Para todo mundo aqui dentro a gente finge que sabe o que está fazendo — sorri com o jeitinho de perda dela. — É só fazer isso que te falei.

Voltei para o Mafuá, digo, para o departamento financeiro. No fim da semana Bento me disse que o Diretor do Instituto de Biologia queria um Museu Botânico para criar um projeto de história da Botânica dentro do recorte da fauna

e flora paulista.

— Ótimo — sorri, olhando para o primeiro esboço, primário e da vista do lado de fora, que Bento me trouxe pronto na segunda-feira.

— Aqui estão seus dois anos.

— Vai custar uma fortuna — e ele ainda tinha a audácia de reclamar.

— Comprar tempo custa caro.

— Sai para tomar um café comigo?

— Claro — bobinha eu, né? — Quer descer na Mari agora?

— Não — ele sorriu, contornando a minha resposta, num sorriso que indicava suas reais intenções. — Tomar um café comigo, com o Bento, não com o seu chefe.

— Ahhhhh!

— Não é café para falar de negócios. É para falar de Andréia e Bento.

Porra.

— Obrigada, Bento — mas não. Nunca. — Mas não posso.

— Tem certeza? Eu não mordo.

— Tenho — sorri sem jeito, sem olhá-lo nos olhos. Possivelmente vermelha até as tampas. — Mas obrigada.

— Ok — Deus abençoe o homem que sabe ouvir um não sem fechar a cara, sem mudar a forma como te trata e que leva um fora numa boa: Deus abençoe o homem adulto. — Bom, então eu vou continuar a pesquisa de museu. Me avisa quando sair da reunião com o secretário?

— Aviso, claro.

— ... Não sai comigo nem para comemorar se o Secretário estender o prazo em dois anos? — barganhava.

— A gente desce e toma um café na rua — aceitei a barganha. — Mas daí a gente vai falar de contratar pessoal novo para o departamento financeiro, tá? Vai só mudar o cenário.

— É justo — ele sorriu puxando a minha porta. — Mas eu escolho o café.

A Gio, que ouvia a conversa, assim que o Bento saiu da minha sala, me olhou tão feio, mas tão feio, que parecia que eu tinha acabado de combinar a matança de crianças órfãs.

— Eu só não quero sair com ele — e por que é que eu tinha que me explicar? Quem é que manda na minha xoxota, afinal?!

— Dé, são sete anos de celibato — na hora do almoço, a gente saía junta e descia a Haddock Lobo para comer num restaurante pequeno, no andar de cima

de uma borracharia, mas tão gostoso, que dava de dez a zero em qualquer restaurante chique da Paulista.

— E quero permanecer assim.

— São sete anos sem dar uma.

— Pois é. E tô de boa.

— Que de boa, o quê. Ninguém fica de boa com teia de aranha lá. E outra: o cara é lindo. É legal, e gentil, e toma bota como poucos, e tá te dando poder de rainha para você fazer o que quiser com a empresa dele...

— E só porque o cara tá me deixando fazer meu trabalho que eu devo boceta para ele?!

— Pelo amor de Deus, Andréia, ninguém tá falando isso!

— Esse foi o argumento que você usou.

— Diz um motivo BOM para não sair com ele.

— Eu tenho uma filha!

— Mas a gente não tá arrumando namorado para ela, é pra você!

O cara era lindo. E a conversa fluía como em poucas vezes na minha vida. Ele entendia o que era trabalhar virado sem perceber que estamos virados. E ele sabia a importância de um trabalho bem- executado. E ele é lindo. E sorri de um jeito que te faz agradecer a Deus de joelhos. E não está me diminuindo em momento algum por eu ter ficado off-market, nem barganhou meu salário por causa disso. O cara é perfeito.

O foda sou eu. Não tô boa. Muito menos preparada.

— Você precisa de ajuda, Dé — eu sei que ela falou na melhor das boas intenções. Mas me ofendeu. — Vai perder um partidão.

Larguei a Gio raspando a embalagem de uma mousse de chocolate e parti, no meu carrinho, direto para a secretaria. Tem coisas na vida que a gente simplesmente não é obrigada.

Assim que a Gio falou quem eu era, para marcar a reunião ficou muito mais simples. O secretário vigente era o mesmo que me ajudou a montar o Mirante.

Mesmo com a troca de governos, o cara era tão bom e tão descolado das politicagens, que o deixaram ficar. Um engenheiro respeitado e professor da USP que tem uma barba grisalha cultivada com muito gel e xampu para barba porque eu nunca vi, em todos os meus anos lidando com o público, uma barba tão cheirosa como aquela.

— Continua com essa barba, né? — sorri colocando a minha bolsa em cima do sofá da sala dele logo depois que o cumprimentei com um aperto de

mãos.

— E você continua vindo atrás de mim quando quer alguma coisa — era brincadeira dele e eu sabia, mas não deixava de ser verdade.

— Tá reclamando de boca cheia, porque nosso Mirante ficou lindo!

— Lindo ficou, mas cadê meus filmes? Não toca mais nada lá, pô!

— Ah, Francisco, isso é coisa do meu ex-marido.

Todo mundo sabia, nem precisava dar detalhes. Não sei como inventaram que eu estava numa Ilha Paradisiaca enquanto Fabrício tomava tudo o que é meu, mas se isso é o que contam, a história verdadeira não vai ser contada por mim.

— Minha filha foi lá esses dias e falou que a única coisa que sobrou foi o café. E um café bem sem graça.

— Não está na minha gestão, você sabe. Não há muito o que eu possa fazer.

— É uma pena, viu? É o projeto urbano de iniciativa popular de referência que nós temos. Realmente uma pena.

— Lembra o prefeito querendo que eu contribuísse para a campanha dele?

— Aquele cara era louco — ele sorriu me mostrando a cadeira diante da mesa dele e se sentou só depois de mim. — Mas esse que está agora também não é muita coisa melhor, não. Só não precisa de dinheiro para financiar campanha: esse daí tem e muito.

— Os partidos só trocam de cor.

— ... Mas então, o que você tem para mim?

Claro que não contei da nossa falha. Comecei contando do projeto de revitalização, que o Bento contratou uma consultoria específica para revitalizar a Ala Sul, e daí sim falei que as plantas demorariam muito para crescer, que o projeto de replantio demorou muito para ser formulado devido às extensas pesquisas de revitalização do solo, da reconstrução da estufa e tal, tal, tal.

— Andréia, vocês tiveram cinco anos.

— É, claro, Francisco, ninguém está dizendo que o tempo foi pouco.

E toma azeite para esse cara amaciar. E tome lustrada de bola, mastiga dali, mastiga de cá, coloquei o esboço do Bento na mesa, falei do diálogo do escritório com o Instituto de Biologia, do professor emérito que queria fazer uma parceria com a CAPES e CNPQ para que os próprios alunos da graduação fossem os monitores do futuro museu, que as pesquisas dos doutorandos em história da Botânica fossem compartilhadas com o público, falei tudo o que o

Bento me disse e floreiei um pouco mais, já tasquei uma ideia de visitação das escolas públicas ao museu e vai e vai vai...

— A única coisa que a gente quer é tempo, Chicô. E esse Museu vira verdade.

— Quanto tempo?

Pedi dois anos. E falei que não se ergue museu de um dia para o outro, que ainda precisava de muita conversa com o Instituto de Biologia para saber a demanda, para arquitetar o fluxo de público, e pipipi, popopó...

Daí taquei a segunda parte da barganha: “Não, Chicô, não é que toooooo o Jardim Botânico tenha que ficar fechado para o público durante esses dois anos, só a Ala Sul. A gente tá pronto para lançar a reabertura do Jardim no mês que vem! Inclusive, o que você acha se o prefeito anunciar, na festa de reabertura do Jardim, que vai vir um Museu Botânico sem custo aos cofres públicos?”.

— Festa?

Festa quer dizer aparecer. E aparecer, na política, é o que garante mais quatro anos de mandato. E mais quatro anos de mandato para o prefeito são quatro anos a mais de trabalho para ele. Coisas que só a faculdade da vida te ensinam: quer cair nas graças de um político? Dê festas.

Saí da sala do secretário com a resposta que eu queria, os assessores do prefeito me enviariam a cópia do memorando, o prefeito nos receberia para que a gente entregasse o convite da festa em pessoa, e logo o Lançamento do Jardim Botânico entraria na Agenda Oficial.

Agora era só chamar a imprensa e pronto: circo montado.

Tempo comprado, mais dois anos de prazo.

— Agora, — eu disse enquanto Bento me olhava como se eu fosse a pessoa mais linda do universo. Tudo porque eu consegui o que ele mais queria — se você atrasar essa porra de plantio por causa de mau projeto, eu corto seu pinto fora.

— Já te falaram que você é um amor?

— É sério, Bentô. Não vai dar para atrasar mais. É esse o tempo que você tem, então, dê valor.

— Eu falei brincando da outra vez, mas agora é sério: Andréia, eu te amo.

— Tá, Bento, tá. Agora libera a grana para eu contratar um povo decente para essa espelunca.

— Considere liberado — de volta ao escritório dele, novamente

repetíamos a cena: ele desenhava na sulfite gigante e eu em pé perto da porta.

— Nem falei quanto!

— Considere liberado.

Beleza, maravilha. Agora vinha a pior parte.



Parei o carro na frente do Ephemera, por vontade própria, depois de sete anos passando direto. Dói de ver. Dói de saber que estava de pé e que não era mais meu. Era como visitar a cova de um ente querido. Saudade misturada com uma dor que não ia embora nunca.

Não sabia se aquilo era saudades do trabalho ou saudades da Antiga Andréia. Ainda tenho raciocínio rápido para achar saídas mirabolantes? Ôpa. Olha eu esticando prazo em dois anos por causa de museu e coquetel. Olha eu pagando as contas da casa com bolo. A Antiga Andréia se deu bem por causa dessas saídas malucas, mas a antiga Andréia tinha o que eu não tenho mais.

(Além de dinheiro, né).

A antiga Andréia não tinha medo de se enfiar em furada e hoje eu tenho medo até de fazer xixi de porta destrancada. Era como se alguém tivesse me matado e eu olhasse para o corpo. Bem dramático mesmo porque era essa a sensação. Eu olhava para o Ephemera, tentando entrar, pensando em entrar, e nada.

Vi minha antiga economista sair da porta dianteira da mansão, catar seu carro também BMW, desativar o alarme e segui atrás. Cheguei ao cúmulo de seguir minhas antigas funcionárias até que chegassem em casa.

Para minha sorte estava trânsito, então não a perdi de vista e, para a minha maior sorte ainda, ela morava numa casa, outra casa, não a mesma que frequentei quando éramos amigas. A vi chegar, abrir o portão automático da garagem, deixei algum tempo para que ela saísse do carro, entrasse em casa, talvez desse um beijo na esposa, quem sabe, cumprimentasse o cachorro e fui.

Toquei a campainha.

Marcela veio me atender com um bebê de não mais que seis meses nos braços. Uau, Má, você virou mãe? E casou com aquela sua namorada do colégio? Os cabelos aloirados e cacheados deram oi, a pele sempre linda e vistosa me deu oi, mas o sorriso sumiu da cara quando viu quem batia à porta.

— Oi — tentei. Com o secretário de Infra até que consigo desenrolar,

mas com amigo que não vejo há anos? Difícil. Sumi da vida de todo mundo e estou errada em voltar assim, recrutando para meu novo emprego, mas, me diz, se sei quem é a melhor economista dessa cidade, vou ficar perdendo meu tempo atrás de Zé Ruela?

— Oi — até que ela respondeu. — Tá fazendo o que aqui?

— Vim... — pigarreei para ganhar tempo. — Posso entrar?

— Não — puxou a porta com o peito do pé para que eu não visse o interior de sua casa. — O que você quer?

— Tô com um desafio novo — até que tentei azeitar, mas não rolou. Expliquei a situação, expliquei como as coisas iam, o que eu tinha passado com o antigo Diretor Financeiro, o quanto ele era pilantra, contei que não sabia se havia desvio de verba, embora soubesse que sim. Contei, enfim, tudo o que pudesse soar interessante e indignante ao mesmo tempo.

— Ah, é? — um “Ah, é?” que precede um “foda-se”, sabe?

— É. E o salário é melhor do que Fabrício tá te pagando.

— Sete anos sumida e você volta querendo me tirar do seu ex- marido numa vingança ridícula, e acha que vai me vislumbrar?! Vá à merda, você!

Tomei uma senhora portada na cara. Até assustei com o barulho que fez. Eu não andava muito boa de chorar fazia muitos anos, nem chorei, mas fiquei sentada no meu carro, olhando a casa dela que, depois que percebeu que eu permanecia estacionada na frente, fechou todas as cortinas.

Fiz isso por quatro dias. Cada dia tomei uma portada na cara diferente. Juliana cuspiu em mim, Camila nem me deixou terminar de falar. Cláudia me viu e já fechou a porta porque aquelas mulheres obviamente se conversaram e cada uma delas já esperava por mim.

O meu grande acerto no Eph foi ter contratado um time de mulher. Vamos ser honestos: mulher negocia bem, mas só quando não é para si. Mulher raramente ocupa cargo de diretoria mesmo quando tem mestrado e os escambau. Eu, quando reuni aquele time que o Fabrício, meu ex-marido, mal sabe usar, fiz tanta dinâmica de grupo e tanto questionário, que mesmo quando todos os psicólogos falaram para eu procurar outros funcionários porque estas moças se pareciam demais comigo e isso não daria certo, continuei com elas. Porque eu sei como é que sou.

Não porque eu seja uma narcisista de merda, (quer dizer, todo mundo que se propõe a contar sua própria história aos outros têm um pouco de ego inflado, mas não é disso que estou falando) mas porque sei tanto como sou quando me apaixono num tema, que se conseguisse reunir um time assim, estaria feita.

É claro, perrengue tinha todo dia. Eram seis mulheres, cada uma com uma vivência, uma história, uma opinião. A mesma paixão. Todas amavam o que faziam ao ponto de ficarem depois do horário só para concluírem suas tarefas. Amavam suas profissões como eu amava meus bares e ninguém é mais exagerado quanto alguém que ama.

E exagero leva a nervos quentes quase sempre.

Mas era um preço que eu estava disposta a pagar desde que o amor continuasse permeando todas as transações. Tive que mandar um segurança tirar uma diretora de cima dos cabelos da outra? Tive. Verdade, tive mesmo, mas no fim do dia, cada uma com uma parcela do Eph, todo mundo se juntava, abria uma cerveja e ia dançar.

Era loucura, mas olhando para a casa da quinta mulher que provavelmente bateria a porta na minha cara, eu sentia saudades. Sabe aqueles filmes de Wall Street que tem um monte de empregado tudo doido jogando dinheiro para cima a mando do patrão? Era o nosso squad. Sabe quando o empregado está doidão trabalhando meia noite, isso nos filmes de Wall Street, né, duas da manhã e o patrão tá ligando desesperado? Éramos nós.

É aquela coisa que você sabe que faz mal para cacete, mas não consegue largar porque ama mais que tudo. Era aquele gosto de dever cumprido, de ferrar com alguém que não gostamos, de mandar alguém se foder e ver se foder porque mandamos. Era horivelmente gostoso, mas fiquei sete anos fora do radar delas e elas tinham o direito de cuspir e brigar comigo, assim como também tinha o direito de me explicar.

E a foda morava toda aí. Eu não queria me explicar. Eu nunca falo disso, não quero que saibam, não quero contar, não quero mexer na ferida que dói dia sim e dia também.

Simplesmente queria que elas aceitassem que eu estava de volta.

Apenas isso. Sem dar nada em troca.

E é por isso que quatro bateram a porta na minha cara. Porque sem sangue não tem pacto e eu queria lealdade sem ter que provar a minha. Sociedade é igual casamento.

E dói do mesmo jeito quando termina.

Respirei fundo com a faca metafórica na mão. Se eu contaminasse uma, o resto viria. O amor é mais contagioso que a raiva. Era Elaine o nome dela. Publicitária de formação, especializada em experiência de usuário. Vivia para me dizer no que nosso bar ou café ou cinema ou casa de show poderia fazer para ser melhor. Ela quem deu a ideia de a gente colocar sofá nos banheiros femininos e

hoje em dia não tem uma balada mequetrefe que não tenha. Ela quem deu a ideia de a gente dar patches de colar em roupas para as festas temáticas. E hoje cada jaqueta com um patch daquela época não custa menos do que quinhentos reais porque as jaquetas viraram símbolo de festinha subversiva e, vou te falar, era cada patch maravilhoso bordado a mão...

Quando Elaine abriu a porta, esperei a porrada. E veio: o rosto branquinho, todo delicado, mudou de cor. Elaine com lágrimas nos olhos, com raiva, me falando que era melhor que voltasse de onde vim porque ela não tem mais espaço para mim.

— Ela, — trêmula e sem saber como abordar o tema, resolvi falar baixinho — me ouve.

— Vá para a puta que te pariu, volte para a sua ilha paradisíaca e para de jogar essa ideia de reunião de banda falida!

— Ela...

— Foram sete anos, porra! Sete! E na merda! O Eph não é a mesma coisa, o Fabrício não está nem aí, ninguém consegue pular fora do barco porque você fodeu, fodeu, fodeu e fodeu com a reputação que nós erguemos para o seu nome! Ninguém contrata o time da Andréia Borges e você sabe muito bem que fui fazer MBA em hotelaria só por sua causa! Quando você meteu o pé, você acabou com a minha carreira.

— Ela, você é uma ótima funcionária...

— Onde que contratam marketeiro com experiência em hotelaria? ONDE? O mercado de casas noturnas é minúsculo, todo mundo conhece todo mundo e todo mundo conhece você!

— Ela...

— A gente não é ferramenta, Andréia. A gente não é descartável. Quando você foi embora você nem se despediu e nós seis ficamos sem saber o que fazer. Todas nós, todas nós, cada uma de nós, ligou para você para saber se era verdade que você tinha traído...

— Ela: — lá vai. A faca entrando, o sangue saindo, e ninguém sentindo a mesma dor que eu — Não traí ninguém, eu fui estuprada.

Elaine meteu um tapa, de mão aberta, ultrajada. Como se eu fosse capaz de contar uma mentira dessas. Mulher nenhuma brinca com isso, só homem é que acha graça. Mulher, quando ouve essa palavra, sente é o sangue gelando nas veias.

Ela me deu o tapa e eu fiquei sem reação, já traumatizada pelo ter que contar para ser aceita, nervosa por ver meu sangue escorrer, assustada pelo

tabefe sem precedentes.

E depois o abraço quente. Ela acreditou em mim. E entendeu que, se eu fui embora, é porque não consegui ficar.

— Eu vendi tudo, passei fome, virei Uber, eu tive uma filha, caralho — se segurei o pranto na hora de contar para a Gio, na hora que contei para Elaine... — Eu não quis afundar sua carreira, porra...

Nesses sete anos nunca nem pensei que elas sofreriam estilhaços do que passei. Pensei o lógico: cada uma delas tem um currículo de dar inveja. A menos estudada passou dois anos fazendo mestrado fora, é claro que elas vão conseguir um emprego bom, pelo menos vão ter grana para meter o pé do Brasil se assim desejarem.

Nunca pensei que, por trabalharem comigo, (a tal da empresária que se afundou porque assinou um termo de casamento absurdo) elas também virariam piada. Se eu tivesse cogitado essa possibilidade talvez tivesse engolido o choro e partido para o ataque porque, essa o leitor já sabe.

Somos péssimas para negociar por nós mesmas, mas ótimas negociantes pelo grupo.

— Entra, Dé — ela chamou. — Eu vou ligar para o time. Nós não sabíamos.

— Vocês engoliram essa história de “Ilha Paradisiaca”?!

— Logo de início não, mas, porra, você sumiu! Os fatos nos levaram a crer que você realmente traiu o Fab e depois foi morar numa Ilha.

— Ninguém sabe o que aconteceu.

— Você não denunciou?

— Denunciei... — mas não adiantou muito, não.

— Foi o Fabrício?!

— Não, claro que não.

Ela tinha classe e empatia demais para perguntar quem foi, mas queria saber. Todo mundo vai querer saber.

A questão é: você vai querer contar, Andréia?



Pensei, quando combinamos de nos reunir, que todas elas me comeriam viva. Pensei que fossem perguntar o como, o porquê, o quem. Pensei que fossem me jogar contra a parede e me espremer até que eu estivesse jogada num canto, chorando, abraçada aos joelhos e pedindo desculpa por ter sido vítima.

Eu pensei que elas me fariam a vítima que nunca quis ser.

Todas as seis olhando para mim, na casa da Elaine. Ela era solteira convicta, não para com um cara, vive de esquema, contatos e festas, e bebe mais que um Opala 86. A casa dela não tinha muita decoração, mas as poucas que tinha sempre vinham com fotos. Elaine gostava de foto, tanto de tirar, como de aparecer nelas.

Ao redor da mesa de jantar pequena, mas adaptada com bancos e cadeiras para caber todas nós, as comidas foram brotando. Uma trouxe carpaccio, a outra cozinhou um macarrão rapidinho ali na casa da Ela mesmo, a outra veio com seis vinhos, a outra pediu sushi pelo aplicativo. E quanto mais falávamos, lembrando do nosso tempo de glória, menos me sentia culpada.

A diferença de nós, de sete anos atrás, para ali é que Marcela tinha filho e ele era uma coisinha fofa que só sabia sorrir para todo mundo.

E que agora éramos não só sete, mas oito. Levei a Gio comigo.

— Ai, gente, eu não sou estudada que nem vocês... — e eu sempre soube que a Gio tinha um pouco de vergonha disso.

— Ué, por que não?

— Eu tenho casa, filho, eu tenho marido...

— Tá, mas você tem vontade?

— Ter, tenho, mas, né...

E tinha outra diferença, também: agora eu era mãe. E Amélia, com seu copão de suco, olhando aquele monte de amiga da mamãe, nunca me viu falar nem sorrir tanto. Nem a Gio nunca me viu sorrir tanto, mas ela só me disse isso dias depois.

Sempre penso que estou dando o melhor para a minha filha, mas talvez não esteja. Eu não vejo a minha filha como parte do meu bando, mas como parte de mim. E essa parte de mim, que não está grudada, conviveu com uma Andréia preocupada demais em esconder as feridas.

É claro, a minha filha sempre recebeu a prioridade. Foi ela que me salvou nos dias mais escuros, mas, mesmo assim, acho que ela nunca me viu nos meus melhores dias. Mesmo quando a gente se divertia e brincava, ou quando lia um romance de cavalaria, eu sei, no fundo do meu peito, que podia ter sido mais alegre e vibrante para ela. Sei disso e, por algumas vezes, eu me cobrei isso.

Minha filha nunca me viu feliz. Acho que é isso o que estou tentando dizer.

Ali, no meu squad, com as minhas, o meu bando, eu era feliz de novo. E nem doeu contar para elas que nem sempre tudo deu certo. As comidas entravam, as risadas saíam, os ânimos se encaixavam e a gente ia, silenciosamente, perdendo enquanto era perdoadada.

— A gente também devia ter ligado mais — Juliana, Advogada, comia um carpaccio de salmão com a mão, shoyu escorrendo pelos dedos, e sorria. Quem a via assim, tão despretensiosa, não imagina o dragão de saia que é.

— Eu não teria atendido do mesmo jeito.

— O Fab não sabe do seu baby, né? — Marcela, com o filhinho no sling, perguntou da minha.

— ... Não.

— É a cara dele. Não dá nem para confundir.

— Pois é.

— Não vai contar?

Nunca quis. Sei que é errado, na certidão de nascimento nem tem o nome dele, mas eu quis me preservar. Foi um ano muito esquisito, muito confuso, muito bosta. Tinha acabado de sair de um divórcio, de perder tudo, tinha acabado de ser vítima. A única coisa que eu queria era ficar no cantinho com uma coisinha minha, e só minha, e que ninguém pudesse tirá-la de mim.

Amélia já perguntou quem era seu papai numa festinha de dia dos pais da escolinha, mas eu desconversei e ela só se acostumou a acreditar que eu era sua única genitora.

Mas sei, no fundo, que esse dia vai chegar. E por mais errado que Fabrício esteja com outras coisas (inclusive como me tratou depois do estupro) ele tinha o direito de saber que é pai. E de querer se aproximar da nossa filha. Por mais merda de marido que fosse, nossa relação é uma, a dele com a Amélia é

outra.

— Acho que a gente não tem que falar disso agora — a Gio. Se tem alguém que me ajudou a passar pelos sete anos, esse alguém é ela.

— É, vamos falar dessa nova onda de contratação, Andréia — Elaine sorriu, colocando mais vinho rosé na minha taça. — Por que é que você está no ramo de construções, agora?

Não é que eu esteja num ramo, veja bem: foi o emprego que eu consegui.

— Não é só um emprego, queridinha — Camila é a mais boca aberta. Não tem nem semacol, nem filtro. As coisas saem, assim, fluidamente até demais. Do marketing. Ela e Elaine vivem num caso sério de amor e ódio. — O cara tem quarenta por cento dos IPTUs dessa cidade. Ele trabalha de arquiteto porque quer, porque só de renda dos aluguéis que ele tira, já dá para viver postando foto de viagem no Instagram.

— O Bento não é tão rico assim — não é possível que ele seja. Quer dizer, olha o tamanho dessa São Paulo. Quarenta por cento dos imóveis são dele?!

— É rico, sim — a Gio rebatia. — Ele só é de boa, mas o bicho fede a dinheiro. É terno de Armani para cima todo dia.

Impossível. O Bento? O cara que não sabe nem contratar diretor financeiro? Impossível.

Aquele Bento?

— E é gato, viu? — retiro o que disse: não é a Camila quem tem o filtro desregulado. É a Gio. — Jesus, Maria, José, que cara gato. Ele passa e as pernas até bambeiam.

— Por foto ele parece ser só ok.

— Não, menina, vai por mim, ele é gato. De doer os olhos.

— O Bento? — acredite: eu tô tão chocada quanto você, Leitor. — Jamais.

— Vive com a cabeça enfiada no cu, por isso que não sabe — quem é essa Gio e o que foi que fizeram com ela? Bêbada não está porque grávida não bebe, mas, com o filtro solto desse jeito, parecia.

— Taí: gostei de você — Camila ria e puxava um maço do bolso da calça, enfiando um cigarrão no beijo. — Vai fazer Relações Públicas. Procura uma faculdade. A gente paga.

— Cá, fumar aqui não, tem criança.

— Se acalma, pô, não sou bicho do mato.

Era bicho do mato, sim. Era tão bicho do mato que abriu a porta da

cozinha para fumar e parecia homem. Não sei como é que se deu bem na vida com esses modos, mas pense num bicho criativo: pois.

— Relações públicas? — a Gio retomava o assunto. — Eu?

— É o que tá faltando — Marcela retomou.

— Quer fazer parte do bonde ou não quer, caralho?! — a bicho do mato gritou lá do quintal.

— Então... — pigarreei sorrindo o sabendo a resposta. — A gente é um bonde de novo?

— É só a querida não inventar porra de ilha. Te perdoo dessa vez, mas de novo não rola — Elaine colocou mais suco no copão da minha filha e olhou para o resto do bonde que ainda não tinha falado nada até então. — Por acaso as senhoras são só figurantes? Tão aí, caladinhas, fazendo pose de bonitas pra que, hein?

Carla, que até então não tinha dito um “a” para nada, olhou bem no fundo do meu olho, como se me lesse, e proferiu:

— Isso não vai durar muito.

— O que não vai durar? — Juliana se intrometeu — O trabalho na firma de arquitetura ou o bonde?

— Não, o bonde vai, a firma é que não.

— Carlota, — sorri — ninguém quer ficar na firma para sempre. A gente vai só fazer um pit-stop lá, ajudar o cara, fazer um dinheiro e começar tudo de novo.

— Começar tudo de novo o quê? — Camila não fumou, devorou. — Eu não dei meu cu para o cachorro morder esses anos todos para você largar o Eph de mão beijada para o Fab, não.

— E o que você quer que eu faça? Já tá dado de mão beijada.

— Se a gente sai do Ephemera agora, o barco afunda — Marcela, que é sempre a voz da razão, puxou a blusa para cima para dar de mamar para o filhinho e parou de falar.

— Deixa afundar! — dó não tenho.

— Não, melhor que isso: a gente sai, deixa afundar e quando estiver quase falindo a gente compra por preço de banana — Carla, do administrativo, quando se juntava com a Marcela, não tinha Deus nem Homem que segurasse. É óbvio que o Fabrício não nos venderia nem se precisasse do dinheiro, mas, em se tratando delas, eu sei que elas vão montar um plano. — Em cinco anos o Eph não vai custar nem 5 milhões.

— Claro, porque 5 milhões eu tiro do cu, né?

— Qual a porcentagem de lucro você negociou com o Bento?

— Cinco por cento em doze meses.

— Então até o fim do ano você tem esses cinco milhões.

Não é possível que o Bento tenha tanto dinheiro assim. Tirando um lápis caro da minha mão e mandando todo mundo limpar a própria mesa? Simples desse jeito, de descer e tomar café na cafeteria e com uma secretária que nunca dá as caras? Cadê o estereótipo de rico que fica com o cu sentado na mesa, apostando em ações, e esperando que os outros se fodam para lucrar mais?

— Bom, vamos lá — Marcela puxou o foco para si. — Quando é que a gente sai e abandona o barco?

— Por mim, amanhã.

— Não, tudo de uma vez não — Carla virou-se para Marcela. — Fabrício tem que entender que estamos de saco cheio e que não aguentamos mais o jeito como ele é mole.

— Então essa é fácil — Camila: é sempre ela. — A gente começa a brigar. Todo dia. O tempo todo, por qualquer coisa. A primeira pede demissão, ele obviamente vai negar, então sai e deixa os direitos trabalhistas com ele. Só não abre mão da parte do Eph que a gente tem. A firma nova vai cobrir os direitos que o Fab vai deixar de pagar?

— Do jeito que o Bento tá apaixonado, se a Dé falar para ele lambe os pés dela, ele lambe — pelo amor de Deus, Giovana, para com essa porra.

— Encantou o sujeito, dona Andréia?

— Porra de encantar — respondi para a Gio mais do que para Camila. — Eu tô é resolvendo a casa dele. Qualquer um ama o encanador quando a privada tá pingando.

— Que seja — Carla voltou o foco. — A última a sair apaga a luz.

Em duas semanas, Camila brigou com Elaine, que brigou com

Juliana, que brigou com Cláudia, que brigou com Marcela. Carla ficou. Fabrício já estava enlouquecido, me contaram, porque ele perdeu, em duas semanas, os músculos e os ossos do meu Eph. Carla ria porque a loucura de Fabrício era tanta que ele sugeriu dobrar o salário dela, sugeriu entregar mais dez por cento do meu Eph para ela caso quisesse ficar. Pedi indicações de quem pudesse substituir o bonde que foi embora. Carla, lealdade de funcionário é tudo nessa vida, né? Podia ter lucrado muito mais, em curto prazo, se tivesse ficado no Ephemera. Mas, quando bateu a terceira semana, ela brigou com o próprio Fabrício. E disse várias coisas que andavam erradas na empresa e ainda, isso ela me contando, né, disse que sentia falta da época em que eu estive lá.

— Foi ela quem abandonou o barco — Carla me disse que Fabrício chorava quando ela saiu. — Eu tô aqui, afundando, com o que ela deixou.

— Tivesse consertado os furos antes.

— Não é tão fácil assim.

— Como que não? O Eph é uma máquina de fazer dinheiro! Era só você ter parado de beber e se preocupado com o que importa que estaríamos todas aqui, ainda.

— Não estariam, não — esse diálogo ilustrado é tudo o que ouvi de Carla. — Porque conheço vocês e conheço ela. Sempre teve briga feia aqui. A primeira saiu brigando e eu caí, mas, depois que a Ju saiu, essa história de briga e demissão por esgotamento não me convenceu mais.

— A gente não tem que te contar para onde vai, Fabrício.

— Não, nem estou pedindo isso. É só que...

— O que foi?

— Pede para ela me ligar. E pede desculpas em meu nome e em nome do meu irmão.

E foi assim que Carla ficou sabendo quem foi que me feriu. E não precisei pedir que não contasse a ninguém: ela sabia que isso era sério demais para deixar vazar em uma fofoca.



O lançamento de três quartos do Jardim Botânico casou com a transição do meu time para a firma nova. Derrubamos as gôndolas de repartição pública do décimo primeiro andar, vulgo, o antigo Departamento Financeiro e deixamos, na medida do possível, sem mexer muito nos acabamentos, só com plantas e cortinas, com a nossa cara.

Só o fato de abrir os espaços, vimos o quanto o andar era grande. Cabia até um berço para o filho da Marcela dormir, onde a mãe pudesse ver. Era política da empresa e ninguém se opunha, pelo contrário, todas nós queríamos, quando fosse a nossa vez (ou, no meu caso, quando foi a minha vez, era assim que eu queria que tivesse sido) ter a mesma oportunidade de ficar coladinha no filho mesmo durante o trabalho.

Enfiamos a mesa oval da antiga repartição pública no centro, uma que coubesse todo mundo, para brigas, discussões e almoços. Colocamos persianas limpas e novas, plantas, e cada uma achou o canto que melhor lhe acolhesse para enfiar sua própria mesa, do jeito que achasse melhor, com a vista que preferisse.

Foi assim que o décimo primeiro andar virou casa de doido. Decoração esquizofrênica, de bandeira do Bob Marley a livros de Matemática Financeira, de estantes de livros com lombadas de couro a móveis de bebês, e de pranchas sobre dois cavaletes a mesas de vidro com pés de cobre, inspirado em fotos do Pinterest.

Tinha tanto a nossa cara que, naquele andar, Bento não tinha nem voz.

O óbvio é que eu me mudasse do andar do Bento para o nosso andar, até perguntei se tudo bem, mas ele disse, alto e claro, para a Gio, do outro lado da sala, ouvir também:

— Não — taxativo feito pai com filho, que era para ninguém nem retrucar. — Você eu quero aqui.

E a boba aqui nem falou nada, parte porque não fazia diferença onde era a minha sala, uma porque nunca me dei muito bem com salas fechadas, sempre trabalhei no movimento, e duas que eu trabalho em pé. Sempre foi assim. O

máximo que sento é para atualizar uma planilha de Excel, porque até ligações eu faço em pé.

E isso eu reconheço que é um velho hábito de uma velha Andréia que trabalhava em mesa de restaurante, no banco de trás do próprio carro ou em pé numa prancheta, diante das obras de reforma do bar novo. Virou um costume. Ainda que com o Bento eu não deixava para fazer minhas ligações enquanto dirigia porque, quando eu era dona do Eph, para não sucumbir à necessidade de mexer no celular durante o trânsito, ligava para as pessoas. Usava o raio do bluetooth do carro que nunca serviu para nada porque paulista bom é paulista que ouve a Rádio Bandeirantes para saber como é que está o trânsito.

Até o dia em que tive que chamar o Bento para entregar pessoalmente o convite da festa de lançamento para o prefeito, tudo foi pacificamente bem. Quero dizer, não que tenha durado muito, mas foi bom. Bento fingia que eu não lhe devia um café na rua e eu fingia que ele tinha esquecido. Me enfiei no décimo primeiro andar e me preocupei com a contratação do novo time administrativo por tempo suficiente para que ele se esquecesse que eu tinha prometido, abra aspas, sair com ele.

Foi só quando entrei em sua sala e vi um esboço de miniteatro, tudo quase pronto, os mezaninos, a capacidade de público, o pé direito da caixa preta, a boca de palco e tudo o mais que um teatro tem, que eu me espantei.

O cara tá achando mesmo que vou carregar a empresa dele nas costas para que ele possa viver de desenhar. Tem um projeto batendo na porta, a ala Sul tá toda para ser plantada, tem uma festa para acontecer no fim de semana, logo ali, e o cara me abre um cacete de projeto novo?

Vê, só ali que eu entendi também que a bagunça monumental dele não era apenas uma bagunça normal de moleque que nunca precisou arrumar o próprio quarto. Entrei na sala dele e vi que ela estava redecorada. Os papéis antigos que se atulhavam aos montes pelas bordas da mesa foram substituídos por livros técnicos. Os lápis guardados em seus estojos, o teclado do computador não estava mais sobre uma pilha de livros, mas à vista, ao alcance da mão. Bento não é bagunceiro, entendi enquanto o observava, Bento organiza seu espaço de acordo com seu fluxo de trabalho. Mas é um fluxo esquisito para caramba.

E não é que eu seja visual, se fosse, teria me preocupado em descrever pessoas e lugares com um pouco mais de decência e o máximo que falo sobre isso é que fulano tem cabelo tal e olho tal porque acho que ficar contanto quantas espinhas sujeito tem na cara, ou, qual a altura milimétrica da barba, isso nunca ajudou na imaginação de ninguém.

Vai ver, é também porque eu não seja uma pessoa muito imaginativa. A questão é: quando entrei na sala dele com o convite para o prefeito na mão, o vi de colete, camisa e um livro em cima da mesa, por cima do esboço do miniteatro. Ele lia alguma coisa nas bordas de um desenho técnico e não me viu chegar.

— Terra chamando Bento?

Não vá me julgar agora: tá todo mundo torcendo para que eu olhe duas vezes para o homem que me contratou. Que eu saia com ele, vá me divertir, tire uma casquinha. Eu sei, o povo é tonto. E enquanto ele lia sabe-se lá o que de tema arquitetônico, olhei duas vezes.

Quer fazer um cara ficar bonito é só botar um livro na mão dele. Eu, que não sou muito de ler, tirando os romances de cavalaria com Amélia, tenho uma quedinha por homem com livro na mão, sim. Acho bonito. Ganha todo um charme. Mecânico bombado e sem camisa, fritando embaixo de sol, com a mão cheia de graxa e o suor escorrendo da nuca é uma vista linda? É, eu tô no celibato, mas não morri; mas quer me ver sorrir feito tonta é ver um sujeitinho na dele com um livro na mão.

E era o Bento, né. Quer dizer, isso não é desculpa boa, mas o bicho é lindo, é fácil de se perder na vista. Ele respirava pausadamente, e o peito pulava sob o colete. Os ombros se mexiam ao sabor da respiração, minimamente. As mangas arregaçadas deixavam ambos os braços de fora e ele tinha o tipo de braço que parecia ser só certo. Para um cara que passa o dia com a bunda na cadeira e, no máximo, sobe de elevador para tomar um café, ele até que era grandinho. Alto era, mas não estou falando desse tipo de grande. Nem grande no sentido sexual, não tem como eu saber, pô, tô olhando um sujeito sentado e de roupas. Tô só comentando, você sabe, que Bento é bem bom de ficar olhando.

Ele tem o pulso largo. E os braços mais largos. E as mãos são grandes e não como as mãos dos meninos de escritório, que parecem que nunca nem jogaram bola na rua. Era mão de homem. Entende o que eu quero dizer? Uma mão boa.

Uma mão bem boa, aliás.

— Terra chamando Andréia?

Você não me engana mais. Era essa a cara que ele tinha. Um sorriso de Te peguei. Se ele tinha dúvidas, agora acabei com elas. Nunca dei abertura para que se aproximasse e, se era um homem inteligente (coisa que sempre pareceu), também não vai começar a me rodear como se eu estivesse no cio.

Quer dizer, espero que não.

Um segundo de tensão que eu dissipei com um sorriso calmo. Um sorriso de “não vamos fazer disso um grande negócio, vai”. Somos adultos. Gostei de olhar, ele percebeu, gostou de ser visto, e pronto. Ninguém vai comer ninguém só porque os olhos ficaram felizes.

— Vim trazer o convite para você entregar para o prefeito — avancei para a mesa dele e o coloquei sobre uma pilha de livros.

— Pessoalmente?

— Pessoalmente o quê?

— Veio trazer pessoalmente.

— Ah — não é desculpa para te ver, cacete, você trabalha na sala na frente da minha, desculpa para te ver não falta, sua empresa vive de pepinos e se eu não fosse tão teimosa e não gostasse tanto das coisas do meu jeito, te teria à tiracolo o dia inteiro. — É, que é para você olhar na minha cara e prometer que vai entregar pessoalmente o convite para o prefeito.

— Não acredito que este seja o melhor uso do meu tempo — acabou o encanto. Quer me ver de cara é o sujeito vir falar que o tempo dele é mais importante que o tempo dos outros.

— Você só tem um trabalho.

— Exatamente. E o meu trabalho é esse — apontou para o livro. E para o esboço. Eu posso me desdobrar com quinhentas funções (até porque Diretora Executiva é um cargo genérico para “faz-tudo”) e ele não pode entregar uma merreca de convite?

— O seu trabalho é ser *frontman* dessa empresa.

— Você não está... ?

— Te ensinando a trabalhar? Estou. Já deu tempo de você aprender, e, se não aprendeu, te ensino — fui ou não fui contratada, porra? — Você é criativo e já entendi isso, você quer sossego e eu até te dou um bocado, mas não é menino com giz na mão, não. O lançamento do Jardim Botânico é no fim de semana, você nem tinha que estar com a cabeça em outro projeto.

Puxei qualquer caneta da mesa dele, podia custar trezentos paus ou cinquenta centavos, nem ligo. Prendi os cabelos para cima com aquela caneta porque eu vou começar a brigar e toda vez que brigo eu me derreto em bicas. E não é pelos olhos, não, tô falando é de suor e calor, mesmo.

Porra de riquinho que acha que ter vinte funcionários é só um detalhe. Não respeita o trabalho que dá para gerir todos eles e não respeita quem cuida do *backstage* para que ele seja o porra de *frontman* que mal sabe ser.

— Quer me foder, me beije primeiro — foi no sentido metafórico, mas

uma péssima frase. — Limpa essa mesa e pensa no projeto concluído. Na outra semana você volta para o brinquedo novo.

— Não, — e também encrespava para o meu lado, colando uma sobancelha na outra como se eu fosse a doida, não ele — claro que não.

— Amor, eu não vou levar sua empresa nas costas para você viver da sua arte. Esquece isso daí, não tem mecenato no século vinte e um e eu sou pobre demais para bancar arte alheia. O lance é o seguinte, presta bem atenção na mãe: eu tô aqui para fazer as coisas entrarem nos conformes, é para isso que você está me pagando. Sou sapa velha no mercado, mas você também é, então não me obriga a ensinar o pai nosso ao vigário: primeiro você lambe o cliente antigo. E não, não vou fazer todo o trabalho por você. Fim de semana é o lançamento, a minha secretária só sabe pensar em champanhe e taças, o pessoal do marketing tá trabalhando pesado com a mídia para que você e o prefeito saiam bem falados, então o mínimo que você faz é tirar essa bunda da cadeira e ir lá entregar esse convite.

Ele engoliu em seco. Não porque me temia, esse jeito e esse cheiro reconheço de longe. Tô brigando e o cara tá com tesão.

— Estamos entendidos?

— ...

— Inspiração não é vontade de cagar — e não vou entrar no jogo dele porque não tenho mais libido para isso. — Você não vai morrer se ficar uma semana sem desenhar e sua empresa é pequena demais para você ter um representante comercial para essas formalidades. Presidente bom é presidente que põe a cara no sol, e você tem que ser esse cara quando for falar com o prefeito. Já consegui o mais difícil que é o prazo estendido, então o mínimo que você me deve é honrar seus compromissos.

— Você tá certa.

— Querido, eu nasci certa — o sorriso dele. Uma sobancelha erguida. Ele gosta. E tá achando a minha cara de paspalha o maior barato.

— Só não concordo.

— Bom, isso é assunto para discutir no bar — como política e futebol, Bento, não tô te chamando para sair. — O negócio é você ir lá, beber um café com ele, sorrir, entregar o convite, e falar que está tudo pronto, só esperando que ele apareça.

— Tá bom, Andréia — esticou os braços atrás da cabeça como se se espreguiçasse e puxou o convite de cima da pilha de livros. — Você venceu, tá? Eu vou.

— É claro que venci — ele até gosta de desenhar, mas não é doido. Tem que comer muita merda e rasgar muito dinheiro para não ir numa reunião com o prefeito. O cara é o maior chefe de estado dessa cidade, como é que não vai, pô? A mensagem de quando você coloca um representante no seu lugar é clara: você, prefeito, não é minha prioridade. E quando você quiser, ou precisar de alguma coisa, ele vai se lembrar disso. E como vai. Já tive minha cota de experiências com a gestão passada e o meu antigo mirante.

— Vem comigo? — ele sorriu. O peixe morre pela boca, não é? Eita. — Ou você é importante demais para ir a uma reunião com o prefeito? — ele gosta. E olhando a carinha cínica, percebo o quanto esse cara gosta de uma briga.

Toma, distraída.

— Quando? — dei o braço a torcer. Se o presidente da Castro Arquitetura não é especial demais para ir ter com o prefeito, por que sua Diretora seria?

— Agora. Você tem que pegar a sua bolsa ou coisa assim?

— Tenho que avisar meu time — mentira: tenho é que pedir socorro para o *squad*. Alguém tem que me livrar dessa furada.



Entrei no carro dele, o Audi ao qual já me despedi quando concorri à vaga de motorista de sua mãe, ouvindo, dentro da minha cabeça, meu squad comemorar:

— Bento é dos meus.

— Lerda sou eu, minha filha.

— Até que enfim vocês vão sair.

— E se não rolar nada, a minha Andréia está morta.

Tanto faz quem disse o quê, isso não é relevante. Você pode imaginar uma miríade de comentários depreciativos e contrários ao que eu queria receber, e todos eles estarão corretos. Sentando no banco do passageiro, eu já toda nervosa pela pressão das amigas, (alô, é da oitava série?) Bento ocupou o banco do motorista e sorriu para mim.

— Olha aí o mundo dando voltas.

— O quê? — tanta coisa passava na minha cabeça, que a última coisa que eu pensaria era que agora ele quem dirigia para mim, em vez do contrário.

— Você quem tá no carona, agora.

— Ah — grandes merdas.

— Você quer?

O que é que eu quero? Bento, do que você está falando? Você não vai me beijar agora, né? Eu não sei o que faço se você fizer isso. Por favor, não faça, que está tudo misturado, gatilho com vontade com medo de panicar e olha que eu levei um belo de um tempo para parar de panicar desde a última vez que me beijaram.

— Se não quiser ir, tudo bem — desligou o carro e eu acalmei. Ufa, ele só está falando sobre ir visitar o prefeito. — Não posso te obrigar e você já fez muito mais que o seu trabalho.

Eita, que agora quem quer sou eu.

— Não, — eu sorri, puxando o cinto de segurança sobre o peito

— Vamos lá.

Ligou o carro de novo com um sorriso enorme na cara. Os dentinhos retinhos, branquinhos, brilhantes. A destra no volante, a manga da camisa arregaçada, um relógio no pulso. Homem de relógio e a mão no volante é uma coisa, né? É uma cena que você vê e não consegue des-ver. Fica impresso na retina. Olha para o jeitinho dele, só dirigindo, o punho fechado ao redor do volante, todos os ossinhos saltados. A outra mão sobre a própria perna numa calça social que combina perfeitamente com o colete.

Gio tem razão: o cara fede a dinheiro. E eu nem tô mais acostumada a coisas de luxo para não ter percebido, como é que não vi?

A primeira coisa que apita no Bento quando você o vê não é a marca da camisa nem a marca do sapato. O meu ex, você olhava e já sentia o cheiro do vidro de perfume de mil dólares. O Bento nem cheiro tem. Pode ter a conta bancária digna de prefeituras, ou pode ter só o dinheiro contado do aluguel e você não sabe, não é isso o que tem na cara dele. No Bento, a primeira coisa que salta é o sorriso.

Ele com a mão no volante e o sorriso na cara, sem olhar para mim. Podia tirar essa mãozona do volante e tacar na minha perna, né?

Olha bem para você, Andréia. Até cinco minutos atrás estava morrendo de medo que ele te fizesse qualquer coisa. É, até é, sim. Morrer de medo é diferente de querer. Dá para querer e ter medo junto e isso é uma merda.

Sabe, as melhores coisas da minha vida eu fiz morrendo de medo e querendo. Minha filha. A primeira noite no Cubo. Sete anos sem lembrar que tenho xoxota e agora não consigo parar de olhar para aquela mão em cima do volante.

Ele perguntou se eu queria ir. Ele deve saber que estou olhando porque ninguém aqui tem quinze anos, mas ele não tomou uma atitude sobre isso e essa liberdade, para uma sobrevivente, é tudo. Me dá folga para querer, para olhar, para desejar e ter medo.

Antes eu abraçava o medo. Só que é diferente o medo de quando você tem a sua vida ameaçada, de quando não tem. O medo de que as coisas deem errado não é o mesmo medo de morrer. E ter medo de morrer é uma coisa que ninguém, animal ou humano, quer passar duas vezes na vida.

Quer saber de uma coisa? Fico pensando no quanto deixo de fazer as coisas por causa dos meus medos, mas, espera lá: ainda estou aqui, afinal. Eu ainda vingo. Eu ainda dou flores. Ainda sou de carne e osso e um monte de chutes na porta. O mercado não me quis e virei atendente de telemarketing. Revendedora da Avon. Manicure. Porteira. Virei Uber. O Uber não me quis,

vendi bolo. Eu não parei. Eu me recusei a parar.

E se pude fazer tudo isso, cacete, por mim e minha filha, por que é que eu vou parar logo agora? Por que é que eu vou recusar o sorriso de um cara que claramente está a fim de mim e que claramente me faz questionar meu celibato?

Também fiquei no celibato parte porque não olhei para o lado. E porque com filha pequena a gente tem que pensar mil vezes antes de colocar um cara para dentro de casa.

E porque as minhas prioridades sempre são outras.

— Vamos?

Ele já tinha estacionado o carro e tinha a porta do passageiro aberta. Abriu a porta do carro para mim e eu estava tão dentro do meu universo particular que nem tchum para ele. Tinha o sorriso colado na cara, Deus no céu e esse sorriso na terra, vai se foder, que coisa maravilhosa. Um braço apoiado em cima da porta do carro e o outro parado, rente ao corpo. Vai descer não, minha filha?

Me deu a mão para ajudar a descer. Eu não sou nenhuma velhinha não, nem precisava, era só gentileza, mas é esquisito. Reparei que ele tinha colocado o terno. Elegante que só, e eu com minha blusinha da Marisa.

— Tô bonito para ver Vossa Excelência? — sabe, acho que ele perguntou só de sacanagem.

— A gravata tá torta.

— Arruma pra mim?

Oi, medo.

Ele não colocou as mãos em mim e eu amei isso. Tem uns caras que já metem a mão na sua cintura ao menor toque que você dá neles, Bento não. Talvez tenha se lembrado que recuso abraços de cumprimento.

Coloquei a mão na gravata, uma no nó e outra na tira que desce para o peito e se esconde no meio dos vãos do terno. Alinhei de acordo com a linha de botões da camisa, forcei a dobra da gola, e pronto.

Se eu tinha evitado olhar para o rosto dele até ali, na hora que terminei de arrumar, olhei. É legal quando o cara é um pouquinho mais alto que você, né?

— Obrigado.

Foi um prazer. Ele passou o alarme no carro enquanto andávamos. No meio do caminho, entre o elevador do subsolo até o andar do gabinete do prefeito, lembrei que tinha os cabelos presos por uma caneta e os soltei. Não que eles estivessem dignos de soltura, quer dizer, o dinheiro entra, mas a vergonha na cara não. A raiz preta dominava os cabelos loiros.

— Aqui — devolvi.

— Fique com ela.

Olhei direito para a caneta. Usei um prendedor de cabelo de, no mínimo, mil reais. Que ótimo, né?

— Fica melhor em você do que em mim, de todo jeito — sorriu saltando do elevador antes que eu, me deixando sem graça e sem saber o que responder.

Guardei a caneta só por questão de espaço. Ali não era hora. A secretária da antessala nos olhou, o cara muito lindo e a mulher de cabelo de duas cores, Bento disse quem era, disse quem eu era, e nós dois nos sentamos num sofá de couro, atrás de um quadro gigantesco assinado por algum artista famoso que eu não faço ideia de quem seja e que não deve custar pouco.

— É só chegar e entregar o convite, né?

— Tá nervoso?

— Nervoso não, meu pai era amigo desse cara, só não gosto muito dele.

— Normal. Acho que a imagem de prefeito nem é para ser gostável.

O prefeito o cumprimentou como se fosse amigo de seu filho, com abraço caloroso, meias-conversas de quem passou um bocado de tempo sem se ver, Bento perguntou dos filhos do homem e depois me apresentou.

Se ele não sabia quem eu era, Bento fez questão de lembrar. A Mulher do Mirante. E é engraçada essa visão política: se um cara que apoia a inclusão social me conhece, já vem todo amigável. Se um cara apoia a elitização da cultura, quando me vê e descobre que toquei Hitchcock, ou qualquer filme mais culto, de graça para o pessoal, pronto, ele já não vai com a minha.

Advinha com qual o prefeito se parece?

De dentro do terno Bento puxou papel dobrado, branco meio amarelado, escrito sob demanda por um caligrafista, casamentos têm menos pompa, um selo em parafina vermelha, feito de chancela, coisa da Camila, só pode, com o “C.A.” de Castro Arquitetura unindo as duas abas do convite.

Não custava menos que quinhentos reais, certeza. Era um convite formal, afinal, o leitor queria o quê? Um bilhete de post-it?

O ponto alto nem foi a entrega do convite, se o leitor quer saber. Foi só isso o que aconteceu, mesmo. Fomos lá, jogamos uma conversinha besta fora, vi as trinta e duas telas que o prefeito tinha na própria sala, de câmeras espalhadas pela cidade, entregamos o convite e voltamos. A mão no volante me deixou mais sem ar que a visita ao prefeito, pode ter certeza.

— A gente pode parar e comer alguma coisa aqui? — ele apontou para um café que eu não conhecia. Era depois do almoço, então seria só um café,

mesmo.

— Pode, né? — eu vou viver de dar o braço a torcer, caralho? — Tô te devendo um café fora desde que estendi o prazo com o Secretário.

— Não, — ele se virou para mim, parado no *valet* do café chique — não é seu chefe que tá chamando, é só o Bento. A Andréia e o Bento podem encostar aqui?

Podem podem podem podem podem podem podem podem podem podem.

Sentamos. Eu já tinha ido àquele bar, lembrei, só não sei com quem. De balcão de cafeteria não esqueço. Aquele, embora as normas da Vigilância Sanitária mandem pedra fria onde se faz comida, o balcão por onde as bebidas passavam era de tronco de árvore. Literalmente, digo: cataram uma árvore caída (e tem um aviso gigantesco sobre o como aquele tronco foi achado, logo na entrada do estabelecimento) e colaram pés de mesa nele. O máximo que fizeram foi passar verniz para proteger a madeira e lixar a superfície para que ficasse reta. E ficou lindo.

Lembrei o defeito desse bar assim que me serviram o café: o espaço é lindo, mas o espresso tem gosto de queimado.

— Eles não mudaram nada — sorri, olhando Bento batizar o café com açúcar.

— Você já veio aqui?

— É, eu não lembro bem sob que circunstância, mas já vim aqui.

— Vai, — sorriu, colocando as duas mãos na perna. A luz dourada mais puxada para o âmbar que luz branca fazia milagres sobre ele — pode enumerar os defeitos.

— Ué... — quem vê assim parece que eu sou a única pessoa capaz de fazer bar e café decente nessa cidade. Estamos num concurso, por acaso?

— É a cara que você faz — só a minha, né? Tá bom.

— Que cara que eu faço?

— Você, — pigarreou e se arrumou na cadeira. Coisa boa é o que não vem — é como se você olhasse já procurando o que pode melhorar.

— É?

— É todo dia assim.

— Todo dia?

— Vamos parar com as perguntas retóricas — ele sorriu. Não tô velha demais para me apaixonar por um sorriso?

— É que você não tá falando nada com nada.

— Andréia, você entra no meu escritório com a mesma cara. Todo dia. Sei que cara você faz.

— Se eu faço alguma cara, não é por mal.

— É sim.

— Porra... — me chamou para um café para me debulhar, homem? Que quié isso?

— Não é um defeito — mexia o café com a colher de plástico que lhe deram. Você leu bem: uma cafeteria que tem uma árvore no balcão, mas que serve colher de plástico. Se é para adotar o visual natureba, que seja por inteiro, né? Evite colheres de plástico. — Olha aí: a mesma cara — ele achava divertido. Cruzes, que porra de cara que eu faço?! — É como se você soubesse o que poderia ser, mas não é, e você se frustra.

— Bento, quando olho para você...

— Hã — ele acha mesmo que vou falar alguma coisa de bom sobre ele, ainda mais depois do comentário sobre a cara que faço? Ah, menino...

— Eu só vejo um miçangueiro com grana.

— Quê? — não bastasse um sorriso maravilhoso, ainda ri de um jeito que me arranca riso junto.

— Criativo tem seu ponto bom porque eles quebram paradigmas, se arriscam, descobrem e tudo o mais, mas tem um ponto péssimo. Em todos eles.

— E você conhece quantos?

— Um monte, mas, notáveis, conheço duas. As minhas publicitárias: Camila e Elaine. Camila é de uma grosseria que se você não tá pronto para levar chumbada, melhor vestir colete. E Elaine não ouve mais que duas palavras suas. E só se ela precisar de um favor.

— E eu... ?

— Você não respeita os outros.

— Uau.

— ... Ainda não me desce o lance com a coitada da Sônia.

— E nem tem que descer, não tô pedindo perdão por isso e o erro não é meu.

— Como que não é, Bento?

— Assumo a minha negligência com o departamento administrativo, sou um lixo com conta, mas sou bom com gente e desenho. Sabe, é fácil ser como todo chefe: você veste um terno de respeito, você não sorri para ninguém, eleva as metas até o infinito e sempre mais e mais e mais, nunca elogia um funcionário, e manda em todo mundo. É fácil ocupar esse lugar. Qualquer

babaca faz. Meu pai fez isso por anos e ninguém nunca falou que ele era um mau chefe: só que era. Fui a Sônia por muitos anos, desde que terminei a faculdade, e só fiz tanto curso no exterior que era para não ter que lidar com o meu pai.

— Eu não vou te interromper, continue — ele olhava para mim esperando uma réplica, mas, só não quis dar.

— Eu não vou falar que estou feliz que meu pai tenha morrido, mas no quesito chefia ele era um lixo. Ninguém nunca sabia mais do que ele, ninguém nunca colocava uma ideia na mesa, ninguém nunca estava certo. Mesmo quando alguém estava certo, ele fazia parecer que estávamos todos errados. Não tinha colaboração entre os funcionários, tinha uma competição descabida e eu era o filho café-com-leite do chefe, não era bom, não era o melhor... Só era um lixo. E se fazia algo de bom é só porque meu pai era o dono. Entende onde quero chegar?

— Honestamente? Não.

— Te explico: — chupou a colherinha de plástico e a colocou sobre o pires antes de retomar. — Em três anos, eu vou me gabar agora, tudo bem para você?

Tudo bem.

— Em três anos, veja, em só três anos, já levantei mais monumentos e já projetei mais espaços que meu pai em cinquenta anos. É porque sou melhor que ele? Não, sou um arquiteto bem merda, mas construí uma equipe diversa, especializada, e que é livre para tomar a iniciativa que quiser. Às vezes os clientes vêm por causa deles. Se eu falo que tal parede vai ser verde e vem o cara das cores falar que verde vai ficar um lixo, eu não discuto, deixo pintar da cor que ele quiser, dobrar a parede, ou o aço, ou o plástico, ou vidro, que seja. Desde que o resultado seja fora da caixa, inovador e lindo. Eu trabalho com o lindo e nem sempre o lindo é o óbvio. Para falar a verdade, raramente o óbvio é lindo. Que senão ninguém criava mais nada, né?

Falei qualquer coisa só para que continuasse falando.

— Então, Dona Andréia, pode parecer que não ligo para os meus funcionários, mas não é verdade. Ligo ao ponto de respeitá-los. Você, assim que entrou aqui, trouxe todas as suas funcionárias. Eu me atentei ao fato de que são todas mulheres, todas se alinham ao que você acredita e têm o mesmo estilo de pensamento. Claro que cada uma tem sua particularidade e tal, mas isso todo mundo tem. Mas você não vai me ver interferindo no seu modo de trabalhar. Se te contratei é porque confio em você. E elas são seu *squad*, afinal.

— Eu nunca te falei que chamo elas assim.

— É, mas pra te conhecer melhor, te comi pelas beiradas.

— Andou sondando a Gio.

— Não sou homem disso. Fui e perguntei. A Gio, que também é pato de fora do seu bonde, me contou as impressões dela.

— Em outras palavras: sondou.

— Que seja. O que tô te falando é que não dá para cuidar de uma equipe desse calibre, tô falando dos arquitetos, que são o meu squad, e cuidar da parte administrativa, entendeu? Meu pai morreu e me obrigou a assinar um contrato, controlador é uma merda, me comprometendo a não demitir o Pedro. Tanto é que agora ele está na justiça, contra mim, por causa disso. Então, se por um lado eu sabia que boa coisa ele não era, acreditei no que meu pai acreditava. E se ele julgava o Pedro um bom matemático, um bom diretor, por que eu não acreditaria?

— Mas você nem foi olhar!

— Eu olhei! Um milhão de vezes. Agora: pergunta se eu entendi alguma coisa.

— ‘Tendeu foi nada, né?

— Meu lance não são os negócios. Dinheiro é energia, não importa por si. Dinheiro é o que faz tudo funcionar, que me possibilita bancar vinte arquitetos, veja: meu pai só tinha cinco arquitetos e todos eles tomavam algum antidepressivo, eu incluso. Dinheiro é o que me possibilita fazer o que quero, desenhar o que quero, viver onde quero. Se perdi um montante X por má administração, fico triste porque eram X de energia que, se eu soubesse que tinha, talvez tivesse investido em outra coisa, mas não fico triste, no geral, porque tive energia suficiente para chegar até aqui. E sou muito orgulhoso por ter chegado até aqui.

— A gente devia ter tido essa conversa logo assim que entrei.

— Você não teria me olhado com tanta desaprovação?

— Nunca te olhei com desaprovação.

— Você não olha mais porque agora tá afim de mim.

— Eu não tô afim de você.

— Uma pena — não desperdiça uma cartada. — Porque eu estou afim de você. E de saber da tua história, e de saber o que te aconteceu, de visitar todos os seus bares, saber sobre o Mirante e de onde essa ideia surgiu, e de ouvir você falar qual o conceito por trás de cada porta que abriu.

História a gente conta porque calha de ficar sem assunto.

Ninguém nunca quis saber, assim, de verdade.

— Era pra eu ter me matado cinco anos atrás, Andréia. Quase consegui — jogou o assunto na mesa como se fosse só o troco do café.

— E meu pai me julgou por fraco até o último dia de vida. Acha que quero ser um décimo do que ele foi?



— Eu não sabia — ninguém levaria essa história de boa.

— Eu não falei para chocar. O que sou e o como toco a minha empresa convergem. Só falei para você entender o que não quero para a Castro — sorriu chamando o garçom. — Aqui é o Bento quem tá falando, e o Bento normal conta essas coisas e não tem mais vergonha delas. Já tive, com meu pai vivo eu mal o olhava nos olhos, mas agora... Eu só não tenho mais.

— Obrigada por me contar e fico feliz que não tenha conseguido... Você sabe.

— Eu não falhei, se não fosse o instinto materno, essa conversa nunca teria acontecido.

— Sua mãe quem te salvou?

— E não são sempre as mães quem salvam?

— Espero que minha filha nunca precise falar que a salvei.

— Talvez não diga. Mas em algum ponto da vida dela, ela também vai achar isso.

Mal tinha tocado no meu café e já estava a ponto de chorar.

— Deixa pedir alguma coisa para você comer, que não é nos olhos que te quero molhada — tinha um sorriso derramado nos olhos e nos cantos da boca, mas puxou assunto com o garçom que vinha e não olhou duas vezes na minha cara. — Você me traz... Traz um pão na chapa pra mim? Vocês têm pão na chapa, né?

— Temos, senhor.

— E você? — virou o rosto para mim, o rosto todo transfigurado em terceiras e quartas intenções, nenhuma delas prestando. Ainda sorria minimamente, pelos olhos e pela boca, mas ninguém, fora eu, poderia dizer que ele falava sobre sacanagem. — O que quer comer?

— Tem... — eita, que até me faltou ar. — Tem pão de queijo?

— Temos, claro. Um só, uma porção de mini-pães, pão de queijo recheado...?

— O normal.

— O lanche de pão de queijo deles é bom, pelo pouco que me lembro — Bento retomou.

— É? Então pode ser um desses.

— Peito de peru, queijo e presunto...? — eu só queria que o garçom parasse de dar opções.

— Peito de peru.

— Ok, vou pedir para preparar.

— Você vai rir, mas o melhor restaurante que eu já fui é de beira de estrada — comentei, trocando de assunto, me livrando do assunto semi-sexual, e me ajeitando na cadeira.

— Nesses Graal da vida?

— Não, pô. O nome do negócio é Pão Com Linguça.

— Cê tá de brincadeira?

— Não tô, Bê — o Bê saiu sem a segunda sílaba e nem fiz questão de completar. Se o cara tem a pachorra de jogar na minha cara que quer me deixar molhada não pelos olhos, então uma sílaba de apelido não faz nem cócegas, né? — É depois de Campinas, não lembro se é Limeira, se já era São Carlos... É na ida para lá, depois de Campinas, certeza. Os caras fazem a própria linguça, cê não come plástico no meio da carne que nem essas de mercado, é linguça mesmo.

— Tá — grandes merdas. — E daí?

— E daí que a linguça deles é maravilhosa e o pão é deles também. O nome do lugar é Pão com Linguça e não tem essa caralhada de opção que nem aqui. Cê entra lá sabendo o que quer comer e sai satisfeito. Não é maravilhoso?

— Não parece muito, não.

— ... Esses menininhos da cidade só querem saber de *cheeseburger*.

— Por que alguém iria num lugar que só vende isso?

— Porque aí é que está: você vem num canto desses, todo chiquetoso, e pede o quê? Café e pão na chapa. Você tá com o cardápio aí na mão, tá vendo que tem um milhão de coisas possíveis para comer, o garçom até fica te empurrando novidades, mas você pede aquilo que você já tem a intenção de comer quando entra, entendeu? Na Pão com Linguça é isso aí: não tem enrolação e só vai lá quem tá a fim de comer isso, ou já ouviu falar bem, ou achou a opção boa. Aqui você fica perdido e não presta atenção no todo, se atrapalha no cardápio, se envergonha com o garçom. Lá, não.

— Seus bares também tinham cardápio, não tinham?

— Claro — até o Pão com Linguiça tem cardápio! — Mas tinha só uma folha. Cada chef, cada barista, fazia o seu e já montava um menu pensando no como o cliente gostaria das coisas. Que nem: café coado. Nem ofereço nada além de um pãozinho na chapa, no máximo uma fatia de pizza, se essa for a vibe do lugar, um biscoito amanteigado... Por quê? É café coado, porra! Não tem que ter frescura. Já o espresso não: se o pessoal for que nem eu (e geralmente é), melhor é oferecer doce. Uma torta disso, uma torta daquilo, um brigadeiro differentão... Porque é o que as pessoas normalmente comem com espresso. Se é que gostam de espresso, tem quem ache muito forte.

— Minha mãe não gosta muito.

— Pois foi nela mesmo que pensei — e se estamos a falar da mãe dele.
— Falando na sua mãe...

— Lá vem: — ele até se ajeitou na cadeira.

— Como ela sabia quem eu era?

— Minha mãe já foi tomar café em algum bar seu e você bateu o maior papão com ela — isso é muito a minha cara: eu não estou fazendo isso com você neste exato minuto, Leitor?

— Bati? — o problema é que eu fazia tanto isso, que me esquecia quem eram os interlocutores.

— A mulher nunca esquece um rosto. Ela disse que não esqueceu de você porque você puxou a cadeira e ficou lá, falando igual tá agora. Disse também que tentou me empurrar pra você, mas que você já estava comprometida.

— Isso é tão coisa de mãe.

— Acho que ela ainda tá tentando fazer isso.

— O quê? Te empurrar pra mim?

Bento sorriu sem falar nada. A mãe dele tá tentando empurrá-lo pra mim? O máximo que fez foi aceitar um salário gordo, nunca falou comigo sobre ele.

— Nem tua mãe te aguenta mais, Bê.

— Ela é uma mulher de setenta anos. Tá doida para ser vó há muito tempo.

— E você?

— Eu o quê?

— Tem vontade de ter filhos?

— Já tive. Hoje em dia não fico pensando nisso, não.

— Por quê?

— Cansa ficar caçando parceira. Olha bem para a minha cara: — estou

olhando muito bem para a sua cara nesse momento, Bê. — Olha bem para os meus dedos — já olhei tanto os seus dedos que decorei todos eles. — Tá vendo aliança de compromisso? Passei tanto tempo tentando agradar meu pai que nem para mulher eu olhava direito. Agora... Acho que meu tempo só passou e eu não vi.

— Não fala isso.

— Odeio ter que ficar atirando para matar, Andréia.

— Para quem odeia, você faz isso muito bem.

— É? — olha lá o sorriso atirador. — Se faço, é sem perceber.

— Fica muito feio um homem formado fingir incompetências para ganhar empatia da plateia.

— Se quer saber, não tô procurando empatia, não.

— Sei que não — sorri. Até porque falei só por falar. — Mas se estamos sendo honestos, me impressiona você ainda ser solteiro.

— Pois é — deu um gole no próprio café e olhou ao redor, reconhecendo os espaços. Não disse muito mais e eu também não tinha muito mais o que dizer.

Também não fiquei impelida a falar qualquer coisa só para ter assunto. Às vezes acontece de sobrar silêncio entre duas pessoas que não se conhecem muito e está tudo bem. Pelo menos, eu me sentia bem, em silêncio com ele, só olhando o meu café, o rosto dele, o pomo de adão subir e descer e a brincadeira que a luz fazia sobre ele.

— Você falou sobre a Sônia não ser culpa sua — puxei assunto quando o garçom chegou com o pão na chapa e o meu pão de queijo com peito de peru. — Lembrei de uma coisa que devia ter perguntado e não perguntei.

— O que foi?

— Por que você disse que o erro não é seu?

— Eu não sou fã de culpar a vítima, tá? — fez de novo o gesto que fez mais cedo, o de esticar os braços acima da cabeça, alongando as costas. Depois colocou ambas as mãos na mesa, espalmadas. — Pedro quem fez a vida dela um inferno e ele é o grande culpado, só fico pensando no porquê ela não veio falar comigo. Ela era do Recursos Humanos então ela sabia, claramente, as minhas ideias sobre o meu time. Pedi ajuda para ela sobre os arquitetos, um monte de vezes, inclusive sobre regime de contratação, então ela sabia o que eu pensava sobre ambiente de trabalho, sabia sobre o meu histórico com o meu pai e sabia da minha intolerância com chefes abusivos. Eu fico pensando... No porquê ela deixou.

— Ainda bem que você não culpa a vítima, né?

— Os vilões ganham a proporção que nós damos. Apreendi essa com muito custo. Eu não tô tirando a culpa do Pedro, abri um processo contra ele, semana que vem vou ter uma reunião com a Sônia sobre o que ela quer fazer. Mas ela passou anos debaixo do pé dele. Assim como eu passei anos embaixo do pé do meu pai. Ela fez o que eu fiz, e sabendo o que passei e o que penso, por que é que ela não veio falar comigo?

— Talvez ela tenha tentado. Talvez estivesse com vergonha.

— ... Mas por tanto tempo?

— Talvez ela só tenha se acostumado.

— É o que eu acredito, porque eu também me acostumei. E se acostumar com coisas assim te roem por dentro, Dé. Vai te consumindo. Eu só me dei conta do quanto me consumia quando pensei “Ufa” depois que voltei do enterro do meu pai. Até hoje não chorei a morte dele. E eu posso culpá-la, assim como me culpo, por ter se acostumado com o abuso. Entende o que eu quero dizer?

— Entendo... Mas não desce.

— É porque esse tipo de violência é tão nociva quanto um tapa na cara, mas não deixa marca — parou de falar, raciocinando. Olhou dos meus olhos para o meu pescoço, onde até um tempo atrás ainda tinha hematoma do episódio do Pedro, e voltou para os meus olhos num jeito que me dizia: “eu já decifrei você”.

Se tinha me entendido e entendido a minha distância segura das pessoas, se tinha entendido a minha não-reação à violência do Pedro, ficou quieto. Engoliu em seco, desviando os olhos de mim, e não disse mais nada.



Me deixou de volta no prédio quando já era quase o fim do expediente. No estacionamento de novo. O riso fluía fácil e eu não estava enganada: a conversa fluía também. Contei a ele como abri meu primeiro bar, que só legalizei e tive alvará da prefeitura quando fui abrir o segundo, que trabalhei ilegal por muito tempo até conseguir desburocratizar a abertura de contas com um contador que não se importou em me explicar como que faz e o que vai onde; ele me contou de como o pai dele ergueu o castelo onde a mãe dele vive até hoje, me contou como foi ser imigrante na Alemanha, como foi viver de lavar prato lá fora e como, quando o pai dele ficava bravo porque o filho iria fazer mais uma extensão da faculdade, no cu do mundo provavelmente, ele se recusava a dar dinheiro.

— Bloqueava até as minhas contas do dinheiro que eu recebia pelo trabalho que fazia na empresa dele. Um porra. Toda vez era isso: falasse eu um “a” contrário ao que ele queria, pode ter certeza que meu cartão seria recusado até no café, no dia seguinte.

— É um bom método, esse cala-a-boca — comentei, saltando do carro pela porta que ele mantinha aberta para mim.

— É, mas arranca a independência do cara, né? Não tô falando dos milhões na conta para beber champanhe de camarote, tô falando do básico, de não ter um puto para pagar um café nem abastecer o carro.

— É difícil ouvir um rico reclamar de dinheiro e levar a sério — daqui a pouco o sujeito começa a reclamar que o pai dele dava uma mesada de só dez mil reais por mês e ainda tinha que se virar para fazer render.

— Não dá para falar a sério com você, Andréia.

A criança dentro de mim ficou doida para repetir um “a sério com você”, mas fiquei quieta. Com as costas da mão fez carinho no meu pescoço, onde houve marca roxa. Entortou a boca meio sorrindo, meio sinto muito, meio querendo me tocar mais. Fez carinho o suficiente e eu não consegui esconder o arrepio.

(E não, a mão dele não estava gelada).

— Espero que um dia você me deixe te abraçar — disse, fechando a porta do carro, me olhando fundo nos olhos. Um sorriso de canto de boca, um jeitão mais galante, coisa de homem doido para dar o bote final. — Obrigado por ter saído comigo.

— É, — trinta e quatro anos servem só para dar ruga, por que por mais sapa velha que fosse, corava feito menina — foi bom.

— Te vejo amanhã?

— Provavelmente bem pouco, é véspera de lançamento, a Gio e as publicitárias vão me alugar até sobre guardanapo de mesa.

— . — estalou os dentes, fazendo cara de quem tinha esquecido.

— E ainda tem isso.

— É, rapaz. É o preço de comprar tempo, né?

— Bom, espero que sobre um tempo para mim.

— ... E se eu ver miniteatro na sua mesa, a cobra vai fumar.

— Tá bom, Andréia, tá bom.

— Até esse lançamento acabar, você não respira outra coisa. Você checa se está tudo perfeito, se está tudo limpo, sei lá, se vira, convoca teu bonde e dá um jeito.

— Sim, senhora.

— Lindinho, falando assim até parece que é obediente.

— Eu sou. Quer testar?

Não me tocar não o impedia de ser baixo. Ridiculamente sexual. Acho que é uma arte falar o normal e parecer que está falando dos aléns. Não sorria. Não sorrindo era pior que sorrindo.

— Bom, — botou encanto e tirou o doce logo em seguida — eu vou nessa que bateu saudade de mi mamá. Vou dar um cheirinho nela e perguntar se já jantou e, como ela dorme cedo, até eu chegar no Jardim Europa, vai chão.

— Até amanhã.

— Me chama de Bê de novo.

— Até amanhã — repeti e ele só sorriu, entrou no carro, e saiu do estacionamento me comendo pelo retrovisor.

Até amanhã, Bê.

Subi até o décimo segundo procurando a Gio, a esperando para dar carona, e a achei no meio do bonde. Sem sapato, ajoelhada na cadeira, falando com as publicitárias como se ela dominasse o assunto e as outras só fossem novatas.

Todas me olharam quando entrei, nenhuma deu risinho nem fez chacota. A maioria sorria feliz por mim porque sabiam que, se demorei muito, é porque saí com o Bento. E sair com ele, fosse ele, fosse outro cara, era um avanço para a matrona que não sai da toca senão for por filha.

— Gio, vamos embora?

— Não, Dé, vá você. Que aqui tá longe de acabar.

— Vai, Gi — Elaine falou. — A gente termina a reunião no carro.

— É? Como que faz isso?

— Dé, ensina como a gente fazia — Camila mandou.

— Vocês também — mandei. — Vão todas embora. Não tem porquê virar a noite aqui por causa de taça e champanhe.

Todas me olharam esquisito, até Carla e Marcela, do administrativo. Andréia Borges, A Baronesa do Café, mandando pessoal embora porque, de repente, taça e champanhe não são mais prioridade?

— Só saiam daqui. Vamos, Gio. Tem criança para catar na escola.

— Já mandei o Beto catar.

— Gio: eu não vou falar de novo.

— Nossa Senhora, que porre de mulher.

— Caralho, a mulher acabou de sair de um encontro com um cara muito

gato, deixa ela ir para casa bater uma siririca em paz, porra — pela boquinha santa, o Leitor já sabe quem falou uma atrocidade dessas.

— Sai da minha frente, Giovana, vai cuidar da vida e deixa a Dé cuidar da dela.

Siririca: eu ainda lembro como é que é isso?

— Que que foi? — Camila sorria e me peitava. — Não lembra como que brinca de DJ, véia?



Lembrar até lembrei, mas não quis. Vagina passou a ser para xixi e olhe lá, esqueci para o que é que servia e ainda não tinha me sentido íntima comigo mesma para teimar com isso.

Para uma mulher que tem medo de abraço masculino, aceitar sair com um exemplar da espécie era o máximo que eu conseguia.

Quer dizer, o máximo que eu queria. Porque se eu quisesse mesmo, tinha dado meus pulos. Eu só... você sabe, não estava tão afim assim.

Mas, para fim de registro, continuemos com a narrativa. Até porque somos todos (mais ou menos) adultos aqui e ninguém tem que ficar se explicando no porquê não quer se tocar.

No sábado de lançamento do Jardim Botânico, fomos Gio e eu para o salão da Vivi. Sem o produto comprado e sem querer pagar menos. Perguntei para a Gio se ela queria mexer no cabelo e ela disse que queria só pintar as unhas, mas eu, senhoras e senhores, queria devolver a cor natural para todo o comprimento do meu cabelo. Deixar de ser loira de farmácia porque sabia, mais que qualquer um, que o ser loira foi uma saída emocional para uma escolha racional.

Lá estava eu, sete anos antes, recém-parida e sozinha, enfrentando a barra do pós-parto, o peito pingando leite e todo machucado, a barriga que não parecia a minha, o corpo que não parecia meu e o bebê recém-pulado para fora chorando o tempo inteiro.

Disseram que não era bom pintar o cabelo enquanto amamentava, mas se a gente for ouvir o que todo mundo acha que não é bom fazer, eu nunca teria saído de Alumínio. Comprei uma água oxigenada quarenta, misturei com o que a moça da farmácia disse para eu misturar e plau na minha cabeça. Tudo por necessidade de controlar a minha vida que parecia ser de todo mundo, menos a minha, por necessidade de fazer alguma coisa por mim e só por mim.

E segui com esse cabelo, com mais ou menos raiz preta, ao longo de toda a primeira infância de minha Amélia. Creio que até sentar com a bunda no salão

da Vivi, minha gatinha nunca tinha me visto toda morena.

Escolher pintar o cabelo com a minha cor natural era outra escolha emocional. Estou de volta, pessoal. A Andréia de antes, meio antiga e meio repaginada, está aqui. A Andréia fodona que cuida de si, dos outros, que sabe fazer, sabe administrar, sabe comandar, está de volta e tem espaço para fazê-lo sem que um ex-marido apareça com um contrato na mão gritando “É tudo nosso, é tudo nosso!”.

E acho, olhando tudo ensebado de creme e de tinta, de frente para o espelho do salão da Vivi, que quando descolori tudo, eu estava mais me agredindo que me cuidando. Não que todas as loiras fiquem loiras porque se agredem, só estou falando de mim, cada cabeça uma sentença e Deus por todos. Só estou dizendo que sempre amei demais a minha cor e de ter cabelo comprido.

E me pintar de loiro definitivamente não ficou bom, e eu nem procurava ficar bonita, sabe? Não pinte de loiro para ficar bonita. Pinte para deixar de ser morena.

Para deixar de ser um pouco eu, talvez?

— Nossa, Déia, você nunca devia ter tirado o castanho — disse a Vivi, lavando meu cabelo naqueles bancos que os cabeleireiros põem a gente quando querem enxaguar.

— Por quê? Estraguei a cabeça com o loiro?

— Estragar não estragou, mas é que sua cor natural cai muito bem com o tom da sua pele.

Pois é. Um hair stylist já tinha me dito isso há muitos anos. O máximo que ele recomendava eram luzes uns dois tons acima da cor do meu cabelo, só para dar um charme.

Me olhei de cabeça molhada no espelho, olhei para a mulher com a tesoura na mão, ouvi o barulho do secador ligado e eu só quis sair de lá, cabelo daquele jeito, toda eu, sem corte novo, só meu cabelo de volta.

— Mas, Dé, e se a gente cortar uma franjinha?

E eu lá tenho dez anos para ter franja? Eu já estava a fim de meter o pé e a mulher mal tinha começado seus trabalhos.

— Não é franja mesmo, é só uma desfiadinha assim, só para enfeitar o rosto.

Que fosse. A Gio achou a ideia ótima, já balançava efusivamente a cabeça como se fosse a minha Amélia quando quer me convencer a comprar doce. Aceitei e fiquei olhando para o espelho. Cabelo cresce, é, mas quem quer conviver com um cabelo todo cagado enquanto ele cresce?

Pela primeira vez em sete anos (não, mais, bem mais), saí do cabeleireiro me sentindo linda. Dependendo do salão que você vai, a mulher não cansa de te oferecer produto e de falar mal do seu cabelo para que você compre mais coisas. Ali, não sei como, só saí linda.

E podem vir os naturebas me falar que cabelo não é tudo, que o que importa é o que vai por dentro, mas uma mulher com energias renovadas é capaz de tomar decisões que ela posterga há anos.

Eu, que entrei no salão pensando só em dar uma garibada para o lançamento parcial do Jardim Botânico, saí de lá pensando em me arrumar de verdade.

Almoçamos todos juntos, as crianças, o Beto e nós duas, preparamos um macarrãozinho com atum que é coisa supersimples de fazer e não tem quem não goste e, depois, fui para a minha casa, só com a Gio, para a gente se arrumar.

Não quis falar, mas acho que a Gio percebeu e não me incomodou, nem tirou onda comigo, mas o que eu queria mesmo era me arrumar para o Bento. O encontro meio previsto e meio arranjado mexeu comigo e sou mulher suficiente para não ficar fazendo doce (e nem tenho mais idade para isso, aliás) e afirmar, com todas as letras, que talvez esteja um pouco interessada nele.

E de todo jeito, aquele lançamento parcial foi toda ideia minha. O prefeito estaria lá para receber os louros que não merece, o secretário estaria lá para receber o biscoitinho do prefeito, o Bento estaria lá com a maior cara de pau do mundo mostrando o que ficou pronto e sem nunca assumir que o que não nos deixa revelar a Ala Sul do Jardim é pura e total incompetência.

Talvez os jornalistas convidados especulem isso, mas, se o Bento for esperto, ele só começa a conversar com jornalistas depois do pronunciamento do Prefeito, que vai se gabar até os cotovelos do tal Museu Botânico que o Bento vai trazer à vida sem custos aos cofres públicos. Um baita de um palanque.

Cara, nessas horas eu me amo muito.

Pronta, diante do espelho, nada de especial nem brilhoso, mas classuda o bastante para os meus trinta e poucos, um blazer por cima do meu último vestido preto da época de rica. Vender bolo fez um bem danado para o meu corpo. Comê-los não muito, mas andar por aí vendendo, eu vou te contar.

— Caramba.

— Tá exagerado?

— Não, é que eu só tô me sentindo muito muito muito pobre perto de você.

— Bordô é a sua cor, Gio.

— Tá, você já me falou isso um monte de vezes. E mesmo assim não fico nem um décimo tão bem quanto você fica de preto.

— É que vestido e chinelo é muito mais a sua cara — e não, nunca falaria isso para ofender. Se eu usasse chinelo e vestido com a mesma desenvoltura que ela usa, o leitor jamais me veria de salto. A questão é o estilo.

— Eu tô a um ponto de te mandar à merda.

— Gio, joga o blazer branco por cima.

— Não, credo.

— Vai por mim. Joga o blazer branco.

De frente para o espelho, descontente com o vestido bordô, ela só jogou o blazer branco por cima da roupa.

— Falei, não falei?

— Uau.

Beto, quando viu a esposa vestida diferente do que sempre veste, de bermuda e sem camisa sentado na sala brincando com os filhos, olhou e não desviou o olhar. Até abriu a boca um pouquinho. Como se tivesse tido uma epifania. Ele a ama de todo jeito, sei disso, o lar deles tem cor de amor e de briga igual meus pais tinham, mas quando ele a viu pronta para sair, toda arrumada e insegura com o vestido colado na barriguinha de grávida, esse homem não se conteve e, se não tivesse mais ninguém naquele cômodo, todo mundo sabe o que ele teria feito.

Cara, eu quero isso também. Quero ser olhada e desejada quando me arrumar e quero ser olhada e desejada quando não me arrumar. Quero ver um cara abrir a boca sem se controlar e fazer um esforço para controlar os pensamentos porque está perto dos filhos.

Eu quero isso.

Todos os meus sonhos de esposa e filhos foram destruídos por causa de Fabrício. E quero ter a chance de ter este sonho besta de novo, nem que seja uma última vez para depois nunca mais.

— Dá um beijo na mãe que a mãe vai indo — Gio baixou perto dos filhos, o Junior agarrou no cangote dela, o Bruno veio depois, até minha Amelinha foi também, mas o Beto nem se mexeu.

— Pai, não vai dar beijo de tchau na mãe, não?

— Não dá.

Depois de darem beijo na mãe, vieram dar beijo em mim.

— Cê tá bonita — Amélia disse quando a puxei para o meu colo.

— É? Cê acha? — sorri manchando suas covinhas de batom.

— Tá bonitonaaaaaaa!
— Gostou do meu cabelo novo?
— Tá igualzinho o meu!
— Pois é, agora até franja eu também tenho.

— ã-ham!
— Mas vem cá, Gatinha: você vai se comportar?
— Sim!
— Vai obedecer seu Tio Beto?
— Sim!

— Se ele mandar você comer, cê vai comer?
— Vou!

— E se acontecer alguma coisa de esquisito você vai me contar? — cochichei. Porque o Beto é confiável, mas nunca é demais lembrar esse tipo de coisa à sua menininha. — Qualquer coisa que acontecer?

— ã-ham!
— Então eu espero que você se divirta muito hoje, Gatinha.
— Você também, mamãe.
— Te amo.

É uma bosta o ser mãe. Você só vai ali, num sábado, se preparou a droga do dia inteiro para sair, mas mesmo assim, quando liga o carro, o coração se sente culpado por deixá-la. Dá um aperto besta que você até sabe que não precisa, mas tem vontade de subir lá, checar duas vezes, só para ter certeza que está tudo bem.

— É o Beto — a Gio lia meu pensamento porque também compartilhava do meu sentimento. — Também tô esquisita de deixar meus filhos.

— Acho que a gente só não tá acostumada a trabalhar tão tarde num sábado.

— E nem tão bonita. Menina, você viu a cara do Beto?
— Eu espero que você faça um bom uso daquela cara quando voltar.



O caminho para o Jardim Botânico não era difícil, era só pegar a Marginal Pinheiros por boa parte do caminho, mas era longe. Colado no Zoológico, confesso que nunca tinha ido. Ainda mais à noite. Entregamos o carro ao *valet* contratado especialmente para o lançamento e caminhamos, na maior parte do tempo, na grama.

Eu não sabia se segurava mais na Gio, ou se a Gio em mim, as duas sem querer cair e virar notícia de jornal, mas chegamos ao saguão, uma estufa, gramado coberto por tablado, onde, em uma hora, no máximo, estaria cheio de grã-fino.

Uma coisa tenho que dar o braço a torcer: enquanto eu resolvia meus pepinos, a minha equipe se virava bem sem mim. O espaço estava lindo e ninguém tentou ofuscar que estávamos, obviamente, no meio do mato. As plantas iluminadas por âmbar, as árvores estacadas no meio do passeio, o rio que corria no meio do espaço devidamente isolado para ninguém se machucar. Os garçons já circulavam entre a própria equipe da Castro Arquitetura, únicos que ocupavam o espaço.

Marcela foi a primeira a me cumprimentar e me apresentar devidamente à esposa. O filhinho delas preso no sling de todo dia, dormindo debaixo de uma coberta. Depois veio o resto do meu squad, todo feliz em me ver de cabelo escuro e bonita.

— Tá morta não — Elaine comentou como se eu não tivesse ouvido. — Tá bem viva e chutando.

— Ainda tá para nascer o cabra que vai me derrubar — respondi com algum gosto bom preso na garganta.

— É assim que se fala, Dé.

— É, mas talvez esse cabra já tenha nascido — Gio sorria, uma prancheta na mão e uma caneta entregue por um garçom, resolvendo qualquer coisa de última hora do buffet.

— Hoje não é dia de assinar coisas, Gio, o que você está fazendo?

— Não te contaram — Cláudia sorriu me afastando do resto.

— O que foi que não me contaram?

— O oitavo elemento cuida de eventos — Juliana vinha atrás. Me segurando pelo cotovelo porque quando ela queria falar sério, anos atrás, era assim que fazia. — Você não precisa de secretária, Dé, se ponha no seu lugar. Deixa a gente cuidar da novata, que a bichinha leva jeito.

— É, a gente sacou que você quis ela do seu lado e tal... — Elaine continuou. — Porque é isso o que você faz, você cuida dos seus, mas precisa saber que ela é trabalho nosso.

— Cuido dos meus mais ou menos — sorri já quase chorando.

— Devia ter cuidado de vocês melhor.

— Ninguém cuida dos outros quando está caído — Ju retomou.

— E você tá totalmente desculpada. O negócio agora é deixar a novatinha com a gente e aceitar que ela não é sua secretária.

— Tudo isso... Foi ela quem fez?

— De tudo isso, você diz a festa de lançamento?

— É, pô.

— Só dei uns toques. Tô pensando lá na frente. Hoje é Castro Arquitetura, mas não dou cinco anos para a gente ter o Eph de volta. E sempre precisamos de alguém para cuidar só dos eventos, né?

— Eu não sei nem o que te dizer.

— Vem, Ela, deixa a mulher em paz que hoje ela não é nossa.

Talvez o cabra que vá me derrubar já tenha nascido. Bento estava sentado num sofá de dois lugares, alugado para a ocasião, do outro lado da estufa de plantas, uma taça de champanhe na mão, mas os olhos só para mim.

Tinha uma moça com o celular apontado para ele, sentada bem ao lado, conferindo um bloco de anotações sobre o colo.

Cacete.

Tá sentindo o que tô sentindo, Bento? Está prevendo o que estou prevendo?

Melhor: Tá querendo o que eu também tô querendo?

Deixou a moça sentada e veio. Cruzes, parecia que não chegava nunca. Ele vinha e eu me enchia de ansiedade. Será que ele vai dizer do meu cabelo? Será que estou arrumada demais? Será que ele vai perceber que foi para ele? Ele vinha e o sorriso vinha junto. As mãos vinham. Os olhos já tinham vindo. Andam sempre comigo desde que entrei.

Eu queria e não queria que ele percebesse que era para ele. Estava bonito

demais, também. Tinha os cabelos arrumados com gel e um cheiro de colônia ou perfume (eu nunca sei perceber qual é qual só pelo cheiro), a barba feita. Cortou o cabelo, Bê? Cortou. Espero que continue lindo quando não tiver mais de gel.

— Tá linda — se não percebeu que era para ele, agiu como se fosse. O sorriso que não vai sair da cara pelo resto do dia alargando o meu sorriso. — Você pode...

O que quer que seja, eu posso.

— Pode segurar no meu braço o resto da noite e não soltar mais?

— Acho pouco provável.

A carinha de desapontamento. A pontinha quebrada no sorriso.

— ... O prefeito vai pedir para você subir no púlpito com ele.

Não posso ir lá.

— Mas, e todo o resto do tempo?

— É...

— É?

— Aham.

Ninguém tinha muito o que falar, só queria concordar, fosse no que fosse. Abriu um espaço entre o tórax e o braço para que eu colocasse a mão e o fiz. Com a outra mão, ele segurou a minha.

— Eu não vou fugir, Bê.

— Vai sim. Eu te conheço.

A todas as pessoas ele me apresentou como Andréia Borges, a mulher que criou o cinema do Mirante. Até aos arquitetos dele, que, por eu ter que resolver pepinos demais em tempo de menos, mal os vi. Inclusive, revi a outra Cláudia, a mulher que, no salão da Vivi, pegou meu currículo e levou para o chefe.

— Tô vendo que fiz meu trabalho de cupido — ela sorria, um champanhe na mão, o cabelo provavelmente arrumado em casa porque não nos trombamos na Vivi e um largo sorriso satisfeito.

— Pois é — o Bento falou, eu ouvi, mas fingi que não. — Te chamo para o casamento.

Toda vez que eu ouvia Bento falar de mim para os outros tinha vontade de corrigi-lo. Eu era a moça do Mirante. Eu era a moça do Denver. Agora sou Diretora dele e só.

Só que o Bento não me apresentava como diretora dele. Me apresentava ainda como a Andréia que fui. Até para os jornalistas que se fofocavam entre si eu ainda era a Andréia do Mirante e do Grupo Ephemera. Como se toda a minha

falência não representasse nada.

Uma hora, cansada de mentalmente corrigi-lo, soltei a pérola:

— Ex-moça do Mirante.

E foi a jornalista que me deu o tiro de misericórdia:

— Por quê? O Mirante não existe mais?

— Existir, existe, mas não coordeno mais o grupo Ephemera.

— Andréia, — e Bento não colocou panos quentes — quem chegou em segundo não cantou a vitória.

Mas, de todo jeito, fosse eu a idealizadora do projeto, o Mirante não era mais meu e o Bento me apresentar como se eu ainda tivesse poder sobre ele me incomodava. Era como se ele tivesse vergonha de eu ser sua Diretora e não a mulher Ultra-fatal que um dia pude ter sido.

Por um lado, até entendia que era melhor que me apresentasse como a Mulher do Mirante, de braço dado comigo, do que sua diretora, porque para alguém achar que consegui o cargo por outros meios que não pelo currículo, basta bem pouco, mas por outro lado, me incomodava muito não ser só a diretora dele.

— Quero eles tão interessados em você quanto eu — cochichou quando abandonamos o Secretário de Meio Ambiente e sua esposa bronzeadíssima e trinta anos mais nova.

— Não quero ninguém interessado em mim.

— Nem eu? — falava e sorria. Ainda bem que me disse que não gosta de atirar para matar.

— Se for para me apresentar, que seja só como sua diretora.

— Todos os que precisam saber já sabem — acenou de longe para o prefeito que vinha com esposa e filhas. — O que quero que eles entendam é o porquê. Pedro saiu sob escândalos e desde então só têm fofocas sobre você. Quando eles descobrem que você é a Mulher do Mirante, todos entendem a troca óbvia.

— Você tá fazendo propaganda de mim por aí, então?

— Não que precise — sorriu falando mais baixo conforme o prefeito vinha em nossa direção. — Os arquitetos já te amam pelo prazo extra de dois anos.

As filhas do prefeito olharam para o Bento com a cobiça esperada. Bento é lindo, é rico e, o melhor de tudo: solteiro. E elas são moças de estirpe para casarem com homens como ele. Olharam para mim com nojo como se o meu vestido, o meu cabelo, o meu sapato fossem todos feitos de merda.

Acho que estou velha demais para entrar em briguinhas como essa. Fosse eu quinze anos mais nova o leitor pode ter certeza que estufaria o peito, sorriria largo e ainda tiraria uma casquinha bem na frente destas moças, mas, depois de certa idade (e já com um descasamento nas costas) a gente percebe que não é marcar território o que mantém o homem conosco.

Bento é livre para ir com elas, sou livre para ficar, todo mundo é livre e este é o século vinte e um. Se ele pediu para que eu ficasse ao lado dele a noite toda (e eu quero ficar) então, isso para mim é o suficiente. Ué. E as moças que achem moços de suas respectivas idades.

O prefeito nos cumprimentou, elogiou, sorriu, me apresentou as filhas que Bento já conhecia, trocaram lembranças amistosas de férias que passaram juntos, relembrou o pai de Bento, Bento sorriu o máximo que pôde e deve ser uma qualidade conseguir ser educado e amigável com um cara esnobe e arrogante como o prefeito, depois passaram para outro convidado da festa porque, por mais que Bento fosse o patrocinador, o dono da festa era o prefeito.

— Não me deixe sozinho — e reforçou o pedido. — Fabiana quando fica bêbada vira um grude.

— E daí?

— E daí que elas apostaram quem fica comigo numa festa há uns dez anos e até hoje me pentelham.

— Bento, elas são muito mais novas que você.

— Por favor, — e reforçou o pedido — não me deixe sozinho.

— Acho que isso é desculpa para eu não sair do seu lado.

— Talvez — talvez não, certeza. O sorriso confirmava isso. — Você vai sair?

— Vamos trocar de assunto, tá?

— Minha mãe tá vindo.

— Não brinca?

— Desde que o pai morreu ela nunca mais apareceu em eventos como esse.

— Puta merda, Bento, que maravilha! E por que você não a trouxe?

— Tô aqui desde às três da tarde.

— Por quê?

— Porque eu achei que você fosse chegar às três.

— A Gio quem te falou isso?

— Ela me falou que você chegaria às seis.

— ... E eu cheguei...

— Só que eu confundi.

Bê... Coloquei a mão no rosto dele, num carinho. Gostei da ternura da pele do rosto dele, da maciez da barba feita, do sorriso gentil que ele me devolveu quando o toquei.

Era como se a gente se conhecesse há muito tempo. Ele beijou a palma da minha mão, me olhando lá no fundo, e eu não sei por que, tudo o que tive foi vontade de chorar.

— Te falei que cê tá linda?

— Falou.

— É?

— E você tá lindo também.

Ele não me soltou nem quando a mãe dele chegou. A mulher viu o filho acompanhado e se abriu inteira em sorriso. Parecia que só tinha dentes. Os óculos com correntinha da Coachella, o vestido deslumbrante de mulher que sabe se vestir para festas além do preto básico, o cabelo prateado arrumado em um coque que provavelmente levou horas para ser feito, tudo isso montado em sua cadeira de rodas e seu ajudante: Ed, vestido num terno lindíssimo e ultra caro, barbeado, cheiroso e um sorriso de homem que consegue manter a casa e fazer esposa e filho felizes.

— Licença, Dona Angelina, posso dar um abração no seu segurança?

— Se o Bento concordar...

Porra de Bento concordar, Dona. Tasquei um abração saudoso naquele moleque que ainda teimou em me chamar de tia.

— Tá gatona, hein, Tia. Caramba!

— Menino... O que eu faço com você?

— Minha mulher mandou te chamar para comer lá em casa qualquer dia, porque ela quer te agradecer pessoalmente. Disse para te convidar a próxima vez que eu te visse, então, ó: tá oficialmente convidada.

— Você ainda não conhece a Heloísa? — Angelina falou comigo.

— Só de foto.

— Ela é um amor. E o bebezinho Enzo é uma graça!

— Nossa, mas a senhora já conhece até o bebê?

— O Ed não sabe falar de outra coisa.

— Até eu sei do Bebê Enzo e da Mãe Heloísa — Bento se intrometeu. — A minha mãe também não sabe falar de outra coisa.

Fiquei feliz em ver que o Ed se dava bem com a patroa e fiquei mais feliz ainda em ver que Dona Angelina tinha companhia todos os dias. Aquele casarão

pode ser lindo, mas para visitar e dar o fora. Viver todo dia naquele palácio deve ser triste.

Os jornalistas rodearam o púlpito que a Gio mandou fazer especialmente para a ocasião quando o Prefeito tomou a palavra. Ele leu o discurso que algum assessor preparou, com dado histórico da construção do espaço, com as diversas reformas, os gastos, deu uma exagerada na importância dele para a sociedade e deu a boa nova: a construção do Museu em parceria com o Instituto de Biologia da USP.

Nessa hora, todos os jornalistas prestaram atenção. Enquanto o prefeito enrolava com seu discurso-bunda, todo mundo sabia mais ou menos o que esperar, mas quando aconteceu a boa-nova do museu, todos abriram seus blocos de nota, seus arquivos de celular e se preocuparam com a pauta para o dia seguinte.

Então Bento subiu no púlpito. Não, é claro, sem antes apertar a mão do prefeito e posar para um milhão de fotos. Depois enrolou mais um pouco, demonstrou sua aptidão como arquiteto, revelou o que foi mantido do projeto original, o trabalho cuidadoso de restauração dos pilares de gesso e dos arabescos, a troca de vidros das estufas e demais melhorias que fizeram dentro do Jardim.

Então, creditou a ideia do Museu a mim. E tremi nas bases porque tudo o que eu queria era não ser mencionada em Jornal. Bento falava da minha sacada genial, do diálogo aberto que ele teve com o Instituto de Biologia da Universidade, das propostas de abrir um Museu Histórico de Botânica dentro da Ala Sul ainda em fase de replantio.

Tudo o que ouvi do Bento é que ele falou meu nome na frente de um monte de jornalista. Depois de sete anos sumida numa “ilha paradisíaca”.

Encostei num canto, enquanto o Bento ainda falava, tentando engolir o baque. Que os jornais falassem de mim era o de menos, o que é um nome no meio de uma matéria digna só da décima página? O difícil é se alguém lesse meu nome e viesse atrás de mim. Agora ele sabe onde eu trabalho.

Sete anos depois, quando eu finalmente conseguia me reerguer, o medo de ser caçada e não conseguir fugir voltava. Para me dizer, com todas as letras, que sete anos não são nada. E que ninguém se cura só porque faz mais dinheiro.



— Você tá legal?

Na minha cabeça, fingi bem que estava tudo nos conformes. Não dei vexame, não desmaiei, a pressão não caiu e não subiu. Só fiquei parada e esperei que isso fosse o suficiente. Ficar parada é quase a minha reação única, você não lembra o que foi que fiz enquanto o Pedro me segurava pelo pescoço?

Bento me perguntar se estou bem, depois que cumprimentou seus colaboradores e desceu do púlpito, me fez querer fazer alguma coisa sem saber bem como.

Sei que ele não tem culpa, é o meu nome mesmo, Andréia Borges, eu quem criei o Museu para barganhar com o relógio, eu quem sou a diretora dele, mas só não esperava que ele fosse... Sei lá, que ele fosse me dar algum crédito por isso.

Era para ser só o meu trabalho. Não o trabalho que me definiria como pessoa, mas só um trabalho que me desse algum dinheiro para cuidar e criar o projeto da minha vida. E, por um instante, senti o chão se abrindo, o medo voltando. E a sensação de que quando Fabrício descobrir que tem filha, também queira tirá-la de mim.

Daí eu pergunto aos senhores: o que é que faço da minha vida se Fabrício me tira até a menina?

— Dé, o que foi?

Eu sei, a culpa não é do Bento. Ele só deu os devidos créditos. Só quis ser gentil, tá sempre querendo ser gentil, eu já entendi isso nele, mas por que... Porra.

Fabrício vai vir a cavalo, com o dinheiro de cavalaria que dei a ele, pronto para tirar a menina de mim. Pronto para me acusar de Alienação Parental (e ele tem razão, porque nunca nem contei que era pai) e me deixar sozinha no mundo, sem ninguém, nem nada.

Não bastasse tirar o dinheiro, o conforto, o projeto da minha vida. Meu Cubo, porra, nem com meu Cubo ele me deixou ficar, agora vai querer a menina

também. E eu sei que vou me arregaçar numa briga judicial em que não sairá ninguém satisfeito. Nem Amélia. E isso é que era o pior.

Porque sei que o que Fabrício quer, ele não vai ter. Fabrício nunca vai ficar satisfeito com a vingança. Ele queria um motivo que explicasse o porquê fui flagrada arreganhada para o irmão dele no meu escritório, mas algumas coisas não têm explicação e eu mesma cansei de procurar qualquer coisa que explicasse.

E nada do que eu disse, do que tenha usado para me justificar, nem o B.O, nem o corpo de delito, nem os laudos. Nada. Nem a minha palavra, nem os fatos. Fábio disse que transei com ele porque quis, e Fabrício fechou os olhos para os fatos.

Sei que ele vai descobrir de Amélia mais cedo ou mais tarde e sei que, na ausência da explicação, ele vai ficar feliz em me tirar tudo.

— Vem.

Bento me segurou pela mão e me tirou do foco de atenções. Me contaram depois que uma jornalista tinha feito uma pergunta e que tinha o gravador de celular apontado para a minha cara, mas eu juro que não vi nem jornalista, nem gravador. Só vi o Bento e olhe lá, falando longe demais, alheio demais, dentro do meu universo particular.

A próxima coisa que sei é que estava sentada num sofá com uma xícara de café quente na mão. No vento gelado da noite, o café estava tão quente que me deu arrepio de frio. É só disso que lembro. O terno azul do Bento veio depois. Cheirava a ele e era quente como ele.

Esse homem entendia de lar mais do que qualquer casa onde já morei. Me deu o calor dele sem precisar ter contato físico comigo e a minha identificação de lar e aconchego dentro de uma xícara. De onde brotou aquele café isso eu nunca vou saber. Talvez seja ideia da Gio. Talvez seja só o jeito dele.

— Tá melhor?

— Não fiquei ruim.

— Andréia, eu fiquei mais de cinco minutos olhando para a sua cara esperando uma resposta. A Jornalista da Folha estava até sem graça com o seu silêncio.

— Que jornalista?

— Ela perguntou de onde veio a sua inspiração para criar o Museu.

— É?

— E perguntou se estávamos namorando.

— Mentira.

— Quando ela perguntou isso e você não respondeu, até eu fiquei sem graça.

— Eu não ouvi ninguém falar nada.

— Pois é.

— Cacete, — eu não estava aérea — pior que não vi nada mesmo.

— Pelo menos você ouviu o final do meu discurso?

Querido, se eu não ouvi nem a moça falando diretamente comigo...

— Pelo visto, não.

— Não mesmo. O que você disse?

— Qualquer hora eu falo de novo.

— Se você falou isso ao público, qualquer um aqui dentro sabe o que você disse. Se você não repetir, vou ter que perguntar a outra pessoa.

— Eu só especulei.

— Não se especula na frente de jornalista — eu tenho que ensinar tudo para esse homem?

— É, mas especular para jornalista bota pressão.

— Mas o que porra você disse?

— ... Que talvez, um dia, você queira dividir seu interesse por Bares e espaços urbanos com arquiteturas e novos projetos.

— Cê não está comendo merda.

— Talvez eu esteja.

— A gente se conheceu ontem.

— Pois é.

— E sua mãe ainda é sua sócia.

— E seu ex-marido comanda teus bares.

— Cê tá comendo merda.

— Eu tenho energia suficiente para arriscar — odeio quando ele fala “energia”. Não é energia, porra, é dinheiro! Não tem nada de metafísico nessa desgraça. Só um cara com conta bancária transbordando de verdade se atreve a falar “energia” quando o resto de nós só sabe falar “salário”.

— Além de comer merda é esnobe.

— O quê?

— Você propôs sociedade na frente desse monte de jornalista?

— Talvez.

Pronto: pulei da página dez do jornal para a página dois. Castro Arquitetura propõe sociedade a Ex-sócia do Grupo Ephemera. A manchete está pronta, só falta rodar as prensas e encher quinhentas palavras com linguíça.

Agora sim que o Fabrício me devora e rouba Amelinha de mim.

— A gente se conhece de ontem.

— Não, Dé — ele não sorria. — Só calhei de te encontrar agora.

O que ele quis dizer com isso fiz questão de ignorar. Ele é um homem adulto, dono das próprias faculdades mentais, estudado, viajado, culto e cheio de grana. Ele é um homem adulto que sabe muito bem o que quer. Ou deveria. Não pode arriscar o ganha-pão de vinte funcionários (sem contar o resto do staff e as novas aquisições, eu inclusa) numa sociedade só porque gostou de como a Diretora Executiva gere seus negócios. Isso não é adulto. E nem um pouco esperto.

— Eu não tenho nem grana para comprar a parte da sua mãe.

— No fim do ano. Eu vou comprar a parte da minha mãe, dar sossego a ela e você compra a porcentagem que quiser.

— Zero é porcentagem.

— Então você não quer?

Passei tanto tempo odiando o Eph e o que Fabrício fez com ele, que é difícil pensar em qualquer coisa além de fechar suas portas para sempre.

— Talvez a gente possa repensar o Ephemera como parte da Castro Arquitetura.

E parou de falar, ainda bem. Que ele tinha alguma ideia, isso percebi, mas não era uma ideia que me faria aceitar. O Eph é o Eph e não tem nada com arquiteto e projetos. Nem que eu caísse e batesse a cabeça, nem que eu morresse e nascesse de novo. O Eph é o Eph. Falando mal dele ou não, desdenhando ou não, enaltecendo ou não. Meu Ephemera é feito para ser um hub de bares. Por mais que Fabrício o tenha.

E para quem se recusava até passar em frente, até que meu *squad* me mudou muito. Antes eu só queria que Eph queimasse junto com seu novo dono.

Bento me deixou com o terno dele por mais que eu estivesse de blazer e foi atender um grupo de jornalistas a pedido da Cláudia que cuidava da assessoria de imprensa. Fingi que eles não perguntariam de mim e me escondi perto do meu *squad*.

Só uma vez Cláudia me obrigou a falar com os jornalistas e as perguntas foram todas voltadas para a criação do Museu. Eu, que já tinha sido instruída dias antes quanto às respostas (não falar, em hipótese nenhuma, que a ideia de Museu era para comprar tempo para a entrega da Ala Sul), respondi cada uma das perguntas, sorri para a câmera e me contentei em ser simpática até que um jornalista veio me perguntar do Ephemera.

Daí eu fiz a fina, desconversei, e saí. Se não deu no jornal que eu perdi tudo porque traí foi só para que Fabrício não passasse a imagem de corno em rede nacional. Todo o discurso do fim do nosso casamento, da posse do Ephemera por parte dele, do meu sumiço, tudo foi controlado por ele. Eu nunca disse nada a ninguém e vou morrer preferindo assim.

— Você praticamente sumiu da cena empreendedora paulista, Andréia, o que você aprontou todos estes anos?

— São Tomé e Príncipe é uma ilha linda — dando a entender que realmente passei sete anos de cu virado para o sol: torrando.

— Você deu uma palestra uma vez... na FGV... — meu Deus, de onde brotam uns seres que lembram o que fiz no meu verão passado?

— Falando sobre jamais conseguir abandonar o que faz por amor. E depois sumiu para uma ilha paradisíaca. O que te fez mudar de ideia tão radicalmente?

Um estupro seguido de falência, seguido de gravidez. Tá bom ou quer mais açúcar?

— Bom... — Deus, joga um raio na minha cabeça para não ter que responder.

— Chega, né? — Cláudia piscou para o jornalista que queria minha cabeça numa estaca de madeira. — Acho que a Andreia já respondeu todas as perguntas a respeito da Castro.

— É, mas...

— Se você tiver outras perguntas, manda por e-mail — Deus no céu e Cláudia na terra. Pelo cotovelo, a mulher foi me empurrando para longe do jornalista, antes que eu fosse obrigada a responder o que não quero responder para ninguém.

— Dé, — a Elaine me abordou quando eu procurava um garçom que me servisse água — a Gio pediu para dizer que já foi, tá?

— Ela foi de carro? — com o meu carro e me deixou sem ter como voltar para casa?

— Foi. Foi, e faz tempo. Só lembrei de te falar agora.

Esquisito. Será que aconteceu alguma coisa? Liguei para ela no instante seguinte. Ouvi um discurso absurdo sobre não poder voltar para casa porque o Bento era um puta partido e que eu merecia mais da vida além de cuidar de filha e trabalhar.

— Tá proibida de chegar em casa antes de amanhecer.

— Eu nem falei para a Mel que eu ia... — nem adiantava.

— Amélia está em casa com os priminhos postiços. Tá tudo bem, eu tô aqui, o Beto também tá, então vai atrás desse homem e chupa ele bem direitinho que é para ele nunca mais nem pensar em olhar para o lado, tá me ouvindo bem?

Como uma menina de doze anos diante de conversa de adultos, eu corei.

— Achei você — e, se não bastasse o complô óbvio, ainda aparece o Bento para assinar a obra dizendo: sim, eu tramei com a sua amiga para ela me deixar levar você para casa.

— Alô? — e a Gio, literalmente na minha orelha, esperando que eu respondesse alguma coisa.

— Tô aqui.

— Vai, Dé, ouve a voz da consciência.

— Você virou a voz da minha consciência?!

— Eu sempre fui, amor. Agora vai lá. Seja feliz nem que só hoje. Você merece.

Morta de vergonha, desliguei o celular. Bento lia na minha cara o que a Gio tinha dito. Lá da Freguesia do Ó ela ria imaginando a minha cara de perdida. Os dois tão bem armados que era melhor que Bento propusesse sociedade à Gio, não a mim.

— Eu não estava fugindo — respondi.

— Ah, você não percebeu ainda.

— O que foi?

— Todo mundo tá dizendo onde você está sem eu perguntar.

— É?

— Eu acabei de puxar assunto com um arquiteto e ele desconversou, me perguntando onde você estava. Fui falar com a Cláudia, ela disse que você estava procurando garçom. Fui falar com a Marcela, ela disse que você estava no banheiro. Fui falar com a Camila e ela disse que você estava dando para alguém debaixo da escada.

— O quê?!

— E depois ainda disse que se eu não me mexer, é isso o que vai acontecer.

— Isso é tão a cara dela que não vou nem duvidar que tenha mesmo dito isso.

— Olha, eu tô acostumado com festa. Meu pai vivia fazendo lançamento, coquetel, jantar beneficente e essas coisas. Só que nunca, em toda a minha vida, ficaram me empurrando para lá e para cá desse jeito, atrás de uma moça. Nem

quando eu era adolescente.

— Talvez esteja muito na cara, Bento.

— É, talvez. Talvez, né?

— Você se importa? — ele retomou quando me abstive de comentário.

— Não.

Sensação de que te conheço há um milhão de anos.

— Até porque tá muito na minha cara também — falar falei, mas nem consegui dizê-lo olhando para ele.

— Posso te falar o que a Gio disse de você? — ele sorria tão grande que me fazia sorrir assim também.

— Lá vem.

— Disse que seus olhos brilham.

— Isso é o que acontece quando você tá vivo, Bentô: os olhos brilham.

— Disse que seus olhos brilham quando tá olhando para mim. É muito tarde para demitir uma secretária?

— Acho que a gente já pode ir para casa, se você quiser — por que ele fazia parecer que a casa dele era a mesma que a minha?

— Eu ainda posso chamar um Uber — pensa que é só fazer minha amiga ir embora com meu carro que vai me levar para casa? E se não houver um Uber nessa parte da cidade, ainda posso catar um ônibus. E se não houver ônibus, vou a pé.

— É claro que pode — a mão no meu rosto. Empurrando minha franja para longe da sobrancelha. — Mas você não quer.

Nem perguntou. Sabia. Porra de amiga que não controla a língua.

Brilho nos olhos meus ovários.

— Vamos embora?

— Não — respondi. Ele sorriu.

— Vamos, vai? — barganhava. — Só um pouco.

— Ir embora só um pouco? Como que faz? Deixa o braço?

Prazer, Cu Doce. Fazendo manha ainda, bem mocinha de cinema.

Desisti de achar um garçom que servisse água, ignorei o sorriso de aprovação do squad inteiro, corei quando passei pelos jornalistas já sabendo o que eles escreverão no dia seguinte e fomos para a saída.

— Para a sua casa — ele afirmava abrindo a porta do próprio carro para mim. Mas era como se perguntasse se era mesmo a minha casa para onde devíamos ir.

— Para a minha casa — botei os pontos finais.

— Cê coloca o endereço no meu celular? — puxou o aparelho do bolso dianteiro da calça, desbloqueou com o polegar e me entregou.

Tanto truque manjado num cara só.

— Eu te indico o caminho.



O celular vibrou no meio do caminho e eu ria muito. Bento quando solta a língua desmonta a visão de mocinho de romance que o leitor pode ter dele. Ele contava de quando era moleque, das filhas do prefeito, dos outros amigos importantes de seu pai, das travessuras de moleque rico que são sempre um pouco mais sérias e mais perigosas que as travessuras de moleque de classe média.

Atendi soltando o ar e com calor.

— Tá ocupada? — era a Gio. E eu convivo com ela há bastante tempo para reconhecer o subtom trêmulo e nervoso por baixo do tom normal de sua voz.

— Tô voltando para casa.

— Então nem vai para casa, vem direto para o pronto-socorro. Vem, ela disse. E não vai.

— O que foi? O que aconteceu?

— Amélia pulou da minha cama para a cadeira do computador e o chão estava muito escorregadio.

— Machucou muito?

— Dé, eu não quero te assustar, mas acho que a menina quebrou o braço.

— Tô chegando.

— Ela está chorando ainda, mas já estamos na sala de espera do Raio-X.

— Tô chegando. Dez minutinhos. Diz para ela que eu tô chegando.

— Tá, Dé, se acalma, ela tá bem.

Acabou a graça. Olhei para o Bento, Bento olhou para mim e ele não sorriu, não ficou bravo, nem contrariado. De todo jeito, me conhecendo e sabendo da minha não-aproximação das pessoas, eu sei que ele não esperava que acontecesse muito entre nós.

Não, pelo menos, naquela carona para casa.

— Para onde? — foi tudo o que ele disse.

Indiquei o desvio de caminho e não nos falamos mais. Amélia deve estar

chorando muito, a Gio que diminuiu o sofrimento pelo telefone. Eu conheço minha filhotinha bem demais para saber que um ralado no joelho é o suficiente para um berreiro.

— Quer levar ela em outro hospital?

— Não.

Eu confio nos médicos de lá. Tem o lugar comum de que hospital público não presta e a gente ouve umas histórias bem escabrosas às vezes, mas em todas as vezes que precisei, sempre fui bem atendida. Só demora.

Bento estacionou seu Audi na rua e era a hora de dizer adeus, mas eu não tinha tempo. Parti do carro dele sem esperar que abrisse a porta para mim. Ouvi o alarme do carro conforme eu subia as escadas do Pronto-socorro municipal. Ouvi os passos atrás de mim. Encostei a barriga no balcão da recepção mais ou menos vazio e ele encostou também.

— Desculpa, Bento, nem deu para dizer tchau — eu, na minha inocência, achei que era isso o que ele queria.

— Não tô aqui para cobrar tchau.

— Coloca isso aqui no peito, senhora — a recepcionista me disse. — O senhor também.

Provavelmente a recepcionista achou que ele fosse o pai da minha Amélia. Sem dizer nada, Bento colocou a etiqueta de visitante no peito e me acompanhou pelo corredor cinza de hospital.

Gio arregalou o olho, surpresa, quando me viu com a cavalaria. Depois escondeu um sorriso de aprovação. Beto segurava minha Amélia no colo, toda manhosa, escondendo o bracinho com a outra mão. Junior e Bruno, de pijama os dois, sentados, quietinhos como se sentissem culpados pela queda da prima postiça, fizeram bico de choro quando me viram.

— Vem cá... — Amélia pulou do colo do tio para o meu e chorou assustada, toda cheia de dengo, triste e nervosa sem saber organizar os sentimentos e um pouco aliviada por eu estar ali. — Mas o que foi que você aprontou, hein?

— Andréia, estava uma farra naquela casa quando eu cheguei — a Gio sorriu, mãe de dois sabe bem como é criança quando apronta. — Não sei quem era o mais doido!

— Papai pegou o vestido da mamãe — Junior, percebendo que eu não estava brava, veio jogar charme para cima de mim.

— Senta aqui, Dé — Beto deu lugar para eu sentar e me sentei com Amélia no colo.

— Obrigada — e retomei a conversa com o Junior. — O que seu pai fez com o vestido da sua mãe?

— Começou a imitar ela.

— Dé, eu cheguei e esse daqui estava com uma saia minha na cabeça, um batom vermelhão pintado na cara igual Rambo, sabe? E usando vassoura para fingir que atirava nos meninos.

— Ué, e não é até dez horas que pode fazer barulho?!

O semblante assustado do Bruno mudou logo para um sorriso divertido de quem gostou de brincar de Rambo com o pai.

— E como é que vocês foram parar em cima da cama?

— Mandei todo mundo ir dormir, né? — a Gio retomou.

— Sei.

— E depois o chão virou lava.

— Essa brincadeira eu não conheço.

— Tia, quando alguém fala que o chão vira lava, você não pode tocar no chão — Júnior me explicava.

— E daí correu todo mundo para a cama — Beto se defendia.

— E a gracinha da Amélia pulou da cama para a cadeira do computador e tchum no chão, não foi, Dona Amélia?

O anjinho do meu colo, todo manhoso, só balançou a cabeça fazendo bico: ã-hã, mamãezinha.

— Mas o tombo foi feio mesmo, Gio?

— Pior que deu dó da bichinha, Dé. Bateu o dente na mesa, caiu telefone, caiu teclado, nossa Senhora...

— Deixa a mãe ver o braço, filha.

Se não quebrou foi por milagre porque estava muito inchado e vermelhão.

— Cê não consegue mexer, né?

Nem insisti para que mexesse. Beto foi buscar uma manta que tinha no próprio carro, colocou em cima da minha menina e eu falei que eles não precisavam passar a noite ali comigo. Que podiam todos ir para casa.

— Vão, pessoal. Amanhã a gente toma café da manhã junto e eu conto o que foi que aconteceu no braço dela — falei olhando da Gio para o Beto. — Tá tarde para as crianças e amanhã é domingo.

— Bento, cê vai ficar? — a Gio nem quis saber de mim.

— Vou.

— Vai mesmo? Vai levar ela para casa?

— Vou.

— Então tá, fico mais tranquila para ir — chamou os dois meninos e os mandou se despedirem de mim, Beto deu um aperto de mão no Bento (e só aí que eu fui me tocar que de Beto para Bento é só questão de “N”), a Gio deu um beijão em mim, outro nele e foram os quatro embora.

Confesso que ficou bem menos divertido quando me vi só. Nós três, parados na sala de espera do hospital público, a sala do raio-x fechada, provavelmente ninguém lá dentro, e um vento frio. Amélia se aninhou mais no meu colo, a mãozinha machucada protegida, o cobertor por cima.

— Tá doendo, né, filha?

— Tá, mamãe.

— A Tia Gio te deu algum remédio?

Quando o radiologista veio, minha pequena quase dormia. Segurando o bracinho machucado com a outra mãozinha, enroladinha no cobertor, dentro dos meus braços, aos poucos, ela foi se aconchegando. É bom como beijo e abraço ainda cura ferida de criança.

E, por outro lado, ainda bem que ela se acalmou. Porque eu não saberia o que fazer com uma criança com muita dor, chorando, e toda aquela demora.

— Amélia Borges?

Entramos na sala do Raio-X e Bento ficou do lado de fora com a minha bolsa e a manta. Depois fomos encaminhados para outra sala de espera, a minha filhinha chorando um pouco porque o radiologista ajeitou a posição da mãozinha dela para tirar a chapa.

Quando saímos do hospital, quase quatro horas depois, Amélia estava nervosa. Só queria saber de colo. Ganhou um gesso até o cotovelo e, mais: quando o ortopedista constatou que era fratura, a distraiu perguntando de um desenho animado que ela nunca ouviu falar e deu um tranco no braço dela que fez todo mundo na sala dar um pulo quando Amélia gritou.

— Daqui quinze dias vocês voltam para a gente ver como está.

Dei meu endereço ao Bento porque eu não estava com cabeça para joguinhos. Era mais fácil que ele seguisse o GPS, que eu o guiasse pelas ruas desertas da Freguesia.

Meu prédio nunca viu um carro tão chique estacionar na vaga para visitantes. Passamos pela entrada comum e o porteiro da noite, que eu quase nunca via, me cumprimentou com um aceno e estranhando muito o príncipe encantado que, obviamente, não pertencia àquele lugar.

Não houve um convite para Bento subir, ele simplesmente veio atrás e eu

estava acostumada à sua presença, até esperei o com o portão aberto enquanto ele passava o alarme no carro e eu entrava com a menina no colo. Como se a gente fizesse aquilo todos os dias, automaticamente.

Subimos e ele, segurando a minha bolsa, foi se apressando do meu apartamento. Entrei com Amélia no meu quarto e a cobri, toda cheia de cuidados e mimos porque a minha gatinha passou por uma noite difícil, e voltei para a sala só para esquentar um chocolate quente.

— O que posso fazer para ajudar? — disse, com as mangas da camisa arregaçadas, as mãos dentro da minha pia e a torneira aberta.

Notem: tudo isso, antes do beijo. O homem ficou comigo no hospital e lavava a louça da minha casa sem qualquer promessa de final feliz.

— Eu não sei nem o que te dizer — cansada, doida para tirar os sapatos e me deitar do lado da minha gatinha, me deixava num estado de pavio curtíssimo que não tinha nenhuma relação direta com ele.

— Eu não vou embora agora.

— Talvez fosse bom.

— É, talvez — é quase um mantra esse “talvez” dele.

Coloquei leite para esquentar e misturei chocolate em pó, cansada de conversar. Se ele queria ficar, que ficasse. Se queria lavar louça, que lavasse. Eu só estava cansada demais.

Levei o leite para a minha gatinha e fiquei com ela até que pegasse no sono. Só aí percebi o quanto nervosa eu estava. Minha gatinha quebrou o braço e isso nunca tinha acontecido antes.

Só saí do quarto porque brotava um cheiro especialmente bom da minha cozinha. E eu já falei que sou bem mais ou menos com as mãos, né?

— Não tô atirando para matar — ele se defendia. As mãos erguidas em rendição, dois pratos à mesa, um macarrão muito simples com as coisas que eu tinha na geladeira e muito cheiroso. — É só o que os bons amigos fariam uns pelos outros.

Bento envergonhado. Congela: Bento envergonhado é simplesmente a coisa mais bonita que já vi. Sem jeito e sem graça, tomando conta da minha cozinha, preparando comida depois de um dia cheio que nós dois tivemos.

Bento chegando às três da tarde ao próprio lançamento só porque achou que eu chegaria a esta hora. Bento me abraçando pelo terno e me entregando um café porque sabia, Deus vai saber como, que eu identifico lar pela bebida. Bento me seguindo para onde eu fosse, empurrado pelos outros em minha direção, me levando para casa. Bento. Que sequer me tocou desde que nos conhecemos e que

diz que não atira para matar bem quando tem a arma na mão.

Não vou ter que te explicar essas coisas porque você sabe como funciona. As crianças ficam cheias de receio para identificar, os adultos não. Reconheci logo que vi. Se não é ainda, sinal que ainda vai ser.

Sem salto, sem blazer, na sala da minha casa, o cabelo amarrado de qualquer jeito, nervosa pela minha garota. Um simples macarrão e um cheiro de conforto. Sabe quando alguém parece que advinha e faz exatamente aquilo que você precisava receber?

Não pensei nem duas vezes. Bento olhando para o chão, sem conseguir me olhar nos olhos, envergonhado de estar na minha casa, de não ter sido convidado, de ter sutilmente sido mandado embora e ter permanecido, de abrir minha geladeira e fuçar minha comida: de preparar uma refeição decente depois daquela noite de bunda-na-cadeira e diagnósticos ruins.

Por eu não estar completamente sozinha, pela primeira, vez em muito tempo.

Avancei sem pensar muito e encostei a minha boca na dele. Ele me olhou fundo nos olhos só para ter certeza se era isso o que eu queria. Se a Andréia que não toca os outros estava ficando louca ou o quê.

Quando ele fechou os olhos e o beijo fluiu, quando a gente foi se encaixando e encontrando um jeito de beijar que combinasse conosco, só aí que eu fui lembrar que sou mulher. E ele não foi louco de meter a mão na minha bunda ou por baixo da minha saia: as bocas se enchiam e ele fazia carinho no meu cabelo.

Igual o dele nunca tinha sentido. Beijo bom eu sei como é, fui casada, já namorei antes, já beijei só por beijar, mas assim, atingir tanto com tão pouco, querer escalar uma montanha de onde já me empurraram, isso nunca.

Ele beijava e sorria, beijava e me olhava, plantava um selinho e me deixava procurar por mais. E ia. As minhas mãos no rosto dele, na camisa dele, nos ombros. Bento me dando as mãos como se fôssemos moleques de escola.

— Vem, — ele disse — que senão esfria.

— É, Bento Castro... — homem que deixa a gente suspirando feito menina sempre causa mais estrago.

— Pois é, Andréia Borges.

— Conseguiu o que queria — o veredito na minha testa, o rosto corado e uma vitória minúscula pulsando no peito: ainda sou capaz de ser mulher?

— Não fale assim. Não vim aqui para isso.

— Sei que não — tivesse vindo, a Gio não teria te deixado no hospital

comigo. — Mas eu gostei.

— É? — o jeito dele de sorrir. O olho que tá sempre brilhando quando olha para mim. Bento tá procurando isso há tanto tempo, que não sabe com o que se parece. Como quando a gente repete uma mesma palavra tantas vezes, que parece que se esquece o significado dela. É triste por um lado: um homem desse calibre ser sozinho desse jeito, sabendo sobre ele o que eu sei, é de quebrar o coração.

Eu, por pior que fosse, por mais doloroso e amargo, sempre fui rodeada de amor. A droga do tempo todo. Agora é a Gio, mas antes foi o meu squad, foi meu pai. Os sapos que engoli e os erros que cometi são parte do meu caminho e o meu calvário, mas, mesmo assim, olhando para trás, eu ainda sinto um orgulho danado de mim mesma.

E o que eu vejo no Bento é uma vontade de fazer futuro. De progredir, de não parar. Vagar sempre sozinho. Os arquitetos dele se reúnem num andar, todos juntos, e ele se isola em outro andar, com livros e desenhos intermináveis. A mãe dele mora num monumento construído de amor, mas sozinha. E vai saber como o Bento mora. E Deus sabe como foi a relação dele com o pai. Como foi até o momento em que ele achou que não valia mais a pena viver.

— Obrigada — lá vai a maria-mole quase se derreter com os olhos cheios d'água. — Tô falando de hoje e a ajuda com a minha filha, mas tô falando de todo dia, também. Tô falando de tudo.

— De nada — respondeu sem me olhar nos olhos, a ponta do nariz toda vermelha. — E obrigado, também.



A casa dela era linda. E tinha uma história para contar em cada um dos móveis. Não era como a casa que em cresci, cheia de fotografias profissionais, mais parecida com uma galeria de artes, que com um lar. Era a casa de Amélia muito mais que a casa de Andréia. Os brinquedos na sala e os DVDs infantis, o cobertor sobre o sofá e o tapete todo manchado provavelmente de comidas que nunca deixarão o tecido.

Andréia olhava para mim e eu tentava não olhar todo o resto. E de repente me pegava olhando uma marca no batente entre os quartos e a sala, provavelmente registrando o crescimento de uma Amélia com pressa.

— Você é arquiteto, eu entendo — terminava de mastigar o macarrão que fiz com tudo o que achei na geladeira. — Então tudo bem olhar minha casa.

Você vê: já me perguntaram o porquê de eu tê-la contratado. Só Manuela entendeu e só a minha mãe apoiou. Todos os outros, quando souberam, ficaram indignados. Amigos do meu pai me ligaram perguntando se fiquei louco. Um deles ainda disse que meu pai se revirava no túmulo e bateu o telefone na minha cara. Bento vai falir a Castro.

Pedro era o melhor amigo do meu pai e, assim que ele contou para os outros amigos do círculo que o demiti, todos os que nunca me ligaram para saber como eu vou, nem se superei a morte de dele, passaram a me ligar.

Nem as esposas, que um dia foram muito amigas da minha mãe, quando meu pai morreu, ligaram para saber se ela precisava, ou, se queria alguma coisa. Nem a chamam para passear. Nos isolaram do círculo de amizades que mantínhamos antes e, depois que Pedro foi demitido, todos lembraram que nós existimos.

Na verdade, os amigos do meu pai queriam que eu vendesse a Castro Arquitetura para eles. Bento é muito avoado. O Bento é doido. Meu pai não espalhou que sou suicida-tentante por vergonha de mim, mas as fofocas correram paralelas e ninguém nunca quis saber como é que me recuperei. Se é que um suicida depressivo se recupere.

Mas para ligar porque o Pedro perdeu o emprego, ah, você consegue imaginar o quanto ligaram. Disseram coisas sobre Andréia que assustaria até o mais liberal dos administradores.

Disseram que ela faliu, que traiu o marido, que abandonou tudo, que abortou escondida, que seduziu o irmão do marido e que foram pegos, no flagra, transando em cima da mesa de escritório dela, na noite do lançamento do último bar que o Ephemera abriu.

Disseram até que ela era viciada em cocaína e alcoólatra. E que se deu bem assim porque caiu nas graças de um velho rico.

E agora, curioso, eu estou à mesa, na casa dela, encarando um tapete no cômodo ao lado. O aborto que falaram que Andreia fez come muito chocolate ou toma muito leite com chocolate assistindo televisão. E às vezes calha de cair da mão dela.

Então talvez Andréia não tenha feito nada do que dizem sobre ela.

E a mulher que me esforço para conhecer certamente não é a mesma de quem falam. Ou então ela já teria se casado de novo com alguém rico, não seria mãe, não estaria numa casa simples como essa, nem passado pelo menos quatro horas num pronto-socorro público com uma menina manhosa nos braços. Também não teria se inscrito para uma vaga de motorista.

Talvez, se fosse essa a Andréia de quem falam, ela teria logo me mandado o seu próprio currículo, o de verdade, não o falso, com todas as suas conquistas ao longo da carreira.

Talvez a Andréia que me contaram que existe ainda tivesse uma carreira se estivesse às custas de um velho rico.

A mulher de quem falam nunca teria assinado um contrato por amor. Foi isso o que a minha mãe contou assim que me disse quem essa mulher é. Faliu por amor. São paradoxos que eu tento encaixar para formar uma ideia de mulher que condiga a quem vejo. A mulher que não está contente se progredir sozinha e que arrasta a amiga para onde vai. A mulher que entrega a sua arma especial – que ela chama de *squad* – inteira para uma causa que ela passou a acreditar depois que lhe dei espaço.

Depois que mamá disse quem era aquela motorista, foi automático cogitá-la para o cargo de diretoria. Se ela brota do nada com uma cafeteria e cria um império com sei lá quantos bares ao longo de uma década, então ela é capaz de fazer tudo. E se faliu porque assinou um contrato por amor, então é só deixar o amor fora dos termos jurídicos, aceitar que é melhor falir por amor que por ganância, e seguir adiante.

Confesso que o resto não estava no roteiro. Beleza não me impressiona, olha de onde eu vim, todo mundo dá seu jeito de ficar bonito, todo mundo faz uma cirurgia aqui e outra ali, engole uns comprimidos emagrecedores junto do champanhe no coquetel de homenagem ao pai, e pronto. Beleza não me pesca porque este tipo de beleza é óbvio e eu sempre busco o lindo.

Para falar a verdade, vivo pelo lindo. É um ideal de lindo que me salva todo dia de manhã.

O que me pesca é isso o que ela tem. Ela me dá um prazo de dois anos e não mascara que vai sair os olhos da cara. Me vê projetando um miniteatro e dá chlique porque, dentro da sua compreensão, o projeto do Jardim Botânico não terminou. Bate, diz que vai doer, e quando dói, sai rindo. É isso o que me fisga.

E quando ela entrou na minha sala, depois da reunião com o Pedro, não pediu licença, não diminuiu a voz, não se reduziu para caber no meu contexto de chefe no trabalho. Pedro sair da sala com o nariz enterrado entre os ombros, pela primeira vez desde que eu nasci, isso é o que me derruba.

Eu ia falar “pesca” de novo, mas “pesca” é pouco. Peixe morre pela boca e já tinha tombado muito antes do beijo. E ainda tem o lance com a Sônia do RH. Que quando contei para a Manu o acontecido, ela pediu para ser madrinha do nosso casamento.

— Eu amo uma mulher, Bentinho — Manu ria, a barriga encostada no balcão da padaria, tomando uma cerveja comigo antes de fazer as pazes com seus maridos de uma briga que nem lembro pelo que foi. — Quer dizer, mulher eu amo um monte, quer saber de mulher foda é só conversar com a minha família, mas essa Andréia, eu vou te falar: casem logo.

— ... — eu lembro de ter dado um gole na cerveja pensando nos doze trabalhos de Hércules que vou ter até levá-la para o altar.

— Ainda bem que você achou sua Capitu, Bentinho, porque homem velho e solteiro é uma merda.

Achar não achei. Cansei de procurar alguém que combinasse comigo. É match atrás de match e uma infinidade de conversas vazias. De saltões altos, vestidos espremidos, sorrisos sedutores e joguinhos imbecis. E não tem dinheiro no mundo que me faça entrar em jogo de sedução.

Recorri a ajuda profissional? E por profissional quero dizer prostituta? Mil vezes. E a gente se pega solitário quando percebe que está pagando para uma mulher fazer carinho. Quase me casei com uma. Cheguei a noivar de verdade, ela sabia tudo de mim, do cabo ao rabo, por dentro e por fora. Só não casei porque eu teria vergonha de admitir para a minha mãe que eu não me casei

por amor. Que me casei só por solidão.

E você, do lado daí, seja quem seja, que não me julgue. Que, se misturei ovo e peito de frango dentro de um molho vermelho para uma mulher que cuida da filha e já me queria fora da casa dela, é porque sei o valor das coisas que o dinheiro não compra. E é só isso o que me falta. Porque eu já tentei comprar tudo isso e, quando quiseram me vender, não o tinham.

— Você poderia, pelo menos, parar de encarar o meu tapete — ela não ria quando se levantou da mesa para procurar um vinho nos armários. — Porra, tá sujo, você tá impressionado, mas pelo menos disfarça, né?

— É só chocolate.

— Bobinho, — colocou dois copos entre nós e nos serviu — acha que criança faz sujeira só com doce?

Coloquei o vinho na boca e me lembrei do primeiro porre que tive na vida, aos quinze anos. Foi vinho de adega, dois reais o litro, o jardineiro da minha mãe era alcoólatra na época, e roubei uma garrafa de cinco litros que ele sempre tinha na carroceria da caminhonete.

— Nossa Senhora.

— Ai, Bento, não dá uma de rico para cima de mim, não, vai. Tá tarde.

— Que vinho que é esse?

— O mais barato que tinha no mercado — só aí que ela sorriu, mas de vergonha. — Não vem falar mal do meu vinho porque já comprei vinho caro e esse daí sempre deixou os outros no chinelo. Fale o que for, mas vá ser rico nojento para lá.

— Lembrei do meu primeiro porre de moleque.

— É?

— Desde lá, nunca mais coloquei vinho na boca.

— Bebeu vinho uma vez e depois nunca mais?

— Andréia: você nunca teve porre de vinho?

— Querido, eu nunca tive um porre.

— Mentira.

— Nunquinha.

— Mentira.

— Nunca, Bento.

— Com dezenas de bares?!

— Ao todo são vinte e dois estabelecimentos, mas nem todos são bares.

— Que seja.

— ... Mas, nunca. Meu pai me ensinou a beber direito desde os meus

treze anos. Eu nunca passei da conta mesmo quando misturava.

Oficialmente impressionado.

— Depois do meu porre, meu pai me mandou para a terapia — retomei.

— Por causa de um porre?

— Rico sempre manda filho para a terapia.

— Tudo bem fazer terapia, eu ainda vou fazer, mas o foda mesmo é ser por causa de um porre de nada.

— Eu só queria saber como é ficar de porre. Todo mundo falava que ficar bêbado era a coisa mais legal, quis ver como é.

— E é uma merda, né?

— É, mas pelo menos eu podia me gabar para os outros.

— Bento, se o seu primeiro porre foi esse, eu não quero saber da sua primeira vez.

— Não quer saber? Tem certeza? — mesmo tendo puxado esse assunto do nada sobre um vinho barato? Tem certeza que não quer saber, Andréia?

— Provavelmente envolve uma mulher mais velha.

— Verdade. E Las Vegas.

— Você foi até Vegas para perder o cabaço?

— Foi só depois disso que meu pai me tirou da terapia.

Contei. E ao contrário de todo mundo que já ouviu essa história, ela não riu. Ela não riu com o cassino, nem com as apostas, nem com o suborno que meu pai deu aos seguranças para deixar o estrangeiro menor de idade apostar como um adulto, nem com o prostíbulo, nem com a garota que eu escolhi, nem como foi. Nos detalhes não entrei, mas contei em linhas gerais. E Andréia não achou nem um pouco divertido.

— Eu já ouvi história mais triste que essa, mas, porra, que merda.

— Ah, foi bom.

— Que bosta que era teu pai. Desculpa falar, mas Deus me livre de ter um pai desses.

— Como que foi a sua? Também foi com alguém mais velho?

— Eu era apaixonada no carinha.

— E ele te respeitou?

— Bentô, eu não queria ser respeitada.

— Parece que a sua foi melhor que a minha.

— Pode ter certeza.

— Tiveram outras boas depois da minha primeira — e foi a primeira vez

que me senti envergonhado da minha primeira vez.

— Eu espero que sim.

— Agora estou curioso.

— Com a minha primeira vez?

— É.

— Bom, não sangrei. O carinha até achou que não era a minha primeira por causa disso. Era a primeira vez dele também e a gente estava muito apaixonado. Ele ficou tão nervoso que o pinto não subiu.

— Coitado — eu ri.

— ... Não fique com pena. Até hoje eu gosto dele por causa disso.

— Você vai ter que me dar mais detalhes que isso, Dé.

— Ué, o cara ‘tava nervoso, me amava muito, sempre ouviu dizer que mulher sangra e que dói quando entra, ficou mais nervoso ainda, eu fiquei nervosa de tabela. Daí desistimos de fazer e fomos estourar pipoca, deitamos para ver um filme... E foi.

Foi bem melhor que a minha. Mil vezes melhor que a minha. Kimberly tinha pelo menos dez anos a mais que eu, e provavelmente não se lembra de nada.

Mas os peitos eram lindos.

— Quantos anos vocês tinham?

— Catorze.

— Que cedo.

— Rapaz, eu sempre fui apressada.

Só comigo que ela enrola. Relutou até para dar o endereço de casa, para sair comigo, para aceitar tomar um café — por Deus, eu nunca nem chamei mulher nenhuma para café, quem é que chama mulher para isso?! — até para abraço reluta.

Mas também, na hora que decidiu me beijar, não havia ninguém que a parasse. E isso é o lindo dela. Ela é bonita, tem uma bunda fenomenal que até já decorei, amo quando ela prende o cabelo e tá de blusa sem manga, mas o lindo dela é o como ela faz parecer que tá passeando pelo meio do tiroteio sem tomar tiro nenhum.

E já deu para perceber que faço distinção entre bonito e lindo. Também tem esse lado distante. Que não encosta nas pessoas. A Gio encosta e está claro que Andréia deixa, mas ela não toca em mais ninguém. Aconteceu alguma coisa de muito grave com ela e já percebi isso, ficou bem claro depois que Manu me contou o como Andréia não se mexeu quando Pedro a abordou (e eu vi pelas

câmeras).

Foi Manu quem me instruiu quanto ao como chegar nela sem nunca tocá-la sem permissão e, foi aí também que eu entendi o que é que de grave aconteceu.

— Bento, mulher descamba para um dos dois lados quando uma coisa assim acontece: ou ela esquece que tem, ou só usa a xoxota. Eu tive uma amiga que era abusada pelo irmão mais velho e ela não parava de transar até que estivesse sangrando. É sério. Obriguei ir para a psicóloga, hoje ela toma remédio controlado, tá caminhando direitinho, mas foi instruída a parar de transar até saber a diferença entre sexo e o resto. E Andréia tá no exato oposto.

— Eu não faço ideia do que seja isso.

— Eu tô falando sem saber, tá? Pode ser que eu esteja bem louca, mas meu sexto sentido tá dizendo que Andréia aboliu sexo e amor da própria vida pelo mesmo motivo que a minha amiga pulava de pau em pau.

— Tá falando que abusaram da Andréia?

E fazia total sentido. Era assim que o paradoxo de quem Andréia é e o que falavam dela se encaixavam. Tempo não tenho, mas passei horas desenvolvendo uma teoria: o marido dela flagrou o estupro e em vez de ajudar, encarou como traição. Na hora que eu contei isso para a minha mãe, tudo o que ela disse foi:

— Eu sinto muitíssimo — como se já soubesse.

Como homem, é difícil entender o que é estupro. A gente é criado para aceitar qualquer investida sexual. A gente é visto como menos homem quando nega sexo. Quando broxa. Quando não quer. Até quando tá cansado. A gente não aceita não querer sexo. E sexo, na nossa cabeça, é prazer. E se tem prazer e se sexo é sobre prazer, então mesmo que machuque um pouco, como é que pode ser ruim?

— Homem só entende de estupro quando a gente fala do cu deles — Manu: é sempre ela. — Cata um cacetão e mete no cu de um cara para você ver se ele não vai saber o que é estupro rapidinho.

— Nossa, Manu, quanta classe.

— Ah, Bento, você e essa sua criação merda. Eu só tô falando assim para ilustrar.

— Eu... Eu acho que já entendi.

— Não, não entendeu não. Nunca vai entender e eu espero também não entender nunca — naquela conversa a gente estava na sala da minha casa, arquitetando um projeto para submeter a um prêmio de inovação e

sustentabilidade: coisa que a gente só faz de domingo de tarde já tem quase seis meses. — Tô só te falando isso porque se você chegar na Andréia dando uma de machão pegador, você vai assustar e ela vai fugir.

— Então como que eu faço?

— Fica na sua.

Que conselho furado.

— Fica na sua. Deixa ela chegar. Não adianta o relógio. Um dia você vai poder tacar na parede e chamar de lagartixa, mas esse dia não é hoje e nem será amanhã. Você fica na sua e finge que nasceu sem pinto. Arruma o jardim, taca esse sorriso na cara dela sempre que possível, mas não dá um passo. Deixa o bicho selvagem se aproximar sozinho.

— E se ela não vier?

— Confia: não tem como ela não vir.

Santa Manu.



Fazia tempo. Tanto tempo, que eu senti como se fosse coisa de primeiro beijo. Tudo de novo. Bento com a mão no meu cabelo. Segurando a minha bolsa. Me beijando devagarzinho e oferecendo outros hospitais. São sempre as mães quem salvam, lembro dele dizendo.

Pulei o domingo e eu só pensava nele. Amélia precisando de ajuda para tudo, me perguntando quem era aquele outro tio que foi com a gente no hospital, manhosinha porque era a primeira vez que engessava o braço. Meu dia inteiramente dedicado a ajudá-la.

Mas era me pegar de frente para a televisão, e lembrava do macarrão que salvou a madrugada. De tarde a Gio fez um bolo em homenagem à nossa época de pindaíba e o primeiro pedaço foi da minha pequena que sorriu largo pela primeira vez no dia, feliz de brincar com, como a Gio disse, os priminhos postiços.

E a Gio nem precisava de confirmação verbal para saber o que aconteceu entre Bento e eu porque, pelas palavras dela, eu sorria idiota demais para não ter acontecido nada.

— Mana, — falei para ela enquanto passava um café — não aconteceu nada disso que você tá pensando.

— É porque você é mole. Vou falar para a Elaine que a Andréia dela está morta sim.

— Pelo amor de Deus, Giovana, cala a boca.

— Mulher, um partido desses não tá dando sopa em toda a esquina não, tá?

— Exato: um partido como eu não tá dando sopa em toda esquina.

— Não estava falando de você.

— Mas eu tô, porra. Sou um puta partidão, inteligente para caralho, trabalhadora para caramba, sou divertida, não tem tédio comigo, e o partidão é ele?

— Elogiar ele não significa que você é uma bosta, Andréia, nem vou

começar essa discussão porque você tá sendo mole e todo mundo aqui sabe.

— Fui eu quem beijei ele!

— Aí, ó: — era assim que a Gio arrancava as coisas de mim — já melhorou um pouco. Ainda tá fraco, mas tá melhor.

— Vai chamar ele de mole também?

— Não, Bento tá caminhando certinho.

Bento me abraçando pelo casaco. Pedindo para arrumar sua gravata quando fomos entregar convite ao prefeito. Tocando em assuntos sérios no primeiro encontro e revelando depressão que culminava em precipício. Bento envergonhado de ter feito a comida.

— Pelo amor de Deus, como casal novo é um porre.

Sorrindo feito uma idiota. A merda do tempo todo. Até me arrumei mais na segunda-feira, coloquei saia e salto alto por puro capricho. Até soltei o cabelo e passei alguma cor na cara.

Perguntei se Amélia queria ir para o trabalho comigo já pensando em sair na hora do almoço e ficar com ela a tarde inteira, de mimo mesmo, e ela se vestiu como quis. Usou os sapatos de rodinha e de luzes piscantes, sua calça rosa favorita, uma tiara de gatinho na cabeça e, pronta, me deu a mão boa quando descemos para a garagem. Gio, como sempre, se atrasou um pouquinho.

— Ah, você vai também?

— A mãe falou que eu posso ir trabalhar com ela.

Nove horas da manhã meu coração batia tão forte, mas tão forte de ansiedade por vê-lo, que durante todo o trajeto do elevador emudeci. Amelinha tagarelava, Gio ria, as duas falando do fim de semana e das brincadeiras que o Tio Beto tinha inventado, mas eu, alheia, só pensava em vê-lo.

Broxei quando parti do elevador e o vi sentado à própria mesa, absorto no trabalho, mas acompanhado de uma mulher morena, alta e elegante (e por elegante quero dizer magra). Não é que eu estivesse fritando de ciúmes, sabe, eu não tenho mais quinze, mas tinha que ser logo depois que o beijei?

Um beijo pode não ser nada para todo mundo, mas para mim é muita coisa. E, se tomei coragem para dar o primeiro passo, que ele não comece agora a aceitar competição com outras pessoas porque em bola dividida eu nunca entrei e não vou entrar depois de velha.

Entre no meu escritório, abri as cortinas. O meu escritório sempre arrumadinho. Segunda-feira é segunda-feira, e eu tinha muito o que fazer. A lista de pendências que acumulei ao longo da semana me saudou quando abri a tampa do notebook e o liguei.

Amélia se sentou na minha cadeira e adorou o fato de que ela rodava. Giovana ligava o próprio computador, do lado de fora da minha sala, quando Bento saltou da sua mesa, e disse do lado de lá:

— Andréia! — ele sorria, a cabeça para fora da própria sala. — Nem vi que você chegou! Dá um pulo aqui?

Nem vi que você chegou. Nem vi que você chegou. Nem vi que você chegou.

— Vai lá, Dé, eu fico com Amélia.

A morena magra era tão linda e estava tão arrumada que parecia modelo de óculos de grau. De costas não percebi quem era. A camisa de seda e mangas bufantes, obviamente cara, a calça jeans ajustada na cintura. Era dessas moças que são um palito de tão magrinhas, gigantes de altas e incrivelmente bonitas.

Quando se virou para mim, entretanto, lembrei na hora. Eu a conhecia! Olhei e lembrei da mocinha que me salvou do Pedro, lá no estacionamento. Naquele contexto não percebi o quanto ela era bonita, mas parando para reparar... Caramba! Parece que foi há tanto tempo... A abracei assim que vi, antes mesmo de cumprimentar o Bento.

— Moça, — falei envergonhada — eu esqueci seu nome.

— Pois é, mas o Bento não me deixa esquecer o seu — sorriu e me soltou, se apresentando de novo: — É Manuela, mas pode me chamar só de Manu.

Bento, segurando a porta aberta, sorria olhando para mim, sem saber se vinha me beijar ou se só dava oi de longe, as bochechas coradas. De colete por cima da camisa, a calça combinando, a barba feita.

Especialmente bonito.

— Gente do céu, como casal novo é lindo. A Gio discordaria.

— E então? — voltei-me para Manu. — A que devemos a honra?

— Combinei ontem com o Ben que ia passar aqui para a gente ver o novo teatro de Santo André. Tudo bem para você, Andréia?

— Ué... Acho que não tenho muito o que ver com isso.

— Tem sim — Bento respondeu por Manuela.

— Não, não tenho.

— Ai, Meu Deus, você tem um minion?!

Táticas para sair de cena: Manu abriu a porta, olhou minha Amélia que ainda girava na minha cadeira e foi direto para lá.

— Discreta ela, né?

— Oi — rebobina a fita: eu tenho quinze anos sim.

— Oi.

— Tá bonito, hoje.

— Eu tô bonito todo dia.

Me sorria sem se mexer e eu sabia que ele esperava um beijo. Olhava mais para a minha boca que para o resto de mim. Falei qualquer coisa sobre ele ser convencido e ele não desgrudou os olhos.

Era melhor ali não. Ambiente de trabalho, né? Apreendi algumas coisas sendo casada e administradora, e uma delas com certeza era manter o amor e os beijos dentro de salas, pelo menos, feitas de concreto. Vidro é muito indecente.

— Almoça comigo hoje? — mudou de assunto quando percebeu que eu não o beijaria de novo.

— A Manuela... ?

— Manuela não vai ficar até o almoço.

— Bento, não quero que você a dispense.

— Não é essa a questão, Dé: o irmão da Manu não vive sem ela.

— Por isso que a Manu não trabalha aqui?

— Ela assumiu o lugar da mãe na consultoria de engenharia que a família deles têm. A mãe, a avó e o irmão mais velho estudam cordas de aço nas construções civis, e Manu, única arquiteta da família, se especializou em restauração.

— Parece sério.

— E é sério: agora ela está envolvida numa iniciativa que pretende criar a primeira impressora 3D de casas do mundo. E aqui em São Carlos, parece que algumas prefeituras brigaram para receber o projeto.

— É, mas o problema que a gente enfrenta é a resina — Manuela estava de volta, segurando minha Amélia no colo, as duas já muito mais entrosadas do que deveriam para só cinco minutos de conversa. — Não dá para usar PLA na construção de casa e todas as outras resinas que já inventaram têm um custo muito alto para a compra ou para a produção: ou seja, o processo vai demorar mais uns três anos só para a equipe química desenvolver uma resina resistente, que não impacte no meio ambiente e que não absorva calor. Interior de São Paulo é quente, né. Dar uma casa que parece um forno não tá no meu escopo de trabalho.

— Se eu puder fazer alguma coisa para ajudar, por favor, me chame. Parece um projeto lindo demais.

— Acredite: — olhou de mim para Bento. — Você já está me ajudando — e trocou de assunto antes que deixasse qualquer um de nós envergonhado. —

Mas o que vim perguntar não é isso — chacoalhou Amelinha no colo e as duas estavam felizes por terem feito amizade. — Mãe, eu posso levar essa Minion lá para o andar dos Arquitetos e a gente pode desenhar um braço de robô nesse gesso?

— Só se for depois do almoço, Manu. Eu realmente preciso de você aqui, agora.

— Ai, Bento, você me aluga depois — e voltou o foco para mim com tanta idade como Amélia. — Posso, Mãe?

— Dez horas eu tenho reunião com o meu time...

— Não tem problema, a gente vai estar no décimo terceiro andar, você pode aparecer lá quando quiser.

— Mel, você quer um braço de robô, filha?

O rostinho feliz de quem tá doida para ter um braço de robô descartou minha necessidade de confirmação verbal. É claro que quer.

— Bento, eu vou usar seus arquitetos para isso, tá?

— Nem todo mundo está aí.

— Tá, então você sabe onde a gente vai estar, mãe — colocou a menina no chão e fechou a porta antes de sair correndo com ela até o elevador.

Só lá longe, conforme o sol incidia na roupa da Manu, que eu vi que aquele corpinho magrelo todo delicadinho era coberto por tatuagens.

— Só um? — Bento me trazia de volta à sala. — Por favor?

— Eu acho que...

— Hm.

— Eu acho que tá tudo bem se você quiser vir me beijar.

Beijou com bem menos delicadeza que no sábado. Beijo meio convite, meio saudade, totalmente com fome. A mão que foi no meu cabelo no outro dia descia para as minhas costas. Bento respirava bem mais ofegante também.

A primeira vez que um homem enfia a mão nas suas banhas, você repele. Tanto lugar para enfiar a mão, meu Jesus do Céu, vai colocar logo na gordura da barriga? Com trinta e quatro anos, uma filha e uma vida que passa longe de uma rotina fitness (e quem tem tempo para isso?!) acumulei desgosto e barriga. Eu estou feliz com todo o meu corpo, mas o que me incomoda mesmo é a barriga que eu não tinha quando era mais nova.

E Bento enfiar a mão logo ali me deixou muito incomodada.

A segunda vez que um homem enfia a mão nas suas banhas e respira mais forte, gostando do que está fazendo, nem ligando se você tem uma gordura que não devia ter, pouco se lixando se o nome disso é gordura nem um pouco

saudável, eu podia ter feito duas coisas: mandado reduzir a marcha, ou tê-lo seguindo.

E pelo bem da mulher que quero voltar a ser, eu escolhi derreter.

Manu, Gio e Amélia escolheram deixar o andar vazio. Sabiam que a gente ia se pegar. Ele me puxou para mais perto e eu o senti duro na barriga. Não era só um beijinho, sabe? Bento vinha muito rápido, bastou falar “pode vir” e ele fazia comigo o que, provavelmente, se eu nunca tivesse recusado aproximações, ele queria já ter feito há muito tempo.

A mão na bunda foi a última coisa que ele fez antes que eu o mandasse parar. Bento com o rosto vermelho de quem ficou louco. O sorriso de quem queria mais e o jeito de quem queria dizer que nunca seria o suficiente.

A classe para não insistir e para não induzir um clima pesado por causa de pouca coisa.

— Almoça comigo? Você e a Amélia. Levo vocês num lugar legal.

— Você já perguntou isso, Bento.

— Me chama de Bê.

— Te vejo meio-dia.

Bamba. Com o rosto quente e roupa demais: calor. Não sei se é com todas as mulheres, mas quando a gente passa muito tempo sem sentir tesão e daí sente, parece que dói. Revira tudo. Senti uma dor muito característica que envolvia meu útero e todo o resto.

A última vez que me senti assim... Não lembro nem quando foi. A última vez não tinha nada com sexo, era tudo abuso. E eu estou falando de tesão e de carne desmanchando.

Quando que foi? Não foi livro, não foi filme, não foi sozinha. Há muito tempo que eu não sabia o que era isso e, num estalo, quando é para ser não tem jeito, num estalo estava eu, as minhas pernas descontroladas, meu rosto quente, tudo isso dentro do elevador, direto para o andar administrativo.

Não era só por ele. Era todo o contexto e a narrativa. Era o cuidado dele de não se aproximar. De me testar em todas as formas possíveis. Em pedir para arrumar a gravata e dar tchau sem nunca vir me dar um beijo. Era ele me fazendo querer aquilo que eu já disse em voz alta que não queria nunca mais saber.

Era por ele, mas, muito mais, por mim.

Todo o meu time, em tom quase sacro de tão quieto, estava reunido em volta da mesa redonda que escolhemos para ser nosso ponto de encontro. De computadores abertos, canetas sacadas dos bolsos, blocos de notas e um jornal:

bem em frente a uma das duas únicas cadeiras vazias.

Ex-Ephemerá integra Grupo Castro. Página dois.

Fofocas agora são quase dignas de primeira página.

Depois de um império do entretenimento e sete anos afastada, Andréia Borges é vista aos afagos com Bento Castro, herdeiro da Castro Arquitetura e de um império imobiliário.

Num evento de reabertura do Jardim Botânico que ficou fechado por cinco anos para reforma, Bento disse, numa coletiva de imprensa, que visa novos horizontes para a Castro Arquitetura e agradeceu, em público, os constantes esforços que Andréia Borges, sua agora Diretora Executiva, em nome da empresa fundada por seu pai.

A foto colorida mostrava nós dois sorrindo, os dois segurando champanhe na mão, e conversando. Eu com o terno dele nos ombros.

Pronto, pensei. Se Fabrício não sabia por onde andei (e se o irmão dele também não), agora eles tinham um endereço fixo para procurar. Bastava que viessem.

E eu, depois do sábado, do beijo, do braço da minha filha, esqueci que passado é uma roupa que você não quer vestir, mas às vezes é a única que tem limpa.



— Não é pauta de trabalho — Cláudia foi a primeira a quebrar o silêncio depois que li e reli a matéria não sei quantas vezes. — Mas como a gente nunca definiu o que é trabalho e o que é pessoal, achei melhor te contar o que estão falando sobre você.

— ... E Fabrício? — interrompi enquanto constatava que, graças a Deus, a Gio não estava ali.

— Que se foda aquele merda do caralho.

— Ele me ligou hoje de manhã — Marcela ignorou Camila e falou o que eu sabia que ele faria. — Tava bem bravo.

— Tirando satisfação?

— Exatamente.

— Déia, não quero ser estraga-prazeres, mas tenho certeza que o Fabrício vai vir aqui.

Disso não tenho sequer dúvidas. Carla olhava para mim e baixava os olhos. Como se se sentisse culpada.

— Bom, que ele venha — fingi uma calma que não tinha. — Próximo assunto.

— Dé, você não quer pensar no como quer cuidar disso? — Juliana retomou. — A gente pode pedir uma ordem de restrição, antes que ele descubra sobre Amélia, para poder se preparar.

— Próximo assunto — repeti.

Ainda tinha que engolir o fato de que vou ter que lidar com tudo o que fiz questão de fugir, e que vou ter que, logo agora, quando as coisas entravam nos eixos, me preparar para uma batalha parental que pode durar a vida inteira e que minha filha só tem a perder.

— Bom, ia abordar isso mês que vem, mas já que precisamos de notícias boas com alguma urgência, eu ia te propor abrir o capital da Castro — Marcela, economista, veio a galope para me salvar de mim mesma. — Estive pesquisando e é bem raro uma empresa de Arquitetura abrir um IPO, mas, acho que a gente

tem presença no mercado, pode atrair muito capital estrangeiro, pode expandir para outras áreas e outros estados onde não temos tanta presença.

— Acho que é muita mudança para um ano. A gente nem equilibrou as contas, nem os anos fiscais, nem deu conta da papelada que o Pedro perdeu. Acho que é perigoso tudo isso em um ano.

— É que eu tô visando a fusão da Eph com a Castro, Dé.

— Não. Foi uma ideia muito maluca que o Bento deu, provavelmente ele estava bêbado, e eu não estou a fim disso. O Eph não é mais meu.

— É, mas se a gente trazer a público que o divórcio e a aquisição do Eph pelo Fabrício foram por causa de um estupro... — Juliana falou a única coisa que não podia ter dito.

Todas nós nos calam. Eu tinha acabado de sentir tesão pela primeira vez depois de quase uma década, porra. Tinha acabado de dar um beijo num cara, por conta própria. Estava evoluindo, virando a página.

Cacete.

Esfreguei os olhos. Não, Andréia, nunca vai ficar fácil. Nunca vão me deixar esquecer que me estupraram na mesa do meu próprio escritório. Nunca.

Você vê: seis meninas são estupradas em uma faculdade pública e o juiz absolve o acusado porque não “fica claro” se houve estupro. Mesmo com laudo técnico, psiquiátrico e os cacetes.

— Vocês acham mesmo que qualquer juiz nesse mundo vai me devolver o Ephemera só porque aleguei que foi estupro e não traição? O contrato que assinei com Fabrício foi o seguinte: em caso de traição confirmada, as posses do traidor passam ao traído. E vai ficar claro que eu aleguei estupro só para não perder a posse.

— Alguém precisa dizer para você que estamos todas muito orgulhosas — chegou tarde, mas chegou. Gio, parada na porta, sem minha Amélia, ouviu a última coisa que eu disse.

Nunca fui tão clara e tão direta.

E a Gio sempre me aceitou assim, pobre de marré-marré, me desdobrando para pagar as contas. Pois bastou. Nem precisou chegar perto para eu virar uma poça d'água.

— Alguém precisa te dizer que só o fato de você conseguir falar disso já faz uma puta diferença — não chegou perto de mim, nem me abraçou. Só ocupou sua cadeira como o oitavo elemento e cruzou as mãos sobre a mesa. — Eu te conheci muda, Andréia. E agora você fala abertamente. Isso é um avanço que ninguém tira. Com empresa chique ou sem.

Nem reparei que passei a falar sobre isso. Você reparou?

— É, Dé — Claudia sorriu, os olhos cheios como os meus. — Não importa o quê, você venceu.

Venci porra nenhuma.

— A gente só vai ter que lidar com os estilhaços. Se você quiser, falo com Fabrício — Juliana retomou. — Te represento legalmente e você nunca mais terá que vê-lo.

— Eu guardo mágoas dele, não vou mentir.

— Querida, se alguém não me ampara na hora que mais preciso e ainda me tira todo o meu ganha-pão, eu não iria querer vê-lo nunca mais.

— Andréia, você é mole demais — Camila me cutucou.

— Não é moleza, Cá — Gio me defendia. Era sim. Por um lado, até era.

Mas talvez só estivesse cansada demais. Gastei toda a minha energia parindo, nutrindo, educando, calçando e vestindo uma menina que nunca teve culpa das mazelas da mãe. O resto... O resto só não era o foco.

Até uma hora da tarde elas tentaram me convencer que o melhor a se fazer era brigar na justiça antes que Fabrício brigasse. Até tentei me ocupar de outras frentes de trabalho, mas ninguém quis. Não era mais só reunião de trabalho, a reunião pessoal se misturou nas pautas até ninguém mais saber onde era trabalho, onde era Andréia.

Até porque toda a minha vida é assim. Sei que tem quem consiga chegar em casa e se desligar do trabalho, mas eu nunca soube. Assim como inúmeras vezes cheguei no trabalho carregando conflitos de casa.

Fui para o andar dos Arquitetos e a risada da minha filha foi a primeira coisa que saltou do elevador. Muito mais bonito que o andar administrativo, o andar dos arquitetos era uma gigantesca e desorganizada galeria de arte. Vários arquitetos, sentados nuns pufes no chão ou em sofás, ou em cadeiras, todos com latinhas de coca-cola ou qualquer outra bebida na mão, rindo e conversando com a minha filha e elaborando um projeto de braço de robô.

Amélia simplesmente parou o trabalho. Tinha que ser filha minha. Do ponto de vista econômico, aquela pintura sairia cara: suponhamos que, por hora, cada um dos arquitetos custe cinquenta reais. Cinquenta reais vezes vinte, vezes as horas que eles perdiam só pintando braço... Mais que dois mil reais fácil. Sem contar o material.

Eu só esperava que Bento não visse.

Cheguei perto do pequeno amontoado de arquiteto ao redor de uma cadeira, de onde partia a voz da minha menina, e ela mal me viu. Ria contando

da escola, da mãe, da casa, dos amiguinhos, de todo mundo, enquanto um senhor de quase sessenta anos e uma camisa cor-de-rosa riscava, sob a vigia dos demais arquitetos, a lápis e muito habilmente, os primeiros tracejados do braço de robô.

— Tá tudo bem aí, Mel?

— Ahã!

— A gente vai usar a heating gun para a pintura secar rápido, tá, Andréia? — algum arquiteto disse, mas não sei o nome dele.

— Não, heating gun não, é muito quente, pode queimar a menina. Vamos de secador mesmo — outro alguém sem nome cortou.

— O problema é que pode escorrer tinta, né?

— Ah, mas eu prefiro tinta escorrida que braço queimado.

— Eu também — me intrometi.

— Aí, ó, tá vendo? Se a mãe falou, então pronto.

— A propósito: sou Rafael — a voz era claramente fina, mas o gênero era masculino. Então é para chamar por ele, certo?

— Prazer — me resumi. — Andréia.

— Já sabemos quem é você, Dona Andréia — alguém riu. — Nome de cacique todo índio aprende rápido.

Bento chegou uns dez minutos depois, quando já tinham me oferecido refrigerante, já tinham perguntado se Amélia podia beber também, tinham me dado espaço para sentar junto deles, reduzido um nome já pequeno, Amélia, para Mel. O jeitinho pequeno e íntimo que só eu uso para chamar o meu bebê.

— Pronto — uma caixa de laranja cheia de tinta acrílica e pincéis, além de uns trapos de estopa muito manchados. De onde Bento tirou aquela caixa nunca vou saber — À obra!

— Base de cinza — os arquitetos se conversavam.

— Qual cinza?

— Sei lá, o mais claro. Quer tracejar de Copic primeiro?

— A ponta da Copic vai estragar toda no gesso.

— Não, claro que não, não é à base de água.

— Se você acha melhor, vamos de Copic, mas eu acho que vai ser só tempo perdido.

Estratégia de guerra. Os arquitetos se uniam para pintar e Bento se esquivava para sair do meio. Ofereceu godê a quem quis, deu uns copos descartáveis com água para que limpassem os pincéis e saiu. Eles se resolviam sobre quem pintaria o quê e, quem não pintava, caçava na internet inspiração do como o braço de robô menina, que era o que Amélia queria, deveria ser colorido.

— A Mel vai falar desse dia por mais de um mês.

— . — Bento sorriu. Olhava para dos próprios arquitetos para a minha menina, e parecia satisfeito. — Eles também vão falar desse dia por mais de mês.

— Cadê a Manu?

— Foi almoçar nos pais.

— Nem se despediu.

— É, ela não sabe dar nem oi nem tchau do jeito certo.

— Maravilhosa a ideia dela — eu falava da pintura do gesso.

— A sua também — mas ele não.

Os olhos na minha boca. O jeito lascivo de pretender mais do que diz.

Depois do bombardeio de notícia ruim na reunião, a única coisa que eu queria com sexo era distância. Sexo e qualquer insinuação disso.

— O que foi? — é claro que ele percebeu. — Reunião difícil?

— Marcela tá querendo abrir oferta pública da Castro ano que vem.

— É, mas não foi isso o que aconteceu que te deixou assim — tirou a latinha vazia de refrigerante da minha mão só para que eu me focasse nele. — O que foi? Quer ir conversar no café?

Eu não sentia que era a hora de falar disso.

— Não foi nada demais.

— Espero que não tenha sido por causa do jornal.

— Então você sabia?!

— A minha mãe me ligou para contar. Leu a notícia do jornal e eu fui procurar o que falaram sobre nós online.

Meu Deus:

— E o que falaram?

— Os comentários das notícias dizem que fazemos um belo casal.

— Tá, mas e as notícias?

— Tem para todo gosto: tem jornalista sério que encara a sua volta para o empreendedorismo paulista como um sucesso iminente para a Castro, tem jornalista de fofoca que pergunta o que foi que você fez no Ephemera para ela estar capenga como está e abandonar o barco vindo para a Castro, tem fofoca que diz que você está grávida e que na verdade o seu cargo é de aparência, tem notícia que fala que o Ephemera é realmente efêmero...

— Chega, Bento.

— Tem para todo gosto. Ah! E tem os blogs! Que daí é uma enxurrada de chorume. Um blog está bem triste que eu esteja com você (aparentemente é

unânime que sejamos um casal) e disse que você é velha demais para mim.

— Mas você é um ano mais velho que eu! Como é que eu sou velha demais para você?!

— Ah, vai lá e xinga nos comentários — e ria. — Eu é que não vou me meter em especulação de blogueiro.

— Nossa Senhora, ainda bem que me chutaram do Ephemera antes de tudo virar fofoca de internet.

— Bom, eu nem vou perguntar se ainda iremos almoçar, porque...

— Deixa para outro dia, né?

O braço da minha filha parecia de aço e todo eletrizado quando terminaram. Obra de arte. Lindo, e com um laço rosa no ombro. Até anéis nos dedos robóticos tinham. Amélia sorria tanto, que se esqueceu do almoço. Enchiam-na de doces e bolinhos, a menina sentadinha olhando a série de pinceladas de gente com doutorado fora do país, mas com a simplicidade de parar o que está fazendo só para garantir um dia feliz para uma criança no trabalho da mãe.

— Cê gostou, filha?

— EU ADOREI!

Deu um beijo em cada um dos arquitetos. Sabia o nome de todos eles quando falei para irmos embora. Ela pediu para a gente ir tomar um sorveteinho (um só, vai mãe) e, eu, que não presto para ser durona, enfiei o celular dentro da bolsa, a fechei, e saí, de mão dada com a minha filha biônica prédio afora.

Do elevador até a rua, não houve uma pessoa, da Castro ou não, a quem ela não mostrasse o braço. Até segurança, até faxineira, até advogados sérios de outros andares que deram sorrisos amarelos à menina, sem querer papo algum. Interessa é que ela queria mostrar.

De arco de gatinha na cabeça e braço de robô, ganhamos a entrada principal e então perdi a cor. Fabrício. Que sentado na recepção, foi barrado para subir, mas não desistiu de nos esperar.

E teria sido evitado se, em vez de eu aceitar o convite para o sorvete, só tivesse me enfiado no estacionamento, subido no meu carro, e sumido.

Peguei Amélia no colo com medo de que ele a roubasse de mim ali mesmo. Amélia estava pronta para mostrar seu braço biônico também ao homem estranho que se aproximava.

Fabrício não sabia que era pai, mas nunca foi idiota. Uma olhada na menina, nas covinhas do sorriso iguais às dele, ao cabelo preto e escorrido, aos olhos e ao nariz curto, que pronto: descobria-se pai.

Porque, para ajudar, a menina ainda é a cara dele.

— Agora não — pedi. Por tudo o que é mais sagrado, agora não.

— Olha, moço! — Mel, doida com seu braço biônico, quebrava o clima horrível. — Eu sou um robô!

— Que braço lindo — falava com lágrimas nos olhos.

No choro dele, de tristeza, desgosto e raiva, veio o meu. E eu me lembrei de tudo. Não havia progresso enquanto mulher, avanço monetário ou perrengue superado que apagasse o que ele destruiu entre nós. Porque não fui embora porque quis. Fui embora porque ele preferiu acreditar no irmão dele que em mim.

— A gente tá atrasada — falei, segurando o choro.

— Precisamos conversar.

— Agora não.

— Na minha casa — ele falou, a voz trêmula e rouca, já pronto para desabar no meu ombro. — Amanhã à noite.

Estendeu outro cartão dele e, desta vez, o li. Fabrício Amorim, Personal Trainer. Que era o que ele foi quando nos conhecemos.

— Por favor, — e olhava para a menina, a expressão de dor e tristeza desmontando a feição — por tudo o que você mais ama: vamos conversar.



De todas as pessoas com quem conversei, todo o meu time, da Gio à Marcela, da pessoa mais calma a mais pavio curto, todas elas me falaram para não conversar a sós com ele.

— Não vai, Dé, que é perigoso.

— Sozinha ainda? Na casa dele? Fosse num ambiente público ainda vá lá, que é mais seguro.

— É, Dé, mas na casa dele... Não, né?

— O risco é você se deixar levar e dar para ele ali em cima da mesa.

— Não. Isso não é risco nem de longe.

— ... Ou ele perder a cabeça e fazer merda com você.

— Não é melhor chamar ele para a sua casa?

— Ele vai saber onde eu moro.

— É, isso é ruim.

— Isso é bem ruim.

— Mas ir na casa dele é péssimo! Ainda mais sozinha!

— Não dá para envolver mais pessoas nessa conversa.

— Então você quer ir, né?

— Quero conversar com ele. A gente precisa conversar.

— Não tá... Tipo, uns sete anos atrasada essa conversa?

— Por isso mesmo.

— Acho que o tempo para conversa já passou, Dé.

— Concordo com a Má, Dé.

— O lance é meter um processo no cu desse arrombado e jaé.

O lance é que ninguém sentia o que eu sentia e, mesmo assim, eu insistia em pedir conselhos. Não queria o Eph de volta, nem minha casa, nem o carro, nem nenhum prestígio besta. Não queria nada de volta.

Deixei já não querendo voltar. Não nasci rica e não é pretensão voltar a ser.

O negócio é por minha filha. E só por ela. Sei que fui errada em esconder

que Amélia é filha dele por um lado, mas, por outro, o que fazer? Bateria à porta dele com uma menina nos braços dizendo: ei, venha cá conhecer a filha que você vai achar que é do seu irmão?

E depois, traumatizada, deslocada, sem saber o que fazer da vida, totalmente perdida, eu me submeteria a processos civis cheios de ódio, sem um puto no bolso, e entregá-la ao pai que não saberia criá-la melhor do que eu crio?

Fiz do jeito que fiz porque era o melhor que eu podia. E, sinceramente, até hoje, acho que fiz bem.

Almoçando com Bento no dia seguinte, tão nervosa e sem conseguir qualquer aproximação, fosse o menor abraço ou beijo, ou essa conversa passivo-agressiva que a gente tinha, que culminava no nosso modo de conversar e se entender, ele perguntou o que deu em mim e eu, perdida, sabendo que agora não andava mais só, mas pelo contrário, com um time inteiro, me abri com ele.

Bento parece que foi o único que entendeu o que eu queria. Tinha o risco? Tinha. Tinha o risco de ser péssimo, os dois se enervarem, os dois perderem a cabeça? Tinha. Tinha o risco de a gente acabar transando no chão e reparando as mágoas que até hoje não soubemos reparar? Não. Repito: nunca.

E tinha o risco da gente conseguir se acertar, também. De ele ouvir o que eu tinha para dizer. De a gente combinar os encontros dele com a menina, de apresentá-la devagar ao pai, ela saber que tem um, do mesmo jeito que o Tio Beto era pai do Júnior e do Bruno.

Era esse o meu foco. Que Fabrício me odiasse eu tô cagando, mas Amélia não tinha nada com isso. Amélia merecia um pai presente, divertido, meio besta, que se fantasiasse de Rambo usando um batom na cara e que brincasse de casinha com as bonecas.

Depois que virei mãe, todo o meu foco é para ela. Mesmo quando pensava em mim, pensava em quais as consequências trariam para ela.

— Olha, Dé... — e daí eu soube que Bento era mesmo o puta partido que a Gio disse que ele era. — Sei que nem posso falar nada porque a gente acabou de se conhecer e tal... Mas eu me importo com você. Já deu para perceber, né?

— É, Bento. Por isso que quero saber o que você acha.

— Eu, se fosse você, iria. Primeiro porque não penso muito no que pode dar errado, pulo e torço para o paraquedas abrir. Segundo que se trata de filho, né? Se o foco é esse... Eu acho que os dois vão ter que engolir as mágoas, os orgulhos e decidirem como adultos. Se Fabrício quer ser um pai para Amélia, ótimo. Se Fabrício não quiser, então você se livra da culpa que nem é sua e vai fazer sua filha feliz como você puder.

— Essa é a coisa mais adulta que me falaram hoje.

— Às vezes eu sou muito adulto também.

— Tá certo, braço de robô.

— ... Bem mais legal que aquele branco castiço.

— Eu tô a fim de ir, Bê — sorri, mas o assunto prévio me incomodava demais para que eu fosse capaz de dissipá-lo. — Só tô com medo.

— Por que você não liga para ele e marca num restaurante? A gente pede para o Ed da minha mãe montar a guarda com cara de mau na porta e deixa bem claro para o Fabrício que o segurança está com você.

— O Ed não trabalha mais de noite.

— Mas uma vez só e por uma causa dessas ele não vai se recusar

— sorriu sacando o telefone do bolso. — Vai, me dá o telefone dele. Deixa que eu marco esse restaurante.

— Não, Bento, isso eu faço.

— Dé, só tô sendo seu amigo. Me deixa ajudar.

Se não tenho coragem de falar com Fabrício nem por telefone para remarcar local, como posso querer enfrentá-lo no tête-à-tête? Vencida, estendi o cartão do Fabrício para Bento e deixei que ele resolvesse por mim.

— Alô, por favor o Fabrício? Ah, sim. Aqui é o secretário da Senhora Borges... Ela pediu para ligar e remarcar a reunião de hoje. ã-hã: no Cubo, oito horas da noite, pode ser? ã-hã? Ah, ok! Obrigado, senhor. Uma boa tarde.

Meu secretário devolveu o cartão para mim.

— No cu? — piada infame a essas horas?

— No Cubo — me corrigiu sem prestar atenção no que eu disse enquanto guardava o celular. — Foi o primeiro lugar que veio na cabeça e sei que você gosta de lá.

Gostei.

— Pelo menos de lá você não fala mal — sorriu um pouco sem jeito porque na hora não pareceu ser grande coisa, mas agora percebo que ele não gostou quando falei mal da primeira cafeteria à qual me levou.

Estávamos num restaurante executivo feito para pausas de almoço. Nada de romântico nem glamoroso, apenas uma comida decente e sempre muito cheio. As conversas dos outros eram tantas, que a gente tinha que falar mais alto para poder se ouvir. Os garçons não andavam, corriam. E nunca erravam um pedido.

Ganhamos a rua depois de pedir um café, cada um de nós com um doce na mão. Eu não sou muito de doce, mas o Bento faz time com minha Amélia e me induziu a pegar uma mousse de chocolate que ele garantiu ser muito boa.

— Bom, então... — entramos de volta no edifício e chamamos o elevador. — Acho que a gente não se vê mais até amanhã, né?

— Acho que sim.

Todas as tardes, a parte financeira e administrativa do squad e eu, nos juntávamos para equilibrar as contas da casa. Até imposto de renda que sequer era Pedro quem fazia, estava errado. Tinha um caixa dois rolando dentro da empresa há mais de trinta anos e que deixava um rombo no orçamento. E isso, nós descobríamos aos poucos, era coisa não só do Pedro, como do pai do Bento também.

— ... Mas passo no escritório para dar tchau antes de ir para o Cubo — a bem da verdade é que eu queria vê-lo mais antes de ir para o matadouro.

— Você não vai para casa antes de se encontrar com o seu ex-marido? — entramos no elevador e ele apertou o décimo primeiro andar antes do décimo.

— Não, a Gio vai pegar a Mel na escola e vai com ela para casa, eu vou daqui direto para o encontro.

— Ah.

Mas não insistiu para que a gente se encontrasse depois do expediente e eu, acostumada ao Bento que pedia coisas, o tempo inteiro, que vivia ao redor, sempre ao lado, sempre atrás, sempre visto, estranhei um bocado o fato de que ele ficou quieto.

De todo jeito, o horário do almoço terminou e o décimo primeiro andar chegou rápido demais. Olhei para ele, que sorriu quando percebeu que era olhado, esperei que dissesse mais alguma coisa, mas então dei um tchau tímido e saí.

Para a mulher que mistura trabalho com assunto pessoal, que fez seu time virar seu squad, que trouxe sua melhor amiga para trabalhar de secretária, (e para alguém que vivia paquerando o chefe!!!) fui bem frouxa ao por um ponto final no horário de almoço.

Entrei no andar administrativo, abri meu computador que já estava lá, Marcela apareceu depois com uma xícara de chá bem grande e o filhinho agarrado ao peito, e, aos poucos, todo o time de finanças se reunia.

Cinco e meia todas elas já estavam de saco cheio e eu estendi a reunião até as seis só para poder ter de onde continuar na tarde seguinte. Depois não tive como segurá-las mais e, com um beijo e já esquecidas que me encontraria com Fabrício um pouco mais tarde, todas foram embora.

Gio, quando veio pegar as chaves do meu carro comigo, perguntou se eu ia mesmo conversar com meu ex-marido e, quando confirmei, ela disse para que

eu tomasse cuidado e não fizesse nenhuma besteira.

— Porque sei que se ele ficar de graça, quem tá ferrado é ele, né, Cão de Saias? — me beijou como se eu fosse outra filha dela, pegou a chave do carro e se foi.

Seis e cinco. É claro que eualaria com o Bento se ele ainda estivesse no escritório. Desci um andar, fui até a sala dele e a encontrei vazia. Broxei. Queria tanto vê-lo e entender o silêncio dele, que fiquei triste e sem ter o que fazer.

Sentei-me na cadeira dele porque ele não estava lá. Meio de tédio e meio de preguiça. Eu não queria trabalhar mais e sabia, se fosse para a minha sala, que arrumaria qualquer coisa para ocupar a cabeça.

Então tomei a liberdade de fuçar os rabiscos dele. A grande sulfite sobre a mesa tinha um rabisco mais elaborado e com cor, diferente da última vez que o vi. O teatro de Santo André ganhava cara de Theatro Municipal. Cortinas vermelhas, assentos de madeira dourada, bordas com arabescos e formas de monumentos do século retrasado.

Ao lado, uma pilha de livros de acústica e de fotografias de outros teatros pelo mundo. Todos com papéis enfiados no meio, como que para marcar as páginas. Uns bons dez livros de referências que Bento usava, junto de uma pasta que não abri, três estojos com lápis que não fuzei e um desenho aleatório, enfiado por baixo do estojo não como quem esconde algo, mas como quem empilha coisas para arranjar espaço para trabalhar.

Clichê dos clichês: era um desenho meu, na sala da frente, trabalhando com o computador aberto. Todo feito com linhas de lápis de cor, e nenhum preenchimento.

Devolvi o desenho para o lugar dele e me rendi. Liguei para ele. Impossível esse homem ter saído do escritório mais cedo justamente no único dia que eu ficaria até mais tarde.

— Tô em casa — para a surpresa geral da nação.

— Por quê?

— Porque... Eu moro aqui, ué.

— Tá, mas por que você foi embora mais cedo logo hoje?

— Você quer a verdade ou alguma coisa só para ficar bonito no diálogo?

— A verdade, Bento. Sempre.

— Eu vim para casa depois do almoço.

— O que aconteceu? Sua mãe tá legal? — só isso explicaria.

— Dé, — e soltou o ar numa risadinha que eu aprendia a gostar muito —

espero que dê tudo bem entre você e o seu ex-marido, mas, como novo pretendente, tô bem mal.

— Bê, — o sorriso se alargava sozinho — cê tá com ciúmes?

— Não, veja bem — “veja bem” — não é isso. Ciúmes é medo de perder e a gente nem se tem, então não pode ser ciúmes.

— É. Mas quer ter?

— Andréia...

— Quer ou não quer, Bê?

— Jogo baixo, Dona Andréia.

— Você tá com ciúmes — e não foi uma pergunta.

— Talvez.

— Preciso te dizer que sou divorciada?

— Não, claro que não.

— Preciso te dizer que você é o primeiro homem por quem me interesso desde então?

— Isso eu não...

— É claro que não sabia, não te disse.

— Você não disse nada, Andréia. Tudo o que sei é porque deduzi. Tô jogando às cegas desde que nos conhecemos.

— Tá cansando do jogo, né?

— ...

— Me diz onde você mora?

— Você vai vir aqui?

— Tenho algum tempo até o encontro com o Fabrício. Posso gastar essas duas horas com você?

Se fosse possível ouvir um sorriso, eu conseguia ouvir o dele pelo celular. Me enviou o endereço e pedi um Uber que mal deu sete reais. Morava muito perto, num prédio com cara de domiciliar, mas um domiciliar chique para dar de dez a zero em prédios comerciais pretensamente chiques.

O porteiro já sabia que eu subiria. Me indicou o elevador, disse que era para eu apertar “C” de cobertura. Elevador com capacidade para pelo menos dezesseis pessoas, com musiquinha imbecil e vista panorâmica da cidade. Não era, eu tô te falando, não tô? Não era qualquer apartamento.

A porta do elevador já dava para o apartamento dele. Não tinha hall, nem outros três apartamentos dividindo o andar. Era só o dele. Dei de cara com uma mesa com telefone, uma caixa cheia de correspondências, um terno pendurado num gancho e os sapatos largados.

Como o escritório dele, a casa era uma bagunça. Não, digo, bagunça não, organizado de um jeito que só ele entendia. Caminhei pelo hall sentindo um cheiro de café e ouvi um “aqui” dele, me indicando para onde seguir.

Pelo menos a cozinha, separada da sala por um balcão apenas, era terrivelmente organizada. Parecia cozinha de revista. Perfeita. Bento segurava uma chaleira sobre um filtro de café, vertendo água.

Nem quando era rica entrei numa cozinha tão linda. Bento cozinha? Digo, gosta de cozinhar? Fazer um molho de tomate é uma coisa, tô querendo saber se ele cozinha de verdade.

— Oi — sorria. Se ele parou de correr atrás de mim só para que eu corresse um pouco, beleza, pode acreditar que funcionou. E, se olhasse as coisas por esse ângulo, pode ter certeza que odiei aquele sorriso.

— Oi.

Latido de cachorro grande. Bento tem cachorro? O monstro que abanava o rabo para mim não tinha porte de cachorro, já era mamute. Vira-latão, a cabeça imensa de pit-bull, mas preto. O olho claro matador, bem coisa de pit-bull, quem já viu um cachorro desses na vida não se confunde.

Eu só nunca tinha visto um que fosse preto.

— Tom, — Bento falou — você vai assustar ela!

— É Tom o nome do seu bicho?

Manso feito cachorro pequeno. E dengoso. Todo cheio de graça para o lado do pai dele, enfiando o focinho por baixo da mão para ganhar carinho. E sempre comendo.

— Posso te dar oi?

Por oi ele queria dizer beijo. E depois que Bento me ignorou, tão amuada que fiquei sozinha, eu e o desenho-clichê que ele fez de mim, não consegui mais negar um beijo.

— Pode. Mas só oi.

— Foi querer demais da outra vez, né?

Falava da mão na bunda. E daí, senhoras e senhores, eu me senti de volta aos quinze anos com mães que ficam metendo medo nas filhas falando que não podem deixar os namorados cruzarem a linha do cóis da calça.

— Preciso te contar uma coisa — eu não tinha parado para refletir quando contaria a ele o que aconteceu comigo. A Andréia antiga não precisava mais que uma piscadela para descer a calcinha, mas a Andréia de agora simplesmente trava. Não foi a questão da mão dele na minha bunda. Foi o todo.

E ao mesmo tempo, esse pouquinho de nada, uma respirada mais forte,

uma mordida no lábio e a mão na bunda, que me faz querer passar do cóis da calça com ele e me faz querer voltar a ser a Andréia que não precisa muito para derreter.

— Não precisa, não — sorria, separando duas canecas no próprio armário. — Coloco açúcar no seu café?

— Não — e retomei ao assunto. — Você já sabe?

— Tudo ainda não sei, mas é que tenho amigas mulheres e elas já sacaram tudo antes que você precisasse me contar.

— Manuela?

— É sempre ela.

— Destruíram a minha confiança em mim, Bentô.

— Você não precisa se justificar comigo, amor.

Falou e se arrependeu. Vermelho como quando tinha a mesa arrumada e o macarrão pronto. Olhava de uma caneca para a outra, uma mão na cabeça de seu cachorro, a outra parada em cima da mesa.

— Você me chamou de quê? — ele não via, mas eu sorria.

Quando eu o chamei de amor foi só para não ter que chamá-lo por imbecil.

— Desculpa.

E eu nem falo o “Bê” como ele pede.

— Você sabe, — estendeu uma caneca a mim e esperou que eu desse o primeiro gole para que continuasse — não tô tentando forçar situações.

— Eu sei.

— Se te chamo para sair é porque quero que você me faça companhia. Se te levo para casa é porque queria gastar algum tempo extra com você. Se encho seu saco para a gente comer junto...

— Bento, eu sei.

— Mas, ao mesmo tempo, parece que tô o tempo todo implorando por alguma atenção. Que caiba na sua agenda e que não te atrapalhe e, claro, tem a sua filha, eu nunca vou querer disputar seu tempo ou sua atenção com ela...

— Mas?

— Mas seu marido aparecer logo agora faz parecer que vou ter que implorar com o dobro de força para ter um mínimo de atenção. Posso parecer ser esse tipo de cara, mas eu não sou homem disso.

— Primeiro: ele é meu ex.

— Que seja.

— E segundo que não há qualquer chance da gente voltar. Se é isso o que

te incomoda... Esqueça.

— Muitas coisas me incomodam. Até o fato da gente ter esta conversa uma hora antes de você encontrá-lo.

— Acho que só reunião de trabalho é que dá para agendar. Todas as outras conversas fluem.

— É, mas...

— Bento, se você acha que alguma parte da minha vida vai ficar mais fácil antes de você pular sem paraquedas, esqueça. Até ontem eu trabalhava de Uber, meu ex-marido me deu uma nota negativa, passei a vender bolo para pagar as contas, e meu pai morreu jurando que tinha criado uma empreendedora de sucesso. A minha vida é essa, assim: quando finalmente comemoro o sucesso do lançamento do Jardim Botânico, vem o jornal e traz meu ex-marido de volta e ele descobre, num braço-quebrado e numa menina que não quis mandar para a escola, que ele tem filha. É assim que a minha vida é, Bê, e tem espaço para você nessa bagunça. Eu gosto de você, de estar com você, desse seu talvez que sempre quer dizer sim, dessa conversa passivo-agressiva onde os dois querem ceder, mas ninguém quer admitir. Eu gosto, tá? É isso o que você quer ouvir? Mais que pelo dinheiro que a Castro me rende, e não vou dar uma de boa samaritana e falar que não é pelo dinheiro, porque claramente também é, mas vou trabalhar mais empolgada porque sei que vou te encontrar lá, todo dia de manhã, um terno mais lindo que o outro e o mesmo sorriso feliz em me ver.

Ele não disse uma palavra. Primeiro enche o saco com crise besta de ciúmes por cima do meu ex-marido (e passei sete anos odiando meu ex-marido e o estrago que ele fez na minha vida) e agora esse porrinha nem abre a boca.

— Não vai falar nada?

— Se eu falar, vai ser só para constatar o que você já sabe.

— Essa é a sua hora de brilhar.

— Não, — bebeu mais da caneca só para me evitar — ainda não.

— Por quê? — e eu nem toquei no meu café. — Tá com vergonha de dizer que me ama?

— Não é questão de...

— Então tá, deixa que eu digo: Bento Castro, eu tô te amando. Lindo eu percebi que é desde a entrevista para motorista, mas cada vez que você abre a boca só sei sorrir e tô morrendo de medo de tomar no cu porque, como sempre, não sei separar pessoal de trabalho. Você fala dos seus projetos e seus sonhos para a Castro e passo raiva porque você é um péssimo administrador, mas um ótimo ser humano e toda vez que você fala que dinheiro é energia eu morro de

vontade de te dar um soco porque você só fala que dinheiro não importa porque limpa a bunda com nota de cem.

— Andréia Borges...

— Agora você não vai falar nada porque perdeu a sua chance de se declarar, e quer me ver puta da vida é lidar com homem frouxo. Eu vou ver um daqui a pouco, não posso com outro agora.



Oito e dez o Uber me deixou na frente do Cubo. Vazio. Doía de ver tão vazio. A classe criativa que poluía meu Cubo não estava mais lá. As luzes acesas para a rua deixavam tudo numa perspectiva de solidão ainda pior. Ed, o segurança, estacionado na frente do bar com o BMW da nova patroa dele. Saiu quando me viu e sorriu bonito.

— O cara tá aqui há uma hora e nem se mexeu, Tia.

— Uma hora?

— Talvez mais, mas é que tem uma hora que eu cheguei. O bar tá fechado e só tem ele lá.

Mandou fechar o bar para a gente se encontrar.

— Tia, se ele relar o dedo na senhora, meto o pau nele.

— Eu sei, menino, mas não vai precisar.

— Se ele falar bosta para a senhora, meto o pau também.

— Obrigada por vir, Ed.

— Tô nem cobrando hora extra. Pra você eu faço o que for.

Dei um beijo no rosto dele e entrei. O Ed tá ali para reagir. A ação é toda minha.



Achei que entrar ali seria como atravessar o portal do tempo. Que eu veria meu pai atrás do balcão, a caneta apoiada na orelha, o sorriso de boas vindas e o cheiro de pãozinho recém-saído do forno. O sorriso orgulhoso dele estampado, feliz, um pouquinho menos depressivo a cada dia, empolgado com a nossa antiga garagem que se convertia num mundo completamente novo para nós.

Olhando Fabrício sentado à uma mesa de madeira, limpinha, toda reformada para caber na nova estética de café gourmet que nunca foi o lance do meu Cubo, eu quis chorar. As antigas mesas com desenhos sem dono foram substituídas, o balcão foi refeito, a máquina de café que a gente comprou de segunda mão e que não fabricam mais foi trocada por uma máquina moderna, toda revolucionária, preocupada em fazer café rápido e em quantidade para atender uma demanda alta, um café ácido que ataca a azia dos estômagos mais sensíveis, e que também nunca foi o negócio do meu Cubo.

A gente vendia café, pãozinho diferente, e cerveja. O nosso forte sempre foi café misturado com bar, noturno. Não era espaço de reunião da galera do marketing, nem para sair bonito em foto do Instagram. Era para ser um descanso das mentes criativas ao redor do Bixiga.

Fabrício não entendia que cada bar tinha uma alma. Ele nunca me deu ouvidos quando eu falava da estética do lifestyle. Dei entrevista internacional sobre o mesmo tema, revistas de negócio vieram até o Cubo tentar entender porque vivia lotado sem nem ter página no Facebook nem outdoor enfeitadinho, e meu próprio marido nunca prestou atenção.

O Cubo era só um bar, agora. Assim como o Ephemera também era só uma administradora de baladas, o Cubo era só um bar.

E aquela pessoa que se levantou para me cumprimentar era só um homem. Não me dizia nada sobre o que vivemos, as viagens que fizemos, ou o quanto fomos felizes. Era só um homem grande, forte, com barba, um sorriso consertado por dentista, e nenhuma chama dentro de si.

Dei um aperto de mão distante e coloquei a bolsa em cima da mesa antes de me sentar.

— Espero que não se importe — ele apontou para um dos cantos do bar.
— Estou filmando e gravando a conversa.

— Ah, que ótimo — puxei o celular de dentro da bolsa e abri o gravador.
— Então está tudo bem se eu também gravar, não é?

— Não vou usar nada contra você, é só a política do bar.

— Entendo — e vou fingir que não foi ele quem estabeleceu isso.

— Tinha muita gente fumando aqui na calçada, decidi colocar câmera para ver se inibia as pessoas.

E daí as pessoas trocaram o Cubo por qualquer outro bar. Previsível. A graça do Cubo era justamente a liberdade de fumar na calçada com a sua cerveja na mão, poder inventar uma roda de samba ali mesmo, na hora, e a dona ainda oferecer uma saideira ou água grátis aos músicos.

— Bom, de todo jeito, — que ele afundasse tudo o que eu criei, não ligo
— a gente não tá aqui para falar do Cubo.

— Andréia... — ele respirou fundo como se ser razoável lhe custasse muito. — Aquela menina é minha?

— Você ainda duvida?

— Pode ser do meu irmão.

— Não, Fabrício. É sua. Engravidei antes daquela noite e só estava esperando o lançamento do Diáfano acabar para te contar.

— Para variar, sua prioridade foi o trabalho...

— Sim, porque conta de luz a gente paga com sorriso, né?

— Andréia, você sempre só pensou no trabalho.

Eu não estava lá para falar de nós dois, então não falei. Fiquei olhando para ele, o homem que ele era, não o homem que eu amei, e me toquei que ele não mudou nada. Fazia com o Ephemera, agora que era dele, o mesmo que fazia quando era meu: ou seja, nada. Ficou com o meu squad, com minha riqueza, com minhas posses, meus carros, minha história... E não fez nada com ela.

Casei com esse homem em Fernando de Noronha. Paguei uma fortuna para casar com o dono da academia que eu só frequentava por ordem médica. Fiz o casamento do ano, saímos até em revistas de ramo, vestido, buffet, viagem, fotografias... Declarações de amor de frente para o mar, no pôr do sol. Choro emocionado depois de um dia inteiro de estresse por imprevistos galopantes.

Na hora de dizer sim eu estava à beira dos nervos e ele sorria tão tranquilo, que, naquele momento, achei que ele só estivesse feliz em estar ali

comigo, mas na verdade, agora eu vejo, ele estava tranquilo porque eu cuidei de tudo, ele só precisou tomar seu banho, depois de um dia inteiro descansando no hotel, fazer a barba, vestir sua roupa de noivo, e me dizer sim.

Eu decidi casar. Eu fiz o casamento. Eu dei as cartas no nosso relacionamento. Ele veio morar comigo, trouxe as roupas, as coisas, e nunca precisou se preocupar com nada porque eu sempre me orgulhei de ser uma supermulher que sabia cuidar de tudo.

Olhando para ele, a ingratidão com meu trabalho, o fato de pasteurizar meu Cubo para fazê-lo parecer com qualquer outro bar, o desrespeito com a minha história, e o desrespeito com meu pai.

Na hora lembrei do meu pai dizendo que Fabrício era bom, mas não o suficiente. Olhando bem... Fabrício não era nem bom. Era só bonito e falava as coisas que eu queria ouvir.

— Estamos atrasados em sete anos — mudei o curso da conversa. — Se você queria reclamar do como eu era enquanto estávamos casados, devia ter feito antes de pedir divórcio.

— O divórcio foi um erro. A gente não devia ter se deixado levar pelas emoções.

— Sete anos e você ainda não viu o que seu irmão fez comigo, né?

— Antes de morrer Fábio me contou.

— Fábio morreu?

— Câncer de pâncreas.

Graças a Deus.

— E ele... — Fabrício fungou antes de continuar. — Ele me contou o que aconteceu naquela noite.

— Ah, então agora você sabe que eu não te traí.

— Andréia, ele era meu irmão! Em quem você acreditaria? No seu irmão ou na sua mulher?!

— Eu vou te dar um conselho grátis. Para você usar com a sua próxima mulher: você nasceu com Fábio. E ele deu em cima de mim durante todo o nosso namoro. Você sabe disso. Ele era seu irmão e tinha sérios problemas, o que não era novidade para ninguém. A mim você escolheu. Eu não fui um acaso na sua vida, você me escolheu e nós decidimos viver juntos. E a quem a gente escolhe, a gente honra.

— Ele está morto agora, Dé.

— É, mas eu não! E quem vive, dia e noite, com o trauma daquela noite sou eu! Fabrício, eu perdi tudo! Eu saí do casamento com uma mão na frente e

outra atrás, um filho na barriga, e a fama de puta para o mercado inteiro! Não teve uma viva alma que me ajudasse porque todo mundo teve dó de você! Você sentou no meu trono, reivindicou a minha coroa, e todo mundo se curvou porque você é homem, porra! Não moveu um cu, o nosso relacionamento inteiro, pelo bem do meu Eph, mas quando assumiu os negócios, todo mundo achou bonito e muito natural, como se eu nunca nem tivesse existido!

— Você acha que me sinto bem em saber que você e minha filha passaram necessidade enquanto eu vivia com muito mais do que preciso?

— Espero que sua vingança tenha valido a pena, Fabrício. Porque, nesses sete anos, eu só me ferrei.

— Eu morri por dentro, Andréia.

— Porra de morrer por dentro, Fabrício. Você me viu chorando pedindo ajuda, minha saia erguida até a cintura com seu irmão em cima de mim, e foi você quem morreu por dentro?!

— Eu pensei que tivesse sido traição.

— E onde que meu choro pedindo socorro se parecia com sexo? Por acaso você não lembra como a gente fazia amor, seu filho da puta?

— Sinto muito por isso, Andréia.

— Sente mais ou menos, não é? Porque “morrer por dentro” nunca te impediu de ficar com tudo.

— Por raiva. Você sabe o meu trauma por ter sido traído antes e você sabe que foi por isso que assinamos o contrato pré-nupcial de repasse de posse. Porque eu preferia que você me falasse que não me queria mais do que me apunhalasse pelas costas!

— Não fui eu quem te apunhalou, Fabrício.

— Hoje eu sei disso.

— Se você tinha tanto medo de ser traído de novo, não devia ter voltado a namorar. Devia ter entrado na terapia.

— Eu estou fazendo.

— É, mas agora é tarde.

— Eu posso vê-la? — ele mudou de assunto.

— Ver quem? — mas eu ainda não tinha mudado.

— Minha filha.

— É Amélia o nome dela — nem isso ele sabia.

— O mesmo nome da sua mãe — ele sorriu. Eu nunca contei para ninguém que nomeei minha filha pelo nome de minha mãe. E, se tivesse sido menino, tinha sido José Carlos. Mesmo nome de meu pai.

— Pois é.

— Eu sei o quanto você ama o Ephemera, Andréia.

— Bom.

— E é por isso que te chamei para conversar — colocou um envelope pardo em cima da mesa e atirou para me matar. — Aqui dentro tem um contrato de Repasse de Posses. Eu te devolvo um terço do Eph, Andréia.

Só um terço?

— Qual a contrapartida nisso?

— Você fica com a menina por um fim de semana a cada quinze dias, e eu não te processo por Alienação Parental.

— Então você quer a guarda da minha filha, que você não sabia que era sua até dez minutos atrás, e em troca me devolve um terço da empresa que nem é sua?

— Se é assim que você quer ver...

— Você quer me roubar de novo, Fabrício?

— Amélia também é minha.

— Ela não sabe nem que você existe!

— Mas você vai negar que eu tenho mais recursos, mais tempo livre, e uma casa melhor que a sua? Qualquer juiz no mundo vai perceber que Amélia terá um futuro melhor se vier morar comigo. Onde você mora agora, Andréia? Num apartamentinho de cinquenta metros quadrados, longe do centro, sem acesso à cultura e lazer de qualidade? E você vai ser egoísta de perceber que a menina vai ter tudo do bom e do melhor se vier morar comigo?

— Fabrício, tudo do bom e do melhor que você tem, você só conseguiu porque roubou de mim!

— Eu assinei o mesmo contrato que você, Dé. Todas as minhas coisas seriam suas, se eu tivesse te traído.

— Fabrício, você sabe que eu não te traí!

— É, — olha aí como está morto por dentro o homem que nada no meu dinheiro — mas você não tem como provar, não é?

— Então o seu irmão me estuprou, você me rouba, e agora quer também a única coisa que me importa nessa vida?

— Vamos facilitar as coisas, Princesa — era assim que ele me chamava quando éramos íntimos. — Você dá a guarda da menina para mim e eu te dou trinta por cento do Eph. É o melhor cenário, Andréia, porque você não tem dinheiro para bancar um bom advogado e vai ser só questão de tempo até que eu fique com a menina e com o Ephemera. E você não quer passar fome de novo,

não é?

— Isso só pode ser brincadeira.

— Se eu te acusar de Alienação Parental vai ser pior ainda. E pode ter certeza de que eu vou querer pensão. Trinta por cento de qualquer dinheiro que você faça será meu. Tá na lei.

— Tá certo — falei, olhando para o celular gravando a conversa.

— Terminamos por aqui.

— Acho melhor você apagar essa gravação, Andréia.

— Você também está gravando!

— Questões de segurança.

— Pois é — levantei rápido antes que ele me forçasse a apagar, e peguei minha bolsa. — Também gravei por isso.

— Princesa, você sabe que eu não vou poder te deixar sair daqui com essa gravação.

Ele se levantou e segurou no meu braço. Enfiei meu celular dentro do sutiã e me abracei. Os joelhos trêmulos, de volta na situação do estacionamento com o Pedro. Congelada no lugar, Fabrício vinha para cima de mim, as mãos me chacoalhando, me obrigando a tirar o celular de dentro do sutiã, porque se ele fosse pegar, seria pior.

— Tá tudo bem por aqui, Tia? — a sorte é que o Ed estava lá e ele era maior que o Fabrício.

— Eu... — tentei. — Eu...

— Tá tudo bem, sim — Fabrício disse para o segurança. — Inclusive, isso é propriedade privada, tenha a bondade de esperar lá fora.

— Ed... — eu pedi, espremendo o celular entre os peitos. — Eu quero ir embora daqui.

— Vem, tia.

Fabrício apertou meus braços e tentou enfiar a mão dentro da minha blusa. A sorte é que Ed o puxou antes que ele alcançasse meu celular e eu só consegui sair correndo.

Não sei se o Ed bateu no Fabrício, só sei que saí correndo com toda a força do meu ser, a bolsa presa debaixo do braço, o celular seguro. Dobrei o quarteirão e atravessei a rua sem olhar para os carros que vinham, ainda correndo, corri por mais dois quarteirões e só aí olhei para o celular que ainda gravava.

— Andréia!

Eu podia ouvir Fabrício atrás de mim pela corrida toda. O que quer que

aconteça comigo, alguém precisava saber o que Fabrício disse, por isso parei de correr. Compartilhei o áudio para o grupo de Whatsapp do squad, para a Gio, e mandei no meu e-mail. Mesmo que Fabrício me achasse e me obrigasse a apagar, eu teria cópias.

Trêmula e cansada de correr, parei. Fabrício corria atrás, um quarteirão de distância, podia vê-lo chegar. Respirei fundo, pronta para entregar o celular, para apagar o que ele quisesse que eu apagasse, e enfrentá-lo.

Tá certo, Fabrício, pensei. Essa é a hora. Se ele vai ter coragem de me forçar a apagar, se vai me submeter, se vai me coagir, é bom que ele saiba que terá troco. Mesmo que eu não consiga fazer muita coisa, eu vou tentar.

Dessa vez não vai ser como das outras vezes. Não vou ficar parada enquanto me estrangulam, enquanto me abusam. Dessa vez vai ter resposta. Chequei o celular, arrumei-o entre os peitos, o mais seguro que pude, e esperei Fabrício. Se ele só tem força física para conseguir o que quer, ele vai ver quantas forças diferentes eu sou capaz de ter.

Mais perto, sob a luz de mercúrio da rua, percebi quem vinha.

— Andréia! — ele repetiu. E não era o Fabrício.

Os joelhos falharam, a boca se contorceu, e eu só soube chorar. Ninguém vai me obrigar a fazer o que não quero. Ninguém vai me bater, ninguém vai encostar em mim.

Preocupado e ofegante, Bento chegou perto, afastou meus cabelos colados nas lágrimas, endireitou a minha postura que tendia a se curvar e se fechar em mim mesma, e me abraçou.

— Ninguém vai te machucar — ele sussurrou, me envolvendo com os braços e me dando um lugar no mundo. — Tá tudo bem, Amor, eu tô aqui.

Mesmo se eu pudesse fazer tudo, eu só queria chorar. Só de pensar em Fabrício correndo atrás de mim, tentando pegar o celular e em todas as coisas que eu já passei...

— Se acalma, Dé, se acalma — Bento colocou a boca na minha testa, me abraçando tão forte e com tanto cuidado, que eu não me senti envergonhada nem de chorar, nem de ficar com medo. — O Ed já cuidou do Fabrício, a polícia está vindo, e ninguém vai encostar em você.

Ninguém vai encostar em mim.

— Eu sei que essa é a pior hora para falar, mas, Dé, eu te amo. Amo a força, amo seu cuidado com os outros, o jeito como você não recua quando está certa e amo o como não desiste. E se eu puder... nem que só um pouquinho, cuidar de você e te proteger... por favor, me deixe fazer isso.

Eu não quis falar, e Bento entendeu. Me abraçou até que eu parasse de chorar e depois me conduziu, sempre com a mão ao redor dos meus ombros, até seu carro.

Pelo lado do passageiro, encostado na calçada, eu vi Ed e Bento conversarem. Ed estava bravo, conseguia vê-lo, mas não ouvi-lo. E Bento conversava sério, apertando a mão do outro, trocando cumprimentos.

— Tia? — Ed deu dois toquinhos no vidro e eu abri a porta do carro —
Cê tá legal?

— ...

— Mas vai ficar, Tia, fica tranquila — serenamente, me esticou uma garrafa d'água. — Cortesia.

— Ed, você roubou água do Fabrício? — ouvi Bento atrás.

— Ladrão que rouba ladrão... — Ed riu. — Né não? Dá um gole, Tia, que vai ficar tudo bem.

Obedeci.

— Cara, — Ed se virou para Bento — você vai levar ela em casa, né?

— Claro.

— Direto pra casa, né? Não vou ter que escoltar, vou?

— Não, Ed — Bento também obedeceu.

— Tia, compartilha a sua localização comigo. Se mais um maluco der uma de espertinho para cima da senhora, não vai prestar.

— Ed — Bento se ofendeu.

— Não quero saber, cara, não é com você que eu tô falando.

Puxei o celular no sutiã, abri o Whatsapp ignorando a chuva de mensagem do grupo do squad e as várias ligações das minhas amigas, e compartilhei a localização com o Ed.

— Posso deixar você com ele?

Sem conseguir falar, mas mais calma, dei outro gole na água e afirmei. É seguro com o Bento.

— Beleza, Tia — como se eu fosse a irmã mais nova dele, me deu um beijo na testa e fechou a porta do carro. — Se cuida, tá? Vou te acompanhar pelo Whats e se eu ver que ele desviou a rota, já colo atrás. E você... — virou para o Bento. — Vê se toma conta dela.



— Você vai ficar legal? — Bento desligou o carro na frente do meu prédio . — Quer que eu suba? Posso fazer um café, se você quiser.

Eu só precisava ver Amelinha e deitar. Não quis responder pergunta, nem lidar com outras pessoas. Sem conseguir falar muito e exausta, agradei e subi sozinha.

Todo mundo quis saber o que tinha dado a conversa. Giovana foi a primeira. Antes mesmo de eu conseguir sequer acalmar, a Gio estava lá, curiosa, me entregando Amélia de banho tomado e a janta no estômago, dizendo que dia seguinte a gente tinha que ligar para não sei quem (na hora a última coisa que eu queria saber é sobre deveres) e resolver não sei bem o quê.

Fechei a porta na cara dela não porque não a amava, mas porque eu precisava de um tempo. Amélia sabia que alguma coisa não estava legal. Me olhava sem saber se podia abrir a boca, os olhinhos vermelhos de sono, e o pijama colocado.

— Posso dormir com você hoje?

Filho sabe. Filho sempre sabe. O mundo não sabe, mas o filho da gente já entendeu. Desliguei o celular só para ter sossego, disse para Amélia ligar a tevê e me esperar, que era só questão de tomar um banho, que eu leria mais um capítulo da versão adaptada para crianças de Dom Quixote.

Entrei no banho cabendo no buraco de um botão. Minúscula duas vezes em sete anos. Fabrício sabia do crime do irmão, mas o que importava era a fortuna. Fábio morreu de câncer, sorte a dele, nunca conseguirei colocá-lo na cadeia, chegar em cada policial que duvidou da minha história e apontar bem na cara deles para dizer:

— Eu não te disse?!

Fiquei pensando se Fabrício alguma vez me amou como disse que amou. Um cara que sabe do estupro da esposa devia ter um pouco mais de consideração. Devia ter um pouco mais de respeito pela filha que não sabe que ele existe. Um cara que se importa, quero dizer, não só um cara, qualquer pessoa,

qualquer pessoa que se importasse, nem que fosse só um pouquinho, não tiraria vantagem da morte do irmão e da ruína da ex-mulher.

Chorei nervosa e com medo. Amélia continua sendo o foco da minha vida. Todo o meu avanço nos últimos tempos, tudo o que eu consegui, até o emprego novo, até o respeito do meu squad de volta, até o avanço com o Bento. Tudo o que cresci quando decidi não parar, virando Uber, vendendo bolo, servindo de recepcionista e qualquer outro emprego que eu tive antes. Tudo foi por causa dela. Porque ela vai ser uma mulher feliz, vai ser uma mulher inteligente, com braço de robô e sem, vai ser uma menina que sabe o que é amor, e vai se orgulhar da mãe que tem.

Amélia vai. Não é algo que o Fabrício consiga impedir. Ele pode até entrar na vida dela, pode até ter a guarda se a justiça o favorecer, mas Amélia continua minha. E essa é a única coisa no mundo que nunca vai mudar. Amélia é minha vida. Minha filha. E se ele quer afundar o Eph, que afunde, não ligo.

Mas Amélia é minha.

Com essa mentalidade, esquentei um chocolate quente, abri Dom Quixote, e li até que caísse de sono. Me ocupando dela, sentindo o cheiro infantil e aconchegante da menina, foi que, aos poucos, eu me acalmava também. O primeiro parágrafo mal saiu da boca, mas conforme Amélia se aquietava e me abraçava, eu esquecia de Fabrício, do incrível mau-caratismo dele de querer tudo o que é meu, e me lembrava da gravação que ele concordou que eu gravasse. Isso era tudo. Mesmo que não fosse aceito em corte, seria aceito pela mídia.

E, sem meu Eph, Fabrício era só um sujeito muito ambicioso, mas sem feeling para os negócios. A academia dele rendia o quê? Quatro mil reais? É dinheiro, bem mais do que eu tirei, líquido, no meu tempo de Uber, mas não alimentava a ganância que ele tinha, e que nunca percebi, nos tempos em que éramos casados.

Por isso, por mais coração apertado que eu tivesse, quando finalmente consegui fechar os olhos, o sono veio fácil. Nem tudo está perdido. Em partes, porque eu não me deixei perder. Sempre teve um farol norteador na minha vida.

E esse farol ama romances de cavalaria.

— Andréia. Andréia, amor, levanta.

Acordei assustada com a voz da Gio e achei que tinha perdido o horário. Amélia não estava mais na cama. Estranhei quando vi o celular marcando seis horas da manhã e estranhei ainda mais o sorriso dela.

— Porra que tá fazendo aqui?

— Ô, grossa, vê se me trata direito!

— Cadê minha menina?

— Na cozinha com todo mundo. Só falta você.

— Todo mundo quem?

— Lava essa cara, tira essas ramelas, depois vem conversar comigo — bronca de mãe, igualzinho bronca de mãe. — A bicha nem levanta e quer tirar satisfação, pô, assim não dá!

E saiu do meu quarto, batendo a porta, me deixando sozinha na minha cama. Levantei e fiz o que ela pediu, mas, só para caso a minha casa estivesse cheia, coloquei um moletom para esconder a calcinha. Júnior e Bruno brincavam no tapete da sala. Meu squad arrumava a mesa, todas elas, a Gio dividia a pia com o Beto, seu marido, e com o Bento.

Todo mundo. E Amélia sentada à mesa, tagarelando, contando para quem quisesse ouvir, o como foi legal o dia em que lhe pintaram o gesso.

Dormir me fez bem, mas olhar todos juntos me fez melhor. Não estou mais sozinha, pensei, nunca mais. E isso fez toda a diferença.

— Se tá sobrando tempo para as senhoras virem me aporrinhar, seis horas da madrugada, então sinal que o trabalho tá pouco — sorri. Elas ouviram meu áudio, imaginaram o quão ruim eu devo ter ficado, e se juntaram para saber o que eu queria fazer daquilo.

Cada uma delas tinha alguma coisa para dizer, uma opinião sobre como afundar Fabrício. Cada uma delas me olhava esperando alguma coisa, mas eu só sabia sorrir. Perto do que eu já passei, nada parecia tão ruim. Amamentar com os seios fissurados é fogo. Parir é fogo. Não ter dinheiro para as contas é fogo. Fabrício ameaçar tirar minha menina de mim, logo agora... Era só uma pedra.

— Senta, Dé — Marcela ofereceu a cadeira perto de Amélia. — Você precisa comer alguma coisa.

— Não sei se consigo — confessei.

— Quer um chá? — Gio perguntou só para fazer piada.

— Tem café aí?

— Aqui — Bento me trouxe. Um sorriso lindo no rosto e a mesma roupa do dia anterior e, somado aos olhos vermelhos e cozidos de sono, entendi que ele passou a noite inteira de pé. — Sem açúcar, né?

Todos eles me esperaram dar um gole antes de começar a falar. Camila foi a primeira. Xingando Fabrício de tudo quanto era nome. Giovana veio depois, reprovando o fato de eu ter ido. Juliana já queria meter um processo nele, Elaine se arrependia de tê-lo ajudado durante o processo de troca de dono do

Eph, e não tinha um ali dentro que não tenha dado seu veredito sobre o que eu devia fazer.

— Dé, — Bento me perguntou — o que você quer fazer?

Deixei meu ódio falar por mim, e todo mundo entendeu que era meu ódio falando. Eu queria dar o troco, nem que fosse uma vez só, nem que não durasse. Fábio morreu, espero que tenha sido uma morte dolorosa, mas Fabrício ainda estava em pé e, pelo visto, queria chutar. E eu queria acabar com as pernas dele. Queria acabar com o sorriso dele. Queria que ele soubesse o que é passar fome e queria que ele nunca mais sorrisse, de tanto desgosto.

Queria que ele morresse por dentro do mesmo jeito que ele acha que morreu.

Por isso, demorei uma semana para tomar qualquer providência. Juliana sempre comigo, Cláudia, assessora de imprensa, também. Eu tinha uma vantagem e tinha que ser esperta se quisesse usá-la.

Com Juliana elaborei um contrato de acordo sobre a guarda de Amélia. Sob hipótese alguma Fabrício a teria, e todas as decisões sobre educação e saúde são de minha responsabilidade. Pensamos em tudo e, no que não pensamos, Gio fez questão de lembrar. Num acordo de vinte e cinco páginas, já assinado por mim, Fabrício tinha direitos de visita e ela só dormiria na casa dele depois de seis meses de visitas recorrentes.

Se Fabrício faltasse a qualquer visita previamente acordada, Amélia não dormiria em sua casa, nem passaria um final de semana, nem férias, nunca com ele.

Assim me senti segura e com uma cópia na mão, entrei no Ephemera, acompanhada do Ed, pela última vez na vida. Cumprimentei a recepcionista que empalideceu quando me viu, cumprimentei aos novos funcionários que nunca vi na vida e subi para o meu escritório, que antes, cheio de quadros de colegas artistas, mas agora tomado por fotografias de mulheres sensuais.

Fabrício e seu terno italiano me deram as boas vindas. Ele sempre ficou lindo de terno, como já disse, ele cheira a dinheiro e, se reconheço tão bem, é porque o dinheiro era meu. Me cumprimentou com um beijo vitorioso no rosto, me indicou a cadeira da visita com um prazer imenso, e me sentei.

Do mesmo jeito que ele fez, coloquei o envelope pardo sobre a mesa.

— Eu tenho uma vantagem e você a quer — desbloqueei o celular e deixei a gravação tocando enquanto ele se sentava. — E, se você abrir mão da guarda da minha filha, apago todas as gravações e réplicas que tenho, bem aqui, na sua frente.

— Eu tenho o direito de ver Amélia, Andréia. Quer queira, quer não, eu sou o pai dela.

— Justo. E você vai poder vê-la quando ela quiser, todos os fins de semana que quiser, todas as férias. Véspera de Natal e Ano novo, não. Natal é meu. Ano novo também. Abro mão do dia 25 e do dia 1, mas o 24 e o 31 são meus. E você também não poderá trocá-la de escola sem a minha permissão, mas poderá inseri-la em cursos, desde que não ocupe mais do que quatro horas por semana.

— Tudo isso por causa de uma gravação? Você não acha que está exigindo demais?

— Calma, ainda não terminei: ela só vai para a sua casa e só sai da minha vista se, frisa bem o se: se você não faltar a nenhum encontro com ela nos próximos seis meses. E sou eu quem vou contar quem é o pai dela.

— Ah, faça-me o favor — um chefe que se preza respeita o próprio ambiente de trabalho, mas quem estou querendo enganar ao chamá-lo por chefe? Colocou os pés sobre a minha mesa e percebeu o quanto não gostei. Por isso mesmo abriu um sorriso. — Essa gravação não vale tanto assim. Qualquer advogado de porta de cadeia derruba isso rapidinho.

— É, mas tem um juiz que não perdoa.

— Quem? — ele riu mais ainda. — Deus?

— O público — o público que te ergue é o público que te destrói. — Boa parte da comunidade que ergui para o Eph são mulheres, gays e jovens. Assim que eu espalhar que perdi a frente do negócio porque o irmão do marido que me deu um golpe me estuprou, pode contar nos dedos quantos dias vai conseguir se manter até declarar falência.

— Tá certo, Princesa — finalmente ele parou de me levar na brincadeira. — Mas, se eu concordar em assinar essa palhaçada, você vai ter que assinar um termo de responsabilidade.

— Não vou assinar merda nenhuma, é pegar ou largar. Você fica com o Eph, ele é todo seu, morra com ele, mas Amélia é minha. Amélia sou eu quem crio e, se você quiser, toda ajuda é bem-vinda. Como você disse, você é o pai, não vou te afastar dela porque ela merece saber o que é um pai. Se você vai escolher ser um bom pai ou um pai de merda, isso é problema seu. Mãe é só uma. E essa mãe sou eu.

— Você não muda nada — se era exatamente isso o que ele queria quando me chamou para conversar no Cubo, não sei, duvido muito, a sacada da gravação foi o que me salvou, mas ele sorria como se a única coisa que o

importasse fosse o Ephemera, e não Amélia.

— Se Amélia puder ficar comigo nas férias e nos fins de semana, para mim, basta.

— Nos primeiros seis meses, não. E se você fugir com a minha filha, eu mato você, Fabrício.

— Pode parecer que não, mas me importo com Amélia. E ela parece feliz com você. Jamais faria qualquer coisa para machucá-la.

— É, mas você disse a mesma coisa para mim quando nos casamos, e olha onde viemos parar.

— Me dá o contrato. Vou levar para a minha advogada ler e, se tudo estiver certo entre a sua advogada e a minha, retorno com os papéis assinados.

Dia seguinte ele me ligou para dizer que não assinaria enquanto eu não assinasse um termo de responsabilidade, comprovando que eu não espalharia para a mídia o conteúdo da gravação. A medida punitiva, para caso a gravação se espalhasse e fosse confirmado que fui eu quem espalhei, eram cem mil reais.

Se fossem outros carnavais, eu teria pago essa medida punitiva com gosto, só pelo prazer de ele saber que fui eu quem espalhou sua vergonha por aí.

Uma semana depois, o nosso acordo de paz sobre a criação da minha gatinha estava assinado, bastasse que eu fosse buscar na casa dele porque ele era um homem muito ocupado para se encontrar comigo de novo.

Obviamente, não fui. Ed foi no meu lugar. E voltou me contando que dava para ouvir os gritos de uma transa escandalosa ainda no elevador.

— Até eu, que já fui segurança de puteiro, fiquei sem jeito. A sorte é que não tive que entrar para pegar o contrato, Fabrício deixou na porta de entrada, parece que só queria te fazer ouvir ele trepar.

— Menino, não te preocupa, isso é revolta de quem não pode me atingir.

— Eu sei, Tia, mas o cara é doido.

Com o acordo na mão, vitoriosa, fui para um café com wi-fi. Me encontrei com o Bento lá. Inventamos um e-mail falso, Cláudia tinha me mandado uma lista de e-mails de jornalistas e portais relevantes, e, com o computador aberto diante de nós, eu estava pronta para clicar em enviar.

Bento olhou para mim, um sorriso brincalhão no rosto, e chupou o canudo de seu café gelado e aguado.

— Você está certa de que é isso o que quer fazer?

— Ou eu afundo, ou ele. E tô cansada de afundar.

— Andréia, você só afunda se quiser.

Respirei fundo, roubando um pouco do café dele só para lembrar o

quanto não gosto, e apertei enviar. Em poucos segundos, uma lista gigante de jornalistas e portais de notícias recebeu a gravação daquela noite.

— Agora é só esperar a casa cair — ele sorriu. — Lembra o que a Clau te disse: quando a casa cair vão começar a te ligar. Você ignora algumas, fica uns dias de molho. Depois fala só com a jornalista que você quiser.

— Até lá, Fabrício já mandou fazer uma nota de repúdio e, se for esperto, já contratou uma equipe de assessoria para gerenciar a crise.

— Tem coisas que nem assessor, nem gerenciamento de crise dão jeito. E, pelo pouco que eu percebi desse tal Fabrício, ele é burro demais para pensar em contratar assessor para isso.

O cara saiu de dono de academia para empresário de vinte e dois estabelecimentos. Ele não sabe o que é uma crise.

— Se ele não contratar, não dou três meses. Essas coisas, na internet, ganham proporções astronômicas. Você viu quando foi com a gente: tinha blog não sei nem de onde falando que éramos um casal, e nós nem éramos.

— Tomara que você esteja certo.

— E você? Tá tranquila com a falência do Eph?

A Andréia 1.0 estaria chorando por ver ruir seu mote de vida. Eu lembro o quanto ela ficou arrasada ao perder tudo. A Andréia de agora entendeu que aquele tudo não significa nem dez por cento do que tem agora.



Fabrício me ligou enlouquecido assim que viramos manchete outra vez. Disse que eu podia esquecer a guarda da minha menina porque eu não tinha caráter para honrar um compromisso. Berrava enlouquecido e eu não me alterei. Perguntei, mais falsa do que nota de três reais, o que estava acontecendo.

— Cê acha que tá enganando quem? Você mandou a gravação para a mídia e eu passei o dia atendendo ligação e respondendo que tudo isso é invenção sua. Você precisa inventar uma desculpa muito boa para enterrar toda essa história, Andréia!

— E quem falou que fui eu quem vazou a gravação? Eu assinei aquele termo que você me pediu!

— Andréia, não me faça de otário. Eu sei que foi você quem vazou para a imprensa.

— Tá certo — a vingança é doce, não é? — Mas você pode provar?

— Eu tô gravando essa conversa!

— Pode gravar. E espalha para a mídia que você ameaçou tirar a minha menina de mim não porque eu sou uma mãe ruim e você se importa com Amélia, mas porque quer me punir. Sua reputação já está ótima, viu? Bom momento para mostrar que, além de ambicioso sem escrúpulo, também não está nem aí para o bem-estar de uma criança.

Desligou a ligação e, pela primeira vez, era ele quem estava tremendo. Ele quem estava descontrolado, não eu. Eu ria por último. Agora era só questão de esperar minha participação nos lucros na Castro ser tão boa quanto espero que seja, para poder comprar, bar por bar, todos eles de volta.

Seis meses depois

Se Fabrício viu Amélia três vezes, foi muito. E não porque o impedi, mas porque não é abandono parental quando você é homem. Estava sempre enrolado

com as questões da falência. O público comprou a revolta mais rápido do que eu pensava e ele ligou qualquer noite, irritadíssimo, vingativo, só para falar que preferia vender bar por bar, desmembrar o meu legado, do que me devolver o Eph.

— E você pode esquecer de ter o Ephemera de volta, Andréia! Morro e enterro ele comigo! Ouviu bem?

A cada bar que ele tentava vender, alguém entrava em contato com ele no mesmo dia, interessado, negociando. Querendo empurrar o valor lá no pé, resmungando da reputação. E esse alguém era o Bento. Não sei como Fabrício consegue ser tão tapado, mas conseguia. Na angústia de não perder dinheiro e de vender rápido para qualquer um que não fosse eu, ele vendia meus bares para o Bento, quer dizer, negociava com o Bento e os advogados da mãe dele ofuscavam meu nome no contrato.

Pedi antecipação da minha participação nos lucros da Castro, até abri mão de alguma porcentagem para poder ver o dinheiro em duas semanas e, depois disso, cada vez que Fabrício pendurava uma placa de “vende-se” o Bento estava lá, na mesma hora, com o talão de cheque na mão e o sorriso no rosto.

Na altura dos três primeiros meses, dei cinco entrevistas sobre o fim do Eph. No termo de responsabilidade que fui obrigada assinar estava escrito que eu não podia divulgar a gravação, coisa que não fiz. Fabrício nunca comprou meu silêncio.

Então contei, para jornais e jornalistas, como foi que Fabrício ficou com tudo. Confirmei o estupro, a ganância, cantei o funeral do meu Eph e deixei partir. Na véspera da primeira entrevista mal dormi. Contar para o mundo era esperar o julgamento, o mesmo olho nojento em cima de mim, que os policiais tiveram, agora vindo de todo mundo. Depois ficou mais fácil.

E, quando o boicote começou, me senti feliz em contar. As mulheres se rebelaram. Viam o golpe do baú que levei, o estupro, a menininha, a falência, e entenderam tudo. Cliente boicota mesmo quando pega raiva, e não tem resposta padrão, nem pedido de desculpa, que resgate um cliente fiel.

Até botei um ou dois adversários meus na fogueira. Só porque eu podia e porque livre mercado é essa roda gigante que só uns poucos controlam. E, se eles riram de mim porque sou mulher e padeci por amor, eu ria deles porque é por amor também que estou de volta.

Não o mesmo amor, é claro, mas uma miríade de amores diferentes. Amor pelo meu squad e pela Gio, amor por minha filha, amor de amigo pelo Ed e amor também pelo Bê.

Bento chegava na minha casa, todo fim de semana, trazendo sorvete para a minha filha. E sorria grande quando ela lhe pedia para que a ensinasse desenhar bonito do jeito que desenhava. Com a simpleza de uma criança, sentava no chão da minha sala, com lápis e papel na mão, e incentivava minha gatinha a pintar o que quer que ela quisesse.

Naquele fim de semana comemorávamos quatro meses de namoro. Sim, nunca duvidei do poder de fazer eu doce de uma mulher insegura. Bento levou dois meses, desde o reencontro com Fabrício, para me convencer de que namorá-lo não era um mau negócio. Mesmo com todo mundo me empurrando para ele, mesmo com todos os caminhos me levando a ele, ainda demorei um tempo para me acostumar com a ideia de tê-lo comigo.

E também por isso, de comemoração pelos quatro meses, eu queria fazer alguma coisa com ele, nem que fosse um jantar em casa, nem que a gente colocasse a Mel para dormir um pouco mais cedo e namorasse no sofá, eu queria fazer alguma coisa. Meio que para agradecer pelos meses incríveis e dizer para ele o quanto o queria por perto, o tempo todo, pelo máximo de tempo que eu pudesse, nem que fosse só para dormir abraçado.

Porque claro, se Andréia não caga na entrada, caga na saída. E mesmo já namorando, trabalhando todo dia a uma sala de distância, eu ainda não tinha confiança suficiente (em mim, mas nele também) para transar.

E de certa forma, isso me deixava triste. A Andréia de antes fazia e acontecia, na hora que quisesse, onde estivesse. E a Andréia de agora...

Era uma pena que Bento não tivesse o melhor de mim. No fundo eu queria ser capaz de transar, mas tinha medo demais para qualquer coisa parecida com tirar a roupa.

Por isso, quando ele chegou, por mais perfumado e bem vestido que estivesse, com flores na mão e uma caixa de balinhas para Amélia, eu o beijei um pouco distante e acho que ele percebeu.

— Eu fiz risoto, tá? — mudei de assunto. Nem elogiei sua barba feita, nem seu cabelo arrumadinho, nem a camisa. Só mudei de assunto e me enfiei na cozinha, deixando a porta aberta, e ele plantado com flores na mão.

— Amélia já comeu?

— Ainda não.

— Então eu vou esconder isso aqui... — ele colocou a caixa de balinhas em cima da geladeira. — Porque se ela ver, ninguém vai ter sossego.

— Obrigada.

— E cadê ela?

— Tá no quarto.

— Ela não vai comer com a gente?

— Vai, claro que vai. Tá só terminando de por a roupa, acabou de sair do banho.

Jantamos. Amélia com sua inesgotável fonte de tagarelice, Bento que ia na onda, e eu quieta. Com medo de colocar Amélia na cama e ter que falar para ele que não tenho coragem de transar e vê-lo fazendo cara feia, talvez insistindo, talvez bravo.

Vontade de dar eu tinha, é cada amasso no carro e no escritório que me põe tortinha, não me entenda mal. A questão era coragem. Nem a roupa eu tirava na frente dele, nem camisa, nem nada. Amasso por cima da roupa igual quando a gente tem quinze anos e só calha de conseguir um beijinho mais atrevido enquanto a mãe vai para a cozinha.

Então, quando coloquei Amélia na cama e ela não quis que eu lesse um capítulo, mas que o Tio Bê lesse, eu fiquei, na beirada da cama, só pensando em qual desculpa eu daria.

O vi lavar a louça do jantar e liguei a televisão, baixinho, só para não ficar tudo em silêncio. O vi caçar leite condensado no armário, derrubar numa panela junto de chocolate em pó pra fazer um brigadeiro, me ofereci para ficar mexendo o doce enquanto ele terminava a louça, mas não falei nada.

E depois, com o doce pronto, ele me ofereceu um café e eu me prontifiquei a fazer, tudo para que a gente não ficasse muito tempo, nem sozinho, nem encostado.

— Tá fugindo de mim hoje, Dona Andréia? Pior que eu estava, mas a resposta não foi essa:

— Fugindo? — sorri enfiando a travessa de brigadeiro no congelador. — Eu não sou mulher disso.

— Você quer... — ele não rebateu e eu agradeci. — Assistir alguma coisa na tevê?

— Na tevê não tem muita coisa, quer tentar Netflix?

Caçamos. Decidimos por Oito Odiados. Bento se sentou, eu sentei do lado, mas não relaxamos muito porque tinha café e brigadeiro para sair.

Deu tempo de ver só os primeiros dez minutos e a água apitava na chaleira. Bento coou o café e eu chequei o brigadeiro. Sentamos de volta no sofá, aconchegados, a boca cheia de doce, o café acompanhando, e o filme passando.

Se parece com alguma cena que já contei, não se parece? Na hora eu não

percebi o golpe, só bem depois. A diferença é que não foi o carinha quem broxou antes do filme, eu quem já vim broxa de casa.

Não levou nem meia hora antes que Bento tentasse o bote. Já tínhamos nos cansado do brigadeiro, do café eu não vou cansar nunca. Ele me colocou mais perto de si, passou o braço por cima do meu ombro, puxou meu cabelo para o lado, e lambeu.

— Bê, eu quero ver o filme.

— É?

Lambia meio beijando, meio mordendo. Me convertia bem devagar, a mão dele nem dançava no meu corpo, só brincava com o meu cabelo e eu, conforme amolecia, ia me abrindo. Não falei mais que queria ver o filme porque em Netflix a gente pode voltar e assistir a mesma parte o quanto quiser e eu não sou tonta de achar que ele não sabe disso.

— Então... — já com voz de ruína. Bento quando quer, cava a cova e se deita, só esperando você deitar para morrer junto. — Quem vai vencer hoje? O medo ou a vontade?

— Quem falou que estou com vontade?

— Eu tenho olhos — ele sorria. — E língua.

Ok, golpe baixíssimo.

— Estou com medo — confessei.

— Eu sei. Também tô.

— Tá?

— Não é legal pressionar. Essas coisas têm que vir naturalmente. Acredite: vem, naturalmente, o tempo todo. É só que...

— A gente pode... — tentei.

— Hm...

— Namorar só um pouquinho?

— Só um pouquinho.

— É. Sem sexo.

— Tá bom, Amor.

— Promete que não vai avançar?

— Sempre.

Sentei no colo dele e ele sorriu, as bochechas vermelhas, o rosto quente, coisa de homem que só falta pedir com pelo amor de Deus. Conforme nos beijávamos, ele brincava com a barra da minha camisa, testando se podia colocar a mão por baixo, pegando nas dobrinhas do meu corpo sem nunca deixá-las passar despercebido.

Essa era a tática dele. E funcionava muito bem: olha aí a dor que o tesão me dá. Sem a menor pressa ele esquentava tudo, respirava contido, as mãos dele pareciam ocupar o meu corpo inteiro e os olhos dele eram o meu único foco de concentração.

— Você reconhece lar pelos sentidos, não é? — ele sorriu beijando o meu rosto, meu pescoço, e tudo o que via.

— ... — mole, um pouco envergonhada e com muito tesão, até que eu respondi bem.

— Mas até hoje você não sabe que gosto ou cheiro eu tenho.

Pensei que estivesse falando da cabeça do pau e achei a constatação muito descabida, mas, antes que eu retrucasse, ele sorria grande e sorria calmo. Não estava falando de lá.

Tirou a própria camisa e voltou os braços para a minha cintura, me beijando de novo, colando o corpo quente no meu e deixando claro que não era dentro da calça dele que era o meu lar.

Cheiros que eu ainda não reconhecia. Como o cheiro confortável no pezinho do cabelo, quente no canto da orelha, de xampu pelos cabelos. Bento arfava no menor toque, com as mãos atoladas na minha cintura, por dentro da minha roupa. Lar eu reconheço pelo gosto, por isso sou tão apegada com café, por isso amo cheiro de pãozinho saído do forno, e quando encostei meus lábios pelo pescoço dele, as mãos enfiadas em seus cabelos, não foi bem a sensação de lar o que eu senti. Crescia. O medo ia ficando pelo caminho e tudo virava vontade.

Eu podia ficar ali pelo filme inteiro, só brincando de provocar, só falando baixinho na orelha dele, comentando do quanto ele era lindo e do como ficava mais lindo quando não tinha mais ninguém olhando, mas que ficava muito gostoso quando tinha as mãos cravadas na minha pele, torto de tanta vontade como eu, mas sem nunca avançar porque não sabia, dada a minha trava e desconfiança, se podia.

— Bê, — eu falei. Morta de vergonha e desejo, tudo quente e convidativo, quase familiar — eu acho que agora quem quer sou eu.

— ...

— Só vai devagar, tá?

Sem desviar os olhos dos meus, ele escorregou do sofá para o chão. Sorria tão bonito e sensual que não me deu espaço para dúvidas. Me via tirar a roupa, a camisa primeiro, depois a saia, e não desviava os olhos.

— Eu pensei que você fosse ser só minha motorista — ele sorriu

enquanto eu me afastava das peças. — Ninguém nunca me contou que eu me apaixonaria por você.

— Também não me contaram que o secretário do patrão era tão lindo.

— Secretário.

— A primeira vez que te vi achei que você fosse secretário de alguém.

— E depois teve certeza? — ele riu, me puxando para a beirada do sofá.

— Não, besta, claro que não.

— Porque você usa todo mundo de secretário. Alguém já te falou isso?

— Fala baixo que a minha secretária mora no apartamento do lado!

— Pois te digo o mesmo, Dona Andréia. Nada de escândalo, tá?

— Você quer ir para o quarto? — ofereci.

— Você vai andar até lá sem roupa? Porque, se for, eu quero.

— Eu não vou andar.

— Não?

Me levantei do sofá e ele se levantou do chão. Subi no colo dele sabendo que Bento tinha força, tamanho e peso para me carregar. De frente para ele, as pernas o abraçando pela cintura, o Bento que só demonstra comando em situações muito específicas apareceu e me sorriu. Não pensa que um cara desses, só porque é bonzinho o tempo inteiro, é um cara tranquilo e maleável, porque não é.

Desde que percebi que ele tem ereção com briga, que eu espero esse dia. E lá estava, eu não me enganei. Me beijando com vontade me carregou até o quarto, mas não deitou na cama. Me empurrou contra a parede, puxou uma camisinha do bolso da calça e me deu para abrir.

Por baixo de mim, e me olhando fundo nos olhos, vestiu a camisinha e com o desejo de quem queria fazer isso desde a primeira vez que me viu, com a feição desmontada de vontade, entrou em mim feito seda, gentilmente, e sem nunca me machucar.

Sentindo-o dentro, ele inteiro ao meu redor, não tinha filme, nem filha, nem incêndio para controlar, nem squad falando na minha orelha. Só tinha eu e a mulher que eu fui, a calcinha branca de algodão empurrada o lado, e o homem que era meu.

Porque aquele homem era meu. E se eu aprendi alguma coisa sobre homens que merecem ser nossos, é que eles estão sempre um passo atrás. Eles podem caminhar do lado se quiserem, mas para eles, é importante que a gente vá na frente.

Obedecendo e mandando, subi e desci só para saber como ele reagia. Eu

não sou uma caixa de Pandora, ele é. E enquanto me olhava assim, enlouquecendo, vermelho e cheio de vontade de acelerar o processo, ele entrava no reino que andava fechado há tanto tempo, que eu me pergunto se algum dia já deixei alguém entrar.

Cantávamos uma canção e encontrávamos um ritmo que nos parecia ser só o certo. Bento suspirando meu nome, encantando um corpo para alinhar a um coração que já andava encantado há muito tempo. Me abraçando cada vez mais forte, calando o sorriso e me mostrando um outro Bento, o Bento que ninguém vê e que pode ser louco o quanto quiser. O Bento que não foi a mãe dele quem colocou no mundo, nem o que eu conheci, mas o Bento que existia muito além do legado do pai, dos cuidados com a mãe e da frente da sua empresa.

Um Bento que parecia que eu conhecia há mil anos porque era exatamente como eu.

— Mais rápido? — ele perguntou só para perceber que eu não era capaz de responder.

E caminhando rápido assim, me sentindo a mulher mais linda do mundo, vencendo em todas as etapas da vida, alçando voo toda vez que me abatiam, Bento sorrindo de me ver suada e vermelha, foi que eu cheguei lá.

Sete anos depois. Uma filha depois. Mil empregos ruins e mal pagos. As comemorações que nunca terminam, os confetes jogados e que nunca caem, e as estrelas.

Enfim, as estrelas. E as flores.

Bento veio comigo. E sorria, insatisfeito, as mãos que agora não têm medo de encostar procurando mais briga, direto para o meu clitóris, enquanto a boca chegava perto, a testa encostada na minha, e a comemoração:

— Vencemos, não foi? — ele perguntou porque queria me ouvir comemorar também.

— Vencemos.

E teve quem achasse que eu estivesse na pior.



Quando eu falei para ela começar a escrever tudo isso, era só para que percebesse o quanto tínhamos evoluído. Andréia parece que só tem pensamento positivo, mas vive de olhar para o chão.

E não adianta a gente falar qualquer coisa, nem eu, nem as amigas dela. Se ela acredita que não está bom, então não está. Por mais que tenha chegado em primeiro, tenha vencido a competição e tenha levado todos os prêmios para casa: se ela acha que não é o suficiente, então não é.

Começou a escrever quando fusionamos a Castro com o Ephemera e o chamamos de Manent, aquele que permanece. Eu sempre fui apaixonado por construir paisagens, mas, depois dela, eu também queria construir comunidades. Parecia óbvio, não é? O cara das estruturas com a mulher das relações. E, em dois anos, nós já tínhamos fundado um teatro de rua em Manaus, dois cinemas em Curitiba e caminhávamos para o nosso primeiro Centro de Espetáculo, aberto ao público, com entrada gratuita, em parceria com o Estado.

A gente fez tudo isso e, para ela, ainda não era o bastante. Eu dizia: “Amor, arquitetura leva tempo”, mas ela não entendia. Mesmo com empreiteiras como as parceiras, que concluíam projetos mirabolantes em três meses, que me deram o prazer de erguer e concluir mais projetos que meu próprio pai, para ela ainda não era o bastante.

E ela queria fazer tudo, ser tudo, comandar tudo. Começou esse relato falando da minha inaptidão para gerir, mas o feitiço virava contra a feiticeira e era ela quem queria mandar em tudo. Aos poucos eu aprendi que gerir também significa delegar. E Andréia não queria delegar nada.

Por lidar com a minha saúde mental há mais tempo, eu percebi nela os sinais claros de ansiedade. Por isso, cheguei em casa qualquer dia, um caderno na mão e uma caneta confortável e pedi, em nome da nossa parceria não só como amantes, mas como sócios, que ela desse dois passos atrás e contasse, mesmo que ninguém lesse, como foi que ela chegou até aquele ponto da vida.

Pedi que ela contasse como foi virar Uber, como foi se inscrever em sites

de empregos e não ter sucesso algum, como foi vender bolo e fazer amiga. Pedi que ela contasse como foi me conhecer, o que ela achou de mim e acho que ela foi sincera demais nesse ponto, mas o relato era dela e eu não podia mudar o que escreveu.

Algumas coisas a gente tem que aceitar, não é? Andréia só olhou duas vezes para mim depois que cumprimentei mi mamá. E por vezes preciso usar de artimanhas não-ortodoxas para que ela continue olhando para mim porque, essa você já reparou, Andréia muda o tempo todo, com tudo, enfia a cabeça num buraco de botão e espera que o corpo inteiro passe. É intensa, objetiva, inteligente e linda.

Já me perguntaram o que ela tem para ter me fisdado e eu tenho mil razões para isso, sempre querem saber quem foi que converteu o solteirão workaholic que não olha para mulher alguma num cara que acaba com os legados duvidosos do pai para fundi-lo a um projeto que começou falido. E esse relato é o motivo. Ela é o motivo. Tudo o que aconteceu com ela, o que veio a acontecer depois, e o que ela faz comigo todos os dias que acorda do meu lado.

E, se você está lendo isso, é porque você foi convidado para o meu casamento. Pois é. Bento Castro está casando. Será que essa notícia me põe na página um do caderno de fofocas?

Vista sua melhor roupa, coloque seu melhor sapato, e venha para a casa da minha mãe no dia cinco de setembro, às 16 horas.

Espero você lá.



JUNTAMENTE COM SEUS FAMILIARES

Andreia
— & —
Bento

CONVIDAM VOCÊ PARA SEU CASAMENTO

05 | 09
ÀS 16H

PEDIMOS A GENTILEZA DE
CONFIRMAR SUA PRESENÇA

